

O Monge de Cister
ou
A Época de D. João I

de Alexandre Herculano

Tomo II

XV

UM MINISTRO

Bem sabedes, senhor, que os prelados de vossos regnos e esso medes os poboos e os letrados e os privados todos som contra elles.

CORTES DE COIMBRA DE 1398, *Agravam. dos Fidalgos.*

Na mesma conjuntura em que se passavam na Rua de D. Mafalda os sucessos que anteriormente relatámos, bem perto dali ocorriam outros não menos importantes para o desenvolvimento do drama cuja teia o leitor vai vendo desdobrar ante si.

Num quarto baixo dos paços ditos de apar S. Martinho, da Moeda ou dos Infantes, que por todos estes nomes foram sucessivamente conhecidos, coava através das vidraças de uma janela, historiadas de muitas cores, um clarão como de duas ou três tochas. Era noite velha, noite velha daqueles tempos, nove horas quando muito, as mesmas em que nestes nossos, tão trocadas em tudo, os tafuis de primor e as formosuras estofadas, espartilhadas e perfumadas apenas começam a encher as salas esplêndidas dos bailes ou a povoar as cadeiras e os camarotes do teatro, com o louvável intuito de não assistirem ao espectáculo inteiro, o que seria demasiadamente plebeu. Essa janela baixa, cujas ombreiras de pedra canelada e volta ogival ainda se vêem no muro que segue para o nascente da Cadeia do Limoeiro ¹ pertencia a unia quadra da habitação que entre as residências reais de Lisboa D. João I escolhera para viver, enquanto não acabava as grandiosas obras com que então se enobreciam os Paços da Alcáçova ou castelo. Aquele aposento demorava, como desterrado para um canto do vasto edifício, na extremidade de um labirinto de escadas, alcovas, passagens, câmaras e retretes, habitado por pajens, ovençais do resposte, moços do monte, chameleiros, falcoeiros, donas, donzelas, cuvilheiras e mais pessoas dependentes da família real. Aqui, afastado do tumulto da corte, quando as tréguas com Castela lho consentiam, vinha às vezes passar o antigo Mestre de Avis largas horas de trabalho mental, ou escrevendo o seu livro de caça de altanaria, ou debatendo com os seus conselheiros e privados, pela maior parte doutores de Bolonha, de Pisa ou das outras escolas italianas, as modificações necessárias nas leis do Império Romano, que se derramavam então a esmo sobre Portugal, como hoje os nossos legisladores de água-morna nos afogam em leis francesas. Uma entrada particular, sempre patente aos juristas válidos, que iam ajudando o hábil monarca a

¹ Isto escrevia-se em 1843. Aquele último vestígio dos Paços de S. Martinho já desapareceu (1859).

lançar as bases do poder ilimitado da Coroa, facilitava a estes em qualquer momento o acesso àquela espécie de santuário, que participava ao mesmo tempo da natureza de secretaria, de biblioteca e de gabinete de estudo.

É nesta sala retirada e escusa que vamos agora introduzir o leitor.

Do numeroso tropel de *letrados* e *sabedores*, conforme a denominação que naquela época se dava aos que possuíam a ciência do Direito, podia dizer-se que um principalmente se encasara no misterioso aposento como o rato no seu queijo. De dia, de noite, de manhã ou de tarde, quem quer que desejasse ver esse personagem (que disputava, senão renome e esplendor, por certo influência e poderio, ao herói do século, o famoso Condestável) tinha, nove vezes contra uma, a probabilidade de ali o encontrar, se ali o buscasse. Para não perder nenhum dos meios de ganhar predomínio no ânimo de um príncipe ainda mais guerreiro que legislador, esse homem habituado às ocupações pacíficas do estudo até havia despido a sotaina preta, deposto a borla, vestido o loudel e coberto a cabeça com a capelina, para pelejar bravamente em mais de um recontro, sabe Deus com que apertos de coração, contra os Castelhanos, sem que por isso cessasse, no meio do tumulto dos campos ou nas rápidas marchas e cavalgadas, de figurar como primeiro móvel nos negócios do Governo, que naquela época turbulenta não eram menos graves que os da guerra. Na conjuntura, porém, em que se passavam os sucessos contidos nesta narrativa, as tréguas assentadas entre Portugal e Castela tinham dado ensejo ao privado íntimo de D. João I para se dedicar exclusivamente às intrigas políticas e às outras ocupações análogas, que são o recreio, o cómodo, o alimento, a respiração e a vida do estadista e do cortesão. Excepto nas horas do sono, quase que em nenhuma outra parte, durante esta calma da guerra, se podia ver o chanceler João das Regras, a quem já, sem dúvida, o leitor percebeu que aludimos, senão ou no gabinete particular dos Paços de S. Martinho, de que tinha as chaves, ou atravessando rápido e cabisbaixo alguma das tenebrosas ruas que retalhavam o terreno entre as igrejas de S. Martinho e de Santa Marinha, perto da qual era, segundo parece, a residência do célebre jurisconsulto.

O clarão que, transudando das vidraças multicores, reflectia brandamente na rua que mediava entre o palácio e o presbitério de S. Martinho, e por cima da qual corria um passadiço que ligava os dois edifícios, tornando durante o dia essa rua ainda mais escura e melancólica, provinha efectivamente de uma grande lâmpada pendente do tecto do aposento e de duas tochas acesas postas em braços de ferro que safam das paredes. Estas viam-se colgadas de couro lavrado e tauxiado em volta dos alizares com pregos, cujas cabeças desmesuradas formavam como um aro reluzente aos apainelados. Uma esteira grossa cobria o pavimento enxadrezado de adobes – Cortinas de tela finíssima, semelhante à moderna gaze, que iam prender-se nos arcos pontiagudos da janela e de um largo balcão que lhe ficava fronteiro, moderavam a claridade do sol durante o dia e, de noite, ajudavam os vidros corados a empanar a vista dos curiosos que, ou de S. Martinho, ou do pátio interior, para onde abria o balcão, pretendessem espreitar o que se passava lá dentro. A um pendurol que, semelhante a caprichosa estalactite, se curvava para baixo no meio do tecto de castanho almofadado, rendilhado e enegrecido pelo tempo, prendia-se tinha cadeia de ferro, que sustinha a alâmpada, cujo fulgor, dando de alto nos objectos inferiores, lhes destruíu a projecção das sombras nos pontos não alumiados pela chama avermelhada e fumosa das tochas. Algumas cadeiras de braços, que hoje pareceriam sobradamente incómodas pelo anguloso e aprumado das suas linhas, uma grande mesa ou bufete no centro da quadra, cinco ou seis arcas, postas em fileira aos lados, e finalmente um relógio de parede, invenção que começava apenas a generalizar-se e que fora um presente do duque de Lencastre ao rei de Portugal, completavam o adorno do aposento. A tampa de uma das arcas estava erguida: dentro, a

um lado, via-se uma pilha de grandes folhas de pergaminho em branco, e ao outro uma rima de livros de diversas dimensões. Sobre a mesa avultavam abertos dois fólhos desconformes, e ao pé deles muitas folhas, maiores, menores e mínimas, escritas no todo ou em parte e rodeando um alentado tinteiro comparável a uma ânfora e coroadado de quatro ou cinco penas. Alguns indivíduos animavam esta cena. Um, assentado em frente do vasto bufete, diante dos dois bacamartões, cuja escritura minútíssima e cheia de abreviaturas e siglas lhes aumentava, digamos assim, a carranca rebarbativa e ouriçada, era homem de bons sessenta anos, de aspecto menineiro e sadio, o que em parte devia a ter a cara cuidadosamente rapada. Sulcavam-lhe a fronte, ampla e convexa, duas rugas longitudinais. Eram as únicas que poderiam trair-lhe os afectos ou os pensamentos; porque no resto das suas feições havia a gélida imobilidade que indica o sangue-frio e a resolução enérgica. Tinha os beiços um pouco delgados e os cantos da boca profundamente vincados. Cobria-lhe a grenha revolta, cortada mui curta, segundo a moda de então, moda que dera aos Portugueses a alcunha nacional de chamorros, um barrete semelhante ao solidéu clerical, e todo o seu traje e adornos se reduziam a uma espécie de loba negra, que lhe descia até os pés, abotoada na pequena abertura do peitilho com três botões e apertada na cintura por uma larga facha da mesma cor. Era o chanceler interino. Defronte, encostado a uma das arcas, com a perna direita cruzada sobre a esquerda, estava outro vulto, que representava um homem de mais de trinta anos de idade, magro, estatura mediana, testa pequena, maxilas elevadas, barba comprida, olhos pequenos, mas vivos e cintilantes. O seu traje de corte, rico e talhado à moda de Inglaterra, contrastava na viveza das cores com a singela garnacha de João das Regras. Era el-rei. Com os polegares passados por baixo da borda do bufete e o resto das mãos espalmadas pelo lado de cima, um homem velho e de longos cabelos, nos quais o branco se misturava com o ruivo, formava no topo da banca o vértice de um triângulo cuja base seria a recta do chanceler ao rei. Como os de D. João I, os seus olhos azuis estavam fitos e sem pestanejar em João das Regras. Atrás da cadeira deste, uma espécie de escriba, trajando também sua garnacha, o qual pela magreza e palidez parecia um cadáver e pelo empertigado uma estaca, tinha na mão um caderno de pergaminho de papel e na outra um lápis, invenção não muito antiga e principalmente usada para pautar os códices de luxo, em lugar do ponteiro de ferro, dantes empregado nesse mister. Por baixo das pálpebras quase cerradas, aquele estafermo, que era ninguém menos que o escrivão da câmara real, Gonçalo Lourenço de Gomide, olhava também atentamente para o chanceler, astro de brilhante inteligência, à roda do qual giravam em espírito estes satélites de tão diversa magnitude. Enfim, junto ao reposteiro da porta que comunicava para o interior dos paços, dois pajens em pé, cada um com sua tocha apagada na mão, parecia terem acompanhado até ali D. João I e esperarem que ele quisesse retirar-se, para as acenderem de novo e precederem-no, conforme a etiqueta daqueles tempos.

O chanceler é que parecia não reparar em ninguém, correndo sucessivamente pela vista vários pedaços de *pulgaminho de couro* que tinha espalhados ante si e nos quais havia breves linhas escritas, segundo o estilo das escolas de Itália, em siglas, espécie de taquigrafia destinada a encerrar num limitado espaço as extensas explanações dos doutores aos livros de jurisprudência romana. À medida que os passava pelos olhos, o chanceler ia-os amontoando à sua esquerda. Havia bastante tempo que esta cena durava, quando subitamente João das Regras exclamou:

– Ei-la aqui, enfim, a maldita ementa. Olhai, misser Percival: vede se está certa.

O homem da grenha ruiva arregalou ainda mais os olhos, arredondados como os de um mocho.

– Item: duas mil setecentas e vinte cinco livras a mestres Alberte, João Pires e

Giraldo, armeiros, por quinze arneses completos, solhas, loudel, capelina, camalho, *et coetera*.

– Item: por três maçãs de ambas as mãos, um estoque à antiga com sua misericórdia no punho e uma cinta nova de ferro no trom grande de fogo, dos tomados em Aljubarrota ao cismático que se diz rei de Castela, seiscentas e catorze livras, seis soldos e três dinheiros.

– Justo! – murmurou misser Percival de Cornualhes, mercador inglês, que servira de tesoureiro ao Mestre de Avis no princípio da revolução e que era uma espécie de Lafitte ou Rotschild daquele tempo.

– Item: de um traslado das leis do Código com as intenções das glossas de Acúrsio e as conclusões de Bártolo, com iluminuras e letras floreteadas de cores, em dois volumes, tirado em Bolonha dos originais dos ditos grandes e excelentes sabedores, trezentas e seis livras.

– Trezentas e cinquenta e seis mandei eu pagar em Génua a misser Allighieri, *stationarius* de Bolonha – interrompeu o banqueiro.

– A ementa deu-ma o veador da Fazenda, misser Percival. Eu leio trezentas e seis.

– E cinquenta e seis – tornou o Rotschild ruivo, com uma fleuma essencialmente britânica.

– Seja assim: mas apurai vós lá a computação nos contos com o tesoureiro-mor, que para isso não tenho tempo. Quereis fazer a mercê, senhor escrivão da câmara, de encomendar a Lourenço Martins que apure essa ementa com misser Percival e de advertir-lhe que tais negócios devem chegar averiguados à presença de meu senhor el-rei?

Proferindo o nome d'el-rei, o chanceler alevantou-se e fez uma profunda reverência, ao mesmo tempo que por cima do ombro passava o pergaminho a Gonçalo Lourenço de Gomide, sem olhar para trás.

O escrivão esgaratou rapidamente duas ou três siglas no caderno que tinha na mão, guardou a ementa solta e recaiu na espetada imobilidade anterior.

João das Regras, ou das Leis, por longa e íntima privança, pela superioridade da sua inteligência, por serviços, talvez, de mais valia que os do Condestável, embora menos ruidosos, tinha adquirido absoluto predomínio no ânimo do príncipe, que o santo homem de mestre João das Leis dirigia a seu bel-prazer nas matérias de governo, bem diferentemente do que sucedia nas de guerra, em que o Mestre de Avis não reconhecia, e com razão, capacidade superior à sua. No gabinete particular dos Paços de S. Martinho o verdadeiro rei era o doutor de Pisa, e o herói de Aljubarrota tinha-se habituado por tal modo à sem-cerimónia do chanceler, que muitas vezes passava horas inteiras de pé, na postura em que então se achava, enquanto o célebre jurista, repotreado na grande poltrona, anotava o código de Justiniano, que depois da sua morte veio a ser promulgado como lei geral do país, ou resolvia os negócios do Estado, que, por uma destas ficções políticas tão da moda nos modernos governos mistos, se pressupunham previamente discutidos e determinados pelo próprio monarca.

– Agora, misser Percival – prosseguiu o chanceler –, como vamos acerca das duzentas mil livras que sua real senhoria (mestre João das Leis ergueu-se de novo e repetiu a reverência) deseja haver adiantadas sobre os pedidos que se hão-de lançar nas próximas cortes?

– A vinte por cento estão prontas, visto serem para o pagamento das quantias aos cavaleiros e homens de armas, e não haver real na casa dos contos. Acabo de estar com D. Cibrão de Frandes e com misser Daniel de Preamua. Altercámos por duas horas: juraram-me que não podiam fazer este serviço a sua mercê por menos uma pojeia; e ainda assim, entram de parceria D. Issachar, o que mora adiante da Esnoga ao cabo de

Vila Nova de Gibraltar, e o seu vizinho Samuel Ben Tibon, o mercador de arneses.

– Santa Maria val! – exclamou o chanceler. – Vinte por cento?... Mas os pedidos estarão pagos em menos de ano... Quatro soldos por libra de vinte?! Misser Percival, isso é desbaratar as rendas da Coroa! Deus nos livre de que tal ouvisse el-rei meu senhor!

Estas últimas palavras, proferidas com acento severo, foram acompanhadas do usual salamaleque.

D. João I sorriu com um gesto de aquiescência à observação do seu privado, e disse para o agiota:

– Nada, não, meu excelente amigo, misser Percival! Mais de três soldos por libra é usura intolerável...

– Vede, honrado Percival – interrompeu João das Regras. – Sua mercê (novo salamaleque) pensa exactamente como eu. Quer dizer-vos que mais de *dois* soldos por libra é intolerável.

E fitou o seu olhar de águia no rei. O homem ruivo olhava também para ele: D. João I acudiu logo ao reclamo do chanceler:

– É isso: dois por vinte. Pois, que disse eu?

O inglês encolheu os ombros e replicou:

– O dinheiro está demasiado caro. E absolutamente impossível.

– Paciência! Acharemos outro arbítrio. Adeus, misser Percival. Contai em tudo com o bom ânimo d'el-rei para convosco e, se precisardes em alguma cousa da minha pouquidade, contai igualmente comigo.

Ao falar em el-rei, o discípulo de Bártolo tinha-se erguido, segundo o costume; mas desta vez não tomou a assentar-se. Curvado e firmando-se nos braços da poltrona, foi-se voltando para o homem ruivo, como quem o fazia participante da inclinação de cabeça dirigida à pessoa do monarca. Era fácil de perceber que esse gesto equivalia a uma ordem de sair dali. Misser Percival encaminhou-se então para el-rei, beijou-lhe a mão sem dizer palavra e começou a recuar pouco a pouco para a porta que comunicava com a rua. Entretanto o chanceler tinha pegado rapidamente num pergaminho, dos muitos que estavam espalhados pelo bufete, e dizia, dirigindo-se a D. João I:

– Eis aqui a petição do concelho de Lisboa que já mostrei a vossa alta senhoria. Pedem que se ponham em vigor as posturas d'el-rei D. Monso para que as mercadorias trazidas pelos tratantes estrangeiros não possam ser vendidas fora da cidade, nem a retalho, senão pelos mercadores portugueses. Representam que só assim poderão reparar as minguas e lazeiras do cerco dos Castelhanos e do que tem despendido para o suportamento da guerra com os cismáticos... Esqueceu-vos alguma cousa, misser Percival?

Era que misser Percival, estacado no meio do aposento, abria desmesuradamente os grandes olhos azuis e parecia escutar com toda a atenção a sinopse que o chanceler fazia daquele requerimento.

– Ocorre-me neste instante – respondeu o inglês ruivo, com a hesitação de quem procura esconder um pensamento reservado que teme lhe adivinhem no gesto e nas expressões, e que por isso mesmo o trai mais depressa naquele e nestas –, ocorre-me agora que, se pudéssemos embolsar dentro de dois meses D. Cibrão e misser Daniel, não seria pretensão desesperada a das duzentas mil a dois soldos...

– Dois meses? – acudiu o chanceler. – É isso arremedilho, desporto e folgança que fazeis connosco, misser Percival? Daqui a três, duvido que se tenham cortado pelos concelhos os pedidos, e quem sabe, até, se os procuradores virão ratinhar-nos essa miséria?

– Não digo menos disso – replicou o compatriota dos nevoeiros –, mas aqui está

Percival de Cornualhes, que poderia, talvez, saldar a conta quando expirasse o prazo, e que receberia por qualquer tardança de reembolso aquele decente lucro que aprovesse a sua alta senhoria.

– Ah, então tendes vós as duzentas mil? – insistiu o chanceler. – Gracejáveis, pois, quando me jurastes que em vossos cofres bem basculhados não se acharia a décima parte de semelhante soma. *Enganei-me!* Já vejo que é inútil o tratar com usurários tais como D. Cibrão e misser Daniel. Falaremos de espaço, misser Percival; falaremos de espaço... Agora – acrescentou, voltando-se para el-rei, o qual folheava um volume que tirara da arca aberta e parecia alheio àquele diálogo, de que, aliás, não lhe escapara uma sílaba, porque logo compreendera a mente do seu chanceler –, agora urge, senhor, que deis despacho aos vossos bons cidadãos de Lisboa.

– Se achais sua petição justa...

– Vossa senhoria pesou-a já na balança da sua infalível justiça e, se não me engano, achou-a fundada. Posso eu pensar diversamente? Resta o remédio. *Vitia priorum censuum, editis novis professionibus, evanescunt*, diz o digesto. Aplico a sentença. Este honrado povo de Lisboa está exausto por longos e custosos sacrifícios. É necessário introduzir-lhe sangue novo nas veias, e não vejo eu em tal remédio senão em apertar algum tanto o colo às sanguessugas que de fora vêm sugar este pobre Portugal. Depois, há os privilégios e as leis antigas que as necessidades dos tempos escassos fizeram suspender, mas que fora mau paramento da república deixar nenhuma, vãs e como abolidas.

Durante esta breve dissertação jurídico-económica, misser Percival dera todos os sinais de impaciência por falar que o respeito ao rei e a fria sinovia das suas articulações britânicas lhe consentiam. A pausa que o chanceler fez de propósito neste momento salvou o inglês de rebentar. Voltou-se para D. João I e exclamou, perdida a tramontana:

– Senhor, senhor, que essa petição é inspirada por um sentimento de ódio contra mim! É obra dos vossos mercadores para me arruinarem!... Quando vos disse que pagaria as duzentas mil libras era por me fiar em oito naus que espero da Arrochela. Vem aí empregado o melhor do meu cabedal, e eles conjuraram-se para me obrigarem a vender-lhes tudo ao desbarato. Estou perdido, senhor; estou perdido, se despachais essa petição! Bem sei donde parte o golpe com que querem traspasar-me.

Não sabia tal. O leitor é que não precisa de roer as unhas até o sabugo para o adivinhar.

– Que dizeis, misser Percival? – interrompeu o chanceler, com gesto de admiração e com uma verdadeira cara de caso. – Isso é grave; muitíssimo grave. Quê?! Seria esta petição apenas um laço armado a sua real senhoria? Duro de crer me parece; mas por outro lado trata-se da fortuna de um honrado mercador, embora estranho, que serviu a causa de Portugal longa e lealmente contra os perros cismáticos, quando muitos naturais ou a abandonavam ou a traíam. Havemos de informar-nos: oh lá que havemos! Estai certo, misser Percival, de que a vontade d'el-rei é apagar ódios e não satisfazê-los. Se a justiça estiver da vossa parte...

– Mas vede – acudiu o inglês – que para pagar as duzentas mil libras...

– Conforme... Há-de ver-se... Deixai estar...

Estas frases vagas foram proferidas de tal jeito que o mercador perguntou ansiosamente:

– Posso dizer, pois, a D. Cibrão e a misser Daniel que entreguem ao tesoureiro-mor?...

– Se quiserem ou puderem. Nada de constrangimento. Tenho uma cisma, misser Percival: é talvez uma superstição. Mas que quereis? Não posso vencê-la. Dinheiro extorquido à força não luz a quem assim o obtém. Por isso, não aperteis demasiado com

eles, nem lhes metais medo com el-rei. Deixo o negócio à vossa prudência. Adeus, honrado misser Percival.

El-rei continuava a folhear o livro. O chanceler pegou noutra pergamino e começou a lê-lo, enquanto o homem ruivo se ia escoando e desaparecia atrás do reposteiro.

D. João I fechou o livro, escutou por alguns instantes e desatou a rir.

– Na verdade, mestre João das Leis, que os ares de Bolonha e de Pisa e a agudeza de Bártolo são maravilhosos para apurar engenhos. Ninguém acha argumento mais a ponto para persuadir um avaro velhaco a abrir a bolsa. D. Cibrão e misser Daniel?! Por S. Jorge! Uns tacanhos, meros instrumentos das usuras de misser Percival. Vivais mil anos, meu nobre chanceler! Estes cavaleiros portugueses apoquentavam-me com os soldos que não cessam de pedir. Teremos com que os contentar. Que os meus bons burgueses de Lisboa esperem mais algum tempo. Mas não-de irritar-se, e nós devemos amansá-los. Parafusai lá, doutor: vede se achais aí pergamino que valha. Há-de custar. Não vos parece, Gomide, meu taciturno escrivão da câmara real?

Para ir conforme com o epíteto por que el-rei o designava, Gonçalo Lourenço abaixou duas ou três vezes a cabeça em sinal de aquiescência e encolheu os ombros, como quem ignorava que pílula se poderia ministrar aos mercadores da Rua Nova, da Madalena e de Santa Justa, para lhes acalmar o sangue acerca da liberdade comercial. Era evidente que, apesar das fundadas pretensões dos burgueses, esta liberdade havia de continuar por mais algum tempo, se aparecessem as duzentas mil libras para o pagamento das quantias dos cavaleiros e homens de armas, e se chegassem a porto e salvamento as oito naus da Arrochela, objectos que, parecendo absolutamente estranhos, se achavam neste caso ligados de um modo singular ao despacho favorável ou desfavorável da petição municipal.

João das Regras mofava, porém, interiormente da dificuldade que se antolhava ao monarca e da perplexidade do escrivão da câmara. Não era a um homem como ele que faltaria nesta conjuntura um osso para atirar ao lebréu popular.

Quando el-rei voltou os olhos para o chanceler, viu-lhe erguida em alto a mão esquerda, entre cujos índice e polegar pendia o pergamino que começara a ler apenas despedira misser Percival. O monarca não podia atingir ao que significava aquele gesto.

– Eis aqui – disse enfim o valido – com que distrair e consolar a Rua Nova, a de Santa Justa e a da Madalena... Que digo eu?! Toda a cidade. Tem para falar um mês, e daqui a um mês estarão os pedidos votados. Que vossa real senhoria responda a esta carta como deve, e é quanto basta.

Dito isto, abaixou a mão e começou a ler o pergamino. Era uma espécie de consulta que os alvazis de Lisboa dirigiam a el-rei sobre o modo de punir um delito singular, delito daqueles a que hoje chamamos crimes políticos. Um mercador da Catalunha, não podendo obter dos alvazis ou juizes municipais de Lisboa o desagravo que entendia ser-me devido por ofensas recebidas de um compatriota seu, fora ao mercado e na presença de numeroso concurso pegara em vários vasos de barro e, despedaçando-os, guardara cuidadosamente as tampas ou *testos* e, mostrando-os ao povo apinhado exclamara: «Eis as testemunhas que levo para o meu país da justiça que se faz em Portugal!» Lançado nas masmorras do castelo pelo alcaide pequeno, os alvazis perguntavam a el-rei qual seria a pena condigna daquele atentado.

Nos nossos costumes modernos, o acto do catalão teria sido pouco menos que indiferente. Não era assim naqueles tempos. Faltava então a imprensa, esse respiradouro das grandes cóleras e das grandes afrontas. Supria-se – supria-a pelo menos o povo – por actos simbólicos, expressivos por si mesmos ou por uma espécie de consenso comum. Ainda hoje restam entre o vulgo destes libelos em acção. A regateira de Lisboa

bate violentamente as palmas, a do Porto descalça o soco e põe-no ante si com a sola virada para o ar. É a suma injúria, é a declaração de guerra: o combate de arrepelões e punhadas vai começar. Estes símbolos eram a coluna de jornal, o *pamphlet*, a caricatura da Idade Média. Nos fins do século XIV, o quebrar as panelas na praça, ou *pro rostris*, e o guardar-lhes os testos parece ter sido a mais atroz invectiva, o mais pungente epigrama atirado às venerandas barbas dos magistrados municipais, e os antigos monumentos conservaram-nos a memória de mais de um severo castigo imposto pelo próprio D. João I aos indivíduos implicados naqueles panelicídios insolentes e revolucionários – Era um caso destes que os alvazis e conceito da mui nobre e mui leal cidade de Lisboa submetiam à consideração de sua mercê el-rei.

As mudanças no aspecto do monarca seguiam as fases da leitura. Na sua fronte serena e ridente, como o lago adormecido do vale, encapelavam-se pouco a pouco as rugas, como as vagas no oceano ao passar do temporal. Subia-me gradualmente o rubor às faces, e os olhos pequenos e vivos encandeavam-se de estranho fulgor. Quando o chanceler acabou de ler, D. João I murmurou com a voz trémula de ira:

– Cinquenta açoutes no vilão, dados em meio da praça, e que se vá depois para ruim à sua terra dar querela do torto que lhe fizeram aqui. Far-lhe-ão direito lá.

O chanceler revirou a cabeça para sua imobilidade o escrivão da câmara, e repetiu as palavras d'el-rei sem alterar uma vírgula. Gonçalo Lourenço ia escrevendo com o lápis.

– Na ementa – disse o taciturno ministro quando acabou.

– Aos honrados alvazis, vereadores e homens bons do conceito desta leal cidade – acrescentou o chanceler.

O escrivão esgaratujou aquelas palavras.

Neste momento o relógio deu dez pancadas.

João das Regras pôs-se em pé, arredou a poltrona e prosseguiu, abaixando a cabeça, como se o escrivão se houvera despedido dele.

– Dez! São as horas de sua mercê...

Gonçalo Lourenço entendeu-o. Beijou a mão a el-rei e saiu.

– Pajens! – prosseguiu o onipotente valido

– Dormitais?! São dez horas: as horas de sua mercê se retirar.

Evidentemente o chanceler queria ficar só com o rei. Pelo menos os dois mancebos assim o interpretaram. Acenderam as tochas e saíram vagarosamente, parando a tal distância que não pudessem chegar-lhes aos ouvidos as palavras dos dois personagens que ficavam.

O doutor de Pisa dirigiu-se à porta interior, franziu o reposteiro e observou os pajens. D. João I, ainda colérico pela afronta feita aos magistrados da sua boa cidade, tinha-se encostado de novo à arca, falando por entre os dentes. O chanceler aproximou-se e, parando diante dele, disse:

– Respondestes como nobre rei, e a vossa sentença há-de fazer exultar toda Lisboa, burgueses e arraia-miúda. Foi qual eu a esperava. São assim feitos. Folgarão mais com isto do que se despachásseis a petição dos mercadores. Cinquenta açoutes num estrangeiro, ao meio-dia, na praça! – prosseguiu o chanceler esfregando as mãos, depois de breve pausa. – Admirável! Como este bom povo rirá e gritará: alcácere por el-rei D. João!

A velha raposa animava o leão. Amargo devia ser o alimento que lhe queria fazer tragar.

– E o povo terá razão – respondeu o monarca, lisonjeado pelos elogios do seu privado. – Quem afronta os alvazis afronta os que os elegeram; quem, não tendo apelado para mim dos meus juízes de foro, vai ladrar nos açougues que nesta terra não

há justiça, mente e calunia o rei de Portugal. Hei-de fazer respeitar os meus conselhos e a majestade da Coroa, que me deram Deus, o meu povo e a minha espada.

«E eu», reflectiu mentalmente o doutor, enquanto proferia em voz alta:

– Eis o que é conforme a interpretação de Bártolo à do Código *Siquis imperatori maledixerit*. Digam embora outra cousa os que seguem diverso rumo. É ao príncipe que toca punir os que o menoscabam, doestam e maldizem; porque o príncipe é o vigário e lugar-tenente de Deus na Terra e deve sempre crer-se justo. Por isso lá diz o Digesto: *Quod principi placuit legis habet vigorem*, texto, que, na minha opinião, é a pedra angular da república.

– Sei isso – interrompeu el-rei –, porém não vades tão alto, mestre João das Leis; não vades tão alto! Como homem, o príncipe é sujeito às humanas fraquezas. O texto do Digesto pode falhar. A vossa grande ciência dos direitos mo tem muitas vezes provado. Mas deixemos esse ponto. Agora não se tratava só do trono; tratava-se também do povo; do povo de Lisboa ofendido nos seus alvazis, e se a grei é pelo rei, o rei deve ser pela grei. Nunca em Portugal houve príncipe, nem meu nobre pai – Deus se amerceie de sua alma –, que tanto devesse como eu aos seus honrados burgueses. Tem-me dado tudo, sangue e ouro, vidas e fazendas. Portugal, mestre João – acrescentou o monarca, sorrindo –, é uma grande beetria que me escolheu por senhor, e vós bem sabeis que o vilão de beetria costuma dizer ao que escolheu para o governar: «Se bem me fizeres, contigo me irei.» Os Portugueses hão-de ir comigo sempre; porque espero administrar-lhes sempre justiça e desagravo pronto e bom, como neste caso.

– Vossa real senhoria fala como amorável e gracioso senhor – acudiu o discípulo de Bártolo. – Mas... mas...

– Mas que mas é esse, meu excelente chanceler? – replicou D. João I.

– É que tais cousas, consinta-me vossa senhoria dizê-lo, vinham a ponto nas Cortes de Coimbra, quando estava o reino vago. Lá disse eu algumas que as valiam; mas vós fostes eleito, e sois agora rei, e isso de tirar e pôr príncipes pelo povo, como em beetria, são opiniões malsoantes e perigosas para a república, havendo aí senhor legítimo e jurado. Se vos dissessem hoje: «Deponde a coroa...»

– Oh, oh! – tornou rindo el-rei. – Não tenhais medo, doutor! Nunca os meus portugueses, que são como filhos queridos, e de quem sou pai, me dirão: «Mestre de Avis, desce do trono a que te elevámos...»

– Por essa fico eu. Não me arreceio do povo, que sempre em Portugal teve aliança com os seus príncipes. É um velho pacto; de um lado, contra a turbulenta insolência dos ricos-homens e infanções; do outro, contra a sua tirania. Cifra-se nisto toda a nossa história. Pode o povo gritar e tumultuar, mas quando o rei diz «alto lá, meus bons burgueses», acabou-se tudo. Dura.. dura é a cerviz da nobreza, que, estribada nos seus privilégios, só por dinheiro quer defender a liberdade comum e que vos brada: «Sede embora rei dos concelhos: dentro dos nossos coutos e honras nós é que somos os reis.» Virá, talvez, tempo, em que o gemido dos que lidam e pagam e obedecem e morrem se converta em rugido de ameaça; mas bem parvos ou bem maus devem ser os privados e ministros que não saibam contentá-los. Dois afagos e um pouco aliviada a canga, está tudo feito. O perigo sério anda mais alto. É aquela história das espigas e dos Tarquínios de Roma que vossa senhoria sabe!...

– Parece que não – interrompeu el-rei –, porque não se passa mês... que digo eu?... não se passa semana, nem talvez dia, em que não queirais contar-ma. É a vossa seita, mestre João das Leis: é a vossa seita! Haveis em todos os negócios de cair por fim em invectivas contra os fidalgos. Estes fidalgos matam-vos!

– Matam, e também a república. Que precisão havia de arrancarmos essas duzentas mil libras a misser Percival, para termos de as pagar com usura depois, no

meio dos gastos da guerra, que não tarda a renovar-se? Para que havíamos de suspender o despacho da petição dos mercadores, quando era tão fácil contentá-los? Quem quer mugir a vaca sem lhe dar feno tira sangue e perde a vaca.

– E os cavaleiros, e a gente de armas, e as minhas boas lanças, homem? Não posso também perdê-las? Direis, como costumais: «Da massa dos burgueses se fazem.» Assim é; mas que tais? Ai bate o ponto. Bem sei que, se não fosse por modéstia, poderíeis citar as vossas próprias façanhas em Aljubarrota, e mais éreis cavaleiro novel tirado daquela massa, e depois vir com o costumado solau dos quinhentos archeiros ingleses, que valeram aí mais que mil lanças. Mas eu cá me entendo. Vós, chanceler, sabeis de direitos e de regimentos e da governança e de tudo o que tange à paz e assossego do reino, porque sois um grande letrado. Porém de gente de guerra e de hostes e de arrancadas e de cavalarias e de besteiros e de frecheiros e de azes e de trons e engenhos, disso sei eu mais a dormir do que vós acordado, mestre João das Regras. Bem vejo que se abusa da situação do reino; que é uma vilania, uma cobiça torpe pedirem-se-me soldos avultados; pedirem-nos homens a quem tenho dado terras, padroados, alcaidarias, cargos, as melhores jóias, digamos assim, da Coroa. Mas tratemos do presente, e para o futuro... Oh, no futuro, meu chanceler, então ajustaremos contas!... Pensais vós que me esquece aquele grande alvitre vosso, da lei que há-de cortar as unhas e encolher os braços à fidalguia e que dizeis se não deve escrever, mas conservar na minha memória e vontade, e que por isso se há-de chamar mental, alvitre na verdade violento, mas eficaz?...

– Violento? Brando o acho eu e mais que conforme a direito – interrompeu o jurisconsulto, que não tolerava a menor dúvida sobre a bondade absoluta da famosa Lei Mental que então forjava. – Sois senhor: podeis dar ou tirar o que é da república; porque, sendo dela, é de vossa real senhoria, que sois o seu regedor e mantedor, *formaliter ei essentialiter*. Não há injúria onde não direito. E depois, lá está para a explicar a quase divina regra dos sabedores romanos: *Quod principi placuit legis habet vigorem*. Que importa que as dificuldades dos tempos não consintam reduzir a escrito esse pensamento, se para ser lei e boa lei lhe basta estar na vossa mente e vontade, *placuit!* Parece, porém, senhor, quererdes acusar-me de pôr peias aos vossos desenhos pelo que tange à milícia. Sois injusto comigo. Não vistes que tratei seriamente de alcançar as duzentas mil libras adiantadas? Que prova maior de que nas matérias de guerra, como em tudo, reconheço a alta e superior ciência de vossa real senhoria? Deploro só a opressão dos pequenos e o desbarato das rendas públicas, para se haver de saciar a cobiça dos grandes; deploro que o rei de Portugal pareça recear a cólera dos seus nobres vassallos e que não obtenha com tanta generosidade senão torná-los cada vez mais insolentes, conspiradores e ingratos.

– Ingratos, isso é natural – exclamou D. João I, carregando as sobrancelhas –, mas insolentes e conspiradores?! Chanceler, tais acusações são graves.

– Mas verdadeiras – replicou o valido. – Animados pela orgulhosa altiveza de um homem que no ilimitado favor do seu príncipe devera ter um incentivo da mais submissa obediência e que faz sair bem caro ao rei e ao reino os seus largos serviços na guerra e uma glória que ninguém lhe disputa; excitados pela linguagem violenta do Condestável...

– Doutor João das Regras – atalhou el-rei com um movimento de despeito mal comprimido –, proibi a Nun'Álvares que na minha presença invectivasse contra vós; a vós que aventásseis suspeitas contra o mais nobre, o mais leal, o mais valente cavaleiro que Portugal tem gerado. Não pude fazer-vos amigos: quisera ao menos que vos respeitásseis. Não sei agora o que cuide de um e de outro. Ele, soldado rude, tem-me obedecido; vós, letrado subtil, conselheiro austero, defensor da autoridade suprema,

haveis quebrado mais de uma vez o preceito. Não seria bom, meu honrado chanceler, lembrar-vos a este propósito do texto acerca da vontade dos príncipes, que tantas vezes invocais? Ou é que o Digesto não vale para os que o estudaram?

A estas perguntas irónicas não era fácil dar resposta. Além disso, no aspecto do monarca havia tal expressão de severidade que o velho ministro, apesar da sua imensa preponderância e extrema familiaridade com o rei, pregou os olhos no chão e ficou em silêncio.

D. João I conheceu que o tinha mortificado de mais. Chegou-se a ele e bateu-lhe brandamente no ombro.

– Vamos, homem! Esqueçamo-nos disto. Assim pudésseis esquecer a vossa má vontade, vós e Nun'Álvares; vós, as duas colunas do meu trono; vós, que eu amo, não como vassallos, mas como irmãos! Não quereis: paciência! Chanceler, aludistes vagamente a insolências, a conspirações e não sei a que mais. Sois assaz prudente para proferir em vão tais palavras...

João das Regras ergueu lentamente a cabeça, mas virando o rosto um pouco para o lado e fitando no rei um olhar oblíquo. Fez uma pausa, e respondeu:

– É que estive aqui ao anoitecer o abade de Alcobaça.

– O abade de Alcobaça?! – interrompeu el-rei com visível ansiedade. – Rompeu, enfim, a nuvem misteriosa em que se envolvia?

A ansiedade do príncipe pareceu restituir a presença de espírito ao abatido chanceler.

Rompeu e fez mais: trouxe uma testemunha, que revalidou e completou as suas declarações; um dos procuradores do povo. Vossa senhoria deve fazer mercê ao digno prelado...

– Um dos procuradores do povo?! – acudiu el-rei.

– Como é isso?

– Um procurador, que, iludido pelo conde de Seia, traiu os deveres do seu cargo, revelando-lhe os artigos populares para as próximas Cortes, e que arrependido veio, por conselho de D. João de Ornelas, lançar-se-me aos pés, como se fosse eu, e não os que o escolheram por mandatário, quem houvesse de perdoar-lhe.

– E que se passou aí? – perguntou o monarca, fitando o olhar ardente no privado.

João das Regras narrou então miudamente os sucessos ocorridos na tavolagem de Lourenço Brás e quanto ali se dissera; quantos alvitres se haviam aventado para destruir ou embaraçar os efeitos políticos da assembleia que se ia reunir. Sem alterar substancialmente os factos, o ódio contra os nobres, cujo chefe era o seu rival no valimento, Nun'Álvares, a humilhação que, por causa dele, pouco havia el-rei lhe fizera tragar e a sua natural astúcia inspiraram-no de modo que soube pintar com as mais negras cores um acto que a situação da nobreza e o natural instinto da própria conservação até certo ponto desculpavam. Tinha aludido vagamente por muitas vezes a revelações importantes que esperava obter por intervenção do abade de Alcobaça; mas reservara para as vésperas do dia em que se deviam redigir as respostas aos capítulos de cortes o desenhar ante os olhos d'el-rei um quadro capaz de produzir viva e duradoura impressão na sua alma. Sem que pudesse em tempo algum ser taxado de ultrapassar os limites da verdade, o destro chanceler chegou a despertar violenta irritação no animo do príncipe. As expressões insolentes de alguns fidalgos contra a quebra dos seus foros, os alvitres excogitados para constringer o soberano a rejeitar as súplicas dos povos, as disfarçadas ameaças: tudo foi traduzido, interpretado, envenenado e revestido de dimensões extraordinárias. Quando o privado acabou de falar, a indignação profunda, que se revelava no brilho desacostumado dos olhos e no afogueado das faces do monarca e que no primeiro ímpeto lhe tolhera a voz, ameaçava estourar. O velho

ministro ria interiormente, porque lera no gesto de D. João I o que se passava na sua alma.

Posto que, semelhante à de todos os indivíduos de vontade enérgica, a cólera do Mestre de Avis fosse terrível, ele sabia socorrer-se a essa mesma energia de vontade para a disfarçar. O escondê-la, porém, a um homem tão astuto como João das Regras, e que tanto lhe estudara a índole, não era fácil. Quanto mais o príncipe procurava encobri-la, mais o chanceler forcejava por irritá-la. Sabia que o tiro feriria o alvo tanto mais fortemente quanto mais se retesasse o arco.

– Doutor João das Regras – disse el-rei com uma vibração trémula de voz que o atraçoava –, acreditei a princípio que era mais grave o negócio. A fúria dos fidalgos há-de passar!... há-de passar!...

E atirou violentamente com o livro que tinha na mão para dentro da arca.

– É possível – replicou o chanceler, encolhendo os ombros. – Mudarão provavelmente de conselho. Deus há-de alumia-los.

Também a voz do privado vibrava trémula. Era que as palavras, mansas e lentas, saíam-lhe dos lábios repassadas de ironia.

– Desafogam em ameaças vãs... – prosseguiu el-rei com gesto de indiferença. – Não julgo que queiram recorrer a meios extremos.

– Creio-o – acudiu João das Regras no mesmo tom –, visto que apraz a vossa alta senhoria pensá-lo assim...

– Chanceler! – bradou o monarca, em cujos olhos f piscou um como relâmpago. – Lembrai-vos de que falais com o rei de Portugal...

– E esqueci-me eu disso? – replicou o privado, abaixando a cabeça com ar de profunda humildade. – Esqueci-me eu disso uma só vez desde o dia em que nas Cortes de Coimbra a nobreza, o clero e o povo deste reino reconheceram, enfim, que devíeis suceder a el-rei vosso irmão?

– Entendo! Completai a frase. Porque vós lho provastes. Devo a Coroa aos vossos esforços. Não é assim? Tenho-o presente. Mas falo-vos sério, e vós gracejais? Mereço-vos isso? – Fez uma pausa e prosseguiu em tom amargo: – Não sois já o meu velho amigo, doutor João das Regras: não sois meu amigo!

O privado lançou-se-lhe aos pés, agarrou-lhe na mão e beijou-lha. Depois ergueu para ele os olhos, dos quais desejaria nesse momento espremer duas lágrimas, que o coração frio e árido lhe recusava.

– Se eu deixasse de amar-vos, senhor – exclamou ele –, a vós que me tirastes do meu nada, seria o homem mais ingrato do mundo. Não gracejei convosco. Ninguém melhor do que eu sabe qual veneração se deve à majestade dos príncipes; ninguém mais sinceramente crê que o monarca é a imagem de Deus na Terra. Se tal ousasse, não mereceria só a cruel acusação que me fazeis: mereceria a de sacrílego. Mas que querieis, senhor? Quando lia no gesto de vossa mercê os esforços que fazíeis para conter o justo despeito contra a insolência da nobreza, devia eu irritá-lo, contradizendo a vossa magnanimidade? Apontaria o ministro para a espada da justiça, quando o príncipe chamava do coração aos lábios os impulsos da misericórdia? Se nisto pequei, perdoai-me, e se não mereço perdão, puni-me. Não me digais, porém, que o velho João das Regras não vos guarda a lealdade de bom vassalo ou pode esquecer-se um instante do mais honrado dos seus títulos, do nome de vosso amigo!

O chanceler passara da comédia para o melodrama. Tinha a mão d'el-rei segura entre as suas, e encostava a fronte sobre da, enquanto D. João I forcejava com a esquerda para o alevantar.

– Que é isso, homem? – dizia o monarca, visivelmente comovido. – Deixai essa postura, que nem é digna de vós, nem de mim. Conhecemo-nos há muito para que

hajamos de gastar mútuos disfarces. A fidalguia, a fidalguia! Oh, esta fidalguia martiriza-vos... Também a mim. Eis aí para que me quiseram rei; os que quiseram; porque o resto... o resto tinha corpos e almas em Castela. Os corpos vieram; mas as almas... Eu sei?... Ficaram-lhes lá. Ao menos parece-o. Não consentem que Portugal respire, este pobre Portugal! É que ainda se lembram da era de vinte e dois, quando os populares lhes cercavam e tomavam as alcáçovas para mas darem a mim, ao Mestre. Bom tempo era esse em que me chamavam o Mestre! Conspiram... injuriam-nos, ferem-nos pelas costas, chanceler, porque lhes não deixámos tirar a camisa ao povo. Pois eu não lhes dou tudo quanto a Coroa lhes pode dar?

– E o que não pode – interrompeu o valido.

– Confesso que tínheis razão – prosseguiu el-rei.

– E necessária a severidade. E mais, dói-me; que sou afeiçoado a alguns; e muito!

Poupemos, todavia, o Condestável: bem vedes que é estranho a estes meneios. Cuidemos em derribar-lhes os engenhos. Nesta guerra sois vós melhor capitão do que eu. Andai homem. Parafusai lá, e dizei o que se há-de fazer.

– Se esses eram os pensamentos de vossa real senhoria, para que intentastes dissimulá-los? Agora sim, que falais como um grande rei que sois. Ninguém ama a brandura mais do que eu; mas também considero que é mister acudir aos mesquinhos, que, roubados e oprimidos, erguem as mãos para o seu príncipe. É negócio para maduramente se pesar: porque os adversários são duros. É tarde hoje. Pensarei de espaço e com frieza. Imparcialidade sobretudo! Nem amor, nem ódio. É a minha regra. Amanhã, amanhã. Tudo repousa já. São horas de vos recolherdes, e eu vou retirar-me.

O relógio tinha dado onze pancadas.

– É verdade! – disse el-rei, olhando para a pêndula e encaminhando-se para a porta interior. – Grande invento foi este dos horológios. Adeus, honrado chanceler – acrescentou, batendo familiarmente no ombro do legista. – Não vos saia da memória que Nun'Álvares é o braço da espada e vós a frente da inteligência. São duas cousas que devem andar acordes, se não podem andar unânimes. As respostas aos capítulos do povo, visto que já os conheceis, consultai-as com os do conselho, que eu concordo desde já no que resolverdes; mas com uma limitação: respeitai o Condestável!

Evitando ulteriores explicações, o privado abaixou a cabeça para de novo beijar a mão a el-rei. Mas no momento em que este ia a sair, exclamou:

– Ai, que me esquecia... É um negócio de riso em que me falou D. João de Ornelas. Como soube da morte de Anequim, oferece a vossa real senhoria um gracioso jogral. Se quiserdes tomá-lo por vosso...

– Quero, quero! Sabeis que me faz falta o bom do Anequim com suas jogralidades? Como se chama o herdeiro das suas roupas de guizos, da sua palheta e do adufe a cujo som bailava?

– Chama-se... chama-se... Ale... Ale, sim. É o nome em que falou o abade...

– Mouro?

– Mouro.

– Não importa. Quando virdes D. João de Ornelas, dizei-lhe que Ale é meu homem com vinte livras de assentamento e dois vestidos por ano; aljuba, aljubeta, balandrau e escapulário e um albornoz ou capuz, à sua vontade.

Dizendo isto, saiu. Os pajens da tocha, que, esperando a respeitosa distância, cambaleavam de sono, marcharam alumiando adiante.

O chanceler deu então volta à chave: dirigiu-se a porta exterior, franziu o reposteiro e murmurou:

– Entrai.

XVI

O MEU ILUSTRE AMIGO

Ouve entre elles palavras fyngidas de tanto amor e cortesy, que parecia que huum nom estymava nem desejava mais bem que a visita do outro.

RUI DE PINA, *Cr. de Afonso V.*

Apenas o doutor João das Regras proferiu aquela simples palavra, com que rematou a série dos seus movimentos depois da saída d'el-rei, e com que nós também concluimos o precedente capítulo, surdiu dentre os umbrais da porta misteriosa um vulto alto e grosso, embrulhado num ferragoulo pardo.

– Esperastes? – perguntou o chanceler ao corpulento personagem que entrara.

– Pouco. Cheguei agora. Abrindo devagarinho a porta, ainda ouvi as últimas palavras d'el-rei. Creio que falava acerca de Ale.

– Justamente. Podeis mandá-lo apresentar ao alcaide dos donzéis.

– Beijo-vos as mãos, senhor chanceler... É verdade: ia-me esquecendo de vos restituir a chave que me destes para haver de aqui entrar.

O chanceler pegou na chave, puxou uma gaveta do bufete e meteu-a dentro com várias outras que fechavam mais de uma passagem secreta ou mais de uma arca importante, e, voltando-se para o abade de Alcobaça, que por certo o leitor já reconheceu no vulto alto e grosso que entrara, perguntou vivamente:

– Percebestes o que el-rei dizia? Sua mercê achou singular e estranho que fosseis vós quem lhe inculcasse um sucessor para o defunto Anequim.

Ao aludir ao empenho, na verdade extravagante, do monge, o valido cravou nele os olhos, como se tentasse ler na sua alma.

O singelo abade era, porém, parceiro digno de jogar com o bonacheirão do doutor de Pisa. Deslizando um sorriso insignificante, respondeu:

– A um bom vassalo, a um amigo leal da monarquia e do monarca poderia ser acaso indiferente o prazer ou desgosto do seu príncipe? Sua real senhoria lamentava-se tanto o outro dia da morte de Anequim, que não descansei sem lhe achar um jogral, e creio que em boas manhas e agudeza este há-de levar a palma...

– Bem, bem! Não falemos mais nisso – interrompeu João das Regras. – Vamos ao essencial. Estão, enfim, acordes os procuradores?

– Como um homem só: um só pensamento e uma só vontade.

– Excelente! – murmurou o privado, esfregando as mãos.

– E o camareiro-menor? – perguntou o abade.

– Oh meu bom amigo! – respondeu com gesto contrito o chanceler. – Porque não vos acreditei logo e não segui o vosso ditame? Por esta minha simpleza. Sou eu o primeiro a confessá-la. O hipócrita, quando perco el-rei de vista, não cessa de advogar os interesses da sua parcialidade, afectando depois diante da Corte uma indiferença estudada. Difícil luta é esta; porque, em suma, sou um homem, chão...

– Isso é verdade! – acudiu D. João de Ornelas.

– Mas como é possível que el-rei se deixe embair por ele, sabendo qual foi a linguagem traidora daquele homem ingrato na célebre noite...

– É... – interrompeu João das Regras com ar de inocência bondosa e raspando

atentamente com a unha do índice uns pingos de cera que tinha na manga da garnacha – é que eu... pelo que toca... sim, pelo que toca ao moço escudeiro.. ocultei a sua real senhoria o que ele fez e disse na tavolagem...

– Como assim? – interrompeu o monge, lançando um olhar suspeito ao privado.

– Pois vós ocultastes o que disse o camareiro-menor? Esquecesteis que me tínheis prometido desagravo, e que essa foi a condição das revelações que vos fiz, não somente sobre o que se passou nas Portas do Mar, mas também sobre as antecédências dessa importante trama? Quereis acaso salvar o meu inimigo mortal?

– Ai, ai, dom abade! – replicou o chanceler, rindo e tossindo a um tempo e continuando a fazer saltar com a unha a cera da manga. – Não nego que teria feito melhor em logo o acusar a ele, carregando a mão na culpa e impedindo-o de fazer mal. Mas o erro está cometido, e o que resta é guardar de segundo...

– De segundo! – atalhou de novo o monge, escondendo mal a irritação que lhe brilhava nos olhos.

– Confesso que não vos entendo, senhor chanceler.

– Não!? Parece impossível, meu excelente amigo, que não alcanceis de golpe o que quero dizer; vós, que sois tão subtil. Olhai! Contar-vos-ei uma história. Estando eu na tenda d'el-rei, naquela noite depois da de Aljubarrota, falava com misser Talhaferro do grande pavor que os trons de fogo, nunca vistos em Portugal, produziram nas nossas azes dianteiras: «Se os Castelhanos», disse-me então misser Talhaferro, «tivessem sabido servir-se desses engenhos, não seríamos nós que estaríamos senhores do campo, folgando aqui de seu mal e vergonha. Assestando-os todos sobre a bandeira d'el-rei e disparando-os a um tempo, acabavam com a festa.» Sabeis vós, dom abade, que parafusei toda a noite naquelas palavras, e que depois me tem sido grandemente útil, cá nestas cousas da governança, a lição de misser Tallhaferro?

– Mas, enfim!...

– Mas, enfim, dom abade – prosseguiu o chanceler, acabando de raspar a garnacha, e batendo com dois dedos no ombro do venerável prelado –, não vedes que a fúria d'el-rei espalhada por tantos há-de ser como os tiros dos trons castelhanos, de grande ruído, mas de pequenos efeitos? Deixai-me, deixai-me de parte o camareiro-menor. Ajuntemos a artilharia que pudermos, carreguemo-la toda, assestemo-la contra esse ponto único: disparemos então; e a torre virá a terra. Era o que eu devia ter feito logo. Não o fiz. Agora emendo a mão... Percebeis?

O aspecto de D. João de Ornelas, até aí carregado, desanuviou-se. O monge sorriu.

– Não sois somente um homem chão e honrado. senhor chanceler – exclamou ele.

– Sois também um grande ministro, mandado por Deus para salvação e glória desta nossa terra de Portugal. Que o Senhor vos guarde e mantenha, para temor dos maus e defesa dos bons: é o que peço todos os dias nas minhas pobres orações a nosso padre S. Bernardo.

– *Gratias ago, domine reverendissime* – respondeu modestamente o velho jurisconsulto, apertando com a mão pequenina, torneada e sempre fria a mão ampla e ossuda de sua reverência.

O abade olhou para o horolégio. O ponteiro indicava que depois das onze decorrerá já um arrazoado espaço.

– São horas de partir – disse de, abaixando os olhos para o chanceler. – Os procuradores esperam-nos na Pousada de Mem Bugalho, que, cego de raiva...

– Coitado! – interrompeu o valido – amansá-lo-emos. Preciso de um escriba que me transcreva, sem errar demasiado o latim, algumas conclusões de Bártolo. Terá um bufete na Torre da Escrivantina, manutenção e salário d'el-rei.

D. João de Ornelas sentiu uma tentação diabólica de rir, à vista do singular encargo que o chanceler destinava a um homem a quem na tavolagem do besteiro se fizera crer na possibilidade de lhe suceder a ele.

– Voltai quanto antes, meu ilustre amigo – prosseguiu João das Regras –, e assegurai-lhes que me parece termos obtido um triunfo decisivo. Ide, enquanto eu me dirijo a casa dos irmãos Docem e de Pedreanes Lobato, que hão-de acompanhar-me.

Ouvindo isto, o digno prelado apertou de novo a mão do chanceler e partiu apressadamente.

João das Regras pôs-se à escuta. Apenas sentiu cerrar a porta da rua, soltou uma destas gargalhadas, agudas, chirriantes, contristadoras, atribuídas pelo povo aos medos e cousas más que aparecem à meia-noite.

Depois, foi assentar-se na grande poltrona e, encostando o cotovelo ao bufete e a cabeça ao punho cerrado, parecia envolto em fundo meditar, agitando incessantemente os lábios, dos quais lhe escapavam por vezes frases truncadas:

«Suprimidos os mais... a estes as respostas... Eu e o conselho... Ditá-las?... O conselho sou eu!... Dez mil libras ao mestre de Sant'Iago... Lopo Dias para Tralosmontes... Cinco mil libras é muito... Cercaremos Tui... Paio Soródea escreve-me... também cá temos desses vilãos!.. O marechal... Livremo-nos dos mais violentos... O mestre de *Christus*... Sete mil libras... Posso, enfim, respirar! Ah!»

Soltando estas palavras incoerentes e interrompidas por silenciosos intervalos, o privado conservou-se por algum tempo naquela postura. Por fim, ergueu-se e começou a mexer na gaveta que deixara aberta. As chaves que ali tinha tiniram umas nas outras. Pegou em duas e, tornando a meter a mão, tirou um punhal comprido e agudo, desses a que chamavam misericórdias, companheiro necessário para quem devia atravessar assim a desoras as mas tenebrosas e solitárias de Lisboa. Enquanto o segurava bem na banda negra que lhe cingia a garnacha, o discípulo de Bártolo resmoneava:

«Este abade, santo homem, vai-se intrometendo de mais nos negócios da república... Enfim, el-rei cede, e portanto tenho nas mãos a vitória! O temporal rugirá por alguns dias em S. Domingos; mas há-de abonancar. Depois, tenha paciência o digno prelado, que a sua nédia mula trotará em breve pela estrada de Alcobaça. Assim pudesse eu aposentar em Pombeiro o velhaco do escrivão da puridade!»

Feita esta oração mental, o bom do chanceler apagou as duas tochas. A lâmpada extinguiu-se por si, dando de espaço a espaço um grande darão, que logo esmorecia. A esta luz duvidosa, o privado desapareceu atrás do mesmo reposteiro que franzira para D. João de Ornelas entrar: abriu e fechou após si a porta contígua: desceu dois ou três degraus tacteando com os pés: atravessou urna espécie de átrio; abriu a porta exterior, que também fechou cuidadosamente após si: meteu as chaves na bolsa que trazia ao lado, e dirigiu-se para o terreiro dos Paços do Concelho, perto dos quais habitava Pedreanes Lobato.

Pouco mais de trezentos passos adiante dele caminhava vagarosamente para o lado da Rua Nova um dos seus maiores amigos, o abade D. João de Ornelas, que, embuçado no pardo ferragoulo, trauteava a meia

voz um pedaço do *Exurge, domine*, ao mesmo tempo que pela cabeça lhe galgava o seguinte solilóquio:

«Mestre dos engenhos, meu doutor de Pisa, é D. João de Ornelas! Tu que és, velho manhoso, senão um dos tons que assesto? Guarda as tuas lições de misser Talhaferro: guarda-as para ti, ridículo velhaco! Parvos! Cuidam que eu... eu!... sou instrumento de seus ódios, ambições e desígnios!... Eles é que o são da minha vingança! Rei e chanceler; nobreza e procuradores; Fr. Vasco e o truão... Ah, ah, ah!»

E ria ainda de melhor vontade do que rira o doutor *Johannes a Regulis, o grande*

doutor, como lhe chama o tão poético e ao mesmo tempo tão singelo cronista de D. João I.

XVII

A PROCISSÃO DE *CORPUS*

Em esta maneyra se mostra por costume antigo que hamde ir os officios da cidade na festa do corpo de Deus.

LIVRO DOS PREGOS.
no Arquivo Municipal de Lisboa

O dia tinha amanhecido sereno e puro. Uma brisa suave do norte, varrendo as cimas dos pomares entressachados de hortas ou almuinhas, que se dilatavam por Valverde e pelo vale de Andaluz, espalhava ao longe os eflúvios dos rosais e da madressilva. Era um belo dia de Estio aquele. Os campos como que sorriam, e até o interior da cidade, em cujas vísceras obscuras e lodacentas penetrava a viva claridade do sol esplêndido, e donde a aragem afugentava o cheiro repugnante de crassa atmosfera, parecia revivescer, remoçar, desempoeirar-se, e o seu burburinho, habitualmente roufenho, cavo, triste sem melancolia, tornava-se harmonioso e acorde com o sussurro da brisa.

O dia que amanhecera fora o dezassete de Junho, e o dezassete de Junho era um dia santo, o da procissão de *Corpus*.

Um dia santo; um dia santo!... Assim juntas, estas duas palavras são as mais sonoras, as mais pinturescas, as mais saudosas da nossa língua; para mim, ao menos. De todas essas memórias passadas, cujas ruínas o descrever da idade de homem me tem alastrado pelo coração, uma sei eu que vive ainda nele fresca e viçosa e que me parece morrerá só quando eu morrer. É a lembrança dos dias santos dos meus tenros anos. Um domingo de então ainda me sorri suavemente, quando deito olhos longos para o caminho tortuoso e agro por onde já derramei, sem saber como, um terço de século da vida. Na orla desse horizonte crepuscular do passado avultam-me a capelinha da habitação da infância ao dia santo e o altar com os seus castiçais de talha dourada e as jarras de flores, que lá se punham no sábado à noite, e o alevantar cedo para todos, e tudo estar lavado, espanejado, escovado e ordenado para a missa. Sabe Deus com quanta fé e devoção a minha alma tenra se balouçava na toada monótona que murmurava o velho frade arrábido, calvo e macilento, cujo burel desaparecera debaixo das vestes variegadas do sacerdócio! Através de alta gelosia, o sol vinha, semelhante a uma coluna de vidre amassado com pó de ouro tombada de seu pedestal, bater de soslaio nos degraus do altar. As luzes trémulas das velas, cuja claridade se anulava no esplendor do dia, pareciam-me espíritos que se inclinavam esperando a presença real de Deus para o adorarem. Depois o frade, que viera de longe, do Convento de Ribamar ou da Boa Viagem, almoçava e jantava. E todos estavam contentes; porque era um santo mas jovial frade o bom do arrábido e contava histórias que era um pasmar. Naqueles dias abençoados, juraria eu que a folhagem das árvores era de um verdor mais vivo, os frutos mais saborosos, o ar mais diáfano, a água mais transparente, o céu mais azul e, até, as alfaias da casa mais novas e o caio dos muros mais alvo. À tarde corria pela relva com os outros moços da minha idade e travava lutas e gritava e ria e suave e tripudiava nos jogos e brinquedos que são próprios daquela idade; mas, quando o Sol descia para o horizonte, ia assentar-me à sombra de uma grande noqueira, sozinho, a ouvir cair num

tanque uma pequena bica de água, e ali ficava muito tempo a cismar. Em quê? Eu sei lá! Em nada, provavelmente. Mas cismava e sentia levantar-se-me no coração um fumozinho de tranquila melancolia, fumozinho que se condensava brevemente nos olhos em lágrimas, que não chegavam a rolar, mas que neles bailavam. E ali me achava a noite, e buscavam-me e desfaziam-me o encanto; mas ficava-me cá a saudade... Domingos dos doze anos, em que o meu espírito infante se harmonizava com o hino eterno da Natureza, salve! A glória literária, o amor da independência, talvez, até, o orgulho de proceder honesto, todos os meus sonhos de ambição dá-los-ia a troco de me sentir viver convosco; convosco, oh dias santos; porque os outros, esses, se não eram pálidos, como os de hoje, eram acres, dolorosos, inquietos. As paixões férvidas e insensatas da mocidade vinham chegando, e como que já sentia rugir a pouca distância as tempestades que iam agitar e devorar-me os anos mais belos da vida... Não tenho saudades dessoutros dias. Não tenho. Deixá-los ir. É pelos meus ricos dias santos de então que eu sempre hei-de chorar.

Ainda hoje há um indivíduo que exerce singular predomínio sobre mim, e ignora-o. É o sineiro da minha meio rural, meio urbana paróquia. Na escala das repu. tações de sinos os da minha freguesia ocupam lugar modesto, e todavia, quando repicam antes da missa do dia, sinto passar em volta de mim uma como aura fugitiva dos dias santos da meninice, e o Sol ilumina-se da luz daquele tempo. O repique, por estes sítios, é ainda patriótico e tenaz: ainda não o perverteu a peste da civilização. Nem as cantigas populares, nem as harmonias do teatro se atreveram a pôr pé sacrílego nos degraus do campanário. Abençoado sineiro, que me parece hás-de morrer abraçado com as tradições do teu antecessor. Oxalá que, se eu te sobreviver, tenhas um herdeiro digno de ti! Mal sabes tu, quando, no teu ardor de artista, te penduras por essas cordas e as fazes vibrar, saltando de um a outro lado, banhando-te numa catadupa de sons estrugidores, que se despenham sobre ti, jorram pelas sineiras e vão enovelados esmorecer por esses ares; mal sabes tu que, a certa distância, no alto da montanha, alguém larga o livro, a pena, as ideias, e fica abstracto e imóvel a aspirar as harmonias que lhe mandas frouxas, sacrossantas, ricas de saudades da infância! Mal sabes tu quantas cogitações profundas, quantas dores do espírito tens suspenso com essas divinas toadas. Oh, que se me pudesses restituir a capela e o velho arrábido e a sua missa e as suas histórias e o murmúrio que tinham outrora as pequenas bicas a correr nos pequenos tanques e a sombra que davam as nogueiras e a melancolia do sol-posto de há vinte anos; se tal pudesses!... Eu sei!? Caindo, adorar-te-ia, fosses Deus ou Satanás.

Ai, não podes; não podes! Isso tudo sumiu-se. Hoje sou cidadão, jurado, eleitor, homem de letras: podia ser comendador, conselheiro, governador civil, deputado, ministro, se navegassem por esse rumo as minhas ambições, e Deus me houvesse concedido o ser um nadinha mais parvo.

Vida positiva, realidade do mundo, se tu fosses uma realidade tangível, uma realidade que sentisse, uma realidade real, quisera ver-te jazer ante mim, para te pôr pé sobre os peitos e calcar-te e cuspir-te nas faces! Só isto me consolava das saudades dos dias santos infantis e deste viver miseravelmente desbotado.

Leitor, que tens tu com isso, comigo, com o meu *spleen*? Prometi contar-te uma velha história. Boa ou má, queres ouvi-la, e não uma autobiografia íntima. Vou obedecer-te. Escusas de gritar mais: «Avante, narrador!»

Era, pois, o dia da procissão de *Corpus*.

As ruas por onde esta havia de passar estavam desde a véspera varridas e cobertas de junco e espadanas. Saindo da catedral e transpondo a Porta de Ferro, aberta no muro antigo, do tempo de Afonso III, descia-se ao longo desse muro para o lado da praia pelas Fangas e, dobrando à direita, entrava-se na magnífica Rua Nova, tão célebre pelo

seu comércio e pelo grandioso dos seus edifícios. Na extremidade dela, voltando em ângulo recto à direita, prolongava-se outra rua, que, costeando o Monte de S. Francisco, vinha desembocar noutras que se prolongavam com ela até um terreiro donde rompiam para o noroeste e norte os dois vales de Valverde e da Mouraria, cortados quase de nascente a poente pela nova muralha d'el-rei D. Fernando. O terreiro, que se poderia comparar ao eixo de um compasso aberto cujas pernas fossem os dois vales, chamava-se ainda Valverde, abrangendo o terreno da praça que depois se denominou o *Rossio*, quando esta palavra deixou de ser em Lisboa a designação absolutamente genérica de quaisquer terrenos comuns ou logradouros dos concelhos. As ruas que ligavam este recinto com a extremidade ocidental da Rua Nova, costeando as alturas do Carmo e de S. Francisco, vieram a ser origem da célebre Rua do Ouro. Na imediata à Rua Nova, dois anos depois da conjuntura em que sobrevieram os sucessos contidos nesta narrativa, começaram a ajuntar-se os artífices de metais preciosos; porque foi então que o concelho ordenou o arruamento dos *mesteirais*, cujos grémios constituíam os *mesteres*. Para o nascente da Rua Nova d'El-Rei, nome com que esta parece foi designada, ao menos no século seguinte, e das outras que seguiam na mesma linha até Valverde, ficava uma inextricável meada de ruas, travessas, vielas e becos, semelhantes às que ainda hoje constituem o Bairro da Alfama, e cuja planta fora difícil traçar depois que por cima desse labirinto passou o suão mirrador do terremoto e o espírito perpendicular, amplo e rectangular do marquês de Pombal. Ao oriente deste maciço, que ocupava o fundo do vale estendido entre a primitiva cidade mourisca e o Monte dos Mártires, dilatava-se das raízes da Alcáçova até a Madalena a Rua de Santa Justa, encostada mais ou menos ao exterior do lanço da muralha de Afonso III que corria da Porta do Ferro para o norte. Era ao redor desse maciço que a procissão de *Corpus*, a grande solenidade popular de Lisboa e de todas as cidades e vilas notáveis do reino, se movia lentamente, coleando semelhante a desconforme serpente que tentasse esmagar o arrabalde; porque, no desenvolvimento da sua complicada estrutura, ainda tinha a cauda embebida na Rua Nova, quando já as formas singulares da frente se adiantavam, como um sonho de pesadelo ou uma cena de fantasmagoria, ao redor de Valverde, caminho da cathedral.

Para assistir a este maravilhoso espectáculo, a este drama litúrgico, amontoavam-se desde o romper de alva, não só os moradores de todos os bairros da cidade, mas também os das aldeias e vilas que demoravam por algumas léguas em volta. Excepção da regra geral eram unicamente os judeus e mouros, cujos trajos especiais os faziam distinguir da outra gente e lhes poderiam acarretar neste dia insultos, violências e, até, risco de vida no meio da gentilha feroz, se ousassem aproximar-se daquele extenso teatro, na conjuntura em que a devoção do povo subia naturalmente até o grau de fanatismo pela ebriedade do entusiasmo.

Nenhum sítio em todo o trânsito da procissão era tão adaptado para conter avultado concurso de espectadores como Valverde e a Rua Nova. O primeiro, muito mais vasto que o actual *Rossio*, posto que irregular, só era limitado do sueste para freguesia de Santa Justa, da banda do norte pelo Convento dos Dominicanos, edificado no ângulo do delta que resultava da junção da Mouraria e Valverde, e da banda do ocidente pelo Bairro da Pedreira. No cimo do cerro que campeava sobre o vale via-se, já meio demolido, para se edificar o Convento do Carmo, o palácio da nobre família dos almirantes Pessanhas, cujo último representante fora vítima da cólera popular na Revolução de 1384. O Bairro da Pedreira ou do Almirante, coutado por pertencer aos chefes daquela célebre linhagem, era um objecto de terror e de ódio para o concelho de Lisboa, por ser um covil de malfeitores, onde as justiças municipais não podiam penetrar. Na verdade, D. Fernando descoutara esse bairro; mas D. João I, indulgente sempre com os crimes políticos, ainda daquelas famílias que menos afeiçoadas lhe

ficaram sendo, restituíra à dos Pessanhas os antigos privilégios. Além da vastidão da Praça de Valverde, patente a todos, a encosta íngreme da Pedreira oferecia aos seus moradores uma espécie de anfiteatro para gozarem mais ou menos distintamente as cenas transitórias da procissão sem saírem de casa

Se as dimensões da Rua Nova não eram, absolutamente falando, tão amplas como as da praça, podia-se dizer que essa rua era um teatro mais apropriado à mobilidade do espectáculo. Com outra nenhuma sofria comparação na largura, porque tinha mais de trinta palmos, largura fabulosa numa cidade onde se diriam nobres e anchas as que tivessem mais de oito ou dez. Assim, a multidão podia dilatar-se ali em duas alas singelas, mas sempre vizinhas das variadas representações, que não tardariam a passar enfileiradas umas após outras. Àquele arrazoado espaço se ajuntava a série de soportais ou átrios, onde o povo, trepando às bases dos pilares que formavam as arcarias laterais, abraçando-se com eles, descendo e tornando a subir, se assemelhava a uma nuvem de formigas, ora acima, ora abaixo, nos troncos de um pessegueiro, e fervendo nos seus renovos. Por estas vantagens que a Rua Nova oferecia, era nela que se apinhava a força do concurso da procissão.

Em todos os gnómones de Lisboa a sombra angular da agulha de ferro passava já o ponto do meio-dia, e ainda o móvel drama não rompia da profunda portada da catedral. Alguns vereadores e os mestres e oficiais da Câmara a quem não tocara acompanhar o préstito, encostados aos balcões do paço municipal, situado à direita do terreiro da Sé, *no ar* ou, como hoje diríamos, no andar superior da Igreja de Santo António, santo famoso, que, segundo a tradição, nascera no pavimento térreo da casa do concelho, pareciam disputar vivamente com dois personagens, cidadãos pelo trajo, um roliço, baixo, rosado, jovial, outro alto, cadavérico, raquítico, grave e melancólico. Eram os procuradores de Lisboa nas últimas Cortes, onde os tempestuosos debates entre a nobreza e os populares tinham cessado, havia apenas três ou quatro dias, com as respostas definitivas d'el-rei aos capítulos gerais e especiais dos conceitos e aos que por sua parte a fidalguia apresentara.

Se os magistrados, mestres e oficiais do concelho disputavam com os seus procuradores, não era por quaisquer bagatelas, mas por causa de matérias sólidas e maciças como o figurão baixo e roliço, graves e melancólicas como o esguio e cadavérico, os quais, um ao pé do outro, podiam ter inspirado a invenção do ponto e vírgula. Tratava-se do resultado das últimas Cortes.

– Mestre Antão – dizia colérico o ponto a um esparteiro, rolho e pequeno como ele, deito almotacé nesse ano –, falais doutiva. Isso é falar do povo. Peitas de fidalgos! Pois não se descoutaram os termos de todos os concelhos? Não ficam os alcaides obrigados às guardas, roldas e sobrerroldas dos castelos, e...

– E quem o nega, Perafonso Sardinha? – interrompeu mestre Antão. – Os capítulos gerais provaram-se bem contra os fidalgos, e bem os despachou el-rei; mas os que deviam apresentar-se? E os especiais? Os de Lisboa, por exemplo? Nem palavra sobre estas compras e vendas miúdas dos mercantes forasteiros, sobre que se havia requerido já a sua mercê.

– Então – acudiu a vírgula com voz cavernosa e cansada – acusais-nos a nós próprios de...

– De nada, Lourenço Martins, de nada. O povo é que fala e se queixa...

– Deixá-lo falar e queixar – prosseguiu Lourenço Martins. – Tinham-nos prometido fazer arruído e assuada em S. Domingos, e quando viram alevantarem-se os cavaleiros e injuriarem e ameaçarem os procuradores dos concelhos de Portugal, não houve uma voz popular que bradasse lá do corpo da igreja e cobrisse o vozeirão do prior do hospital ou que nos animasse contra a sanha bruta do das Galés, que escumava e

parecia um diabo encarnado, e o povo, moita! Estavam lá enfiados de medo, e agora alevantam-se contra nós, porque deixamos algumas cousas para mais tarde, conforme o conselho do chanceler...

–Aí é que me aperta o sapato–disse do lado, em tom de oráculo, mestre Esteveanes, sapateiro o mais rico de Lisboa, e portanto membro da aristocracia burguesa, homem de ordem, circunspecto e que não se deixava arrastar pelas paixões populares. – Para que havemos de andar daqui para acolá? Quem governa, governa. Deixai vós lá o chanceler, que ele bem sabe o que faz e é um grande homem e amigo do povo e há-de dar cabo destas tiranias e opressões dos fidalgos. Tendes razão, senhor Lourenço Martins: tendes razão! Deixem gritar a arraia-miúda. Quem lhe deu direito de andar a grunhir por essas praças e bodegas que as cousas vão mal; que se não fez isto, que se não resolveu aquilo? Se nós os cidadãos estamos contentes, que têm com a governança e regimento da república esses ganha-pães que mantemos em nossas oficinas e que só devem cuidar em merecer o salário que lhes damos? Não fazem favor de me explicar aí aos regatões do Pelourinho, aos atafoneiros das Fangas ou aos carneiros do Matadouro, por que se tiram ou põem os regimentos, as leis e as posturas? Não sei o que diga, mestre Antão, quando vos ouço falar como a ralé mais pífia. Não sei o que diga, nem o que pense de vos.

O autorizado voto do sapateiro ricaço terminou a questão. Mestre Esteveanes era uma parcela rudimental dessa classe média que se ia organizando no meio das transformações sociais da Idade Média, classe cujos caracteres apareciam já no modo de pensar do honrado mester – a ma vontade para tudo quanto o berço ou a fortuna pôs acima dela e um orgulho tirânico para com as camadas inferiores do povo, dentre as quais foi surgindo; classe egoísta e opressora como a que substituiu em influência e riqueza, e pior do que ela na hipocrisia, tendo na boca a liberdade, a moral, a justiça, e no coração o desprezo do pobre e humilde, a cobiça insaciável, a vaidade e a corrupção; classe, enfim, acerca da qual a história terá no porvir de lavrar uma sentença ainda mais severa do que essoutra que já pesa sobre a memória dos ferozes e dissolutos barões e cavaleiros dos séculos de barbaria.

Se, porém, quanto às doutrinas, a linguagem do mester não era excessivamente ortodoxa, era, quanto aos (actos, de extrema exacção.

No meio das paixões que agitavam os espíritos nos meados de 1380 estava, como a aranha no centro da sua teia, o santo homem de João das Regras, que empregava a luta de interesses opostos em realizar os seus planos. Para converter em proveito da Coroa aquela espécie de febre excitada pelas assembleias políticas da nação, era preciso que os conceitos nunca obtivessem uma vitória absoluta e que do complexo dos actos que iam ferir as classes privilegiadas resultasse o conservar-se viva e ardente a mútua malevolência de burgueses e nobres, mas aparecendo sempre como árbitro e moderador entre uns e outros o poder do ceptro. Durante os dias que medearam desde as cenas descritas tio capítulo antecedente até a reunião solene do parlamento em S. Domingos, o velho doutor de Pisa desenvolvera todos os recursos da sua destreza e actividade. Conhecedor das mais secretas intrigas dos fidalgos pela delação do abade de Alcobaça, João das Regras semeara habilmente rivalidades entre uns, suspeitas entre outros, lisonjeara o orgulho dos audazes, aterrara os tímidos, não poupou mercês para os mais ambiciosos, e ao mesmo tempo aproveitara o menor dito, o menor gesto, que podia ter uma interpretação odiosa para irritar o ânimo d'el-rei, que repugnava a ceder às violentas pretensões do povo contra a nobreza, pretensões que iam ferir muitos dos seus antigos companheiros de glória. Por outra parte, refreando as ideias imoderadas dos procuradores, persuadia-lhes que só avançando lentamente os conceitos alcançariam, enfim, libertar-se das opressões dos poderosos. O Condestável, que era o adversário

mais de reçar, e alguns barões demasiado turbulentos foram retidos nas províncias com diversos pretextos, que a próxima renovação da guerra proporcionava. Finalmente, as duzentas mil libras de misser Percival, applicadas ao pagamento de soldos e quantias, acalmaram até certo ponto a indignação do comum dos cavaleiros. Os esforços do velho ministro foram coroados de feliz resultado, e a tempestade que se preparava limitou-se a um vão ruído na assembleia de S. Domingos, às inúteis declamações e invectivas do prior do Hospital, de João Rodrigues de Sá, do conde de Seia e de alguns outros, cuja violência de carácter não fora possível dobrar ou cuja previsão do futuro não era fácil iludir, e que ainda tentavam salvar, posto que sem muita esperança, o edifício já vacilante da aristocracia.

A linguagem de João das Regras para com o seu illustre amigo o prelado de Alcobaca não fora sincera quanto a Fernando Afonso. Posto que cordialmente detestasse este por se haver unido ao bando dos fidalgos, e ainda mais pelo ciúme vidrento de valido, ciúme inexorável ou antes, malevolência corrosiva e imorredoura, o parentesco de um dos mais importantes conselheiros da Coroa e a protecção do arcebispo de Braga eram considerações que militavam a favor do moço escudeiro. Via, por outra parte, o perigo de faltar às promessas feitas, talvez imprudentemente, ao chefe dos monges brancos. Actuado por sentimentos opostos, reflectira que, ganhando tempo, poderia aproveitar quaisquer ocorrências para facilitar a vingança de D. João de Canelas sem comprometimento próprio, e evitara a dificuldade inculcando a sua hesitação como um cálculo de prudência. Mas, se nisto o chanceler fizera uma reserva mental, não dissimulara a verdade na importante nova que por intervenção do abade enviara aos impacientes procuradores. De feito, a final anuência d'el-rei a que ele redigisse as respostas aos capítulos e removesse as resistências da nobreza como lhe aprouvesse era uma verdadeira vitória.

O triunfo, todavia, do omnipotente valido não fora só resultado da sua astúcia. A luta da nobreza para defender a própria existência como corpo político, luta de que tivemos de apresentar algumas cenas aos olhos do leitor, para lhe pintar a vida íntima de uma época só geralmente conhecida no seu aspecto guerreiro e na sua vida exterior, oferece, durante um longo decurso de atas, o espectáculo de contínuos desbaratos dessa casta, que, pelas riquezas, pelo número, pelo valor e pelas memórias do passado, parecia dever assombrar perpetuamente o trono e conservar as classes inferiores na servidão. Este fenómeno, que terminou pela ruína completa da fidalguia no reinado de D. João II, singular ao primeiro aspecto, tem explicação fácil. Era uma necessidade para o progresso da civilização; resultava do modo de ser da sociedade. João das Regras não fazia mais do que ordenar melhor o combate, defini-lo mais daramente e apressar o seu desfecho. Noutra qualquer época, o discípulo de Bártolo não se distinguiria, talvez, na série dos ministros e privados que, pelo menos desde o reinado de D. Dinis, combateram a quase independência dos orgulhosos barões do reino e que por isso favoreceram a emancipação do povo. Eram, em grande parte, as circunstâncias que punham agora em relevo o génio indubitavelmente superior do chanceler e que lhe deram na história um alto lugar entre os estadistas eminentes. Bem que pareça escusado dilatarmos sobre tal assunto, não cremos que o leitor desaprove o darmos-lhe em breves palavras uma ideia dessas circunstâncias, que, aliás, têm relação com o remate e, ainda mais estreitamente, com o título deste livro.

Posto que aos nobres não faltassem chefes hábeis, nem ousadia para sustentar os seus privilégios, nem, finalmente, esse instinto de vida que se dá nos corpos colectivos do mesmo modo que nos indivíduos, existiam dois factos que lhes invalidavam os meios de resistência contra os seus terríveis adversários, os concelhos e os juristas. Esses dois factos eram, por um lado, a falta de uma opinião precisa e uniforme entre

eles acerca da questão de dinastia e de independência nacional e, por outro, a persuasão comum, estribada em mil exemplos, de que a paz, a justiça e a liberdade só poderiam preponderar pelo triunfo completo do poder do rei contra as classes privilegiadas. Esta persuasão geral dera, digamos assim, uma força irresistível à monarquia, que era, enfim, chamada a exercer uma influência quase exclusiva no desenvolvimento da civilização do país. O papel de uma grande parte das mais nobres famílias na grave questão de independência que a morte de D. Fernando suscitara não fora por certo, como o leitor sabe, nem o do patriotismo, nem o da lealdade; e os cálculos interesseiros, as ligações de linhagem tinham tomado o passo, entre essas famílias, a todas as outras considerações. Muitos fidalgos seguiram a parcialidade de Castela, porque a fortuna parecia dever-se inclinar para aquele lado; muitos esperaram o desfecho da contenda, conservando-se numa situação dúbia; muitos, enfim, ainda depois das vitórias do Mestre de Avis, ao primeiro capricho não satisfeito, à primeira pretensão desprezada, não hesitavam em desertar dos estandartes sacrossantos da pátria para virem combater contra ela à sombra dos pendões estrangeiros, e em voltarem depois, por desgostos com o príncipe castelhano, ao serviço do rei natural, que haviam abandonado. Ao lado destes homens sem pudor e sem fé aparecem na história os ânimos nobres e grandiosos, que, pela devoção e lealdade ao chefe da nova dinastia e à liberdade nacional, contrastam profundamente com essoutros caracteres repugnantes e torpes. A consequência deste proceder contraditório, desta flutuação de opiniões era o enfraquecimento da força moral e, ainda, material da casta privilegiada. Por outra parte, a revolução que colocara no trono o filho bastardo de Pedro I fora essencialmente popular, e os homens dos concelhos, que, sitiando os orgulhosos alcaldes dos castelos, acometendo os solares senhoriais, opondo a partazana e o machado peão à lança e à espada do cavaleiro, tinham reduzido castelos, enlameado com os pés ludrosos aposentos de paços, varrido as lanças e montantes com as chuças e almarcovas, haviam ganhado a força que resulta sempre da unidade de pensamento, do entusiasmo ardente e da confiança gerada pelo hábito do triunfo. A aliança do rei com os conceitos era antiga: começara no berço da monarquia. O povo interessava em que o poder desta vigorasse dilatando-se, porque era esse o meio de se libertar das tiranias locais: o rei interessava em que os conceitos fossem poderosos e livres, porque eram a alavanca mais bem temperada para aluir a independência da aristocracia e fazê-la cair despedaçada em volta do seu trono. A revolução de 1384 tornava mais íntima esta aliança, ao passo que dividia os adversários e, além disso, os enfraquecia escrevendo na frente de muitos o ferrete de desleais.

Para acabar de destruir a preponderância e até o equilíbrio dos elementos políticos, a pena do jurista, mais pesada que o montante do soldado, porque representava a inteligência, achava-se na balança do lado do ceptro. Educados na admiração da sociedade romana na época do Império, deslumbrados pela indubitável superioridade das suas instituições civis sobre as rudes e incompletas usanças tradicionais da Idade Média, os *letrados* acolhiam com o mesmo culto supersticioso as máximas da política despótica dos céсарes. A ciência do Direito Romano à qual a sociedade civil moderna deve muito, deve talvez tudo, foi quem, para descontento, trouxe o absolutismo às nações cuja índole política era de origem germânica e liberal. No regaço da ordem, da equidade, da harmonia nas relações da vida comum passou aninhada a tirania simples e culta, a tirania de um só substituta da de muitos, a tirania respeitadora do *meu e do teu*, vingadora dos crimes, grandiosa, ilustrada, mas implacável contra aquele que dissesse *o pensamento e a língua do homem são livres*, e que se atrevesse a suspeitar que a realeza fosse uma delegação humana e não um símbolo da onipotência de Deus.

Deste modo, a aliança tríplice da unidade monárquica, da ciência e do princípio de

associação, cuja forma mais bela, mais enérgica, mais vivaz tem sido e será sempre o município, era uma coalisão que se tornava em toda a Europa cada vez mais ameaçadora para a casta privilegiada, mas que em Portugal actuava com dobrada violência na época de D. João I pelas circunstâncias a que já aludimos. É por isso que, apesar de tantos caracteres e de tantos homens valentes e cheios de amor de pátria que então surgiram das fileiras aristocráticas; apesar da índole cavaleirosa do príncipe, das riquezas da fidalguia e das instituições e costumes, que, recordando a todo o momento o poder dos antigos ricos-homens e infanções, deviam dar imensa força moral e material aos seus descendentes, a decadência da nobreza como elemento político era rápida e decisiva, e será perceptível para qualquer que leia a história dos fins da Idade Média. A ideia contrária a ela era a ideia progressiva. O ciclo da monarquia absoluta mandava lá do Oriente os seus primeiros clarões. A Providência assim o ordenara, e o combater e o estrebuchar do privilégio, que queria viver de vida própria, eram vãos, porque não podiam chegar a uma causa final e faltava-lhes apenas um século para se tornarem impossíveis.

João das Regras era o nó da tríplice aliança; era o homem da ideia juvenil. Nun'Álvares, chefe da nobreza, o homem da ideia gasta e decadente. O legista, alma rasteira, prosaica, astuta, positiva e talvez negra, levava de vencida o mais ilustre homem de armas de Portugal, alma grande, generosa, leal e poética. Transportada a questão do complexo social para o indivíduo, a verdade é que o mau triunfava do bom, a velhacaria da franqueza – Quantos tolos contemporâneos perguntariam na sinceridade da sua parvoíce:

«Onde está •a justiça e a providência de Deus?»

Deixava brigar dois animáculos, o Condestável e o chanceler de Portugal, e dirigia o desenvolvimento da civilização humana por leis eternas e não pelas reflexões sensaboronas de meia dúzia de mentecaptos, a que tomo a liberdade de dar este nome, porque já morreram há quatrocentos anos.

Hoje creio que se chamam filósofos os que se metem a perscrutar os segredos de cima no governo do mundo e têm lástima de Deus, porque não os consulta sobre os desígnios da sua eterna sabedoria, ou riem-se do povo, que espera e confia... Pois sejam filósofos!

Nunca na minha vida disputei sobre sinónimos.

Mas a procissão começa, enfim, a transpor o escuro portal da Sé; os mestres e magistrados municipais calaram-se repotreando-se nos balcões dos Paços do Conceito forrados de excelentes tecidos de Arrás. O povo, apinhado desde a catedral, pelas Fangas da Padaria abaixo e ao longo da Rua Nova, agita-se, remoinha e vai-se enfileirando aos lados entre as paredes e as duas linhas de postes de madeira precursores dos frades de pedra que ainda em nosso tempo bordavam os passeios dos arruamentos. É que os trezentos besteiros de conto da cidade romperam em batedores para franquearem o passo às pompas variadas, ao mesmo tempo religiosas e lúdicas, que constituem a festividade, nacional por excelência, do Corpo de Deus.

A primeira cena do espectáculo que enlevava as atenções de tantos milhares de olhos representavam-na os almuinheiros ou hortelões de Valverde, de Alvalade (hoje Campo Grande), e de outros sítios ao redor de Lisboa. Doze deles conduziam sobre os ombros uma arrazoadada máquina de paus e bragais pintados, que representava uma almuinha com os seus alfobres, canteiros, nora, canaviais e hortaliça. Após eles, com insígnias figurativas dos diversos mestres que exercitavam, os vendilhões de pregão, os ganha-pães e albardeiros e depois os almocreves e atafoneiros ocupavam um comprido tracto da procissão. Seguiam-se os carneiros, em número de vinte e dois, rodeando dois graves máscaras, que representavam um imperador e um rei, cujos ademanes de

gravidade e altiveza ridícula e acanhada revelavam bem que eram rei e imperador de um dia. Igual número de tecelões se metiam de permeio entre aqueles simulacros de realeza e os peliteiros, cuja insígnia era um gato montês, chamado o *gato paul*. Em seguida dois diabos faziam momices e trejeitos no meio de vinte oleiros, fabricantes de telha e vidreiros, cujo lugar no préstito aquele era. Os merceeiros, vendedores de especiarias e boticários conduziam, logo atrás dos vidreiros, um descomunal gigante, que contrastava com um pequeno anjo, que parecia dirigi-lo. Aquela espécie de Goliath excedia em altura quatro torres de madeira, duas das quais pertenciam aos correeiros, e duas aos cortadores. A imediata representação, ordenada pelos sapateiros, mostrava mais arte e despertava, talvez mais que todas as outras, a atenção dos espectadores. Vinha a ser o dragão infernal, sarapintado de vivas cores, que vigiava dois diabos, os quais procuravam induzir dois frades noviços a voltarem aos deleites do mundo, ao que eles mostravam resistir heroicamente, posto que, como de reserva aos dois infernais pregadores, os tosadores acompanhassem dois diabretes espertos, prontos a socorrer os seus discretos colegas. Se, porém, como autores dramáticos os sapateiros levavam imensa vantagem aos mesterais dos ofícios imediatos no préstito, nem por isso vinte e quatro alfaiates deixavam de pavonear-se após eles ao redor da serpe tentadora da nossa mãe Eva, a que fazia sombra uma torre, solidíssima na aparência. Mas se, pela excelente pintura da sua charola, os alfaiates tinham justos motivos de orgulho, mais justa era a vaidade com que os carpinteiros da Ribeira e os calafates, em número de trinta e oito, arrastavam uma nau e uma galé, armadas e empavesadas de muitas cores, cujos mastros quase que se elevavam à altura dos edifícios, e cujas vergas quase topavam com os balcões e frestas da Padaria e passavam a custo pela Porta do Ferro. Os pulverulentos pergaminhos conservaram-nos a memória da *representação da dama* em que figuravam também dois diabos, e que estava a cargo dos esparteiros. Em que consistia esta *representação* ignoramo-lo hoje; mas, se a avaliarmos pelo que sabemos da antiga procissão de *Corpus* em diversas partes do reino, podemos conjecturar que não seria demasiado edificativa. De todos os outros mesteres, cujos membros, em maior ou menor número, ajudavam a tecer aquela enfiada de cenas ridículas ou brutescas, distinguíam-se, pela singularidade das invenções que ostentavam, primeiramente os pedreiros e carpinteiros pelo seu *engenho* ou máquina de guerra, servida por dois feios demónios, e os armeiros pelo seu *sagitário*, símbolo do soldado peão, e no meio destas duas corporações os taneiros por uma torre grandemente historiada e semelhante à dos correeiros e cortadores. Os moedeiros, corretores, tabeliães e mercadores, como mesteres mais nobres, fechavam aquele extenso séquito. Danças de espadas, danças mouriscas, danças de pelias ou mulheres sustentadas sobre os ombros de outras, bailando e volteando conjuntamente; tudo, enfim, quanto se possa imaginar de caricatura, de burlesco, de doudejante servia de moldura a este quadro singular, em cujo topo figuravam alguns magistrados municipais, e sobre o qual flutuavam dezenas de pendões, bandeiras e guiões variegados. Como contraste a estas visualidades heteróclitas, a esta espécie de sonho de pesadelo, seguiam-se as comunidades monásticas, mancha escura no dorso daquela imensa cobra que se estirava pelas ruas de Lisboa: frades negros, frades brancos e pretos, frades crises, frades pardos, frades de todas as cores tristes; agostinhos, bentos, bernardos, domínicos, franciscanos, beguinos. Depois, um sem-número de cavaleiros de Cristo, do Hospital, de Avis, de Sant'Iago, precedidos dos respectivos mestres e comendadores e seguidos dos freires leigos e serventes de armas. Depois, os magistrados da Corte, os oficiais da Coroa e o próprio monarca rodeavam a hóstia triunfante nas mãos do bispo de Lisboa e sustentavam as varas de riquíssimo pálio. O esplêndido dos trajos cortesãos, as telas custosas das vestes sacerdotais, as renques de tochas acesas que faziam cintilar as lhamas e brocados, os

arrazes, que, forrando as paredes das ruas, serviam de decoração à cena, os tengeres e folias, que se entressachavam com os diversos grupos, o sussurro do povo, semelhante ao rugido longínquo do mar, o perfume do incenso, que se espalhava em rolos de fumo transparente, a fragrância das murtas e rosmaninhos, de que o chão estava juncado, produziam um composto de sensações capazes ainda hoje de excitar o entusiasmo frenético das multidões, quanto mais numa época em que as crenças, tão ardentes como grosseiras e sinceras, santificavam as cenas mais burlescas e, até, mais indecentes, associando-as ao culto e fazendo delas, como diria Sterne, parte instrumental da religião.

No momento em que os quinze ou vinte aprendizes de sovela e tira-pé, encapelados até os quadris dentro do bojo do drago, espécie classificável entre os sonhos zoológicos de Aldrovando e cujas trinta ou quarenta pernas eram as da rapaziada embebida naquele cavalo de Tróia dos sapateiros; no momento, dizemos, em que esses comparsas imberbes forcejavam por fazer dobrar a desconforme aventesma da Padaria para a Rua Nova, uma grande falada, que soava da banda do terreiro da Sé, começou a distrair a atenção dos espectadores mais próximos daquele sítio. Era contenda ou arruído popular que se travara? Que o leitor cortês nos acompanhe, e averiguaremos a causa e substância desse tumulto no seguinte capítulo.

XVIII

A TABULETA DO SAPO AMARELO

.....bevem ante hora e depois hora, em tal maneyra que lhes faz mal ás almas e aos corpos.

FR. BERN. DE ALCOBAÇA, *Explicações.*

- Olé Rui!
- Ouves! Olé!
- Psio! Rui Casco, diabo!
- Estás mouco, maldito?
- Fuso!
- Oh excomungado!

Eram os dois armeiros d'el-rei, João Pires e o flamengo mestre Alberte, que, encarrapitados no alpendre do soportal de uma nobre casa no topo da Rua Nova e fazendo com as pernas uma espécie de pêndulas, cantavam este dueto, acenando para o grupo dos almuinheiros, que ali acabavam de chegar e que haviam parado com a sua viçosa almuinha de pasta, porque detrás lhes bradavam: «Alto! alto!» Um mastro da galé simbólica dos calafates tinha estalado e pendido logo ao sair da Sé, e a procissão não podia prosseguir sem se remediar aquele fracasso. Fora isto que produzira a matinada e revolta que soava do lado da cathedral.

Rui Casco, o nosso antigo conhecido, ia casmurro e triste no meio da festa. Perdera Zila, a qual havia desaparecido de Restelo, porque a bolsa de Rui entisicara, e a festa da Maia e as dez abas de ipre tinham sido para ela o romper dos abcessos, o golpe mortal. Rui andava impando, e por isso fizera ore!has de mercador; mas a palavra *excomungado*, proferida, aliás, com a maior inocência do mundo, fê-lo espirrar. Sabia bem que lho chamavam pelas costas, segundo o que se rugira acerca dele e da moura Zila, e não tinha graça nenhuma afrontarem-no com balda certa em auto de tanta devoção. Alevantou a cabeça, volveu para os dois joviais companheiros um olhar zangado, e por única resposta voltou-lhes as costas, curvando-se, como quem queria consertar algum desarranjo na almuinha.

Mestre Alberte e João Pires não eram homens que arreassem.

– Anda cá, bruto. A cortesia é de quem a dá e não de quem a recebe. Escondes o focinho? Olha o salvage!

– Fora, bêbados! – gritou Rui Casco, sem olhar para eles.

– Uh, uh, uh! – uivaram os dois e soltaram uma grande risada.

O hortelão revirou meio corpo, lançou-lhes um olhar de revés e estendeu para eles a mão em sinal de ameaça.

– Ai, que o sandeu desconfia! – disse mestre Alberte, fincando as mãos na beira do alpendre, alçando o corpo com um solavanco sobre os braços hirtos, largando-se a prumo e fazendo no chão, pan. – Vem daí, João.

João Pires imitou a evolução do seu camarada. Num relance achou-se ao pé dele, e ambos juntos aproximaram-se do hortelão.

– Para os sótãos da Alcáçova! Há-de ir à picota, posto na gaiola à vergonha, como

carniceiro que furta no peso – disseram os dois armeiros, rindo e agarrando Rui cada qual por seu braço.

O almuinheiro deu um empuxão e soltou-se das mãos dos agarrantes.

– Querem vocês ir para o meio do inferno? Raios me partam, se não quebro a cara a um!

Esta pergunta e esta jura eram feitas já num tom duvidoso entre a cólera e o receio de que palavras tirassem palavras. A estrutura atlética dos dois armeiros não tornava muito provável a realização da ameaça de Rui Casco.

– Fazes-te parvo, homem? – disse João Pires.

– Brinquem lá com um diabo destes...

– Pois ele! – retrucou o almuinheiro. – Muito riso pouco siso. Vejam que graça! Vai um homem num auto sério, e, guar-te debaixo, entram a descompô-lo disto e daquilo, e há-de...

– Ai, o manjerição! – interrompeu mestre Alberte. – Forte pateta! Chamávamos-te, porque vimos que a procissão parava, e ouvimos bradar, lá da banda dos Açougues Velhos, que a nau ou galé se desmastreou.

– E que tenho eu com isso? Consertem-na, se podem.

– Forte novidade! Mas o caso é que nem numa hora estará a cousa a caminho. Vimos-te um ar tão devoto, que nos tentou o demo a convidar-te para fazermos neste entrementes certas rezas a S. Martinho na ermida de Natanael Sapo...

– Eu sei lá! – atalhou o hortelão com a cara meio riso, meio cólera. – Podem temperar-se mais depressa as gaitas, e eu não quero que me achem menos. A multa é pesada, e a minha algibeira anda fria, que a tronchuda não deu nada este ano. Depois, vinho judengo em dia de *S. Corpus* não será pecado?

– Qual multa, nem qual carapuça – exclamou mestre Alberte, agarrando de novo o braço de Rui Casco e arrastando-o após si com doce violência. – Anda daí. Olha que é daquele tinto que tu sabes.

Rui Casco sentiu a estas palavras abandoná-lo toda a força de resistência. Era um entorpecimento delicioso, que, relaxando-lhe os músculos, o punha à mercê dos dois joviais armeiros.

– Deixem-me, deixem-me! – murmurava o pudibundo hortelão, e era ele que, com o corpo molemente curvado, o braço estendido e o punho apertado entre as ossudas mãos de mestre Alberte, se deixava arrastar, enquanto João Pires o empurrava de outro lado, rindo com aquele rir da plebe, escancarado e alvar.

Assim, vacila aqui, corre acolá, empurra ali, os três devotos foram rompendo por entre o povo, enfiaram pela tenebrosa Rua de Gileanes e deram consigo na bodega de Natanael Sapo.

Era a bodega mais triste, mais escura, mais lodacenta de Lisboa; mas, em compensação, Natanael vendia o vinho que os frades de S. Vicente colhiam nas suas famosas vinhas do Lumiar, Carnide, Palma, Charneca e Leceia (aquele que não era destinado a amparar suas reverências na áspera estrada da mortificação); vinho espirituoso, intelectual, e cuja origem religiosa lhe dava um certo perfume de santidade. O judeu da Rua de Gileanes arrematava-o por junto, fazia monopólio da venda dele, e tinha assim obtido uma reputação colossal para a sua tabuleta, onde, apesar do gasto das cores, ainda se divisavam, desenhadas com tinta preta e amarela, as formas bojudas e repugnantes dum magnífico sapo.

– Mossém Natanael – gritou da porta João Pires –, três concas e um pincel de canada, bem sabeis de qual; do de três soldos. Num pulo, que trazemos sede e pouco vagar.

– Pronto! – respondeu o personagem a quem o armeiro se dirigia.

Era uma figura exótica. Cinco palmos de altura, grossura quase impalpável. O queixo inferior, ornado de uma barba pontiaguda, e o nariz adunco, vistos de perfil, assemelhavam-se a dois pontais de enseada, em cujo recôncavo a boca desdentada e reintrante mostrava apenas a beta vermelha, quase imperceptível, dos sumidos lábios. Dois olhos pretos encantoados debaixo das sobrancelhas espessas e cerdosas, um ombro mais derreado que outro e o dorso curvado pelo hábito da humilhação completavam aquele tipo da raça abastardada de Israel, tipo ao qual só por antífrase poderia caber a enchouraçada alcunha de Sapo. Não obstante, porém, essa aparência débil e ténue, Natanael, sozinho na sua bodega, como a aranha na sua teia, servia os numerosos fregueses do Sapo Amarelo com pasmosa actividade.

Apesar de ser o dia de *Corpus*, quando os três mesteirais entraram, a ermida da Rua de Gileanes estava longe de se achar erma. As tabernas de vinho judengo eram naquela época o que foi depois a Holanda e o que é hoje Roma, a pátria comum das diversas religiões. Ali não havia cristãos nem judeus; havia adoradores de Baco ou do seu sucessor S. Martinho. Não se disputavam matérias teológicas; viravam-se concas e malgas, esgotavam-se pichéis e canjirões, enxugavam-se pipas e tonéis: ali todos eram irmãos; porque, como os viandantes na tenda do árabe erradio, todos tinham bebido nas mesmas taças. Fora sobretudo na bodega de Natanael que a singeleza, a tolerância e a alegria, para desmentirem as bucólicas descrições dos poetas, haviam estabelecido o seu trono sobre aquelas renques de cubas, no meio daquele ambiente grosso e turvo, debaixo daquele tecto afumado. Enfim, uma sede de ganho verdadeiramente judaica, na falta de vocação espontânea, fizera de Natanael o mais fervente sacerdote das três divindades. Para ele o infiel nazareno era tão bem-vindo como o escolhido mais escolhido do sangue real de Judá. O beber bem e o pagar melhor eram as condições únicas para a admissão no santuário.

No dia, porém, de *Corpus* de 1389 sucedia o mesmo que sempre sucedera neste dia, desde que a reputação do Sapo Amarelo se difundira pelo orbe. A crença de Moisés fazia o principal papel na Rua de Gileanes, e os raros cristãos que abandonavam o espectáculo da procissão para virem sacrificar naquelas aras davam uma prova estrondosa da sua fé robusta na religião da cuba. Quando, portanto, mossém Natanael viu entrar os dois farsolas mesteirais e o almuinheiro, custou-lhe a suster uma lágrima de terna compunção, e num arrebatamento de entusiasmo espichou uma pipa ainda atestada, encheu um canjirão de canada e meia e pô-lo, rodeado de três malgas novas de barro vermelho, diante dos fregueses recém-vindos, assentados já a este tempo num poial de pedra que corria ao redor do aposento.

Era preciso um entusiasmo monstruoso para Natanael assim se enganar contra si em meia canada e na qualidade do vinho, que no tampo da pipa, espichada de novo, estava cotado a quatro soldos, com a legenda gloriosa: *Charneca – Tinto*.

– O perro do judeu – disse mestre Alberte, enchendo as malgas – parece que se confessou ao rabi. É uma restituição que nos quer fazer pela maldita zurrapa com que mais duma vez nos tem envenenado.

– Veremos depois as contas – interrompeu João Pires.

– Veremos.

E em respeitoso silêncio começaram a deglutir aos sorvos o balsâmico néctar das vinhas canónico-regulares da abençoada Charneca.

Passara um momento desde que os três se haviam assentado, quando, por cima do ruído das falas guturais e do estrupido que faziam os descendentes de Abraão, entrando e saindo da bodega do Sapo Amarelo, vibraram duas vozes que não pareceram estranhas a Rui Casco; uma trémula mas argentina, outra grossa mas baixa. A voz trémula dizia:

– Se eu não posso dar passo! Entra, entra, não sejas tolo. O caciz Zein-el-Din não

te vê agora...

– Vê-me o profeta – interrompeu a voz grossa.

– Bom proveito lhe faça: mas é muito ver! E que tem isso? Trata-se agora de comes e bebes? Não... Vinho é cousa que me não entra cá. O que quero é descansar um pouquinho e acabar de te dizer o meu caso. Vens ou não vens?

E a tia Domingas (porque os dois interlocutores eram a tia Domingas e o mouro Ale) entrou sem-cerimónia e foi assentar-se, debaixo de uma candeia que dava luz frouxa, no ângulo oposto àquele em que estavam os dois armeiros e Rui, o qual ela não podia reconhecer à duvidosa claridade da bodega. Depois de um instante de hesitação, Ale seguiu resolutamente a sua antiga conhecida, arrastado pelo desejo de saber o resto dos sucessos ocorridos desde que entregara Beatriz a melhor protector, sucessos que na maior parte a boa da velha lhe viera relatando desde a Corredoura, onde casualmente se haviam encontrado, até à Rua de Gileanes, onde a tia Domingas se não esquecera do Sapo Amarelo, nem de buscar um pretexto para respirar alguns instantes a fragrância das cubas, que tinham tornado célebre a quase apagada tabuleta.

– Vós por aqui, tia Domingas, e hoje! – exclamou o judeu admirado.

– Pfhhh! – assoprou a beata de Restelo, deitando pata trás o corómem e repetindo o assopro: – Pfhhh!

– Coitada Muita calma? Hem?

– É de frigir ovos! Tarrenego! Pfhhh!

Descanse, tia Domingas, descanse – acudiu o taberneiro –, enquanto eu lhe vou buscar...

– Buscar o quê? – interrompeu ela, volvendo de relance os olhos para Ale.

– Com que a desencalmar; um pouco do d'embarrado; do que se cria pelos castanheiros de Colares.

– Do verde? – acudiu a velha. – Mossém Natanael, tentais-me! Não; vinho, e vinho dos frades, que é uma porta, não bebia eu, nem que me matassem! Perdoai-me, meu rico S. Vicente e os vossos bentos corvos. Mas verde... vá. Só para mim; porque Ale... bem sabeis... –E, abaixando a cabeça até o ouvido do taberneiro, acrescentou: – Dos tais de Mafamede, que não o bebem pelo nariz...

– Sei, sei; que velhos conhecidos somos – atalhou o judeu, torcendo a língua e fazendo bochecha, gesto que não escapou ao bufão. – Todavia nunca se dirá que chegou ao Sapo Amarelo um honrado mouro cheio de sede e calor e que não achou aí com que refrescar-se. Temos remédio, e vou dar-lho.

Depois de encher uma conca de pau do escumante e delgado verde de que falara, o activo publicano abriu um armário, tirou de um púcaro uma avultada porção de pó avermelhado, do qual manava suave cheiro de rosas, sacudiu-o numa arrazoada malga, em que lançou água e o sumo de duas ou três laranjas azedas, e apresentou aquela beberagem ao jogral, ao mesmo tempo que punha a conca diante da tia Domingas. Tudo isto fora obra de um momento.

Ale pôs-se a examinar a malga escrupulosamente. Natanael parou a observá-lo.

– Que miras, homem? – disse por fim, algum tanto estimulado. – É um oximel como nunca provaste. Em vez de vinagre, laranja do pomar d'el-rei em Enxobregas; em vez de mel, açúcar rosado de Alexandxia. Sois pechoso, mano? Pois, olhai, que dera agora o miramolim de Marrocos um aduar de mouros para o beber tão aromático.

Ale virou lentamente a cabeça e respondeu com uma seriedade imperturbável, olhando de través para o bodeguelro:

– Como vos vi saracotear tanto, mossém Barrabás... quero dizer mossém Natanael, ando também a ver se dentro da escudela vos caíram alguns pêlos da cauda.

– Patife! – rosou o judeu, dando-lhe as costas apressado e gritando como quem

acudia a um freguês que entrara. – Pronto, rabi Neftali... Pensei que este diabo de bufão tinha morrido... Patife! Mas não tem dúvida: o oximel há-de pagá-lo.

Entretanto Ale e a tia Domingas atavam de novo o fio à conversação encetada na Corredoura. Não escapou à boa da beata a mínima circunstância da sua vida desde o dia em que, por inculca do jogral, obtivera tão excelente cómodo como o que Ik. Lourenço lhe proporcionara, lamentando-se, todavia, do fel e sangue de bugio que às vezes lhe metia no corpo aquela peste de Fr. Vasco. Veio, enfim, a terreiro a delicada missão de que este ultimamente a encarregara. Só o que lhe passou por alto foi a história da bolsinha com que o cisterciense lhe removera os escrúpulos de uma consciência demasiado timorata.

– Ora já vês – concluía a digna cuvilheira – que não havia resistir ao teimoso do frade. Prometi. A dificuldade está em cumprir. Tu podias ajudar-me.

– Eu? – acudiu o mouro admirado.

–Tu: sim!

E a velha começou a falar baixinho. Era que tinha havido uma interrupção na ruidosa azáfama em que até aí andara o judeu. O fluxo e refluxo dos fregueses do Sapo Amarelo parara um pouco, e apenas ao canto da bodega se viam imperfeitamente os vultos dos dois armeiros e de Rui, que bebiam e conversavam. Entre muitos dotes singulares que a tia Domingas possuía, e de que o leitor já tem sobejas provas para não atribuir os nossos gabos a cega parcialidade, tinha também um defeito. Crer-se-á, talvez, que era o de falar muito? Não: era o de falar alto.

No calor do discurso, brevemente se esqueceu de que não queria ser ouvida, e pintando ao vivo o que quer que era, em que o truão devia representar seu papel, foi alteando a voz ao ensinar-lhe o diálogo:

– Toma sentido. Há-de dizer-me: «Senhora Domingas do Sacratíssimo Lado, avise Zila de que seu pai a espera hoje em Restelo ao anoitecer.» Eu hei-de responder-te: «Vai descansado, que D. Alda já lhe deu licença e eu fico para a acompanhar.»

Preferidas estas palavras, um chitom! rápido soou do outro canto da taberna, e a conversação dos três vultos, que mal se divisavam, cessou. A tia Domingas caiu então em si e conheceu que cometera uma imprudência. Olhou para lá e distinguiu um dos vultos que se pusera em pé e ao mesmo tempo a voz chirriante e humilde do publicano que lhe perguntava:

– Quem paga?

– Eu. Pago eu tudo. Quanto? – acudiu ela entonada.

– Duas pojeias do verde e dez soldos do oximel – respondeu o neto de Abraão, curvando a cabeça e deitando os olhos de revés para o jogral.

– Dez soldos? Mossém Natanael, isso é esfolar!

– Alto lá! – acudiu Ale, fingindo querer tapar a boca à tia Domingas. – Pagai e não calunieis mossém Barrabás. Os que adoram o bezerro de ouro não esfolam; crucificam. É, pelo menos, o que ouvi dizer no Colégio de S. Paulo.

O bodegueiro deu de novo meia volta, correndo para um grupo de judeus africanos que entravam e gritando:

– Aí vou, Iussef Abentarik; aí vou num pulo!

– E estendia para trás a mão aberta em acto de receber o escote da sua digna freguesa, que, com a magnanimidade de quem ainda conservava assaz repleta a bolsa, pagou sem mais disputar.

No momento em que se ia erguer, Ale reteve-a como tomado por ideia súbita.

– E não me farão mal? Um mouro entre o povo... junto da procissão! Receio...

– Tonto? Receias o quê? Não trajas as cores d'el-rei? Não levas as suas armas cosidas na manga? Quem há-de atrever-se a maltratar-te?

Dizendo e fazendo, a boa da velha rodeou a banca, dirigindo-se à porta. O vulto, porém, que, ao soar o nome de Zila, se pusera em pé e se conservara silencioso e quedo, moveu-se rapidamente e num abrir e fechar de olhos achou-se ao lado da beata, que não o reconheceu e que, virando a cabeça, só pôde divisar mão negra e sapuda, a qual se lhe curvava sobre o ombro, ao mesmo tempo que uma voz grossa lhe fazia retumbar nos ouvidos estas formidáveis palavras:

– Com um milhão de diabos, tia Domingas! Que é feito da sua pessoa? Ouvi-lhe aí o nome de Zila. Diga-me onde posso encontrá-la.

Era Rui Casco. Embebido em graves questões acerca da procissão com os dois armeiros, de cujos brutais gracejos o pichel, primeira e segunda vez cheio, o fizera esquecer, não reparara na chegada de Ale e da sua colega, o que aliás era fácil acontecer no meio da duvidosa claridade da bodega e da confusão que a entrada e saída de mais de duas dúzias de judeus ocasionava. Aquela voz, porém, e o nome de Zila foram ferir-lhe os ouvidos, e o coração dera-lhe um pulo. Olhara, e o rosto vermelho da beata, banhado na luz da candeia, tinha-lhe avivado dolorosamente passadas recordações. A tentação era irresistível. Impôs silêncio a mestre Alberte, deixando-o engasgado com uma jura que o calor da conversação lhe trouxera à garganta, pôs-se à escuta e, quando viu a tia Domingas em acto de partir, precipitou-se como um raio para o ângulo da taberna donde ela lhe surgia como visão esperançosa e inesperada.

Por um impulso de terror, a cuvilheira de Beatriz agachara a cabeça entre os ombros, estendendo os braços e exclamando, sem saber o que dizia:

– E eu fiz-lhe a você algum mal?

Lembrava-se dos puxões de orelhas no dia da festa da Maia.

– Nem eu lho faço a você, tia Domingas – replicou o almuinheiro, dando à voz a inflexão menos rude que sabia e encolhendo a mão. – Oh homem! Perguntar não ofende ninguém. Ouvi-lhe rosnar não sei o quê da Lia de Restem e de D. Alda, cuja sergente é, pelo que você dizia. Quem diabo é D. Alda? Vive com ela Zila? Onde mora? Vamos, diga lá, e façamos as pazes.

Ale, sobressaltado pelo subitâneo aparecimento do seu antigo vizinho, ficara pasmado para ele.

Alguns judeus tinham-se aproximado, e detrás deles os dois armeiros, postos nos bicos dos pés, procuravam descortinar por cima dos ombros dos circunstantes a causa daquela repentina veneta de Rui Casco. Animada com a presença de tantas testemunhas, a beata cobrou animo e, voltando-se de todo para o almuinheiro com a mão sobre o quadril, abanando a cabeça e fazendo o compasso com o pé, exclamou:

– Arrede! Não pode pregar sem bater no púlpito? Que lhe importa o que eu disse? Ora façam mercê de dizer aqui ao senhor onde mora D. Alda...

– Tia Domingas! Tia Domingas! – interrompeu Rui, mudando de tom e de cor. – Falo sério: quero saber onde está Lia; e já.

– E eu peço-lhe? Corra por aí fora e, se a encontrar, não a deixe fugir.

– Falas ou brincas comigo, bruxa do Inferno? – gritou o hortelão raivoso, sacudindo violentamente a velha por um braço.

– Vedes!? vedes!? – clamou a matrona, olhando inquieta para Ale e depois para os judeus apinhados. – Nesta terra ainda há justiça...

– Leva rumor! – bradou o truão com gravidade cómica.

Rui voltou-se para ele com a pia intenção de lhe experimentar com uma punhada a força de coesão dos dentes às queixadas; mas o escudo das vinte e cinco arruelas, bordado na manga da aljuba, e a serpe verde, tecida aqui e acolá no fundo branco do balandrau mourisco, retiveram o ímpeto do enraivado almuinheiro.

– É mal feito! Muito mal feito! – rosnavam já alguns dos judeus circunstantes.

– E sobretudo em minha casa, numa venda pacífica de vinho judengo – acudiu Natanael, que se aproximara.

O almuinheiro largou o braço da velha beata. Começava seriamente a recear.

– Olé, Rui! – asse uma voz grossa, atrás do círculo dos filhos de Israel. – Queres que te emprestemos algumas punhadas a estes perros?

– Ou que os sirvamos de couces e lhes depenemos as barbas até chiarem pelo arrabi?

Eram mestre Alberte e João Pires que faziam estas amigáveis ofertas de intervenção.

O grupo judaico deu meia volta, como se todos se houvessem combinado num movimento só. O aspecto atlético dos dois aliados indicava que a oferta não lhes custaria a realizar. As forças equilibravam-se.

Mas um pensamento fecundo, magnífico, de génio quase, veio neste momento, como um raio de luz, ao espírito perspicaz da tia Domingas. Enquanto Rui Casco se voltava também, ao ouvir as generosas ofertas dos armeiros, chegou-se a Ale e segredou-lhe rapidamente ao ouvido:

– O dito por não dito. Acompanha-me sem tugir nem mugir, e esgueira-te apenas eu te der sinal.

Depois aproximou-se de Rui Casco e bateu-lhe no ombro. O hortelão virou-se.

– Que doudice é a vossa? Não ouvis tropear na rua os cavaleiros da rolda? Isto era graça. Vinde comigo, e dir-vos-ei onde está Zila logo que Ale nos deixe, senão irá meter tudo no bico de Muça. Olhai que são mui compadres. Crê com crê; lê com lê. Andai.

Isto foi dito a Rui com o mesmo segredo e presteza com que dissera estoutro ao maninelo. Depois, com um ademã de rainha, estendeu a mão para o bodegueiro:

– Adeus, mossém Natanael. – E rompendo por entre o grupo, prosseguiu: – Com licença: deixem passar.

Rui Casco ficou imóvel por alguns instantes; mas subitamente, e sem se despedir dos armeiros, desembestou atrás da tia Domingas e do truão, que a seguira, pela Rua de Gileanes abaixo.

A Rua de Gileanes desembocava no Pelourinho, pouco mais ou menos na intersecção da actual Rua dos Capelistas e da Rua da Prata. Quando ali chegaram os três personagens, conheceram que o Sapo Amarelo os fascinara demasiado. A avaria da galé fora reparada mais prontamente do que se cuidava, e nos Açougues não se viam já senão as vagas do povo, a que, semelhantes às do mar Vermelho após a passagem dos Israelitas, se haviam unido atrás da procissão e, ou se acumulavam ao longo da Rua Nova, ou se escoavam, como rios caudais, pela de Mata-Porcos, pela do Poço da Foteia e pelas outras que cruzavam para o lado do Rossio o solo da moderna cidade baixa.

A beata de Resteio estacou subitamente e pôs-se a cismar:

«Já nós lá vamos! Viva!», rosnava ela. «Bem digo eu: onde entra o beber sai o saber. Venho a bonitas horas! Não importa. Espreita-lo-ei ao recolher da procissão. Quer queira, quer não queira, o asno há-de ir à feira. Depressa se toma o rato que só sabe um buraco. Não pode escapar-me à Porta do Ferro, e para lá é que é o caminho.»

Feitas estas filosóficas reflexões, a tia Domingas partiu pela Padaria acima, caminho da catedral. Os dois acompanhavam-na: Ale ombro com ombro, e Rui, a quem a esperança de descobrir a sua moura encantada varrera da memória a procissão, a almuinha e a multa municipal, seguia-a a breve distância, jurando pela pele ao truão, se lhe servisse de obstáculo ao cumprimento das promessas com que a boa da cuvilheira o havia embalado.

XIX

FRACASSO

*e descavalgou do cavallo e disse-lhe:
cavalgae, ca tempo he que nos miamos:*

FERNÃO LOPES, *Cr. d'el-rei D. Fernando*

Quando a respeitável tia Domingas, seguida do truão e do almuinheiro, chegou toda encalmada e suada e estafada ao adro da catedral, não se via alma viva no recinto do terreirinho; mas os sons estridentes das duas trombetas que vinham tocando à frente dos besteiros do concelho e os gritos descompostos do jogral da bestaria, palhaço indispensável em cada corpo de tropas municipais bem ordenadas, equivalendo, até certo ponto, aos modernos tambores-mores, já se ouvia a espaços, posto que muito ao longe, sobre-levar a zoadada de um oceano de povo. O nordeste, que se alevantara com a tarde, trazia aquele estrépito embuzinado pela Rua de Santa Justa abaixo, e a argentina agudeza das trombetas indicava que o préstito não *tardaria* muito tempo a desembocar no agora solitário terreiro.

O leitor está, por certo, desejoso de saber qual era o plano da cuvilheira para desempenhar a comissão de Fr. Vasco. A dificuldade não é daquelas em que o poeta, ou seu como irmão o romancista, precisa de trazer do Olimpo, para espatifar o insolúvel nó, alguma divindade. Era o plano mais simples do universo, e a conversação travada baixinho com o chocarreiro resumia-se em substância nas palavras que, proferidas em tom audível, escaparam à boa da velha e ocasionaram a irrupção vandálica do almuinheiro. Consistia em fazer soar nos ouvi-dos de Fernando Afonso, sem todavia se dirigir ao moço escudeiro, o nome de Alda, nome que devia, cuidava da, exercer na sua alma influxo mágico. Atraindo-lhe assim a atenção, um volver de olhos, o mínimo ademã bastariam para lhe dar a entender que tinha alguma cousa que lhe comunicar. Depois, ele próprio buscava aproximar-se. Transmitir-lhe-ia então o recado nos termos vagos que lhe indicara o frade. O resto era fácil. «Não será culpa minha», pensava a tia Domingas, «se, por ouvir falar em D. Alda, tomar alhos por bugalhos. Amanse a sua sanha quem por si se engana. Não há palavra mal dita, se não é mal entendida. Fiz o que me mandaram: não sei de mais nada».

Assim se compunha a devota matrona com a sua consciência, ao passo que aliciava o chocarreiro para a ajudar naquela magnífica pelotica de restrição tal. O ataque inopinado do almuinheiro fizera-lhe modificar, por uma hábil mudança estratégica, o plano inicial. Substituindo Rui Casco ao maninelo, saíra de uma situação penosa. Restava só o conduzir até o fim o negócio com o mesmo tino que naquele repente mostrara.

Chegando defronte dos Paços do Conceito, a tia Domingas parou e, lançando os olhos em roda, pôs-se a examinar qual sítio seria mais acomodado aos seus desígnios. O vão da Porta do Ferro era o ponto que acumulava mais vantagens. Esse vão constituía uma espécie de quadra, rota de dois lados, posto que não em toda a largura, por duas portadas ogivais, menos esguias e elegantes que as introduzidas pouco havia pelos architectos ingleses, mostrando bem, por isso, serem contemporâneas da edificação da muralha, isto é, do último quartel do século XIII. Assim, o vão do arco oferecia quatro ângulos reintrantes assaz escuros, apesar de um dia esplêndido, porque os grossos

portões chapeados de ferro, abrindo sobre eles, obstavam ainda mais aos raios dessa escassa luz que as duas portadas, oprimidas entre os cubelos e vizinhas de altas casarias, deixavam penetrar a custo naquela espécie de quadra.

Numa das paredes que corriam lateralmente, em relação às portadas, via-se um pequeno arco também ogival e cujo vivo não excederia a décima parte da área dos dois arcos maiores. Era a comunicação para uma escada, que, dividindo-se em dois lanços, subia para o andaime do muro e para a Capela da Senhora da Consolação. Como a antiga muralha já não podia servir para a defesa da povoação, que transbordara por cima e para além do seu antigo recinto, e a capela raras vezes se punha patente, uma grossa porta de castanho impedia a comunicação entre a quadrela e o arco e deixava apenas no topo inferior da escada uma espécie de nicho escuro, no qual a custo caberiam duas pessoas. Foi neste lugar, donde podia ver sem ser vista, que a tia Domingas se resolveu a esperar a volta da procissão.

Vendo-a parar, os dois que a seguiam de perto pararam também à entrada do portal. Passados apenas alguns instantes, Ale, sentindo um estrupido, olhou para a esquerda pela Padaria abaixo e depois para a rua da direita, donde soava igual estrupido. Ficou pasmado. Dois cavaleiros se aproximavam, um do lado dos Açougues, outro do de Santa Justa. O da esquerda, cujo cavalo parecia manquejar, vinha a passo, enquanto o da direita, montado numa nédia mula, galgava a trote do lado de Santa Justa. Num dia em que o próprio monarca atravessava a pé as ruas da capital, o aparecimento dos dois cavaleiros era, na verdade, facto singular.

Quando o mouro olhou, o da mula estava a maior distância, mas a diferença de andadura fez com que chegassem ambos ao mesmo tempo, tão perto que de os reconheceu.

– Ei-lo aí! ei-lo aí!! – murmurou o jogral correndo para a tia Domingas.

– Ei-lo aí, quem? – perguntou esta com um pé no chão e com o outro em cima do degrau, no acto de subir ao nicho.

– O camareiro d'el-rei.

– Fernandafonso?

– Em corpo e alma.

– E quem mais?

– O seu pajem.

Era, de feito, o camareiro-menor o que cavalgava no cavalo manco. Ao atravessar o pequeno terreiro dos Açougues, o nobre animal, que corria à rédea solta, topara num desses postes que obstruíam o terreirinho, bem como a Rua Nova, e eram ocasião de frequentes quedas e desvairos quando aí se faziam justas ou tomeios. Mas como acontecia que, a essas horas, Fernando, que devia achar-se no séquito do rei, na procissão e a pé, vinha assim montado, e pelo caminho oposto, para o lado da catedral? Eis o que baralhava as ideias da tia Domingas e talvez baralhará as do leitor.

Tiremo-nos nós de dúvidas. Desçamos para Valverde, e lá averiguaremos o caso.

A almuinha, o rei, o imperador, o gato montês, o gigante, o drago, a serpe, a dama, os diabos, as pélas e todas as mais personagens que constituíam a parte truanesca da procissão haviam desembocado na praça com devotas risadas e santa pasmaceira da arraia-miúda, que todos os anos achava a mesma graça e novidade naquele espectáculo monstruoso e fantástico. A fradaria passara também, e os padres paramentados, e os monges cavaleiros das ordens, e tudo o mais que se interpunha entre as farsas populares da frente e a hóstia triunfante. As varas do pátio, inclinadas para diante, e a tela preciosa das sanefas e sobrecéu, bamboleando com o vento abafadiço que se alevantara e que ramalhava nas árvores da praça, despontavam já dentre as casarias, ao penetrar no imenso terreiro, onde remoinhavam ondeando uma infinidade de gestos ridentes,

alvares, corados, pálidos, viçosos, encarquilhados, barbudos, imberbes e boquiabertos. Subitamente, *porém*, o brado de «alto! alto!», brado ominoso, núncio de encalhe ou fracasso, soa do couce da procissão. A palavra fatal passa de boca em boca, bem como uma hora antes passara na Rua Nova, com grave detrimento da compostura e devoção de Rui Casco: os contos dos guiões e bandeiras fincam-se no chão; as charolas oscilam e assentam sobre a calçada; as representações e os representantes petrificam-se; as cabeças, enfim, da multidão voltam-se para um ponto único e alteiam-se um bom palmo, em parte pela distensão dos pescoços, em parte pelo alçamento dos calcanhares, que buscam a perpendicular sobre os bicos dos pés. Os olhos dos espectadores assestam milhares de raios visuais sobre esse grupo esplendente que precede, ladeia e segue o pálio; mas lá não se distingue senão uma certa perturbação, o abrir de bocas que falam, o estender de braços que se meneiam, o desaparecer e reaparecer de alguns vultos que se curvam. Depois, a agitação acalma, as filas ordenam-se, e o grito de «avante; avante!» põe de novo em marcha regular o maciço processional.

– Que foi? Que foi? – inquiriam os que estavam mais longe.

Ninguém sabia responder.

Era um dos fidalgos da Cone, que, tomado de repentino mal, perdera os sentidos. Tinham-no tirado em braços do meio do tropel. Atribuiu-se o sucesso ao ardor do sol; porque mais de uma vez, em semelhantes autos, se haviam verificado factos análogos. Muitas pessoas se recordavam disso. El-rei, perto do qual ele se achava no momento em que vacilara e caíra, ordenara que o conduzissem para fora do apertão, recomendando que lhe ministrassem todos os socorros possíveis. Fora este o motivo da agitação que interrompera por alguns instantes o grande drama popular.

A personagem que dera azo a essa interrupção era o camareiro-menor.

Ao passo que a turbamulta se afastava para deixar franca passagem aos que o conduziam, Fernando Afonso parecia ir recobrando o alento. Como por encanto, Vivaldo, o seu pajem valido, apareceu então junto dele. Ao vê-lo, o nobre escudeiro, que por duas ou três vezes volvera olhos inquietos ao redor de si, declarou positivamente que não consentiria em que abandonassem o préstito os que se haviam apressado a cumprir as determinações d'el-rei, e, encostado ao ombro do pajem, desapareceu entre os edifícios que formavam a orla do célebre Bairro da Pedreira.

Nas faldas do monte chamado o Cerro do Almirante, ao sopé do mosteiro cujos fundamentos o Condestável aí começava a lançar, corria uma rua escura e triste, como quase todas as de Lisboa: era a Rua de Mestre Gonçalo. Ao entrarem nela, o escudeiro e o pajem pararam a examiná-la. Estava deserta. Vivaldo largou então o braço do seu senhor, que recobrava, como por milagre, a saúde, meteu os dedos na boca e tirou um sibilo agudo. Imediatamente se abriu uma porta à esquerda, e os dois precipitaram-se numa espécie de vasto sótão, cuja comunicação para a rua era a porta que se abria.

Se a entrada fora rápida, não o foi menos a saída; mas agora tanto o escudeiro como o pajem estavam montados. Vinha o primeiro coberto com um ferragoulo comprido e com o rosto meio oculto debaixo das largas abas de um chapéu de feltro. Depois de observarem tudo de novo por alguns instantes, partiram a galope ambos para o mesmo lado, subindo uma rampa íngreme, em cujo cimo se estendia uma chapada raro semeada de algumas oliveiras e coberta de searas maduras. Ao poente, o plano era limitado pelo alto lanço de muralha que corria desde a porta de Santa Catarina até o postigo chamado da Torre de Álvaro Pais e, sucessivamente, do Condestável e de S. Roque. Junto deste postigo, pelo lado interior, campeava sobre o muro o Mosteiro dos Trinitários. Ao oriente, e na borda do despenhadeiro que se pendurava sobre Valverde e sobre o antigo arrabalde da Lisboa mourisca, principiavam a altear-se os alicerces do Mosteiro de Santa Maria do Vencimento, edifício histórico que completava uma

equação, em que D. João I era para o Mosteiro de Santa Maria da Vitória ou da Batalha, como o Condestável para este seu monumento. Ao lado dele viam-se os Paços do Almirante, já meio demolidos, e no pendor meridional do descampado descortinavam-se até meia altura os dois templos dos Mártires e de S. Francisco, quase solitários e parecendo, a certa distância, encostados um ao outro. No meio deste campo, entre as searas pálidas, os dois pararam, e, depois de trocarem breves palavras, o escudeiro dirigiu-se com a mesma pressa que trazia para a porta de Santa Catarina, enquanto o pajem saía pelo postigo de Álvaro Pais. O primeiro desceu ao longo da cárcova para o bairro de pescadores chamado Cataquefarás e, dobrando o ângulo da muralha, seguiu ao longo do Tejo até a Judiaria Grande, ou Vila Nova de Gibraltar, entrou pelo Arco dos Barretes e atravessou o terreiro dos Açougues Velhos, desde onde o acidente do cavalo o obrigou a caminhar mais a passo do que desejara. O pajem, que tinha de fazer um circuito menor, desceu pela estrada que corria ao longo da muralha do norte pela parte exterior até àquele tracto de Valverde que ficava fora da povoação, enfiou pela Porta da Mouraria, rodeou o bairro dos verdadeiros crentes e, partindo pela Corredoura, passou adiante da procissão, cujo centro apenas se prolongava então com a Igreja de Santa Justa, e veio encontrar seu senhor, conforme este lhe ordenara, junto à Porta do Ferro.

O aparecimento inesperado do camareiro-menor facilitava aparentemente a conclusão do plano da tia Domingas. Podia chegar-se a ele, falar-lhe, dizer-lhe o que quisesse livre de burburinho e, a bem dizer, de testemunhas. Mas as aparências são enganosas, e os cálculos da prudência humana foram neste caso desmentidos pela força de inescrutável destino. Apenas deu de rosto com o pajem, o cavaleiro bradou-lhe:

– Apeia-te, Vivaldo; apeia-te!

E, saltando ligeiro do cavalo abaixo, atirou o ferragoulo para cima da sela e aproximou-se do arco.

Posto que algum tanto perturbada pela súbita presença do homem que buscava, a velha cuvilheira fez um sinal a Ale. O jogral foi atravessando o terreiro da Sé e desapareceu na rua que conduzia ao paço.

Vendo-o sumir, o hortelão, como ela antevira, aproximou-se mais e, em tom que não admitia tergiversações, perguntou:

– Tia Domingas, onde é que está Zila?

– A estas horas talvez em Restelo ou talvez tenha voltado...

– Mas onde vive e com quem? Preciso... quero sabê-lo.

A velha começou a altear a voz.

– Em casa de mestre Bertolameu...

– Mas quem diabo é mestre Bertolameu?

– Ai, um santo homem, o tabelião da Rua de D. Mafalda...

O diapasão da tia Domingas subira um tom mais alto.

– É soldadeira dele?

– De sua filha D. Alda – aqui a voz da cuvilheira remontou aonde podia remontar.

– Oh, que anjo! que formosura! Aquilo é uma pomba sem fel! *Lirios inter espinhos*, como dizia o ano passado Fr. Isidoro no sermão da milagrosa imagem de Santa Maria da Escada, santíssima irmã de Nossa Senhora. Para a Rua de D. Mafalda vou eu daqui, Rui. Segui-me e reparai na porta onde me virdes entrar...

– Fale mais baixo, tia Domingas; fale mais baixo

– interrompeu o almuinheiro. – Não vê ali aqueles vultos?... Poderei falar com Zila?

Foi o mesmo que se lhe dissesse que gritasse mais.

– Hoje?! É impossível. Não me demoro, que tenho de estar à boca da noite nos cobertos dos Açougues. Amanhã ou depois, às dez horas, passe por lá.

– Então, venha, tia Domingas; venha ensinar-me o sítio.

Mas com um pé sobre o nicho e o outro no solo, o corpo da cuvilheira estava como enraizado naquele lugar, enquanto a energia e o movimento se lhe concentravam na língua e nos olhos inquietos, que se voltavam com viveza incrível dos dois vultos parados junto do arco para Rui Casco e de Rui Casco para os dois vultos.

Ao reboar na abóbada do portal o nome de Alda, Fernando voltara, na verdade, a cabeça, mas tornara rapidamente a continuar o diálogo que em voz submissa corria entre ele e o seu pajem.

O objecto desse diálogo era o remedear o inconveniente que retardara o nobre escudeiro. Fernando precisava de chegar quanto antes aos Paços dos Infantes. Para não ser conhecido, ordenara ao pajem viesse por diferente caminho encontrá-lo no terreiro da catedral, que devia estar deserto, para ir tomar-lhe o cavalo no adro de S. Martinho e desaparecer com ele ou para as Portas da Cruz ou para a Alcáçova, enquanto seu senhor penetrava, sem ser visto, no paço, a essas horas solitário. O acidente do fogo corredor constrangia-o, porém, a montar na mula do pajem e a abandoná-la no adro de S. Martinho. Vivaldo, cavalgando no cavalo manco, seguiu-lo-ia de perto o mais que pudesse e buscava chegar a tempo de impedir que ela fugisse.

E os dois montaram ligeiramente. As ferraduras da mula deram na calçada um som fugitivo quase metálico. O cavaleiro ferira com ambos os acicates o possante animal. Ao mesmo tempo, o pajem incitava com açoutes e esporadas a sua trôpega cavalgadura.

Os nomes de D. Alda e do honrado mestre Bertolameu, as indicações locais e as olhaduras eloquentes da cuvilheira tinham sido como os remédios chamados heróicos e infalíveis em doença mortal. A frágil máquina ideada longamente e aperfeiçoada por um clarão de génio na bodega de Natanael Sapo dera em terra, como quase quatro séculos depois o terremoto deu em pantana com os góticos edifícios e terreiros e ruas e arcos e muralhas que presenciaram as diversas cenas desta gravíssima história.

A tia Domingas mediu num relance a profundidade da voragem que se lhe abrira debaixo dos pés, a cólera de Fr. Vasco, o ser expulsa e, talvez, obrigada a restituir a bolsa que recebera. Fernando Afonso ia escapar-lhe! Na sua perturbação, não viu o risco que corria e, saltando do nicho, precipitou-se para o cavaleiro no momento em que ia a abalar.

– Venho da Rua de D. Mafalda – exclamava ela, correndo –; venho da Rua de D. Mafalda. Escutai-me.

– Não conheço ninguém nessa rua – redarguiu o mancebo. – Retira-te e deixa-me passar!

Com esta resposta, a tia Domingas perdeu a tramontana.

– É um momento. Escutai, escutai!

E dizendo isto, sem saber o que fazia, lançou as mãos às rédeas da mula.

O animal espantou-se e deu um salto recuando. A amplidão do ventre da cuvilheira e a frouxidão dos seus velhos músculos fizeram-lhe perder o equilíbrio ao abalo violento da robusta cavalgadura. Caiu agarrada às rédeas. Fernando Afonso, perturbado com aquela agressão repentina, hesitara; mas a sua hesitação passou como o relâmpago. As trombetas dos besteiros do conto começavam a soar mui perto, e o pajem, rompendo para diante, feria sem piedade o pobre ginete. Dois credos que se demorasse no terreiro da Sé, o nobre escudeiro via-se descoberto. Que lhe importava esse vulto, essa mulher ou esse demónio que se interpunha entre ele e o alvo aonde se dirigia? Soltando uma blasfémia, cravou os acicates nos ilhais da mula. Um grito agudo, estridente, de suprema agonia restrugiu debaixo das patas do bruto irritado, e ao cavaleiro por entre o zumbido do ar que rompia na carreira desenfreada, nos rápidos

intervalos do estalar das ferraduras chispando nas pedras, pareceu que ouvia ainda uma ou duas vezes gemidos de moribundo. Depois, transposto o terreiro, correndo ao longo dos bataréus setentrionais da catedral, não sentiu mais nada senão o tropear do cavalo manco do pajem, que forcejava por segui-lo de perto, e como uma voz do coração, tímida, cansada e ridícula, que tinha a pretensão de lhe bradar: «assassino!»

E era-o. Podia-se orar por alma da tia Domingas. Esmagada debaixo dos pés da mula arquejava apenas, e o sangue rebentava-lhe em fio da boca, dos olhos e dos ouvidos.

E Rui, que, gritando ao cavaleiro, pretendia salvá-la e não pudera, recuou aterrado. O eco das trombetas dos besteiros já começava a reboar na abóbada do arco. Podiam encontrá-lo ali, junto desse quase cadáver; podiam, deviam, até, julgá-lo culpado. Deitou a fugir para o bairro onde mais fácil lhe era pôr-se a salvo; para a Judiaria.

E os besteiros chegaram, e o som das trombetas gelou de súbito, e o jogral, que volteava e bradava, fez silêncio, e tudo parou. O espectáculo que tinham ante si era tão triste como inesperado.

Em tropel, os besteiros aproximaram-se daquele vulto enfeixado e esfarrapado. Um dos circunstantes reconheceu-a:

– É a tia Domingas de Restelo!

– Quem? – acudiu dali outra voz. – Aquela que media cinta e via por joeira?

– É, é – clamou outro guerreiro municipal.

– A bruxa? – perguntou um quarto.

– Qual bruxa, homem, se era confessada de meu primo Fr. Isidoro! – interrompeu o que primeiro a reconheceu.

– Então, se era confessada de teu primo!... – replicou o que elevara a pobre velha a categoria de feiticeira. – Pateta!... O que se segue daí? Tal confessada, tal confessor. A fortuna dela foi que o Diabo a afogasse, agora que morreu Gomes Lourenço, e o concelho não elegeu novo juiz das feiticeiras...

Afogou-a o Diabo, dizes tu? – acudiu o quarto besteiro que falara. – Hum! Como sabes que foi o Diabo?

O precedente orador abaixou-se, pôs o dedo sobre a garganta da vítima e disse:

– Vê lá!

Duas linhas negras, curvas, concêntricas, orlando uma série de pontos também negros, indicavam com evidencia que sobre o órgão da respiração daquele corpo se estampara violentamente o pé ferrado de um animal.

Dez ou doze capelinas de ferro brunido, abaixando-se a um tempo ao redor do vulto enovelado no chão, soaram umas nas outras, atroando os ouvidos das doze cabeças que guarneciam, e ao mesmo tempo tiniram doze bestas de aço, assentando no basalto que calçava o pavimento do arco.

– É uma ferradura! – exclamaram todos a um tempo.

– Mas o Diabo – observou timidamente o primo de Fr. Isidoro, que já sentia arrepiarem-se-lhe os cabelos com um vago terror – tem a figura de bode.

– Cala-te, pedaço de asno! – insistiu o besteiro doutrinário, que achara a explicação do caso na teoria indubitável do poder de Satanás. – O Diabo não tem figura: aparece naquela que lhe apraz. Esganou-a com uma patada de besta. Logo vê-se que vinha na tua.

Não obstante o salutar terror que ia tomando os ânimos, houve uma risada geral.

– Acabem com isso – bradou o anadel, que achara impróprio da sua dignidade militar o meter-se entre a chusma. – Arredem o corpo; que aí chega a procissão. Logo se dará parte ao corregedor da Corte.

– Ao bispo, ao bispo! O caso é bispal! – gritou o orador que demonstrara triunfantemente as circunstâncias diabólicas do sucesso.

Sinais estrondosos de aprovação mostraram que a semente das sãs doutrinas tinha caído em terreno abençoado.

– Pois seja ao bispo – respondeu o anadel, encolhendo os ombros. – Mas vamos; franqueiem o passo.

Com os seus balegões de couro cru, os besteiros foram empurrando para o pé do nicho lateral o cadáver, em que nenhum deles se atreveria a pôr mão, porque nenhum quisera ficar poluído e excomungado.

Nessa tarde e nessa noite, por todas as bodegas de Lisboa, por todas as celas de abades, reitores, priores e guardiães de mosteiros e conventos, por todos os altos onde os velhos iam aparar no regaço os últimos raios do Sol mirando a baía do Tejo, por todos os adros de igrejas onde se ajuntava o beatario a rezar trindades, por todos os lugares, enfim, onde tomava corpo o mais sublime, o mais respeitável, o supremo embuste deste mundo, a opinião pública, referia-se, com as variações, comentários e aperfeiçoamentos indispensáveis, ao famoso milagre acontecido à Porta do Ferro, onde o cão tihoso esganara uma feiticeira, porque se atrevera a cruzar as ruas por onde naquele sagrado dia passava a procissão de *S. Corpus*.

Próximo deste sítio, o povo apupara havia dois anos um pobre truão atropelado e ferido pelo ginete de Fernando Afonso. Agora cuspiam afrontas e calúnias sobre o cadáver de uma pobre velha, vítima da própria imprudência e da feroz brutalidade do moço escudeiro. Ou este era demasiado feliz, ou a Providência lhe reservava ainda na Terra algum tremendo castigo pelas negruras da sua vida, vida fatal para todos os que passavam na eclíptica desse astro destruidor.

XX

EXPLICAÇÕES

Mexericaram-me com ela que tinha outros amores.

JORGE FERREIRA, *Anlegrafia*.

Não só para se compreenderem as cenas descritas no antecedente capítulo, mas também para inteligência dos sucessos subsequentes é necessário que, remontando a factos anteriores, dêmos algumas explicações ao leitor.

Fr. Vasco tinha um segredo que não comunicara a D. João de Ornelas: D. João de Ornelas tinha um segredo que não comunicara a Fr. Vasco.

O do moço cisterciense sabemo-lo nós. Colocado entre a terrível missão que lhe legara seu pai e os remorsos do primeiro crime, a sua imaginação enferma aventara o estranho desígnio de que só pretendia fazer instrumento a cuvilheira e de que a fizera vítima. Semelhante ao náufrago, que, lutado com os mares, estende as mãos à frágil alga que flutua, à lasca do navio despedaçado e, até, ao rolo de espuma que, ao estourar das vagas, se lhe espraia sobre a cabeça, o monge acariciava esse pensamento de salvação e escondia-o com ciúme a D. João de Ornelas, cuja vingança, calculada e fria, não pressupunha modificações nem tréguas. Mas, se neste ponto Fr. Vasco atraíçoa o pacto infernal que fizera com o implacável prelado, também o abade traía as suas promessas quanto à plena confiança e comum concerto com que ambos deviam proceder contra Fernando Afonso. Em que consistia esta espécie de deslealdade de D. João de Ornelas é o que nós vamos expor.

Como a aranha venenosa que, prendendo em diversos lugares os fios da teia, a vai urdindo de modo que, colocada no centro, possa arrojarse de salto ao insecto sem receio de errar o tiro, assim o abade de Alcobaça ia coligindo as armas que lhe ministravam as intrigas políticas, as imprudências do próprio inimigo, a velhacaria de João das Regras, a situação de Beatriz e o ódio concentrado de Fr. Vasco, até que chegasse um dia em que, rodeado de todos esses auxiliares, pudesse vencer as dificuldades que ao complemento do plano que traçara opunha a viva afeição d'el-rei à sua designada vítima. Esse plano ia longe; mas os desejos iam além dele; iam até um pensamento de sangue. Folgaria de fazer rolar a cabeça do camareiro-menor aos pés do algoz. Não ousava, porém, esperar tanto; e consolava-se com a quase certeza de o ver expulso do paço, reduzido à obscuridade, desonrado, miserável. Até aí alcançava a sua esperança. E o santo homem do abade, como lhe chamara o seu melhor amigo, o chanceler, encostado à cabeceira do catre no Colégio de S. Paulo, sentia escoarem-se ligeiras as acidentais horas de vigília nocturna, vendo voltar ante si as imagens risonhas do opróbrio e desventura que preparava ao seu inimigo.

Os motivos, todavia, em que estribava essas esperanças não eram só os que apontámos. O favor do monarca podia contrastar isso tudo. Havia um mais forte, e era este o que o astuto monge ocultava ao seu aliado, e ocultava-o porque queria primeiramente estar bem seguro da existência dele.

D. João de Ornelas estivera uma vez com o moço cisterciense na Rua de D. Mafalda e ouvira da boca de Beatriz a história do modo como fora abandonada.

Desde este dia o abade cismara muito. «Quem é essa mulher à qual *ele* a

sacrificou? Que amores são estes que *ele* oculta com tanto ciúme?» Era uma ideia que não lhe saía do espírito. Havia nisso um mistério e no seu coração um pressentimento de que o perscrutá-lo lhe não seria inútil.

Um dos axiomas de proceder do prudente prelado consistia em não desprezar nenhum ensejo de adquirir informações acerca da história passada de todos os indivíduos com quem estava em contacto. Era regra de que se não afastava. Tinha-a achado sempre útil.

Ale, recebido no Colégio de S. Paulo, não escapara, apesar da sua humilde condição, às pesquisas do reverendíssimo. A única diferença era que estas pesquisas não haviam sido nem largas nem difíceis.

Uma vez mais D. João de Ornelas teve de abençoar o axioma que adoptara. Este homem fora maltratado por Fernando Afonso. Em qual ocasião e com que circunstâncias, é cousa de que, provavelmente, o leitor se lembra ainda.

Era um odiozinho obscuro, impotente. Não importava. O abade abaixou-se, animou-o, ergueu-o até si. Podia servir-lhe.

Depois da partida de Fr. Lourenço, o mouro Ale, em vez de piorar, melhorou materialmente. Com grande escândalo de Fr. Julião foi escolhido por sua mui poderosa reverência para servente seu particular enquanto residisse em Lisboa. Ale ganhara em duas cousas; na mais opípara ração e em ficar livre dos eloquentes sermões do Bacharel acerca dos embustes grossos do Alcorão e das verdades do cristianismo.

Certo dia D. João de Ornelas chamou-o e disse-lhe com a maior singeleza e bondade deste mundo que se preparasse para ir exercer nos paços d'el-rei o cargo que deixara vago o falecido bobo e jogral de D. Fernando e de D. João I, o célebre Anequim.

O abade sé impôs uma condição em paga do benefício. Ale devia seguir os passos do camareiro-menor vigiá-lo, escutar-lhe as palavras, estudar-lhe o menor gesto e dar conta de tudo ao reverendíssimo. Isto foi recomendado na presença do reitor e de alguns ledores da estudaria, sem escarcéus, sem mistério, chãmente, singelamente.

Aos misteres de gracejador, goliardo e trovista satírico, Ale ajuntaria por gratidão o de espia.

– Fernando – ponderava o prelado nesse dia ao reitor de S. Paulo, diante do futuro truão régio e sorrindo bondosamente – é um rapaz trêfego, um farsola: foi assim desde pequeno. Agora o meu velho amigo, o arcebispo de Braga, recomenda-me que o informe do seu proceder na Corte. Pois não tem aí o próprio irmão daquele tresloucado?... Tudo há-de carregar sobres estes fracos ombros. Ai, padre reitor, padre reitor, a obediência é o mais duro dever da nossa regra! D. Lourenço abusa da amizade e da veneração que consagro ao primaz das Espanhas, para me torcer como um vime. Paciência! Mas custa-me; porque já ouvi rugir não sei o quê acerca de várias travessuras um pouco estranhas do camareiro-menor...

– Travessuras?! – interrompeu o reitor. – Dizem todos que é um perverso, um homem sem temor de Deus, um...

– Exagerações, padre reitor... exagerações – acudiu D. João de Ornelas. – A mocidade é ardente, e nós, os vemos, fáceis em condená-la, sobretudo quando a estamena monástica nos gastou antes de tempo o vigor das paixões. Vamos, Ale – acrescentou, voltando-se para o mouro –, antes de escrever ao arcebispo, quero informações tuas. Curve-se, ao menos nisto, perante a loucura voluntária o orgulho da sabedoria presunçosa; porque, como diz S. Paulo, *sapientia hujus mundi stultitia est apud Deum*.

«Que humildade», rosnou num aparte o reitor.

– Vai, meu Ale, vai – prosseguiu o abade. – Sê feliz, e possas o Senhor das

misericórdias abrir-te os olhos da alma no teu último dia.

E, batendo-lhe com uma das mãos no ombro, alimpou com a outra uma lágrima furtiva.

«Que caridade», pensou de novo o reitor de S. Paulo, com um ronquido de compunção.

Já ficava sabendo ou, para melhor dizer, ignorando, porque viria frequentes vezes ao colégio falar com o poderoso prelado o novo truão d'el-rei. E se alguma vez ele fosse indiscreto, o bom do reitor achava-se habilitado para explicar as rectas intenções com que procedia o virtuoso chefe dos monges brancos.

Dois ódios acordes são como o amor mútuo. Compreendem-se: adivinham-se.

Os olhos de D. João de Ornelas e os do mouro encontraram-se no momento da derradeira despedida. Tudo o que havia a dizer de parte a parte ficou dito.

Mas para que queria o diabólico frade ter dentro dos Paços de S. Martinho um espia malévolo e vigilante, que seguisse como sombra o camareiro-menor?

Isso é história mais comprida.

A virtude severa de D. Filipa, chamada pelo povo a boa rainha, influíra em grande parte no contraste que oferecia a Corte do Mestre de Avis com a de seu irmão e predecessor, onde aos terrores do veneno ou do ferro assassino, que pesavam carregados e sombrios em todas as frentes, se associavam deleites abjectos; onde a prostituição e a morte tripudiavam juntas em coreias infernais. Posto que D. João I não fosse exempto das fraquezas humanas e que D. Filipa tivesse mais de uma vez razão de queixar-se das infidelidades de seu real esposo, é necessário confessarmos que ele soube fazer respeitar a santidade do tecto doméstico, e que os paços onde habitava essa angélica mulher, a cujos cuidados maternos deveu, talvez, Portugal os três mais belos caracteres da sua história, os três irmãos Duarte, Pedro e Fernando, foram para o chefe da dinastia de Avis como um templo, cujos umbrais a nenhum pensamento impuro era permitido cruzar.

As antigas leis de Portugal contra o que abusava da confiança doméstica e introduzia a prostituição na morada do senhor com quem vivia, de quem era *homem*, para usarmos da linguagem daqueles tempos, haviam sido escritas com sangue. Não era preciso que o adultério manchasse o leito conjugal para das pesarem inexoráveis sobre a deslealdade familiar. O cliente que travava relações menos puras com a filha, com a irmã e, ainda, com a servidora do seu patrono, votava-o à execração a lei, e a culpa agravava-se quando ocorria a circunstância de ser donzela ou viúva a cúmplice do crime, que, cometido na mansão do rei, aumentava de intensidade e podia classificar-se como um atentado contra a majestade do Trono. O estado dos costumes, mais ou menos corrompidos, tinha dado em diversas épocas maior ou menor força às posturas de D. Dinis e de D. Afonso IV acerca desta matéria. Mas o Mestre de Avis, mais irmão que chefe dos seus homens de armas; esse príncipe, ao mesmo tempo violento e folgazão, como seu pai, espécie de Artur dos romances do Santo Graal no meio dos seus cavaleiros da Távola Redonda, mostrava em todas as ocasiões demasiado pundonor na própria dignidade para se dever reputar pouco prudente aquele que quisesse correr o risco de experimentar se ele considerava ou não como modificada pelos costumes a dura sanção penal contida nessas leis antigas.

E todavia, houvera alguém que se arriscara à experiência. Para sabermos quem seria, basta dizer que nisso consistia o segredo em que ruminava às horas mortas de vigília o pachorrento do abade.

Apesar do valimento d'el-rei, Fernando Afonso arcara peito a peito com um empenho que podia esmagá-lo. Bastava que os seus inimigos o soubessem; e tinha dois que valiam a pena de se pensar neles: o chanceler, em cujo edifício político tentara aluir

algumas pedras, e o prelado dos cistercienses, que desde a noitada da tavolagem o tratava, quando se viam na Corte, com dobradas atenções e com afabilidade excessiva.

Desde o dia em que estivera na Rua de D. Mafalda, o digno monge alcaide-mor mostrara verdadeiro génio inventivo em achar pretextos para assistir, com tal qual quebra da regra reformada de S. Bento, aos saraus do paço, a essas festas esplêndidas nas quais a bela e pura Filipa de Lancastre aparecia rodeada da sua corte de donas e donzelas, em cujo número se contavam as formosuras mais celebradas nas canções dos trovadores, as filhas e mulheres dos mais poderosos vassallos da Coroa, dos cavaleiros que maior reputação haviam granjeado na longa e tenaz luta da independência. Entre elas algumas havia, que, brilhando ainda com todos os encantos da mocidade, se adornavam já com as galas melancólicas de mais ou menos recente viuvez; porque a fouce da morte ceifara muitas vidas durante cinco anos de encarniçados combates com os guerreiros de Castela. Outras havia a quem sorte igual, talvez, coubesse em breve e em cujas frentes anuviadas se liam muitas inquietações secretas. Mas este fundo tristonho do quadro dava realce maior ao bando das jovens donzelas que, ignorantes de mágoas, folgavam nesses festejos e se balouçavam à flor da vida, como a avezinha revoando, num belo dia de Primavera, pela superfície da albufeira que esconde sob a face dormente os vagalhões da tempestade.

D. João de Ornelas, semioculto nos grupos de cortesãos, por essas tardes e serões de tangeres e momos e folgares, parecia pensativo. Eram os cuidados da governança da sua opulenta ordem? Assim se imaginava. Não eram tal. Observava o seu inimigo.

O que destas observações tirou não o disse ele a ninguém. Apenas, alguns dias depois da inculca do truão, o chanceler notou lá com a sua garnacha que o seu excelente amigo se ia fazendo cada vez menos visível na Corte. Cismou algum tempo no caso; mas, como não atinava a deduzir daí uma ilação razoável, não pensou mais nisso.

Todavia, o que é certo é que, apesar da aparente singeleza e quase indiferença com que o abade de Alcobaça baldeara Ale da severa e triste estudaria de S. Paulo nas salas magníficas de S. Martinho, antes de se despedir dele na presença do reitor, conversara a sós mais de uma hora com o futuro maninelo de sua real senhoria.

Pois deixá-lo embrulhar-se e enovelar-se no seu manto de mistério. Que precisão temos nós de saber o que viu, como viu e até onde viu? Cá está uma nota de algum Scaligero ou Casaubono de cogula e cercilho, escrita em cursivo encambulhado à margem da nossa crónica vetusta e amarelenta, que nos porá correntes com o que na verdade havia.

Fernando amava. Esta afeição tinha começado um ano antes: podia dizer-se a mais duradoura da sua vida, a mais ardente, quase um amor verdadeiro.

No período da vida em que o coração da mulher se abre às paixões há duas épocas distintas. A primeira é aquela em que, tímida e inexperiente, ela se embriaga nesse pélago de vagas aspirações de um amor sem objecto; em que no homem que lhe sorri crê encontrar o ente predestinado, que Deus enviou à Terra para servir de arrimo aos seus passos débeis e incertos, semelhante ao freixo robusto que, firme no solo, deixa enredar-se nos ramos viçosos da hera e balouça alegre as possantes vergôntes, presas nos laços voluptuosos da frágil planta, que vive da sua seiva sem a exaurir. É essa quadra perigosa em que a Lua que passa suscita inexplicável saudade no ânimo feminil, e os olhos da virgem que se vão após o astro sossegado descem de lá para a terra húmidos de não sentidas lágrimas; em que a donzela se mira na água límpida do arroio, tingindo-se-lhe de rubor as faces, se percebe que a observam, e vai, correndo e rindo, colher por disfarce a bonina da margem para a atirar à veia do regato e segui-la com a vista, que de espaço a espaço vem cruzar de relance com o olhar fito daquele que em adoração a contempla; em adoração, porque, durante esta idade, no gesto, nos meneios,

na voz, no volver de olhos da virgem, no ambiente que a cerca, há o que quer que seja de anjo; há o que quer que seja do céu.

Nesses anos, é tão fácil como bárbaro o triunfar do pudor quase infantil, única defesa que a natureza deixou a um espírito ignorante e cândido, se não é que para aliadas do pudor pôs na alma do homem a generosidade e a poesia.

Depois dos anos da inocência virginal, há no existir da mulher uma fase em que a sua alma desce das regiões ideais da pureza para a grosseira realidade do mundo. Já então se não mira no cristal do arroio, e a Lua vem e desaparece sem que ela uma só vez levante os olhos ao céu. Quando o seio lhe arfa ao encontrar o que ama, não precisa de correr a apanhar a bonina para esconder o rubor: o sangue precipita-se todo no coração que se dilata, e às faces só vem a palidez. Nesta quadra é a inteligência que resiste à sedução: o pudor não é poesia, não é uma inspiração espontânea, inexplicável; é cálculo, é raciocínio. Nessa idade, o amor que cede é ardente, impetuoso, tirânico, porque a mulher mediu toda a extensão do sacrifício; porque não cedeu sem uma luta terrível, e essa luta lhe fez conhecer a imensidade da paixão que a venceu, e a consciência lhe diz que só um amor sem limites pode corresponder ao seu.

A diversidade, porém, das índoles humanas determina as diversas manifestações do amor feminino nos anos que sucedem aos da primeira juventude. Muitas vezes a mulher, posto que despenhada na realidade, e ainda o anjo, anjo não radiante de glória, não cercado de uma auréola de formosura celeste, mas passando docemente melancólico no meio do desterro da vida, semelhante ao pôr do Sol de uma tarde de Outono, vivendo só para o homem cuja alma uniu à sua, exemplo de abnegação sobre-humana, esquecendo as dores próprias para consolar as alheias, sofrendo a infidelidade, a ingratitude, a impaciência brutal sem um queixume e escondendo, até, a repreensão eloquente das lágrimas. Feliz o que encontrou tal mulher, se Deus lhe concedeu entendimento para a compreender, coração para aspirar e conter em si um amor quase infinito! Noutras, quando chega essa idade, as paixões intensas, concentradas, violentas, assemelham-se a cratera do Vesúvio, cujas terríveis erupções são transitórias, mas onde constantemente arde o fogo, e tolda os ares o fumo, e as escórias se agitam sob os turbilhões da chama inextinguível. Noutras, finalmente, os ardores íntimos são semelhantes aos fogos do Hecla; escondem-se debaixo de uma superfície de gelo. Mas a força da explosão não é por isso menos violenta.

Aquele que chega a afastar esse manto de frieza lá vê ferver os algares, lá ouve o rugir do abismo, lá sente o calor do incêndio.

A mulher que Fernando Afonso cria amar era semelhante ao Hecla.

Acolhendo todas as demonstrações de ternura, aceitando os cultos do moço escudeiro, acendendo-lhe a imaginação com as artes subtis que a natureza parece inspirar ao sexo frágil para cativar o forte, ela soubera exaltar os instintos grosseiros daquele coração pervertido. Era para Fernando Afonso um sentimento novo, mas profundo e que ele próprio acreditava sincero. Formosa, posto que já houvesse passado além da Primavera da vida, a amante do camareiro-menor empregara para o subjugar o meio mais poderoso de que uma mulher sedutora pode lançar mão para converter o amor nascente em paixão delirante. Fazia-o esperar tudo sem conceder cousa alguma. Quando, cego de desejos, sedento de prazer, o mancebo ousava recordar-se da sua antiga audácia, um olhar severo, um gesto imperioso, uma palavra altiva vinham subitamente adverti-lo de que, enfim, achara uma mulher incapaz de ceder aos devaneios de um momento. Despeitoso, irritado, jurava então quebrar os laços que o prendiam; porém, mau grado seu, o amor ganhava mais força com os rigores, e novas seduções geravam novas esperanças, que não tardavam a ser repelidas pelo cálculo que simulava virtude, para se renovarem e morrerem cem vezes.

Apesar da circunspecção com que essa mulher evitava abandonar-se à paixão impetuosa do escudeiro, ela amava-o realmente; amava-o, até, com ardor; mas tinha-lhe estudado a índole, sabia uma parte da sua história e tremia diante da ideia de trocar um escravo submisso em senhor desdenhoso.

Ligada por interesses de família, muito moça ainda, a ilustre cavaleiro, um sucesso inesperado e fatal, a morte daquele a quem se unira por cálculos de ambição, viera extinguir as suas esperanças sem ao menos ter experimentado as doçuras de um amor mútuo, e sem lhe restarem essas lágrimas de saudade, esse conversar na solidão com uma imagem querida, que são para o desgraçado um tesouro de consolações.

A situação, porém, da formosa viúva não tardara em mudar. Nobre por nascimento e ainda mais pelo nome que enlaçara com o seu, obtivera satisfazer o ardor pelo luxo e pelos triunfos da vaidade, que eram os vícios predominantes do seu carácter, entrando no brilhante círculo das damas da rainha. Fora então, fora nos saraus tão frequentes na Corte de D. João I, onde o entusiasmo guerreiro, os enredos da política, as aspirações da devoção e o estrépito dos deleites sucediam uns aos outros sem se excluírem, que os seus olhos tinham encontrado os de Fernando e uns e outros se haviam entendido. Depois, viera a palavra submissa, proferida ao perpassar, o encontro ardente das mãos no redemoinhar das danças, as cores favoritas do traje elegante da bela copiadas no escudo do cavaleiro, nos torneios e justas da Rua Nova, a rosa caída a descuido do seu seio ou do seu toucado e apanhada rapidamente e rapidamente beijada e escondida no peitilho da jórnea do mancebo; todas essas estrofes, enfim, escritas mais em hieroglíficos do que com palavras, de que se compõe a epopeia do amor, sempre a mesma e sempre nova, e que a tantos devora os anos e a energia da mocidade no meio de deliciosa embriaguez.

Não repetiremos os vários cantos daquela odisséia, cujos protagonistas eram o camareiro-menor e a sua formosa amante. Basta recordarmos ao leitor que Beatriz fora oferecida em holocausto nas aras da sua altiva rival. Assim devia acontecer; porque Beatriz se entregara sem reserva, e ela aceitara as adorações sem admitir a ideia da recompensa. No amor a ingratidão é a filha primogénita da abnegação e da fraqueza, ao mesmo tempo que não é fácil dizer se as dificuldades repelem com mais força o que tenta superá-las do que o chamam e subjagam por misterioso atractivo.

Na conjuntura, porém, a que se refere a nossa narrativa, o combate de Fernando Afonso para triunfar do pudor calculado da sua nova amante aproximava-se de uma crise. A vitória que ia coroá-lo devia-a ter empregado em momento oportuno [como] uma arma terrível.

Hábil em penetrar os mais ocultos segredos do coração feminino, o moço escudeiro avaliara toda a extensão dos dois sentimentos que dominavam a alma daquela que amava; uma afeição ardente, inquieta e ciosa e um orgulho excessivo. Conheceu que tinha neles dois poderosos auxiliares para o ajudarem a despedaçar o manto regelado que escondia o vulcão, e os seus requiebro à linda filha de mestre Bertolameu eram o resultado do plano que concebera. Alda, que se ufana de ser requestada por tão gentil mancebo, mal imaginava quão distante da Rua de D. Mafalda ele punha a mira dos seus íntimos desejos.

O ciúme tem cem olhos. Sagaz deve ser aquele que souber esconder por muito tempo a sua infidelidade à mulher que deveras o amar. Fernando não desejava ocultá-la, e a formosa dama de D. Filipa não tardou a obter a certeza de que era traída. Foi então que o incêndio, como o moço escudeiro o previra, rebentou impetuoso: a luta do orgulho ferido com o amor avivado pela ofensa só serviu para revelar à consciência aterrada da amante de Fernando que a sua paixão era invencível. Colocada à borda de um abismo, persuadida de que o abandono seguiria de perto a traição, viu que era

necessário ceder. Fernando tinha vencido.

Nós pouparemos também ao leitor a cena das amargas acusações da ofendida e da frouxa defesa do ofensor. Tais cenas tê-las-á lido ou visto representar mil vezes. Feliz dele, se já em alguma foi mais do que mero espectador: feliz, porque a explosão dos zelos é como a trovoada no Estio: depois do fuzilar dos relâmpagos, do cair da saraiva que fustiga os arvoredos, os ares são mais diáfanos, o firmamento de um azul mais límpido. As lágrimas de bela mulher, quando caem sobre a fronte que se curva arrependida, sucede um momento que resume eternidades, e no olhar e no sorriso que dizem «esqueço e perdo» há um êxtase inefável. Não podem excedê-lo os do céu.

Tal fora o que se passara a um dos balcões dos Paços de S. Martinho, naquela noite do ano em que por toda a Lisboa, desde o palácio até a choupana, quase ninguém dormia; na noite que precedera o dia de *Corpus Christi*.

Aí Fernando jurara não tornar a ver a linda Alda. No meio dos seus transportes, os cabelos se lhe fariam brancos de terror, se pudesse adivinhar como esse juramento tinha de ser cumprido.

Aí, em voz quase imperceptível, uns lábios trémulos haviam proferido um delicioso sim.

A farsa do delíquio representada em Valverde pelo jovem camareiro e a sua corrida desde o Bairro da Pedreira até a Porta do Ferro ligavam-se intimamente com o que se passara no balcão dos Paços de S. Martinho.

Eis aqui, pois, porque goraram os planos da pobre Domingas, e porque as palavras em cujo efeito mágico ela confiava só produziram um brutal assassínio.

Oh previdência, oh agudeza, oh força da concepção humana, tão semelhantes as mais das vezes à finura e capacidade da defunta cuvilheira. Vós sois, sem questão, a cousa mais profunda e admiravelmente piegas e asnática deste mundo!

Na minha admiração, ou antes adoração, do vosso *quid divinum*, eu vos saúdo. Salve!

XXI

O ESPIA

*Aventureyme: vim aqui
Por vos ver e vos fallar.*

CANC. DO COLÉGIO DOS NOBRES.

Todos aqueles dos nossos leitores que conhecem a topografia actual de Lisboa sabem quão breve distancia medeia entre a Sé e o Limoeiro, antigo palácio dos reis da primeira raça, convertido em sentina de crimes e em viveiro e escola de criminosos pela monarquia absoluta, parenta próxima do liberalismo moderno no desprezo estúpido e brutal dos mais venerandos monumentos dessas épocas de liberdade incompleta mas sincera, em que o monarca era o aliado dos povos, o braço que estes estendiam para andar a tirania da casta privilegiada, se ela ousava quebrar-lhe os seus foros, avexá-los ou oprimi-los.

Ale, afastando-se da tia Domingas, transpusera a correr essa breve distância que separava a catedral dos Paços dos Infantes, a sede do supremo sacerdócio da sede do supremo poder, e ia a cruzar o átrio, onde apenas se via em completa imobilidade um besteiro da guarda firmado na sua alta besta de polé, cujo arco de aço elástico e polido refulgia ao sol-ponente, quando sentiu um tropear rápido. Parou, voltou-se e viu o camareiro-menor chegar ao adro de S. Martinho, olhar de roda de si, apegar-se, atirar a rédea para cima do pescoço da mula e encaminhar-se para o portal donde o truão o observava, Não esperou este que ele o visse. Tomando por uma porta à esquerda do átrio, Ale parou de novo e pôs-se a espreitar. Percebendo que o escudeiro se dirigia para ali, sumiu-se ao longo de um corredor que, fazendo ângulos e voltas, subindo e descendo, ia terminar noutro que o leitor já conhece e que dava comunicação para o aposento onde se passaram as cenas entre misser Percival, o rei, o chanceler e D. João de Ornelas que anteriormente tentámos descrever.

Dir-se-ia que Fernando Afonso lobrigara o truão e que diligenciava alcançá-lo. Entrou pela mesma porta, seguiu ao longo do mesmo corredor, deu as mesmas voltas, subiu os degraus que ele subira, desceu os que ele descera, e cada vez o truão sentia mais perto de si as passadas do moço escudeiro, que não podia ouvir igualmente as de Ale, calçado de servilhas mouriscas e caminhando nas pontas dos pés. Todavia, no meto daqueles escuros e tortuosos meandros, o camareiro hesitou, retendo a respiração e pondo-se a escutar atentamente.

Parecera-lhe ouvir um rastejar sumido, como de cobra que fosse fugindo adiante dele.

O jogral parou também. Chegara naquele momento a um passadiço que conduzia da câmara real ao aposento cuja chave exterior o chanceler guardava.

Esse corredor recebia alguma luz, bem que frouxa, de um frestão rasgado na parede de uma espécie de claustro interior. Num relance, Ale galgou até a extremidade e, cosendo-se com a porta, ficou inteiramente coberto com o reposteiro. Um instante que houvera hesitado, o camareiro vê-lo-ia. Quando, porém, este chegou ali, apenas uma ondulação quase imperceptível agitava as pregas do reposteiro, ondulação que a luz baça do corredor não permitia enxergar do topo fronteiro, por onde o mancebo assomara.

Quase ao fim do corredor, na parede lateral, abria-se um arco. Era o patamar de uma escada em espiral que ia morrer no pavimento superior.

Fernando Afonso escutou novamente. Reinava profundo silêncio; porque tudo estava deserto. A festa de *Corpus* transvasara, por assim dizermos, o paço na catedral.

O escudeiro começou a subir cautelosamente. Ale, apenas o vira desaparecer no arco, saíra detrás do reposteiro. Num pulo, achou-se no primeiro degrau da escada. Caminhando de pés e mãos, como um gato, seguia de perto o camareiro-menor, que, pela forma da escada, pela tenuíssima luz que o corredor soturno lhe ministrava, pelo nenhum ruído com que o chocarreiro avançava, não podia imaginar que o seguiam.

Saindo a uma espécie de dormitório, mal alumado pelos raios do Sol através de um espelho de vidraças brancas aberto no topo ocidental da galeria, Fernando Afonso chegara, enfim, ao termo da sua misteriosa viagem. De um e doutro lado havia uma série de portas fechadas. Sobre elas caíam reposteiros verdes e brancos, bordados com as armas de Portugal coroadas pelo dragão verde. Estes reposteiros, que rojavam no pavimento, encobriam-nas inteiramente. Um deles, porém, estava corrido para o lado. Ali, como no pavimento inferior, reinava silêncio sepulcral.

Esse dormitório e essas celas eram um lugar vedado aos homens, como harém de amir muçulmano, ou como claustro de virgens consagradas ao Céu, posto que não habitassem aí, nem escravas do Oriente vendidas à sensualidade de um senhor licencioso, nem vítimas de ideias exaltadas e supersticiosas ou da tirania doméstica.

Fernando achava-se no lanço do palácio destinado para a habitação das donas e donzelas de D. Filipa.

Inclinando sucessivamente a cabeça a um e a outro lado, o mancebo parou no Mito do extenso dormitório. Aplicava o ouvido, ora para a direita, onde os raios do Sol, já mergulhando para o ocidente, se estiravam pelo acanhado espelho de vidraças brancas e convertiam em subtis piscas de ouro o pó da atmosfera, ora para o topo oposto, aonde a luz viva, mas pouco volumosa, do óculo voltado ao poente chegava apenas como crepúsculo duvidoso. Este inclinar-se, este escutar era que hesitava entre o desejo e o perigo. As artérias batiam-lhe com violência, e pela medula dos ossos corria-lhe a espaços um calafrio.

Finalmente avançou alguns passos. Uma tábua do pavimento, rangendo sob o seu peso, causou-lhe um estremecimento de terror. Escutou de novo: a quietação era completa.

Só uma voz íntima parecia dizer-lhe: «Retrocede, que ainda é tempo.» Porventura era a mesma que a Porta do Ferro tentara chamar-lhe assassino; a voz, não inteiramente muda, da consciência.

Como ali, desatendeu-a. Indignado da própria fraqueza, galgou ao longo dessa renque de portas, que ia contando mentalmente. Parou perto da duodécima, a do reposteiro corrido. Estava meia aberta. De dentro, uma claridade débil, que parecia atravessar dois ou três aposentos, prolongava-se pelo chão do corredor. Era aquele o lugar aonde o moço escudeiro devia dirigir-se. A um leve bater de palmas responderam-lhe uns sons maviosos de alaúde. Respirou: o sinal fora correspondido. O coração, que o receio até aí lhe estorcera, agitava-lho agora a alegria.

E, contudo, se neste momento tivesse volvido o rosto, correndo com a vista até a aresta do arco por onde acabava de passar, talvez essa alegria se lhe convertesse em trance cruel de angústia; talvez o seu raio visual fosse cortado por uma face ridente de ironia, por um olho vivo e negro, que o vigiava, por metade de uma fronte, que, roçando pela quina de mármore, ora aparecia, ora desaparecia. Mal pensava ele que, afora os broncos besteiros da guarda, alguém o tinha visto entrar nos Paços de S. Martinho e que tenebrosa missão estava a cargo desse alguém que o vira e que o seguia.

Os sons do alaúde haviam cessado, e um ranger de quícios e uma pancada quase imperceptível de porta em batente lhes tinham sucedido. O olho irónico, a face risonha e a meia frente de Ale surdiram junto à aresta do alisar de mármore. A luz que da porta meia aberta se estirava pelo pavimento tinha-se eclipsado, e o mancebo desaparecera. O corpo inteiro do mouro desenhou-se então na viva claridade do espelho ocidental. Aquele vulto adiantou-se pé ante pé para o topo escuro da galeria e chegou ao reposteiro franzido. Aí parou. Parecia meditar.

O sítio em que se achava não lhe era absolutamente desconhecido. Já uma vez, com a sua liberdade de bufão, tinha ousado penetrar naquele recinto, com grande escândalo e gritaria de D. Cipriana, a rodeira das damas, cujo trono, agora vazio, se ostentava no topo escuro do dormitório. Daí a severa rodeira regulava a ordem e policia entre as cuvilheiras e sergentes das altas e nobres donas e donzelas de sua mercê a rainha; entre esse bando de aves palmeiras, que, saindo e entrando dos aposentos de suas *domnas*, se cruzavam, paravam, agrupavam-se, dispersavam-se falando, altercando, rindo, e correndo vivas e trélegas pela extensa galeria. Ouvindo as exclamações de horror da rodeira e observando o espanto pintado no gesto de toda aquela turba de raparigas, que tinham ficado como estátuas ao ver no redil um lobo, posto que lobo velho e desdentado, Ale galgara de um pulo pela escada abaixo e fora esbarrar com el-rei, que passava nesse momento para o gabinete particular. O chocarreiro agarrou-se-lhe então à falda da jórnea, bradando:

– Compadre João, compadre João! Que diabo de galinheiro tens tu lá em cima? E que peste de galinha choca é aquela que cacareja e cuida cantar como o galo? Ia-me tirando os olhos. Ápage!

E deitara a fugir, enquanto el-rei, em vez de se irritar, desatava a rir. Que importava que Ale tivesse quebrado aquela espécie de clausura? Um bobo não era um homem. Todavia, gritou-lhe de longe:

– Guar-te, compadre, da galinha choca, não vá cacarejar às orelhas do alcaide dos donzés. Bem sabes que as pontas dos tagantes que ele traz à cinta são flexíveis e delgadas!

Desde aquele dia Ale passara sempre de largo pelas fronteiras dos domínios de D. Cipriana. Mas a vinda inopinada de Fernando Afonso, as recomendações terminantes de D. João de Ornelas e o próprio impulso de uma curiosidade malévola haviam-lhe dado agora ânimo para afrontar o perigo. A verdade era que este não existia. A rodeira e as cuvilheiras e as sergentes, tudo abalara para assistir ao grande drama de *Corpus*. Só a cadeira magistral de D. Cipriana rutilava, apesar da frouxa claridade, com a sua pregaria dourada, e ostentava os seus braços de maciça nogueira lavrados de flores e frutos, o seu espaldar rendilhado e erguido em coruchéu, à maneira de portada de catedral, e a sua sólida base terminada em duas gárgulas, uma imitando o corpo de um leão rapante com face humana, outra o de um homem estirado sobre o ventre com a carranca leonina e finalmente o seu rodapé de gorgorão verde, que, pendurado em volta do assento de couro bastido, servia de sanefa às carantonhas das gárgulas.

O truão deu mais alguns passos, chegou-se ao trono da rodeira, meteu-se atrás do espaldar e esperou o desfecho da estranha aventura que o acaso lhe deparara. Enovelado naquele recanto, podia ver sem ser visto. Mi a escuridão era quase completa, e até quem se chegasse ao pé dele dificilmente distinguiria nesse vulto, que semelhava uma trouxa, as formas e proporções humanas.

Apenas, porém, o mouro se aninhara, a porta misteriosa abriu-se com violência. Lá, no limiar, estava uma formosa mulher, cujos trajos desordenados, cuja extrema palidez, cuja voz presa e trémula indicavam o susto.

Ale reconheceu-a: era uma das damas da rainha. Um homem procurava retê-la,

segurando-lhe o braço: era Fernando Afonso.

– Enganastes-vos, senhora – dizia o mancebo. –Juro que vos enganastes! Não pode ser: não podem voltar ainda.

– Meu Deus, meu Deus! – murmurou ela, erguendo as mãos com gesto de progressivo terror. –Parti... por amor de vós... por amor de mim!

– Um momento só, um momento...

– Não, Fernando. Ide-vos... fugi!

– Oh – interrompeu o moço escudeiro, estorcendo as mãos com olhar frenético – deixai-me ao menos ouvir ainda outra vez desses lábios que sois minha, minha só, minha para sempre: deixai-me aspirar a felicidade depois de tanto padecer; deixai-me...

– Escutai... escutai de novo... Não foi ilusão!... O perigo está sobranceiro. Agora as trombetas bem distintamente soam. E a rainha que volta... Que será de nós, se vos encontram aqui!

Efectivamente Ale, que, enfim, percebera a aventura e retinha a custo um frouxo de riso, distinguiu os toques estrídulos das charamelas que guinchavam, segundo parecia, da banda do adro de S. Martinho. A sua situação era também pouco vantajosa, e ao lembrar-se de D. Cipriana perdeu a vontade de rir.

Fernando escutava.

– Tendes razão! – disse ele por fim. – Amanhã, pois... aqui... durante o sarau... quando o sino da Sé tiver tocado a completas.

Sim, Fernando. A galeria estará deserta como agora. A rainha dispensou-me de acompanhar três dias. D. Filipa é indulgente quando se trata de actos de devoção. Foi esse o pretexto com que me encobri.

– E o meu será entretanto o mal que hoje inventei. El-rei julga-me gravemente enfermo. Amanhã a ventura não me fugirá como hoje... amanhã, senhora... Oh, quanto serei feliz!

– Insensato!.. Deixai-me, deixai-me, e fugi!

Era que o mancebo a estreitara repentinamente entre os braços e que naquela formosa fronte se imprimira um beijo longo e ardente.

Depois, Ale ouviu sussurrar um adeus submisso. Os dois vultos desapareceram, e, ao mesmo tempo que pelo dormitório se alongavam passos de homem leves e rápidos, o reposteiro correu-se e a porta cerrou-se. Durante alguns credos fez-se alto silêncio. O chocarreiro ergueu-se então, deitou a cabeça, depois o tronco, e depois saiu de todo detrás do espaldar: mirou para um lado e para outro e, com a mesma cautela com que se aproximara daquele sítio, dirigiu-se nos bicos dos pés ao topo da escada em espiral.

E, descendo lentamente, cismava:

«Amanhã: ao sino... Sino de quê?... Ah sim, de completas... Não me esqueço, nobre escudeiro, que atropelas os que te não fizeram mal; não sou esquecido... Oh, como o abade rirá! Bem me dizia ele: "Observa, vigia, Ale." Atinava! Eu é que sou um parvo... Partamos para o Colégio de S. Paulo.»

E através dos corredores e passadiços, subindo e descendo, ria como um perdido a pensar no caso.

No momento em que chegou ao átrio do paço, a rainha desmontava de um palafém branco, em que viera do cadafalso ou tablado erguido no topo ocidental da Rua Nova, donde desfrutara as cenas devotas e brutescas da solenidade. As charamelas tiravam ainda os seus últimos sons, e os timbaleiros davam os extremos rufos, prolongando-se com a Igreja de S. Martinho. A esse ruído associava-se o do patear de mulas de pajens e de hacaneias de donas e donzelas e o de muitas vozes que se cruzavam.

Dez minutos depois D. Cipriana, assentada na sua poltrona, desencalmava-se com

uma taça de hidromel e dizia à sergente Briolanja, que lha trouxera:

– E a tua dona?

– Parece que ainda está rezando. Já fui escutar à porta e não ouvi nada.

– Não ir à procissão para rezar todo o santo dia?! É cousa singular! Tenho reparado que, desde que deixou de se confessar a Fr. João Xira e tomou por director Fr. Isidoro, anda quase sempre triste e a cismar. Dizem que Fr. Isidoro é, depois de Fr. João Xira, o melhor mestre de casos de S. Francisco. Será; mas eu não o queria para meu padre espiritual, se faz andar assim a gente com o coração agastado.

Briolanja passou então para o lado da rodeira, meteu a cara entre as mãos, encostou-se aos cotovelos no braço da cadeira e aproximou a boca do ouvido de D. Cipriana.

A rodeira inclinou a cabeça para o lado, seguindo entretanto com os olhos o bando das raparigas, que entravam e saíam sussurrando ao longo da galeria, pouco antes tão silenciosa.

– Não é isso, senhora D. Cipriana... não é isso – disse a sergente, que parecia hesitar. – O que é nem eu tenho ânimo de lho referir! Jesus venha à minha alma!

– Oh! então que é? – acudiu a rodeira, voltando-se e arqueando em ogiva as sobranceiras grisalhas.

– Pois sempre quer que lho conte?... Eu sei! Ainda não estou em mim...

– Mas vamos: que foi? Fala, mulher, fala.

– Olhe que, se vai logo dizê-lo!...

– Não digo, não. Podes ficar tranquila.

A sergente persignou-se, fazendo um gesto de horror.

– Ai, nome da benta hora! A noite passada... Oh, valei-me, santa Senhorinha de Basto, santa da minha terra, que não tenho ânimo para tal contar!...

– Mulher, que me impacientas! – insistiu a rodeira colérica, fazendo um rufo no pavimento com os tacões das botinas. – Não sabes que eu devo saber tudo o que se passa aqui, para acudir com remédio a qualquer caso extraordinário?

– Remédio! Não é caso disso... Ora pois, eu lho conto... E por lhe obedecer.

D. Cipriana refastelou-se mais a seu cómodo na poltrona, enquanto Briolanja tornava a persignar-se.

– A noite passada – começou a sergente – dormia eu na almadraxa aos pés do leito de minha dona. Acordo estremunhada com o coração aos pulos: corria-me da testa o suor em bagas. Na Sé tocavam o sino depois de completas: não eram ainda nove horas. O sino calou-se, e, apenas se calou, pareceu-me ouvir um som mais perto. Era uma voz de homem à cabeceira do leito; mas voz triste, muito triste. Também me pareceu que minha dona gemia, tentando articular algumas palavras...

– Misericórdia! – interrompeu a rodeira, levando as mãos à cabeça. – Um homem, aqui, e depois de noite!? Que dizes, Briolanja? Pois isso será verdade? Jesus; santo nome de Jesus!...

– Qual homem!... – replicou a sergente. – Um medo, uma cousa má, uma alma em pena!... Branco, branco!... Trazia vestida uma alva até os pés. E depois, os buracos dos olhos e a testa amarela e luzidia e duas fieiras de dentes a branquejarem; que beiços não os tinha!... Estava assentado à cabeceira do leito, e com a mão de ossos descarnados, como os da caveira, posta sobre o peito da minha dona, e ela a querer falar e sem poder. O medo dizia: «Ainda mais dez anos de purgatório, Senhor meu Deus!, ainda mais dez anos! Assim esquecem aos vivos, nos deleites do mundo, os sufrágios pelos pobres finados!» E punha-se depois a gotejar lágrimas daqueles olhos que não eram olhos, e a soluçar com aquela garganta mirrada. E a minha dona tremia, e o leito tremia, e tremia eu, que mirava tudo, mas com a cabeça coberta, por uma fisga da roupa; e a lâmpada

espirrava, e na janela sentia-se o vento que assobiava, e lá no telhado da Igreja de S. Martinho os mochos que piavam. E isto durou, durou, durou... Eu sei lá o que durou! A cousa má carpia-se de que a assavam, de que a frigiam em azeite, de que a atenazavam, e posto que eu não visse nem lume, nem grelhas, nem sertã, nem tenazes, creio que devia ser assim, pelo muito que a pobre da alma grunhia e suspirava.

– Ai! cal-te, mulher, cal-te! – exclamou, enfim, D. Cipriana, a quem o excesso do espanto e terror paralisara por algum tempo os movimentos e a fala. – Oh sacratíssima Virgem! E eu que durmo ali no reposte; mesmo paredes meias! Não: esta noite já não fico lá. Vou mandar pôr um almadrague naquele aposento devoluto, acolá no topo do dormitório..

A sergente interrompeu-a.

– É escusado. O medo não passa pelas paredes, creio eu; porque, quando os galos começaram a cantar, alevantou-se, marchou vagarosamente até ali à porta, que se abriu e fechou atrás dele. Senti-o parar aqui um pouco e depois encaminhar-se ao longo do corredor. Jurara, até, que lhe ouvi os passos descendo a escada.

– Pior, pior! – acudiu a rodeira. – Amanhã já esta poltrona aqui não fica. Acolá do outro topo ainda observo melhor o que se passa no dormitório e estou mais à mão de quem vem trazer qualquer recado. Faço uma cruz a este maldito recanto. E tua dona, que resolução tomou?

A sergente custou-lhe a conter a alegria, ao ver o efeito que a sua história produzira no ânimo de D. Cipriana, e respondeu:

– Mandou-me a S. Francisco esta manhã contar tudo a Fr. Isidoro, que ordenou certas rezas para rezar hoje todo o dia e nas três noites imediatas, começando antes da hora em que apareceu o fantasma, enquanto ele não vem benzer o aposento e fazer os exorcismos. Recomendou-me, porém, segredo; porque as almas assanham-se, diz ele, contra quem põe em praça as suas misérias e necessidades.

– Por mim – replicou a rodeira, cujo propósito de contar tudo no dia seguinte à camareira-mor D. Brites Gonçalves lhe passara no mesmo momento – pode a pobrezinha da alma ficar descansada. Que entre, que esteja ou que saia, é cousa de que não quero saber, e Deus vê o meu coração. O que hei-de, lá isso hei-de, é rezar uma coroa esta noite para que Deus se amerceie dela... Estou pateta com o caso!

Assim terminou o diálogo. E de feito, nessa mesma noite a cama de D. Cipriana passou do reposte ou vestiaria das damas para a câmara devoluta, e ficou tudo prevenido para a veneranda poltrona ser transferida no dia seguinte para o topo oposto do dormitório e colocada debaixo do espelho ou janela redonda que o alumia.

Também nessa noite, Briolanja e sua ama, a sós e fechadas por dentro, conversaram em voz baixinha mais de uma hora, interrompendo às vezes a conversação com um rir mal refreado.

As histórias de duendes e espectros e almas penadas e possessos e diabretes constituíam na Idade Média um sistema de doutrinas, cuja solidez se estribava em factos repetidos, irrefragáveis, testemunhados por milhares de pessoas, e em princípios demonstrados *a priori* e *a posteriori*, incontrovertidos, axiomáticos. Duvidar da realidade do sistema seria um cepticismo escandaloso ou uma loucura rematada. D. Cipriana era, porém, pessoa sisuda e que sabia como havia de pensar: por isso a mudança do almadrague e da poltrona foi, em nosso entender, de uma finura admirável.

Se D. Cipriana vivesse hoje, havia de ser muito lida em economia política, e se tivesse alguns bens da fortuna metia-os nas unhas dos agiotas, que lhe dariam vinte ou trinta por cento de lucro e em pantana com o capital.

É que em cada século há uma verdade graúda que predomina e que vai ajudando os espertos a consolarem-se dos dissabores da vida à custa do animal, alvar por

excelência, chamado cidadão ou homem civilizado, para cujo consolo vieram à Terra as bruxas, a terapêutica, os fundos públicos, a ontologia, os duendes, as infusões, a estética, as petas e o palavreado.

E a verdade verdadeira, acorada há seis mil anos no fundo do seu poço, a rir, a rir, a rir, que já não pode ter as ilhargas.

Coitada da pobre verdade!

XXII

JURAMENTO CONTRA JURAMENTO

*Como foy triste acabar
Com tanta tristeza e dor!*

G. DE RESENDE, *Miscelânea*.

Tanto o elixir de Fr. Vasco, como a bolsa com que tentara a pobre Domingas eram dádivas de D. João de Ornelas. Mas, se a tentação em que a bolsa fizera cair a cuvilheira fora fatal a esta, a virtude do elixir, que o abade exaltara como específico singular contra a languidez de Beatriz, tinha sido para a pobre enferma absolutamente ineficaz.

Nas horas mortas da terrível noite em que Fr. Vasco exigira de sua irmã o doloroso sacrifício de implorar a piedade de um homem vil e cruel, sacrifício que ela reputava não só superior às suas forças, mas também inútil, Beatriz apenas saíra do letargo em que ficara à partida do monge para se debater em convulsões repetidas e cair depois numa espécie de insensibilidade estúpida, que a tia Domingas na sua alta sabedoria traduzira em decisivas melhoras, produzidas por duas ou três colheres do mirífico elixir, concluindo daí que lhe era licito rezar as suas orações e deitar-se imediatamente a dormir, antes que entre as rezas e o sono se lhe introduzisse atraíçoadamente no espírito alguma tentação de Satanás.

Desde aquela memoranda noite, as forças de Beatriz, gastas já pelos padecimentos do corpo e do espírito, começaram a desaparecer rapidamente. As suas faces emaciadas tingiam-se de um círculo de rubor, que parecia tanto mais vivo quanto a fronte se lhe tornava mais pálida. Era que a febre, a lenta mas incansável gastadora da morte, lhe minava debaixo dos pés o caminho precipitado do túmulo.

Também, durante os dias que decorreram até o da procissão de *Corpus*, uma tremenda luta se passara na alma do moço cisterciense.

O juramento que, a bem dizer, fizera sobre o cadáver de seu pai, a repugnância a cometer um novo crime, embora até certo ponto justificado pela honra, a comiseração para com sua desgraçada irmã e, finalmente, as vãs esperanças que alimentava repeliavam-se, travavam-se, recuavam, compenetravam-se em combate sem desfecho, sulcando-lhe cruelmente o campo dessa acesa batalha, o coração. Mais de uma vez o amor fraterno, o único afecto em que a sua alma requeimada achava refrigério, estivera a ponto de dar a vitória à comiseração; mas o orgulho ofendido, a mais implacável das paixões humanas, não tardava a vir equilibrar o combate.

Entretanto o dia fatal estava de contínuo ante os olhos de Beatriz como um espectro, não imóvel no horizonte do futuro, mas caminhando para ela a passos lentos, crescendo em dimensões e abrindo as garras para a despedaçar. Era uma cena de fantasmagoria, de que não podia afastar a vista até o momento em que essa espécie de pesadelo se convertesse em tremenda realidade.

Uma existência menos débil que a sua houvera cedido a esta situação intolerável.

No dia da procissão de *Corpus*, Fr. Vasco obtivera, pela onnipotente intervenção do abade, dispensa do reitor de S. Paulo para não acompanhar a comunidade. Tinha assim tempo bastante para confortar Beatriz antes da hora solene em que, segundo de acreditava, se devia decidir o seu destino; dessa hora que esperava entre as angústias que resultam da esperança e do temor combinados. Para obter a permissão de estar

ausente até realizar o seu plano, recorrera a um pretexto plausível; a inquietação que lhe causavam as tristes novas recebidas nessa manhã acerca do estado, cada vez mais ameaçador, em que se achava Beatriz.

Havia dois dias que o moço cisterciense, retido pelos deveres monásticos e por diversos misteres de que o incumbira o reitor, não viera à Rua de D. Mafalda.

Nestes dois dias o espectro tinha-se chegado mais para a alucinada donzela. Escondida atrás desse vulto medonho, a morte se aproximara também e se assentara ao pé do leito de agonia. Ali mirava a sua presa, que lhe sorria melancólica. A ideia da morte era quem a consolava.

A febre latente, que pouco a pouco lhe ia devorando a existência, criava estas imagens e punha-lhas diante do espírito. Embora ninguém mais as pudesse ver: existiam para ela. Eram, portanto, reais.

Quando Fr. Vasco chegou, Domingas esperava-o inquieta. Tinha de dar algumas voltas antes de ir cumprir a missão que lhe incumbira. Eram para a desempenhar melhor, dizia ela.

Enquanto escutava impacientemente as observações da cuvilheira, o frade, não vendo aparecer Beatriz, renovara por duas ou três vezes a pergunta muda a que Domingas estava habituada. Alevantou a cabeça, olhando para o lado da câmara e estendendo a mandíbula inferior.

– Dorme.

Era a resposta impreterível da velha.

O cisterciense encaminhou-se para o corredor, enquanto Domingas se dirigia para a escada, recomendando-lhe que fechasse a porta à chave. Fr. Vasco respondeu que sim. Ouvira o som das palavras sem lhes ligar sentido algum. Há na vida instantes destes, em que o espírito se divide em máquina e em consciência. A máquina dirige os órgãos, e a consciência absorve-se numa ideia.

«Dormir em tal dia, a tais horas, quando a crise se aproxima!»

Assim cismava o frade; e esta cogitação fazia-lhe correr um calafrio pela medula dos ossos. O porquê, não saberia dizê-lo.

Ao entrar na câmara de sua irmã, o monge viu que Domingas o enganara.

Beatriz estava encostada à cabeceira do catre; os seus cabelos soltos varriam os pés de um crucifixo de metal pendurado na parede superior. Despedindo-se ao partir para Cárquere e Bouro, Fr. Lourenço lhe deixara esta memória de si. Era, de tudo quanto possuía, o que o bom do frade mais estimava.

Os olhos da donzela, onde fulgia desusado brilho, pareciam fitos na pequena elevação que os seus pés faziam, para o lado inferior do catre, na almucela que até a cintura a cobria. Daí para cima um gibão de mulher, ou vasquinha, preto e afogado na garganta, escondia debaixo das multiplicadas pregas as formas emagrecidas daquele corpo outrora tão esbelto e gracioso. Era no vulto da morte, visão íntima que o imaginar febril lhe convertia em entidade sensível, que ela tinha os olhos fitos.

As passadas do monge, que chegara à borda do catre, não a tiraram daquela contemplação extática. Vacilava-lhe nos lábios sem cor um quase imperceptível sorriso.

O monge curvou-se um pouco e deu-lhe um beijo na face. Queimava.

Beatriz não se moveu.

– Vamos, preguiçosa – disse ele, apertando-lhe a mão fria, que tinha pendente ao longo do corpo. – Recolhida ainda, quando vai já em meio um dia tão lindo?

O beijo dá-lo-iam quaisquer lábios: de uns somente, porém, podia essa voz partir. No fundo daquela alma absorta na tribulação a corda da simpatia fraterna vibrou uníssonamente e estridente. O encanto quebrou-se: os olhos de Beatriz volveram-se para o irmão; e o leve sorriso com que saudava o fantasma da morte veio saudar mais fagueiro

a imagem querida que tanto tardara. Apertou também com a sua a mão de Fr. Vasco. O mancebo percebeu então que esta estava, não fria, mas gelada.

– O dia é bem lindo! – murmurou Beatriz. – A *noite* é que é horrenda!... Mas entre o dia e a noite está a galilé da igreja, onde dormem os mortos e onde se vai às ave-marias rezar por eles. As ave-marias não é noite nem dia.

Quanta lógica íntima havia nestas frases incoerentes e absurdas! Vasco mal as compreendia. Creu que sua irmã devaneava. Experimentava terror inexplicável. Buscou encobri-lo, e prosseguiu em tom de gracejo:

– Um dia de Junho é lindo! Mas não tanto como tu. Se não fosses minha irmã, e se não me houvessem unido indissolivelmente a esta áspera estamemha, havia eu de amar-te como louco: havias de ser minha mulher, porque és boa e meiga; porque és bela, Beatriz!

Dizendo isto, o frade ria anediando-lhe as madeixas. Era dentro e a ocultas que a dor lhe confrangia o coração.

– Também ele – murmurou de novo Beatriz – jurava que eu era boa e meiga; que eu era bela; que seria sua esposa!

E torcendo o corpo, atirou os braços por cima dos ombros de Fr. Vasco, uniu ao rosto dele a fronte, que escaldava, e inundou-lhe de lágrimas o escapulário.

– Ânimo, Beatriz, ânimo!... Pois que é isto? Olha; eu tenho esperança; muita esperança... Quem poderia ver-te assim e não se doer de ti? O que é não sei eu; mas diz-me uma cousa cá dentro que hoje... Deixa estar: verás!

A donzela ergueu a cabeça, fez afastar um pouco Fr. Vasco e pôs-se a contemplá-lo calada. Os seus olhos, semelhantes ao sol fulgindo, no amanhecer, através do chuveiro impelido do noroeste, brilhavam por entre as lágrimas que lhe tremiam nas pálpebras.

Depois de assim o olhar fito alguns instantes, tomou a aproximar a fronte de Fr. Vasco da sua e replicou:

– Também o coração me fala hoje não sei que palavras de repouso e de paz.

E sorria de novo ao proferir isto em voz submissa e tarda.

– E porque não descera outra vez sobre ti, pobre desgraçada, um raio de luz do céu? – prosseguiu fervorosamente o monge, depois de alguns instantes de silêncio. – De sobejo tens pago o erro de um coração inexperto, embora a expiação do criminoso costume ser neste mundo bem longa e severa!.. E depois, que vamos nós pedir a esse homem? Apenas a reparação de uma afronta, apenas que apague a inscrição vergonhosa que a falsa fé gravou no túmulo de um velho honrado. Não é pedir muito... Oh, eu que fui nobre, que fui cavaleiro; eu, que jamais cometi feito vil, que nunca nos combates voltei as costas, nem alcancei jamais como houvesse quem ajoelhasse aos pés do inimigo a pedir misericórdia, ajoelharei hoje contigo aos pés dele e implorarei, não justiça, mas compaixão. Que a tenha uma vez só, e não a invocaremos mais! Sem remorsos poderá então engolfar-se nas delícias da vida; correr soltamente à mercê das suas paixões. Não o perturbaremos. Quebrarei os laços do claustro, e iremos viver ambos, esquecidos do mundo e esquecendo-o, no decadente solar de nossos avós. Os ténues haveres que reservei para a nossa Brites e estes braços, que podem bem trabalhar, suprir-nos-ão a todos três. Os musgos e a hera, que revestem esses velhos muros, arrancá-los-emos com as próprias mãos, e do chousso que os cerca os rosais e a madressilva expulsarão os abrolhos que a solidão e o vento do céu lá tem plantado. Bem sei, Beatriz, por qual preço havemos hoje de pagar essa tranquila existência. A humilhação é uma cousa cruel quando a inocência se curva ante o crime: para isso é necessário mais esforço que para afrontar a morte. Mas tu o terás. Inspirar-to-ão o meu exemplo e a santa memória de nosso pai...

– Quero tê-lo, Vasco – interrompeu Beatriz, que escutava seu irmão, olhando para ele com aquele triste e interminável sorriso que se lhe encarnara no rosto –, quero tê-lo; porque tu o desejas. Espero, até... Mal sabes tu o que eu espero! Enquanto respirar, não posso ter outra vontade que não seja a tua. Tu és o meu anjo-da-guarda na Terra; tu, indulgente e bom para a irmã criminosa, como o havias sido quando era inocente e pura; tu, cujos lábios serão os únicos que pedirão a Deus repouso e misericórdia para a mulher perdida, e cujos olhos serão os únicos que chorarão por ela, quando deixar de existir. Não é assim Vasco? Não há-de chorar e rezar muito por mim em eu morrendo?

Isto era dito com um acento de melancolia tão profundo; vinha tão deveras da alma, que o cisterciense fez um gesto de terror.

– Morreres, tu, Beatriz!? Deixares-me só na Terra?... Então que fico eu cá fazendo?... Isso não pode ser. Deus não pode querer tal. Há-de viver.

– E depois de breve pausa, prosseguiu: – Oh, não digas que és mulher perdida! Não! Até a última gota de sangue que há nestas veias, vertê-lo-ia para te erguer, para te purificar, anjo despenhado! Se esse miserável...

Na frente do monge ondearam algumas rugas, e nos olhos cavos reluziu-lhe um desses relâmpagos que faziam estremecer sua irmã.

– Não me entendeste, Vasco – interrompeu ela, tentando, mas debalde, compor um gesto tranquilo. – Eu hei-de viver, talvez, muito; muito. Mas tu disseste-me, há tempo, que tinhas uma ideia fixa: eu também tenho a minha. Isto das ideias fixas, dizia nosso pai, lembra-te?, que é uma espécie de doudice. Depois, sabes lá? A morte, manda-a às vezes Deus sem ser esperada. Supõe que ainda hoje eu morria... Estou louca: não é assim? Mas supõe-no. Consola-me o ouvir-te dizer que há-de rezar muito por mim. Promete-mo. Que te custa isto?

– Pois sim; pois sim! – acudiu o monge. – Que mais queres que te diga? Rezarei e chorarei muito, já que folgas nessas ideias tristes. Nem as lágrimas me são estranhas, nem o longo e aflito orar. Mas, olha: eu sou interesseiro. Dizem que nós os frades somos todos assim; e é verdade. O Sol começa a declinar. S preciso que te alevantes daí; que me adornes esses cabelos com aquelas rosas que ali pus sobre o bufete; que esses olhos tão lindos se enxuguem e sorriam; que vistas aqueles trajos modestos, mas elegantes, que te enviei há dias. Ficarão bem ao teu rosto pálido, às tuas formas aéreas, minha feiticeira!... Sei que dizes lá contigo: meu irmão o monge, meu irmão o penitente, ainda não esqueceu as vaidades do mundo, as bagatelas que tanto lhe importavam quando era nobre senhor e namorado cavaleiro. Enganas-te. Os hábitos perdi-os; mas ficou-me a memória; ficou-me a experiência. Os encantos da mulher que implora são o som do saltério harmonizando com as vibrações melodiosas da voz humana. Os sentidos enleados guiam ao centro do mais duro coração o gemido da desventura e abrem caminho às lágrimas que tentam amolecê-lo. Oh! Quero que sejas hoje bela!, que afugentes essa melancolia; que sorrias de outro modo... Quero-o; quero-o!

Dizendo isto, ria com um rir nervoso, que gerava tristeza. Ao dar, porém, a primeira passada para sair da câmara, Beatriz travou-lhe com ânsia do escapulário.

– Ainda não, Vasco; ainda não! E outra cousa só que tenho a pedir-te. Nunca mais esta boca se abrirá para te importunar: nunca mais... É pela salvação de nossa mãe que to peço.

O cisterciense creu descobrir no gesto e na linguagem de sua irmã os sinais de um espírito alienado. A impaciência ou a contradição, irritando-a, podiam apressar uma crise que destruísse o fruto de um plano que supunha não só exequível, mas excelentemente calculado. Assim, apertando-lhe entre as suas as mãos regeladas, que erguera suplicante para ele, respondeu:

– Que podes tu pedir-me em nome de nossa mãe, que eu te não faça, Beatriz?

– Eu sei!... Queres tu jurar-mo?

A esta pergunta, o frade cravou nela os olhos. Hesitava.

Houve um momento de silêncio.

– Jura-mo, jura-mo!

Esta exclamação, flente e frouxa, dir-se-ia a de um espírito que, ao abandonar as prisões do corpo, envia ao mundo o adeus suspiroso da despedida.

– Pois jurarei, minha irmã. Mas enfim...

Beatriz soltou as mãos dentre as de Fr. Vasco e, pondo o dedo na boca, desprende da cabeceira o crucifixo de Fr. Lourenço. Depois, como reanimada por súbita energia, apertou a dextra de seu irmão e, puxando-a para si, fez-lha pôr sobre a imagem

– Estás satisfeita? – disse o monge, que cedera sem resistência.

– Juras? – perguntou de novo Beatriz.

–Juro. Mas o que juro eu?

– Oh, Vasco, Vasco! – dizia ela, cobrindo de beijos e de lágrimas a mão que o cisterciense tinha sobre a Cruz. – Mal sabes que bem me fizeste!

– Não te entendo... Que juramento foi este que exigiste de mim?

– O esquecimento de uma grande injúria... o perdão desse que tanto amei!.. É o que te pedi em nome de nossa mãe; de nossa mãe, que me chama do Céu.

– Não me digas isso que me enlouqueces! – bradou o frade, esquecendo no ímpeto do horror e da cólera o estado da infeliz, e afastando a mão de cima da imagem. – Se a morte viesse, que não há-de vir, cortar em flor a minha derradeira esperança, nunca eu perdoaria a esse homem, que fora o teu assassino. Não me peças tal, Beatriz; porque não sabes o que pedes!

– Sei – replicou a donzela, com uma serenidade e firmeza que contrastavam com o anterior abatimento. – Debalde retiras a mão de cima da imagem sacrossanta do Salvador. Ele recebeu o juramento que fizeste; Ele que nos ensinou o perdão...

– E o legado de meu pai? E a minha esperança querida, alimentada com a substância mais íntima desta alma, enredada nas fibras deste coração, sonhada nas dolorosas vigílias de noites e noites; o pensamento que devorou todos os outros, que me abrangeu a existência para a nutrir do seu fel? Sacrifico-o à honra; sacrifico-o ao teu futuro repouso; mas só por esse preço o vendo. Aliás... oh, bem vês que é preciso sangue; mais que isso, até!... Sei o que são os remorsos do assassino; sei-o, Beatriz; mas aceitá-los-ei sem recuar...

– E os do perjuro também, Vasco? Fez-te o ódio esquecer de que linhagem vens? Absolveu-te esse hábito da lealdade de cavaleiro, do santo temor de cristão? Sobre a Cruz juraste a uma pobre mulher executar a sua pretensão derradeira. Fora ímpio e vil enganá-la...

O frade comprimiu a fronte com uma das mãos, como buscando conter o tumulto das paixões que o agitavam e estendeu a outra para sua irmã com gesto solene:

– Basta! Não serei ímpio nem vil... Mas tu viverás, e ai dele se a sua alma ignora o que é o arrependimento...

– Meu Deus, meu Deus! – murmurou Beatriz. –A tua misericórdia é infinita. Salvei-o... salvei meu irmão... Agora posso morrer!

E tentava beijar o crucifixo; mas naquele extremo esforço exaurira todo o alento que lhe ministrava uma exaltação generosa. A cabeça pendeu-me mortal, as pálpebras cerraram-se-lhe lentamente, e caiu num dos longos espasmos em que só o bater das artérias indicava a presença da vida.

Doloroso espectáculo era o dessa mulher desfalecida e desse erecto e alto vulto monástico, cujo rosto, firmado entre o polegar e o índice da mão esquerda, se inclinava

para a terra; cujos olhos cavos e cintilantes se cravavam naquelas faces pálidas; cujos dedos, enfim, inquiriam, com mentida placidez, nas pulsações do coração da desgraçada os vestígios da vida.

Em delíquios iguais a este havia Fr. Vasco visto mais de uma vez Beatriz submersa, e depois reanimar-se, como se no meio de tais crises a natureza cobrasse novas forças para resistir. Apesar de a ter achado excessivamente abatida pela febre que a roía, o monge confiava no vigor juvenil de sua irmã. Inquietava-o, porém, vivamente uma ideia. Esta situação podia prolongar-se, e chegar o momento fatal em que punha as derradeiras esperanças, antes de Beatriz tornar a si. Nesse pressuposto, como sair da situação dificultosa que ele próprio criara?

Assim ficou embrenhado nas suas cogitações. Os instantes, os minutos, as horas passavam. Não o sabia.

E a tarde era longa; mas o dia escoava-se, como o fio de água que goteja, goteja, goteja na fenda da rocha, e perdia-se na imensidade do que foi, o nada a que chamam passado.

O Sol começava, enfim, a mergulhar-se na orla dourada no horizonte. O monge, cujo corpo, cujo olhar, cujo gesto pareciam de estátua, creu sentir bater com mais força o coração de Beatriz, e que o sangue, refluindo às faces, lhas tingia de rubor.

Tingia-lhas um raio derradeiro do Sol, que vinha pelos vidros rubros da janela brincar ridente no rosto da moribunda.

Mas o frade não se enganara inteiramente nas suas suspeitas. Beatriz, entreabrindo os olhos, parecia voltar a si. Um raio de alegria, semelhante ao do Sol que brincava trémulo, passou também subitamente na alma de Vasco.

Mas o raio do Sol não tardou a alongar-se fugitivo daquelas faces pálidas – Bem como ele, o da alegria vacilou, esmoreceu e apagou-se na alma tenebrosa e cansada do cisterciense.

Em lugar deles, ficou só a luz de uma lampadazinha, que ardia diante da imagem de Nossa Senhora, sobre o bufete onde o monge pusera as rosas destinadas a Beatriz.

Na claridade duvidosa do crepúsculo essa lâmpada produzia o efeito que produziria pendente na abóbada de um carneiro, onde por algumas fisgas do pavimento penetrasse frouxo o ténue dia que em si consente uma igreja gótica.

– Vasco! – murmurou de novo Beatriz. – Porque apagaste a lâmpada de Nossa Senhora? Para onde foste? Porque fugiste de tua pobre irmã?

– A lâmpada?! Não vês como arde? Eu?! Eu não estou aqui?

– Oh, fazes bem; não te vás... Mas está tão escuro tudo! Não te vejo, nem o reluzir da lâmpada, nem o clarão da janela...

– Da janela! Gomo há-de ver a claridade, se é quase noite fechada? Vamos; estás melhor. Não é assim? Isto passou...

Mas os olhos de Beatriz, desmesuradamente abertos, revolviam-se-lhe nas órbitas – Não o deixou acabar. Um desses gemidos em que se concentram todas as angústias; um desses gemidos da alma que dá o primeiro arranco para abandonar o corpo; um desses gemidos que vem cair-nos sobre o coração e esmagá-lo romperá do seio de sua irmã.

– Ah! A noite; a noite! Não tarda; *ele* não tarda aí!

Estas frases incompletas explicavam esse gemido.

Os desígnios insensatos do monge haviam acabado de devorar a existência de Beatriz. Sentia-se fenecer. Um esforço sublime de amor fraterno a fizera viver, falar, sorrir no meio dos trances mortais, até obter dele o juramento do perdão. Exausta já, o gemido que arrancara fora a expressão da ideia fatal que as palavras do cisterciense lhe avivavam barbaramente no espírito. Como as da besta-fera no circo romano, as garras

dessa ideia-tigre afogavam, enfim, os últimos alentos no coração da mártir.

O moço frade fitou os olhos espavoridos naqueles olhos que já não o viam. O turvo deles revelava-lhe finalmente em toda a nudez a horrível verdade. Quis falar e não pôde. Também Beatriz já não podia. Tinha os lábios cerrados, e pelos cantos da boca borbulhava-lhe escuma sanguinolenta.

Em que língua haveria frases para descrever o caos de dor, de remorsos, de blasfémia, de terror, de desesperação que nesse instante remoinhou, como num sorvedouro, na alma atribulada do monge? O furacão que devasta, o raio que fulmina, não há pincéis nem cores que possam estampá-los na tela.

O primeiro ímpeto de Vasco fora voar a pedir socorro. Mas como abandonar sua irmã expirante? E de que serviriam socorros humanos? Tinha visto muitas vezes nos campos de batalha o aspecto da morte, para bem a conhecer. Aquele gesto transtornado bastava a dar em terra com a mais robusta esperança.

Alçou então os olhos, como buscando o Céu. Só um milagre poderia, de feito, salvá-la.

Este instinto piedoso trouxe à alma do monge o único refrigério que resta a uma aflição mais profunda que a energia do sofrimento humano. Apesar dos seus desvarios, Vasco nunca deixara inteiramente de crer na misericórdia de Deus.

Das mãos de Beatriz tombara o crucifixo: esse *memento* do único amigo que ele tivera no mundo; do seu segundo pai, cujo vulto sereno e santo lhe surgia agora no espírito cercado de saudades.

As trevas tinham-se de todo cerrado; mas a lâmpada da Virgem iluminava o aposento.

Da imagem íntima de Fr. Lourenço o moço cisterciense volveu a atenção para o crucifixo e para a efígie da Mãe de Deus. No cimo do Gólgota houvera uma dor mais profunda que a sua. É maior o amor de mãe que o de irmão, e o patíbulo é um leito bem duro para morrer!

O pobre frade caiu de joelhos com a fronte encostada à mão pendente e insensível de sua irmã – e desatou a chorar.

E a procela que se lhe erguera no coração ia pouco a pouco declinando, e como que adormecia num pélagos de tristeza.

Então pôde esquecer tudo, para só se lembrar de que ali havia um sacerdote ao pé de uma mulher na agonia.

Curvado sobre o leito e proferindo em meia voz as palavras solenes de consolo e de esperança que a Igreja consagrou para suavizar a hora tremenda do passamento, Fr. Vasco encostara aos lábios brancos da moribunda o símbolo da salvação.

– Oh minha irmã, minha irmã! – bradou ele, aproximando mais o rosto da face já lívida da agonizante, apenas acabou os ritos do seu ministério. – O Salvador abre-te os braços: lança-te confiada neles! Semelhante à luz que, no momento de apagar-se, despede um clarão e se extingue, Beatriz, que pareceu ouvi-lo, abriu os olhos, fitou-os sucessivamente em Fr. Vasco e no crucifixo e, fazendo um derradeiro e inútil esforço para solevar a fronte, murmurou com voz truncada:

– O perdão... o juramento!

E os braços, que alçara naquele impulso final, recaíram-lhe mortais sobre a cruz – Os lábios agitaram-se-lhe por alguns momentos sem que pudessem articular som algum. Depois ficou tranquila. Havia expirado.

As palavras que Beatriz proferira no último arranco zumbiram por largo espaço nos ouvidos do monge, que, imóvel, tinha pregados no cadáver os olhos, donde manavam as lágrimas em fio.

Mas, no tumulto de sentimentos que se lhe revolviam lá dentro, a inteligência fez

de súbito ao coração uma terrível pergunta. Era o facho que se atirava às trevas de uma caverna.

«Quem a matou?»

«*Ele e eu!*»

As lágrimas secaram-se-lhe. A amargura de afectuosa saudade sucedera o fel acre e corrosivo do ódio e do remorso.

O monge atirou-se ao chão como doido e rolou-se pelo pavimento, rugindo e arrancando punhados de cabelos.

Depois calou-se: pôs-se em pé taciturno e começou a andar ao redor do aposento. Havia naquela figura monástica, naquele gesto, naquele movimento circular, o que quer que era monstruoso, fantástico, impossível.

Quando passava pelo cadáver e pelo crucifixo, que tombara outra vez para o lado disso que fora Beatriz, ou pela imagem da Virgem, o frade cerrava as pálpebras involuntariamente.

Eram três refutações inconstrastáveis dos pensamentos sinistros que lhe golfavam na alma. Não queria; não podia escutá-las.

A claridade da lâmpada batia, porém, de soslaio na porta do aposento, e no corredor imediato reinava escuridão completa. Ouviam-se as passadas ligeiras e incertas do monge no meio do profundo silêncio.

De repente Fr. Vasco parou e pôs-se a olhar espantado, cerrando os punhos, curvando os braços e encolhendo a cabeça entre os ombros, como o adibe no sarçal de África ao descobrir inesperada presa. Era que no lumiar da porta estava um vulto embrulhado num ferrogoulo escuro.

– Vem, assassino! – gritou o cisterciense, cuja imaginação enferma não via a impossibilidade de Fernando Afonso chegar assim desacompanhado da cuvilheira. – Vem sem susto! Prende-me o braço aquela cruz e aquele cadáver. Enganou-me a esperança de uma reparação; a ti a de deleites infames!.. Ambos enganados! Vê-la ali? Era ela! Está morta... morta... morta!

E, lançando-se ao vulto, buscava-lhe a mão debaixo das pregas do manto. Apenas pôde travar dela, arrastou-o para ao pé do catre com força sobre-humana.

Mas o vulto, que o seguira sem resistência, desembuçou-se, e Vasco, afirmando-se-lhe no rosto, largou essa mão que apertava, e recuou atónito.

Era D. João de Ornelas.

XXIII

O ANJO MAU

*Doutro cabo,
Vemos que faz o diabo
Suas cousas muito bem.*

A. R. CHIADO, *Cart.*

O abade de Alcobaça não pareceu dar às palavras de Vasco a interpretação natural. Dir-se-ia que o prelado tomara o ímpeto do monge apenas como indício de uma situação dolorosa e extraordinária. Parado por alguns instantes à entrada do aposento, antes de aparecer ao seu confrade, experimentara um arrepio passageiro, percebendo num relancear de olhos qual era o inesperado e triste espectáculo que viera presenciar. Tinha-se depois deixado conduzir sem oposição até ao pé do cadáver de Beatriz, não só porque no estado de demência em que supunha e, até certo ponto, estava l. Vasco, a resistência somente serviria de lhe excitar as fúrias, mas também porque o bom prelado trazia o espírito tão arrobado de doçura e placidez que, se o porteiro Fr. Julião ou outro súbdito seu ainda mais somenos, quisesse alevantar-lhe a grimpa, ele o teria tolerado com inteira equanimidade filosófica, ou antes com perfeita abnegação evangélica. O motivo deste desafogo de ânimo do santo homem de Deus pode o leitor suspeitar qual seria, e se não o suspeita em breve discurso lho exporemos aqui.

Apenas a procissão de *Corpus* se recolhera à Sé, D. João de Ornelas, a quem o exercício e o suor, que largamente despendera através da atouchada pele, tinham despertado com extrema energia a habitual apetência, marchara para a estudaria a passo acelerado à frente dos seus frades, com grande incómodo do reitor, cujo não menos santo affecto à sólida pitaça era combatido pelas dores agudíssimas de inveterada podagra. Além das apertadas exigências do próprio estômago, o reverendo capitão-mor de Alcobaça lembrava-se de que havia convidado a jantar o prior dos domínicos e o guardião dos franciscanos e de que a hora aprazada não tardaria a bater. Por isso deixara o pobre do reitor morder os beiços e bufar a cada topada que dava nos seixos das malgradadas ruas, e só moderara o ímpeto locomotivo quando vira abrir de par em par a porta do Colégio de S. Paulo, junto da qual e perfilado com ela, o porteiro l. Julião ia fazendo gradualmente eclipsar na penumbra da grenha revolta o seu rosto rechonchudo e arrebolado, na descensão da frente pela eclíptica de uma profunda reverência.

Depois da volta à estudaria passara apenas meia hora, que o chefe dos monges brancos aproveitara em comentar com os reverendos prior domínico e guardião franciscano o caso da tia Domingas, caso que fizera grande ruído e em que por toda a parte se falava, quando fora advertido de que a mesa abacial estava servida e de que o reitor o esperava e aos seus respeitáveis hóspedes para fazer as honras da casa, depois de haver devorado à pressa com os ledores, estudantes e mais fradaria do colégio a simples mas reforçada pitaça monacal no refeitório comum. A fragrância do verdadeiro jardim monástico, de um bufete vergando sob o peso de substanciosas e picantes iguanas, que acirrara ainda mais o espicaçado apetite de sua reverendíssima e que o arrebatara numa espécie de êxtase interior, não lhe impedira o valer-se daquele ensejo para inculcar as suas doutrinas de severa austeridade. O estomacal cozido, o suculento assado, as irritantes conservas, os pastelões indigestos, tudo lhe ministrava

temas de profundas reflexões acerca da vaidade e do transitório das delícias mundanas, transitório cuja demonstração prática eram o mastigar e deglutir vertiginoso dos três reverendos. Ao abrir uma empada, que, puxando-a sofregamente para si, comparara ao sepulcro dealbado do Evangelho, tinha-se espalhado em recordações saudosas dos bons tempos nos quais, companheiro do reitor no noviciado, podia livremente ceder às suas propensões para a sobriedade. Cada copa de vinho que virara fora seguida de uma ou outra alusão aos antigos padres do ermo, que, alimentando-se de ervas e raízes e saciando-se no arroio do vale, tinham chegado, não só ao ápice da santidade mas também a velhice robusta e dilatada. Os doces, ou confeitos, como então lhes chamavam, servidos ao pospasto, haviam dado matéria às zelosas invectivas do apostólico varão contra a desenfreada cobiça de venezianos e genoveses, que abarrotavam a Europa de açúcar, transportado de Suez a Alexandria e dali, nos navios daquelas opulentas repúblicas, aos mercados do Ocidente, sem temor das censuras canônicas contra o comércio com os infiéis. Nesta parte do açúcar o abade fora um monstro de eloquência, e houvera um momento em que pelo tortuoso e estreito espiráculo que as trouxas de ovos deixavam nas fauces dos seus dois comensais (perfeitamente acordes com ele em opiniões austeras), os aplausos tinham prorrompido impetuosos. O lauto jantar terminara, enfim, por uma peroração apologética, em que D. João de Ornelas demonstrara, a bem dizer matematicamente, que, se o vão esplendor, os aparatos mundanaes, as papazanas e comezainas alastravam de espinhos a carreira da sua vida mística, era ao cumprimento de um dever, ao desempenho das rigorosas obrigações que lhe impunha o seu carácter de alcaide-mor, fronteiro e rico-homem de Portugal, que ele sacrificava as inclinações à humildade, à singeleza e à abstinência que constituíam o âmago da sua índole. O venerável prelado concluíra com uma espécie de parenese aos circunstantes sobre os perigos que corriam as pessoas religiosas em aceitarem cargos eclesiásticos ou civis das mãos dos príncipes, como lhe sucedera a ele, antigo esmoler d'el-rei D. Fernando, o que mais tarde ou mais cedo não podia deixar de acarretar graves tropeços ao progresso da perfeição espiritual.

Assim, o abade, ao passo que constrangera ao silêncio as clamorosas exigências do próprio estômago, edificara os seus hóspedes e sobretudo o reitor, o qual escutava com as lágrimas nos olhos as piedosas reminiscências da juventude que evocara o reverendo prelado.

Satanás, que também tem uma providência a seu modo, não tardara a remunerar D. João de Ornelas da longa ironia em que aspergira com a água lustral da mortificação as delicias da sensualidade.

Pede o rigor da história que digamos aqui uma grande verdade. Os comensais do chefe cisterciense abundavam absolutamente nas suas doutrinas, e por isso haviam mostrado resignação heróica, ajudando-o a aguentar a cruz de martírio que sobre ele pesava. Repletos como a jibóia que devorou o novilho dos pampas americanos, tinham depois seguido à risca o exemplo do seu anfitrião, refastelando-se nas respectivas poltronas, quando os esófagos, ameaçados de bestial invasão, lhes começavam já a clamar.— basta! — e as línguas lhes tartamudeavam, e as pálpebras lhes vendavam e desvendavam sucessivamente o íris, e os estômagos prominentes lhes arfavam com um movimento peristáltico demasiado sensível. Esse repouso místico durara, porém, breves instantes. O abade fora subitamente despertado da deliciosa sonolência do quilo pela chegada de Fr. Julião, anunciando a presença na estudaria do antigo sergente dela, o truão d'el-rei, que pretendia logo logo falar com sua reverendíssima. A esta nova o bom do monge dera involuntariamente um pulo e, com vénia dos hóspedes, corra para o sumptuoso aposento a que modestamente chamava a sua cela, e aí se fechara com Ale por largo espaço. Depois o mouro, sem se demorar, sem atender Fr. Julião, que,

rebutando de curiosidade, procurava retê-lo, safra pela portaria fora e, em vez de descer para S. Martinho, se dirigira para o lado de Sant'Iago e dali, pela Rua de S. Tomé, à Igreja de Santa Marinha, parando só perto dela, junto a uma casa de decente aparência, para examinar, antes de bater à porta, se lhe teria saltado da manga uma carta que o abade escrevera à pressa e lhe dera com a recomendação de a entregar sem demora.

Voltando ao refeitório abacial, onde o reitor, não sabemos como, travara com o prior dos domínicos uma assanhada questão acerca do nominalismo e do realismo de S. Tomás e de Scoto, em que os *atquis* e os *ergos* se cruzavam, topavam, refrangiam e encambulhavam nos ares, como tiros espessos de aceso combate, D. João de Ornelas parecia meditando e, despedindo-se dos hóspedes, com o pretexto de ter de ocupar-se naquela mesma noite de graves negócios da sua ordem, saíra ao anoitecer, sozinho e embrulhado no ferragoulo escuro, em busca de Fr. Vasco. Tinha a certeza de o encontrar na Rua de D. Mafalda. Chegado ali, dirigira-se à escada de mestre Bertolameu e, subindo dois ou três lanços, fora achar aberta a porta da morada de Beatriz. Ficara admirado; mas, entrando pé ante pé, enxergara quase imperceptível claridade através do corredor que dizia para a câmara e, enfiando por ele, dera com o melancólico espectáculo que essa câmara oferecia. Depois de observar e reflectir por algum tempo, resolvera-se, enfim, a aparecer ao moço cisterciense. Os motivos que ali o traziam eram assaz graves para não retroceder ante urna cena de morte.

Vasco recuara atônito ao descobrir quem era o personagem que viera testemunhar a sua agonia. À exaltação momentânea sucedera o espanto, e ao espanto a reacção do desalento. Por alguns instantes os dois monges ficaram calados, olhando fito um para o outro. Sentimentos contrários assaltavam ao mesmo tempo o coração do moço cisterciense. A saudade, o remorso, a promessa que sua irmã lhe arrancara, o receio de que Fernando Afonso chegasse, o que o constrangeria a patentear o segredo dos seus malfadados desígnios, o impensado aparecimento de D. João de Ornelas; tudo lhe formava no seio dilacerado pela dor um caos medonho. O abade, esse pensava só em como lançaria no meio daquela cena triste e solene a ideia ferozmente risonha de que estava possuído. Assim, ambos, com a hesitação pintada no rosto, se conservaram mudos. Foi Fr. Vasco o primeiro que quebrou o silêncio.

– Dom abade – disse o monge, procurando assumir aparências de tranquilidade –, desculpai a violência de um insensato!... Como poderia eu esperar-vos neste momento? O que vedes vos diz que o último clarão de esperança se apagou nesta alma. Deus amaldiçoou-me, porque lhe voltei as costas, correndo atrás da vingança. O raio que esperávamos fazer cair sobre um pérfido fulminou-me só a mim. Ele ficará ileso... Paciência! Resta-me pedir-vos um último favor... os meios de dar este cadáver à terra.

A voz afogada do cisterciense apenas murmurara as derradeiras palavras. D. João de Ornelas pegou-lhe na mão afectuosamente:

– Vasco, o espectáculo que tenho ante mim é inesperado e tremendo, e a mágoa que ele me causa sincera e profunda. Compreendo essa dor pausada e tranquila das almas fortes. Não irei amargurar-te mais o coração repetindo as consolações impertinentes que a estupidez aplica às desgraças irreparáveis, como o físico as prescrições da sua vã ciência ao enfermo que bem sabe não pode viver. Não! Nem a resignação nem o consolo são possíveis para ti neste momento. Padece! E se o gemer e o chorar te refrigeram, chora e geme sem receio diante de uma testemunha indulgente... Mas a desesperação, Vasco?! Isto é que não é de homem. Não digas que o raio caiu só sobre ti. Deve cair também sobre ele, irresistível, destruidor. Temos a vingar agora, além das nossas injúrias, a morte da desgraçada.

– Oh! – exclamou o mancebo – não me faleis nisso diante destes restos

queridos!... De hoje avante a vingança é para mim impossível!

– Inevitável, queres dizer.– interrompeu D. João de Ornelas, deslizando imperceptível sorriso. – É justamente esse cadáver que te brada por ela... Bem sei que a tua alma tem vacilado e descrido, e o teu ódio esfriado. Há muito que to leio nas expressões e no gesto. Porquê, Vasco? Tardei? Antes a tardança, que o vibrar em vão o golpe. Mas agora asseguro-te que não descerá de balde. Amanhã...

– Enganais-vos, reverendo *domno*! Nem vacilei, nem descri. O meu ódio é ainda acerbo e vivaz. Desejos e esperanças é que me deixaram. Sacrifiquei-os à piedade fraterna, em juramento solene...

– Que dizes, monge?! – bradou o prelado, enrugando a testa. – Quem poderia constranger-te a esse absurdo juramento?

– Minha irmã... minha pobre irmã... Dei-o sobre aquele crucifixo. Não soube, talvez, o que fiz; mas o que está feito está feito. Não posso dizer-vos mais nada... Não me entenderíeis!

Vasco tremia de que o segredo fatal lhe escapasse. No meio da sua amargura, repugnava-lhe a humilhante ideia de se confessar desleal ao pacto celebrado entre ambos. Mas ou o abade sabia mais do que o mancebo supunha, ou, atento só a combater aquela estranha resolução, que empecia os seus desígnios, não curava de lhe indagar os verdadeiros motivos. Fosse o que fosse, D. João de Ornelas prosseguiu:

– E as nossas mútuas promessas? Queres iludir as tuas no momento em que as minhas vão ser cumpridas? Sabe que para to dizer vim aqui: sabe que esse homem que te roubou pai e irmã está na borda dum abismo: sabe que para esmagarmos a víbora basta-nos erguer a planta!... Triunfámos! E é neste momento que recuas, porque, ainda na última hora, uma desgraçada não pôde esquecer vergonhosos amores...

Apontando para o leito, Fr. Vasco interrompeu-o. Pintava-se-lhe no olhar desvairado a indignação, e ao mesmo tempo uma espécie de terror.

– *Domno* de Alcobaça!... Ao menos respeitai um cadáver!

– Sim, respeitemos os mortos! Tens razão. Passei além da meta... Não indagarei porque tão facilmente admitiste essa ideia insensata. Quero também acreditar que um sentimento generoso e puro a impeliu a exigir tal juramento. Mas deves tu cumpri-lo? O protesto de punir o que lançou teu pai no túmulo e de apagar a mancha do teu nome não foi mais solene? Não são mais antigas as promessas que me fizeste a mim? A noite em que me dizias «alma e corpo, dou-vos tudo» foi, se bem me recordo, um pouco anterior a esta... Renega-se assim do passado, Vasco? Ou é que a retribuição do que tenho praticado por amor de ti deve ser a ingratidão e a covardia?

– Não sou ingrato nem covarde – interrompeu de novo o mancebo –, mas as últimas palavras de minha irmã estamparam-se aqui, no coração! Lá no Céu, aonde ela subiu, e onde nosso pai acolheu no seio a sua infeliz filha, não existem ódios... Que importam aos bem-aventurados as vinganças da Terra?

– Importam-me a mim – bradou o violento sacerdote, em cujo ânimo, irritado pela teimosa resistência do mancebo, rebentara, enfim, impetuosa a cólera –; importam-te a ti, que, sem vingança, ficarás desonrado no mundo; desonrado, se eu disser... e porque não o direi?, «este homem, que podia desagrar-se de uma dessas afrontas que só com sangue se lavam, preferiu negociar não sei o quê, ao pé do cadáver de sua irmã, com o que a infamara...»

– Que dizeis, *domno* de Alcobaça?! – interrompeu Fr. Vasco, enfiado e trémulo.

– Desleal! Sei tudo.– replicou o prelado. –Traías-me; mas Deus ou o demónio torceu-te os desígnios. Há mais um cadáver a dar à terra, o da tua mensageira.

– Oh meu Deus – exclamou o moço cisterciense, cujo terror chegara ao último auge. – Domingas...

– É morta; morta violentamente à Porta do Ferro. Por quem? Dizem que era feiticeira, e que a afogou Satanás... Ignorantes! As pisaduras indicavam os pés de um cavalo,, Atropelou-a o malvado. Adivinha-o o meu ódio!... Era que ele corria; corria à rédea solta, não para vir receber o teu ridículo perdão, mas para ir fazer dos paços de seu rei e senhor um torpe prostíbulo...

O frade, cujos olhos chamejavam com ardor furibundo, foi interrompido pelo mancebo, que, aterrado, lhe caíra aos pés. A situação de Fr. Vasco era daquelas que não se descrevem. Esmagava-o. Como o corpo, a sua alma dera em terra, e os seus lábios só puderam murmurar:

– Piedade!

A postura e o gesto do mal-aventurado tiveram a virtude de acalmar a fúria do prelado. Era dó? Não. Tinham-lhe simplesmente avivado na imaginativa o quadro de um vilão dos seus coutos que, meses antes, mandara enforcar, e que assim de joelhos lhe pedia a vida. Aquele aspecto flente e transtornado nunca lhe vinha à lembrança que não lhe provocasse um sentimento que mata a cólera – a vontade de sorrir...

Reprimiu, todavia, esta, curvando-se para erguer o moço cisterciense e dizendo-lhe com aparente doçura:

– Vamos, Vasco! Posso esquecer um momento de fraqueza: a injúria é o que nunca esqueço. Não te perguntarei com que intuito buscavas atrair aqui o nosso comum inimigo. Mas é forçoso que te fale uma linguagem severa. Se invoquei o pacto que nos liga, não foi como um direito próprio; invoquei-o em nome do teu dever contra o teu coração. Semelhante ao perdulário, queres desbaratar em generosidade equívoca o cabedal que pertence a antigos credores? Isso não é honesto. Queres ser mau filho, mau amigo, deixares uma nódoa de infâmia na tua linhagem, só porque em um momento de dor e delírio proferiste, dizes tu, não sei que juramento insensato, que frase sem significação, como as palavras incoerentes do sonâmbulo ou do febricitante? Isso não é virtude. Lembra-te, monge, de que foste cavaleiro e de que a irmã do cavaleiro foi prostituída e abandonada, como a filha do peão mais vil. Lembra-te de Vasqueanes, vagando pelo solar solitário, onde a desolação se assentara, e bradando pouco antes de expirar «vinga-me, Vasco; vinga-me!» Lembra-te da noite em que só te foi dado beijar a face lívida de teu pai encerrado entre as quatro tábuas de uma tumba. O quadro que me fizeste dessa noite bem presente o tenho. Esquece-lo-ias?... Vasco, tu não podes perdoar.

O moço cisterciense, que, em pé, com a cabeça inclinada sobre o escapulário, os braços pendentes e as mãos cruzadas uma por cima da outra, parecia vergar sob o peso da aflição, ergueu neste momento a fronte, Os seus olhos despediram um brilho furtivo e tornaram a abaixar-se. O abade riu então interiormente; porque nesse clarão passageiro vira, enfim, surgir a ideia vingativa e negra, que travava luta com a ideia generosa e pia.

E a vitória da paixão má era certa. O prelado, que não ignorava uma única circunstância da existência passada do monge, ia ser mais sincero do que ele e revelar-lhe também o segredo que guardara; revelação terrível, que devia avivar-lhe a sede de sangue, torná-lo implacável e aniquilar de golpe as intenções generosas que pareciam dominá-lo. Como hábil general, D. João de Ornelas, constrangido a inesperado combate, reservara para o momento oportuno o ataque decisivo,

Fitando a vista no mancebo e semelhante ao animal felino, que, ao recuar e agachar-se para colher a presa de salto, parece comprazer-se de antemão com o prospecto de lhe palpitem em breve as carnes semivivas nas garras e nas presas, o abade ficou por alguns instantes quedo e mudo. As rugas da testa ora se lhe dilatavam, ora se lhe contraíam, e nos lábios adejava-lhe vago sorriso. Finalmente pôs a larga mão

sobre o braço do monge e disse, apertando-lho com força:

– Escuta, Vasco! Se eu, só por mim, pudesse fazer cair sobre a cabeça do mau o peso da sua iniquidade, não seria tão bárbaro que quisesse acrescentar aflicção ao aflito; que, nesta hora de dor e saudade, viesse incitar paixões acalmadas...

D. João de Ornelas fez uma pausa e, pondo a esquerda sobre a fronte, prosseguiu:

– Mas seria impossível dizer-te agora tudo o que está aqui dentro... Paixões?! Menti, monge de Cister: menti! É ao sentimento do dever, da justiça, da piedade filial que o teu prelado, e teu amigo, te revoca. Oh Vasco!... Receias acaso que te acuse a consciência quando a tua voz, fúnebre como o dobrar por finado, for inesperada recordar ao ímpio as negruras da sua vida e anunciar-lhe a punição? Quando, dos braços de mulher sem pudor, o teu brado o arrastar indefeso, coberto de opróbrio e de antemão condenado, aos pés do seu benfeitor, do seu rei, cujos paços prostituiu? Repara bem! Aquele cadáver que ali jaz, o que é? É o que resta de uma existência que ele esmagou. E para quê? Para ir gravar noutra fronte a desonra. O infame converteu em supedâneo do vício o corpo de tua pobre irmã, e por cima dele passou sem misericórdia, como para a arrastar à abjecção passou por cima do corpo de teu pai, afastando-o com o pé para o túmulo. E terás tu misericórdia, tu mancebo, tu a quem sorriam mil esperanças, a quem eram lícitas as grandes ambições e que vieste por causa dele sepultar-te numa clausura?...

– Não, abade de Alcobaça – interrompeu o cisterciense, a quem a derradeira frase do tentador, frase cujo efeito este calculara, tinha ido fazer vibrar uma corda que até então estivera muda naquele concerto de agonias. – Foi uma vingança implacável, como essa a que me arrastais: foi o remorso que me vestiu a estamena: foi o crime de um amor desesperado, e que oxalá Deus apagasse nesta alma, onde sobra o padecer... Oh, o remorso, o remorso! Não sabeis o que isso é!

Por um inveterado hábito de hipocrisia, D. João de Ornelas volveu os olhos para o tecto, ergueu as mãos postas e murmurou:

– Nem nosso padre S. Bernardo tal permita!

– É – prosseguiu o moço frade com exaltação dolorosa e sem reparar na visagem do abade –, é o ferro que nos rasga as entranhas sem tirar logo a vida; é o olhar de Jesus ao receber o ósculo de Judas; é a voz do Josafat que há-de dizer: «Ide, precitos.»

– Deve ser horroroso – acudiu o prelado no mesmo tom beato. – Tens razão: confundia agora os factos que outrora me referiste. A idade vai-me fazendo esquecido. Mas não vês, Vasco, a infinita diferença do que foi ao que é? Se a justiça divina te condenou à dura expiação do remorso, é porque cometeste um crime não provocado. Assassinaste Lopo Mendes por te ser preferido e porque não quis aceitar um duelo a todo o trance com um desconhecido. Não era, porém, livre a que amavas, ou fora iludida, desonrada, traída, como tua pobre irmã? Não estava a união de Lopo Mendes santificada perante os altares? Licitamente conduzira ele Leonor, esse formoso anjo que tu adoravas, do seu leito modesto de virgem ao leito voluptuoso do noivado. Sem quebra das leis da Terra ou do Céu, podia devorar com os olhos aquelas formas nuas, tão suaves e puras, cobri-las de beijos ardentes...

D. João de Ornelas, que observava o efeito das suas palavras, coadas uma a uma pelos lábios, parou subitamente. Á frouxa luz da lâmpada viam-se oscilar rápidas as veias frontais do desgraçado mancebo: os braços, que pouco a pouco fora estendendo para o abade, tinha-os hirtos, e os punhos cerrados: as ideias, ruindo a formular-se em vozes, não cabiam nestas. Apenas, por entre o ranger dos dentes, lhe foi dado proferir:

– Oh!... Pudesse eu assassiná-lo outra vez!

Era quase um falar de ventríloquo.

O prelado recuou alguns passos e, cruzando de chofre os braços sobre o peito,

inclinou para trás a cabeça. Dir-se-ia que esse alto vulto se havia solevantado do pavimento. Pintava-se-me no rosto toda a energia da sua alma, Com voz profunda e agitada, bradou:

– Insensato! Perdoavas ao que te ofendeu mortalmente, ao destruidor da tua família, e és implacável contra o teu rival, o rival de um frade, um pouco de pó... É a mortalha a odiar a morte!... E porquê? Porque esse pó, que tu atiraste para o túmulo, te havia roubado uma afeição de mulher!... Oh consciência timorata, que não ousa quebrar o juramento vão e que me diz «respeitai os mortos!...» Pois bem, Vasco: se um absurdo ciúme é quanto te resta dos sentimentos de homem, incite-te ele ao desagravo, já que os santos afectos de família e o pundonor de cavaleiro tão alto silêncio guardam no teu espírito. Esse ressentimento inútil contra um punhado de cinza tem melhor emprego na Terra... A filha de Mem Viegas trai o morto, como traiu o vivo. – E, abaixando a voz, semelhante à da feiticeira que evoca os espíritos do abismo, acrescentou: – Leonor é hoje a amante de Fernando Afonso; e o seu amor criminoso é que há-de vingar-nos!

A dama de D. Filipa com quem se passara a cena observada por Ale era de feito Leonor. Com atroz pontualidade, D. João de Ornelas narrou então quanto a este respeito sabia; o que ele próprio por tanto tempo suspeitara e de que, poucas horas antes, fora certificado pela narrativa do truão. As circunstâncias obscuras desta intriga amorosa investigou-as e ilustrou-as com o admirável talento de que o ódio o dotava. Era terrível a exegese do implacável comentador.

Quando acabou, o mancebo, que o escutara sem pestanejar, ficou aparentemente impassível. Era que a luta cessara. Estendendo o braço para o prelado, apertou-lhe a mão e, com um sorrir tal que D. João de Ornelas sentiu arrepiarem-se-lhe as carnes, apenas lhe disse:

– É singular! E agora que ordenais que eu faça? Velando a face com as asas radiosas, o anjo-da-guarda do moço cisterciense fugia espavorido. Uma longa exaltação pareceu desatar-se do Céu. Era uma lágrima que o serafim derramara.

Sem despregar a vista do gesto de Fr. Vasco, onde haviam deixado de repercutir as dolorosas fases da eternidade infernal que para ele passara dentro de poucas horas, D. João de Ornelas respondeu:

– Agora o que te ordeno é o repouso. Careces dele: e muito. O dia de amanhã será o mais memorável da tua vida. É um dia de batalha... Entretanto tomarei a meu cargo os deveres que a natureza e a religião te impõem para com aquela que ali jaz. Beatriz será conduzida ao carneiro de S. Paulo, com todas as pompas fúnebres. Vou enviar quem vele esta noite junto do corpo de tua desgraçada irmã. Volta então ao colégio, e busca, se é possível, tranquilizar-te. Apenas ralar a aurora, eu serei contigo: temos muito que falar. Saberás como D. João de Ornelas quer pagar a sua dívida a *ti* e a *ele*... Confia em mim, Vasco. Para sarar as chagas cancerosas do teu coração ainda há na Terra bálsamo!

Dizendo isto, apertou ao peito o mancebo, que, estacado no meio do aposento, continuou a olhar fito para ele, sem lhe responder palavra ou fazer o menor gesto, enquanto o prelado se adiantava para o corredor escuro e desaparecia nas trevas.

Passados alguns instantes, Vasco foi-se voltando vagarosamente, como se despertasse de sono profundo. A claridade da lâmpada bateu-lhe de chapa na fronte, onde cintilaram alguns reflexos de luz. Era o suor frio que lhe corria em bagas.

Quando, naquele voltar lento, deu com a vista no cadáver de sua irmã, encaminhou-se para lá e, curvando-se, como quem dizia um segredo, murmurou:

– A taça encheu-se... O fel golfa por terra... *É* fel e sangue!... Não pode ser, Beatriz; não pode; não pode!...

Fosse acaso ou mistério, neste momento o braço direito da finada descaiu de cima do corpo e assentou sobre o crucifixo, tombado ainda na mesma posição sobre a cama.

Fr. Vasco estendeu devagarinho a mão, pegou no pé da cruz, e girando com ela em volta, como o fundibulário com a funda de que vai despedir a pedra, arremessou-a para longe. Os fragmentos da lâmpada voaram em rachas com multiplicado tinir, a imagem da Virgem rolou em pedaços do seu pedestal, e o crucifixo bateu na parede com um som embaçado.

O frade creu ouvir estalar no aposento uma risada descomposta. O luar fugira do céu, e a escuridão era profunda.

Semelhante ao cedro do despenhadeiro, que, estalado pelo furacão, vacila e pende, até se encostar ao penhasco sobranceiro, o corpo hirto do cisterciense foi bater na parede junto da cabeceira do catre.

Pela visão interna passavam-lhe imagens incoerentes, monstruosas, fugitivas. O cérebro tinha-se-lhe convertido num caleidoscópio infernal. A alma embotada via, não cogitava. O crânio, parecia-lhe que ora se lhe comprimia, ora se lhe dilatava.

Nesta espécie de êxtase horrível passou algum tempo. Uma viva claridade que despontou do corredor escuro, e várias vozes, que também dali soavam, vieram de súbito revocá-lo à vida exterior. Deu-lhe um pulo o coração. Posto que exausto, arredou-se instintivamente do leito e foi encostar-se ao bufete, onde algumas rosas murchas, a lâmpada esmigalhada e as imagens feitas pedaços harmonizavam tristemente com essas duas ruínas humanas que jaziam próximas – um corpo morto e um espírito extinto para a esperança e para o Céu.

O vulto arredondado e rubicundo de Fr. Abril, o sacristão-mor do Colégio de S. Paulo, foi o primeiro a surgir do corredor, que quatro ceroferários iluminavam com a luz de outras tantas tochas. Seguia-se Fr. Julião, suando atacadado com uma trouxa descomunal de lhamas e panos negros, a qual tendia de balde a sustentar contra o reverendo porteiro a lei da gravidade. Alguns sergentes da estudaria, conduzindo as tábuas de uma eça, e duas ou três beguinhas, que vinham trajar Beatriz para o noivado do sepulcro, com a sua presença anunciavam ao monge que era tempo de dizer àqueles restos o derradeiro adeus. Com passos vagarosos, mas firmes, o frade passou então por meio da turba, chegou-se a sua irmã, e com os beiços tão lívidos como os dela deu-lhe um beijo na face. Sem uma lágrima, sem um suspiro, atravessou de novo o aposento, chegou-se ao bufete, pegou nas rosas murchas, meteu-as debaixo do escapulário e saiu. Fr. Julião, beguinhas e sergentes, todos olhavam para ele com estranha sensação de terror. Havia naquele vulto, naquele andar, uma inflexibilidade de máquina ou de fantasma.

As passadas lentas do cisterciense já não se ouviam, e ainda durava essa espécie de fascinação magnética. Fr. Julião foi quem quebrou o encanto com as seguintes palavras, ditas em meia voz a um sergente que lhe ficava ao lado:

– Que tal está a minha vista!... Pois não juraria agora que Fr. Vasco tinha a cabeça cheia de brancas?... Ele que tem o cabelo tão preto como esta abovila de quinze soldos a ama!

Fr. Julião caluniava-se a si próprio. Depois do paladar, o sentido que tinha mais apurado era a vista.

Há situações em que o espírito, envelhecendo uns poucos de anos, dentro de alguns momentos exaure a seiva do viver material e converte em velhice prematura a mocidade.

E o perspicacíssimo leitor acreditará seguramente na nossa sinceridade, se lhe dissermos que D. João de Ornelas, ao chegar à estudaria, não se pusera a referir pachorrentamente a Fr. Julião o que se acabava de passar na Rua de D. Mafalda. Dera as suas ordens, tanto a Fr. Abril como a ele, e fora encerrar-se na sua cela, onde por mais de uma hora o sentiram passear.

Daqui o assombro do reverendo leigo.

Ainda a observação do porteiro vibrava no espaço, e já a voz aguda de Fr. Abril chirriava:

– Então? Ficam pasmados? Vamos a isto, rapazes.

XXIV

«LATET ANGUIS»

Bem sabees o trelado que nós tomámos por que os feitos de nossos regnos fossem desembargados por huum termo soo, o qual foy outorizado pela força das leix do Codigo decraradas e autorizadas pelas enteensões finaes das grossas de sua final enteenção d'accursio... e esto quissemos que as conclussoões de bartallo que de sobrellas leix do Codigo ffez que estas sejam autenticadas.

D. JOÃO I, *Carta ao Concelho de Lisboa.*

Dir-se-ia que a noite em que ocorreram na Rua de D. Mafalda as cenas descritas nos dois capítulos antecedentes se compusera a exemplo desses trágicos sucessos. O Sol, despenhando-se para o oceano, parecia descer reclinado em coxim imenso de nuvens negras, que se dilatavam no horizonte orladas de fímbria de ouro arroxeadado. A Lua, erguendo-se entretanto para as alturas do céu, ia velando o fulgor de milhares de estrelas com o pálido cendal de luz frouxa e melancólica. A rainha da noite subia ao seu trono para dali assoberbar a Terra; mas a procela, semelhante a povo indócil, tugia cá em baixo nos mares. Trepando torvas umas por cima das outras e seguidas de novos grupos que surgiam das ondas, as nuvens assenhoreavam-se pouco e pouco do espaço, e a sua vanguarda, rareada pelo luar, tornava logo a cerrar-se. Entretanto, alguns frocos brancos, elevando-se ténues do oriente, tomavam gradualmente vulto e espessura e vinham topar pelo norte e pelo meio-dia com os bulções ocidentais. Na sua ascensão contínua, os dois exércitos embebiam debaixo de si o chão alumiado do firmamento. A atmosfera estava tépida e pesada, e os relâmpagos começavam a fuzilar nos horizontes e substituíam, passageiros mas frequentes, por súbitos clarões os raios débeis que o astro, lutando debalde com a escuridão, mandava furtivamente à Terra. Os trovões, a princípio longínquos, duvidosos como um ruído subterrâneo, começavam a ecoar nos montes, a reboar no rio e, enfim, a estalar em volta da cidade, de cujas alturas se descortinava pata os lados opostos do quadrante o serpear dos coriscos. Era uma daquelas trovoadas do Estio, que arrebatam com a sua solene terribilidade quem as contempla. Fr. Vasco, porém, atravessara por baixo dessa abóbada negra, respirando esse ambiente crasso e sufocador, à luz deslumbrante das descargas eléctricas, sem reparar em nada. Depois, por simples hábito ou instinto, tinha-se atirado para cima da enxerga monástica, e aí, nos braços de um torpor que simulava o sono, jazera insensível, até que vieram revocá-lo às dores pungentes da existência os arrebóis da madrugada.

Esta surgira formosa. Um grosso chuveiro dissipara a trovoadas, e o ar escassamente movido impregnava-se de vagos e ténues perfumes. As plantas revivesciam com viço novo, aspirando por todos os poros a humidade da atmosfera e balouçando com movimento apenas perceptível as folhas, em cujos vértices tremiam, semelhantes a pérolas soltas, as derradeiras gotinhas de chuva. Era um imenso concerto de sorrisos que soltava a natureza; era uma estrofe magnífica do hino interminável entoado pela Terra ao Criador, que a povoou de harmonias. Quem observasse as montanhas azuladas ao longe, os campos virentes ao perto e, no meio, o tio adormecido não poderia deixar de sentir essa incerta saudade que parece não ter objecto e que não é mais do que a saudade de Deus.

Há muitos mal-aventurados incapazes de compreenderem a santa poesia que derrama em nossa alma o espectáculo da natureza, quando ela se ostenta em todo o primor das suas galas: há outros a quem os interesses e as paixões do mundo paralisam pouco e pouco o senso íntimo, destinado a aspirar as voluptuosas emanações que nos vem dela. Estes são mil vezes mais desgraçados; porque se recordam de que para eles houve já esplendores e harmonias e podem medir o vácuo tedioso e desconsolado das trevas e do silêncio em que vivem.

Aos primeiros pertencia D. João de Ornelas, aos segundos Fr. Vasco. Ambos, despertos por cuidados acerbos, tinham-se erguido com o dia; mas o refulgir do Sol haviam-no visto só nas faixas de luz que se iam estirando pelo pavimento das suas celas. Os olhos, esses seguiam-lhes as almas, que não pensavam, decerto, em elevar-se ao Céu, acurvadas sob o peso dos mais ruins affectos.

O abade, medindo o aposento a passos largos, falando, meneando os braços, cerrando os punhos e agitando-os, como o lutador que se amestra para o pugilato da arena, parava de quando em quando e desatava a rir, esfregando as mãos com grande rapidez, antigo hábito, que indicava nele feroz contentamento. Depois, apenas ouviu o sino que chamava ao coro os monges, ledores e colegiais de S. Paulo, saiu, esperou o reitor na passagem, pediu-lhe ou, para melhor dizer, ordenou-lhe que dispensasse naquele dia Fr. Vasco das obrigações monásticas e dirigiu-se à cela deste.

O monge estava assentado num dos poiais de pedra que ladeavam o vão de uma janela, donde, por cima da casaria inferior da cidade e do arrabalde, se descortinava o magnificente panorama do Tejo, por cuja superfície espelhada deslizavam as velas triangulares dos barcos, e em cuja margem oposta se alevantava o fumo das povoações ainda indistintas na penumbra dos montes. Com o cotovelo encostado ao peitoril e a face firmada na mão aberta, parecia embebido no respirar delicioso da fresquidão matutina e em contemplar o quadro tranquilo e grandioso que tinha ante si. O mesteiral, que, passando pela vizinhança, distinguisse o infeliz mancebo naquela postura repousada, enquanto ele ia começar mais um dos seus dias uniformes de trabalho e privações, exclamaria, por certo, com amargura: «Oh, estes frades! estes frades!... Para eles o Céu na vida e na morte: para nós o inferno na Terra e talvez debaixo dela!»

É, ao menos, assim que o homem costuma julgar a Providência.

Apenas viu o abade, Fr. Vasco ergueu-se. Reparou então o prelado, como Fr. Julião reparara na véspera, que os cabelos do monge se haviam tornado grisalhos. Parecia, contudo, perfeitamente tranquilo.

Pr. Vasco fez a genuflexão do estilo e, sem dizer palavra, ficou de pé e com a cabeça baixa perante D. João de Ornelas.

Silencioso como ele, este apertou-lhe o braço e obrigou-o a assentar-se de novo, enquanto também se assentava defronte, no outro poial.

Assim ficaram por algum tempo. Dir-se-ia que, à vista da cena solene e sossegada que dali se descobria, ambos eles se tinham engolfado numa espécie de êxtase místico. Mas quem os observasse largo espaço depois, ver-lhes-ia as frentes quase juntas, as faces incendidas, o mover rápido dos beiços, o diabólico sorrir. Era um quadro simples, mas terrível, como o da primeira noite em que tinham conversado sozinhos. A luz do quadro é que era diversa: lá a das tochas; cá a do Sol. As trevas dos seus corações eram, porém, idênticas.

A manhã ia passando. Quando a sineta da estudaria tocou a refeitório, ainda os dois frades se conservavam na mesma postura. Eram onze horas. Tinham passado cinco ou seis sem que dessem tino disso.

O abade pôs-se a escutar e falou por mais alguns instantes com o seu interlocutor. Depois, alevantaram-se ambos, saíram da cela, apertaram a mão um do outro e disseram

quase a uma voz:

– Até lá!

– Até lá!

E cada qual tomou por seu dormitório.

Na casa de *De profundis* o moço cisterciense enfileirou-se no préstito da comunidade e, entrando com ela no refeitório, foi assentar-se no seu lugar. Todos fitaram nele os olhos. As cãs que lhe salpicavam em grande número o cercilho geravam aquela pasmaceira da fradaria. Sabia-se já que Fr. Vasco perdera sua irmã, e à vista de uma dor que tais mudanças causava, endoudecê-lo-iam com impertinentes consolações, se não fosse o silêncio respeitoso que os santos preceitos da ordem impunham durante as horas da comida à plebe monástica.

O reitor estava abismado. Tinha lido vários casos em que a intensidade do terror produzira semelhantes efeitos; mas que a amargura e a saudade pudessem tanto, eis o que nunca nem lera nem pensara.

A compaixão por Fr. Vasco era sincera e geral.

O triste do frade não provou bocado. Para o reitor e para os padres graves isto ainda foi mais monstruoso. Deixar de coma por causa de paixões humanas, embora legítimas, era uma cousa que solinhava pelos fundamentos as austeras tradições de Cister. E a resignação na vontade de Deus? E o desapego das afeições terrenas? Evidentemente Fr. Vasco fazia vacilar o santo instituto na sua base. Naquelas venerandas cabeças começaram então a dispor-se os lugares-comuns de uma prática sobre o texto de S. Mateus: *Quem ama pai e mãe mais do que a mim não é digno de mim*. Haviam de falar-lhe severamente no primeiro ensejo oportuno. Com a mágoa misturava-se-lhes no espírito uma pia indignação, vendo sair do refeitório acolugada e intacta a pitança de Fr. Vasco.

Entretanto o prelado de Alcobaça descera à igreja, onde se acabava de celebrar missa solene pela alma de Beatriz. O templo estava adornado com a pompa que ele ordenara. O cadáver, encerrado em custoso ataúde, só à noite devia descer à terra. Depois de ter deixado várias instruções para Fr. Abril, D. João de Ornelas saíra, apenas acompanhado por um irmão leigo. Não tardou este a voltar. Subindo sem detença à cela do reitor, entregou-lhe um bilhete de sua reverendíssima. Tinha-lho dado junto de Santa Marinha, ao entrar para casa do chanceler e valido d'el-rei, o doutor João das Regras – Nesse bilhete anunciava o venerando abade que não voltaria ao colégio antes da noite, porque o reteriam no paço graves negócios da ordem.

Neste mesmo dia, pela volta da tarde, passava-se, pouco longe dali, alguma cousa não absolutamente estranha aos sucessos desta narrativa.

Era no gabinete particular d'el-rei, onde já certa noite introduzimos o leitor. À luz escassa do sol-ponente, que, reflexa em ângulo obtuso na caiada parede de S. Martinho, coava decomposta pelos vidros corados da janela, via-se assentado ao bufete do meio do aposento um figurão exótico. O dorso, que a prominência do ventre lhe não permitia dobrar, era largo e espadaúdo, e a cabeça, coberta de grenha hirsuta e alourada, suscitava a ideia de uma pirâmide cônica truncada, tal era a altura das camadas de formação terciária que se lhe haviam aglomerado nas faces e ao longo do queixo inferior. Um dos robustos fólhos que tinham provocado o debate entre misser Percival e João das Regras estava aberto diante do nédio personagem, que ora corria com os olhos o livro aberto, ora escrevia, riscava, tornava a escrever, para apagar de novo e de novo reescrever o que quer que era, num papel já quase inteiramente coberto de minutíssimo cursivo. Tão engolfado parecia naquele mister, que só deu tino de si quando, sentindo pesar uma cousa sobre o ombro, volveu a cabeça e viu os dedos de mão pequenina e enrugada, que se lhe arqueava sobre ele, e ouviu uma voz aflautada, que dizia com

interrupções de tosse caquética:

– *Usque ad occasum... tux, tux, tux... solis laborabat... eh, eh, eh... ut erueret eum.*

– *Invenit gratiam servus tuus coram te* – regougou o vulto barrigudo, forcejando por erguer-se, ao que o outro obstava, carregando-lhe fortemente no ombro.

– Deixai-vos estar, Mem Bugalho: deixai-vos estar e continua!.

Era o chanceler, que abrira devagarinho a porta exterior e entrara sem ser pressentido. O outro já o leitor sabe quem é; um nosso conhecido velho.

João das Regras desempenhara a promessa feita ao seu melhor amigo, o abade, acerca do procurador de Celorico.

A pátria, para nos exprimirmos constitucionalmente, reclamara os valiosos serviços de Mem Bugalho. Em rigor, bem sabemos que a pátria não sonha jamais nesses negócios. Mas reclamara. Nós que o dizemos, é que temos razões para isso.

O licenciado Mater Galla não tinha ocultado, no dia da sua cólera, o mínimo item do que lhe havia sido revelado acerca das esperanças e desígnios da fidalguia. Quando mais não fosse, esse facto bastaria para fundamentar os reclamos da pátria.

Tinha feito um serviço imenso ao seu país.

Nos bons governos, o recompensar é um princípio tão vital como o punir. João das Regras era inflexível em ir punindo mansamente, ocultamente, os seus adversários e em recompensar francamente os seus amigos.

Subentende-se que os amigos de um grande ministro *ipso facto* o são da república. Ora, todo o ministro enquanto não cai é grande. Ao menos, estamos persuadidos disso.

Era, portanto, axiomática a justiça com que o valido dera um tamborete na Torre da Escrivanhinha ao honrado Asinipes, com boa quantia e assentamento na casa d'el-rei.

Pela sua parte, o procurador mostrara abnegação heróica, sacrificando-se ao bem comum. Aceitara um cargo laborioso, abandonando os seus mais caros interesses em Celorico: uns torrões cobertos de centeio chocho no Verão e de caramelo magnífico durante o Inverno; a terra da sua infância, o lar doméstico, o campanário da sua freguesia.

O chanceler, que o empregara a princípio na transcrição de várias passagens das *Pandectas* para seu uso particular, viu-se em breve constrangido a reconhecer que fizera a aquisição de um horroroso latino.

Então associou-o à grande empresa da versão do código de Justiniano. Dentro em pouco, Mem Bugalho pulou em valimento; pulou até chegar a assentar-se junto ao célebre bufete dos Paços de S. Martinho.

Conhecia-se-lhe apenas um sestro: era distraído, abstracto, esquecido.

Assim, quando trasladava do latim em linguagem alguma lei intrincada do código imperial, de modo tão corrente e límpido que os barbas grisalhas do concelho d'el-rei se não cansavam de louvar o primor da versão, jurava e tresjurava que não fora ele, mas João das Regras, quem fizera aquela obra excelente. Era escusado demonstrar-lhe o contrário: teimava para diante; teimava com o próprio chanceler. O bom do velho doutor de Pisa ria a perder com estas alucinações do decreta-lista.

Havia, porém, um jogo notável do acaso. Por três ou quatro vezes, depois de grandes teimas destas, sua mercê el-rei houvera por bem aumentar algumas dezenas de livras na quantia do licenciado Asinipes.

Apesar das suas distrações, Mem Bugalho era homem impagável. Afora não vulgar talento, possuía grandes dotes políticos. Sabia a propósito humilhar-se, arrastar-se. Tomara por divisa o sagrado texto: *Deposuit potentes de sede et exaltavit humiles*. Não era nenhum soberbão: por força havia de subir.

Tinha-se curado de certas fogagens de altiveza de ânimo e de independência desde

a severa lição que recebera na tavalagem das Portas do Mar. Agora limitava os seus afectos e ambições a que o deixassem comer. E deixavam; e ele comia, comia, comia.

João das Regras estimava-o muito e desprezava-o profundamente. Implica em termos? Pois deixem implicar. Arranjem isso como puderem. Esta é a verdade; verdade eterna em relação aos Regras e aos Bugalhos de qualquer época e de qualquer país.

Todo o Regras tem um Bugalho; alguns têm dois; outros têm trinta.

É conforme.

Nessa manhã recebera uma chave do gabinete particular com ordem precisa de se encerrar ali, para verter o título décimo tércio do livro noveno do código do mui excelente e de muitas virtudes imperador Justiniano. O chanceler advertia-o de que pela volta da tarde viria ajudá-lo a concluir aquela árdua tarefa, terminando todavia a carta pelo pleonasmo – *no caso de não estar já concluída*.

«É célebre!», pensava o decretalista, sem mexer sequer os beiços. «Para que saltar do seteno ao noveno? Ale melem, se entendo o doutor!»

Entendia-se ele a si.

A árdua tarefa tocara, porém, o seu termo quando o chanceler entrou. Ao ouvir-lhe dizer que continuasse, Mem Bugalho respeitosa e informou do júbilo inexplicável, do nobre orgulho que sentia, em poder asseverar-lhe que as suas ordens haviam sido religiosamente cumpridas e que a lei *Raptors* estava trasladada até a última linha.

João das Regras pegou no papel e pôs-se a corrê-lo devagar pelos olhos, que de quando em quando volvia para a porta do reposteiro. A espaços aproximava o nariz do fólio aberto, um dos dois magníficos volumes comprados a misser Allighieri, *stationarius* ou livreiro, como hoje diríamos, de Bolonha. Por duas ou três vezes o omnipotente legista cravou a unha na margem do papel esgaratujado e rabiscado, e de todas elas Mem Bugalho sentiu o ar, impelido com força pelas fossas nasais do chanceler, sibilar-lhe nos ouvidos: hm, hm!

O erudito Asinipes, a quem não podiam passar por alto esses movimentos oratórios de desaprovação, cõscio da própria força em matéria de latinidades, embora fossem crespas como as do divino imperador, preparou-se logo resolutamente para em tudo e por tudo... ser da opinião do doutor de Pisa.

Este ia começar as suas observações, e já o licenciado, de pé e com as mãos cruzadas sobre o ventre, dobrava as vértebras do pescoço, inclinando a frente para escutar o oráculo, quando o reposteiro da entrada particular do rei oscilou, e as pregas arrebanhadas ao lado deixaram ver um novo personagem, que vinha interromper, no brotar, o arroio da sabedoria.

Era D. João I.

– Segundo vejo – disse este, entrando com ar festivo –, tratais graves negócios. Nem tanto lidar, meu doutor; nem tanto lidar! Agora, justamente, vinha eu lembrar-vos a promessa que me fizestes de assistirdes com D. Leonor da Cunha, a vossa jovem esposa, ao sarau desta noite. Não quereis, por certo, que entre as formosuras da Corte falte uma das mais belas...

– Oh senhor, que lisonjeiro que estais! – interrompeu João das Regras, curvando-se profundamente. – Permiti, porém, que rectifique as vossas reais palavras. Eu declarei apenas que para mim eram leis imutáveis os menores desejos do meu príncipe.

– Sabeis vós, chanceler? – continuou el-rei, seguindo o curso das ideias que naquele momento o senhoreavam. – Ordenei momos, danças, tangeres e folias, cousa acabada e mirífica. Vós mesmo haveis de alisar essa frente sempre enrugada e sombria. Não quero dizer-vos nada. Vereis!

– Para afugentar cuidados – replicou o valido, beijando-lhe a mão –, as

indulgentes e amoráveis palavras de vossa real senhoria valem mil festins, nos quais sabeis que nunca me comprazi. Estou velho...

– Obrigado, doutor, obrigado! – acudiu o monarca. – Mas não tendes razão! A vida, e sobretudo a vida daqueles em cujos ombros repousa o regimento da república, é tão inquieta e triste! Porque, pois, não aproveitaremos alguns curtos instantes de paz e remanso em inocentes passatempos? Também eu vou sendo velho, dado que os anos não sejam muitos. Debaixo da coroa ainda estes cabelos negrejam; mas a alma sinto-a encanecer. E, todavia, é o meu enlevo ver a mocidade que folga e ri e tripudia em volta de mim, esquecendo-se de que estão diante do seu rei. E fazem bem; que até eu me esqueço disso; e parece-me que tomo aos bons dias em que era o Mestre de Avis, ou aos ainda melhores em que os cavaleiros pousados de meu avô D. Afonso me chamavam o pequeno D. João Pires, quando cifrava todas as minhas ambições em vir a pôr sobre os ombros uma capa, a cingir uma espada e a dizerem de mim as damas: «Que gentil escudeiro!

– Mas – replicou o valido, assumindo ar grave –, é na atmosfera ardente dos saraus, no meio da ebriedade dos sentidos e na concorrência familiar da mocidade que nascem e vigoram paixões criminosas, que vão perturbar a paz doméstica e produzir muitos desses horrendos atentados contra os quais os imperadores fulminaram terríveis penas, cominadas na lei *Raptores* do código, lei que, por acaso, temos neste momento entre mãos. Não o digo pelas vossas reais festas. Quem imaginou jamais que nelas ousasse penetrar um pensamento impuro? Mas lembrai-vos, senhor, dos festins nocturnos nestes paços em tempo de vosso irmão, quando D. Leonor Teles era quem os dirigia! Minha mulher é moça...

– Ai, meu chanceler, valha-vos Deus por cioso! Não o negueis; que bem o entendo. Mas, ao menos, fazeis-me justiça. A falar a verdade – acrescentou com gesto pensativo – é que ainda me não passou pela cabeça a ideia de tais perigos!... Oh, que se os imperadores romanos foram severos acerca das mulheres, os reis meus avós não o foram menos, e eu sei fazer respeitar as suas ordenações! Mas, a propósito: que dizem as leis imperiais sobre isso?

– É demasiado extenso – respondeu o discípulo de Bártolo, atirando com desdém para cima do bufete o papel esgaratado por Mem Bugalho. – Dói-me a consciência de estar agora importunando com estas matérias abstrusas a vossa real senhoria.

– Lede lá, lede.– acudiu el-rei, excitado pela contradição, como o chanceler interiormente previra.

Com um leve ademã de tédio e má vontade, João das Regras tornou a pegar no papel e começou a ler, bocejando e esbarrando de espaço a espaço, como quem às vezes não percebia bem o sentido.

«Nunca o vi tão bronco», pensava o licenciado, que, encolhido respeitosamente atrás do valido, sentia indignações de lhe ir à mão pelo modo desengraçado e confuso com que lia uma das cousas que, sem amor próprio, ele melhor traduzira em toda a sua vida.

Aqueles a quem não são estranhas as instituições civis do Império Romano sabem que, na época da decadência, os legisladores procuravam obstar à devassidão dos costumes, sempre crescente, com penas severas, severas até à ferocidade. As leis de Constantino, Constâncio e Joviano sobre este grave assunto foram refundidas no código de Justiniano, ficando abolidas nessa parte a lei Júlia e todas as correlativas, incomparavelmente mais brandas. O confisco e a morte ameaçavam os raptores de virgens ou viúvas, os adúlteros e os sedutores. O perdão das vítimas ou o de seus pais e tutores era inútil para os réus de semelhantes delitos. A mesma reparação pelo consórcio era interdita, e o criminoso colhido em flagrante podia ser assassinado pelos parentes da

mulher violada ou ainda da iludida, porque a cumplicidade desta não diminuía a imputação. Finalmente, o indivíduo de condição servil que se achava incurso em crime dessa espécie, quer como actor principal, quer como secundário era irremissivelmente condenado ao suplício do fogo.

A isto se reduzia em substância o longo artigo do código, que, transladado do latim em vulgar, o chanceler deletreava a sua real senhoria.

Mem Bugalho, que com paternal affecto seguia a leitura da sua versão, quando o chanceler ia chegando às últimas linhas observou que ele substituíra as palavras *pessoas de condição servil* pela violenta paráfrase de *homens que servem a qualquer senhor*. Ao ouvir isto, não pôde ter-se que não murmurasse:

– *Servilis conditionis! servilis condit...!*

Estacou. Um joelho se dobrara imperceptivelmente debaixo da garnacha de João das Regras, e um calcanhar viera ao de leve aplicar-se à tibia escanifrada do grande homem de Celorico.

– Que dizeis, Mem? – perguntou el-rei.

– Que a transladação está demasiadamente servil ou *ad litteram* – respondeu o chanceler, deitando de revés os olhos para o pobre escriba, que balbuciava, fazendo-se de mil cores. – Pois de que outro modo havia de ser, homem? – acrescentou, virando-se para trás. – Depois exporei a sua mercê o que rezam a glossa de Acúrsio e as intenções de Bártolo. Então ele resolverá o que se deve declarar, explanar, suprimir...

– Nadar nada! – acudiu D. João I. – É excelente; é perfeita. Não a valem as posturas antigas. Será também lei do reino... Mas, por 8. Jorge! – exclamou, alevantando os olhos para o mostrador do relógio. – Deixemos por hoje estas aborridas matérias. Daqui a duas horas os momos e danças estarão no paço. Até logo, chanceler. Não falteis. Adeus.

João das Regras fez uma humilíssima genuflexão.

El-rei saiu, assobiando um estribilho de caça. O doutor de Pisa seguiu-o com os olhos e, sentindo-o alongar, murmurou, encolhendo os ombros de modo que lhe topava nas orelhas a gola da garnacha:

– Criança!

Depois voltou-se para Mem Bugalho, tossindo muito. Quando acabou de tossir, disse-lhe, entre duas daquelas risadinhas chirriantes que faziam arrepiar quem as ouvia:

– Eh, eh! Tem-me esquecido contar-vos que, antes de ser discípulo de Bártolo, eu tinha estudado o Trívio e o Quadrívio, e que no Trívio se aprende muito bem latim. Eh, eh!

O decretalista não replicou palavra. Estava enfiado, e parecia-lhe a casa andar à roda. Era uma ilusão esquisita!

XXV

O SARAU

...em monte e caça, de que era mui querençoso, e em danças e festas, segundo aquel tempo, em que tomava grande sabor.

FERNÃO LOPES, *Cr. d'El-Rei D. Pedro*

Se há cousa neste mundo sublunar para que sirva o perpétuo *distinguo* dos teólogos, é para traçar a história da civilização comparada, da cultura social de nossos avós e do nosso tempo. Grande e esplêndida esta última, vista a certa luz, triunfará facilmente da primeira; mas, visto a outra luz, o passado vencerá sem dúvida o presente. Estas graves e profundíssimas reflexões, como o são quase todas as deste livro (o leitor fará a devida justiça à nossa modéstia), foram-nos inspiradas pelo espectáculo do sarau para que vimos D. João I convidar com tanto afincio aquele bom velho do doutor de Pisa. A nossa pobre imaginação, que se atrevera a transpor os régios umbrais dos Paços de apar S. Martinho, teve de retroceder e de vir abrigar-se por algum tempo à mortíca claridade de moderna sala de baile. Os olhos da alma, ofuscados pela magnificência e brilho do iluminado palácio dos Infantes, vieram repousar um pouco em aposentos menos esplêndidos, onde as colgaduras de cor indecisa, os trajos negros ou desbotados modifiquem a pouca luz que, passando por vidros embaciados, ainda se amortece na palidez dos adereços e trajos de hoje, como no areal infértil da África se embebem as águas de trovoadas passageiras, que não podem saciá-lo. Até nisto, até na dúbia claridade, os saraus modernos são tacanhos e tristes! Depois, as pragmáticas, as minúcias de cortesia escolástica, as vaidades inquietas de todas as supremacias e eminências políticas, literárias, agiotas, artísticas, da impertinente aristocracia burguesa, que no meio deles perpassam, vigiando-se, mirando-se, escarnecendo-se, detestando-se, afiguram-se-nos um *quid* comparável a ouriço-cacheiro, que se rola ao longo dos aposentos, tomba, ora para um, ora para outro lado, e incomoda e espicaça as pobres obscuridades e nulidades – o máximo número – que, na simpleza do seu coração, correram ao baile pomposamente anunciado, crendo que essa grande bênção de Deus na Terra, a franca e íntima alegria, podia penetrar no recinto consagrado ao egoísmo das pequeninas vanglórias, às pontualidades párvoas e à sensaboria de convencional contentamento.

Não assim o sarau da Idade Média. Elevemo-nos até ele. Volvamos lá; volvamos às salas antigas. Aí, a lutuosa negrura dos trajos do homem ou as cores cansadas das roupas feminis não dão o aspecto de festas de sombras ao folgar dos vivos: aí não se vêem danças dormientes como o acalantar do infante, ou desgrenhadas, vertiginosas como o furor das bacantes, contraste absurdo ligado pelo laço comum da insipidez; aí uma delicadeza açucarada e hirta, como a deste século de míope hipocrisia, não exige admirações e aplausos tanto para o chirriar discorde, como para a voz que desprende melodiosas harmonias; aí o cavaleiro não vai, como o gasto peralvilho, curvar a fronte inquieta sobre um pano verde para pôr nas mãos do acaso talvez o seu futuro, ou o futuro de sua esposa e de seus filhos. Eram jogos de força e de destreza; eram jogos de homem – os tavolados, as justas, os torneios – que se associavam às festas de outros tempos. Então, as horas consagradas ao culto da mulher ou ao gozo de espectáculos

grandiosos não se iam entristecer com lutas mesquinhas; porque o jogo ou era, como o xadrez, o recreio da solidão dos homens graves ou um vício abjecto, como o dos dados, que imperava só no meio da devassidão dos arraiais ou se escondia nas tavolagens e prostíbulos das grandes povoações. A altiva nobreza de nossos avós perdemo-la até nos passatempos.

O sarau que naquela noite se dava nos Paços de S. Martinho fora ordenado por el-rei semanas antes para servir como de complemento à procissão de *Corpus*. Era uma galantaria feita à rainha, à bela filha de João de Ghaunt, habituada aos festejos que em Londres costumavam seguir-se àquela célebre solenidade, O Mestre de Avis, se não adoptara o sistema faceto de seu pai, o grande rei, grande algoz e grande jogral, D. Pedro I, que usava folgar com os vilãos, correndo as ruas de Lisboa no meio das guinolas e folias com que era costume receber os reis, quando, depois de mais dilatada ausência, voltavam à sua boa cidade, herdara, todavia, dele bastante humor jovial para não perder um ensejo de lisonjear sua mulher e de esquecer no meio das festas – conforme dizia ao chanceler – o pesado encargo da Coroa, adoçando ao mesmo tempo, pela espécie de mútua benevolência que inspira a comunidade de sensações, quer de prazer, quer de dor, os ódios que ardiam solapados na Corte pelos ressentimentos nascidos das contendas políticas que nalguns dos anteriores capítulos tentámos descrever.

Ao cair do dia, as janelas do paço estavam iluminadas interior e exteriormente. Centenares de tochas, que, prolongando-se ao correr das paredes, se prendiam nelas por braços de metal polido, e grandes lampadários, que desciam por cadeias de ferro dourado das abóbadas artoas, convertiam em dia claro as trevas da noite pelos átrios, escadas, galerias e aposentos, cobertos de alto a baixo de arrases, onde se viam trasladados pela agulha e pela lançadeira os mais célebres personagens da Antiguidade, cuja existência e aventuras a pobre erudição dos artífices extravagantemente baralhara. Príamo, Alexandre, Aristóteles, Moisés, Arão e muitos outros, amarrados a essas extensas telas, se nos letreiros que lhes faziam sair das bocas proferiam os maiores absurdos históricos, protestavam também mudamente contra a anacrónica violência com que os passeavam através dos séculos, e contra os aleives que lhes assacavam, Não era dificultoso, ao subir uma escada, ou ao transpor uma galeria, encontrar o grão-mágico Aristóteles, armado de cervilheira, cota e braçais, com sua besta nas mãos, prestes a disparar o virote ao peito de algum centauro; o guerreiro macedónio, de cruz vermelha nos peitos e ombros e cavalgando em cavalo acobertado, no acto de brandir o montante contra um aduar de mourisca às portas de Jerusalém; Príamo atarefado com seus filhos Ajax e Aquiles em construir as muralhas de Constantinopla; ou finalmente Arão, paramentado e de mitra e bago, à porta de cathedral gótica. Tudo isto e muito mais representavam aquelas variadas colgaduras, sem falar dos monstros e arabescos, que a fértil e enferma imaginação dos artífices daquelas eras estampava por toda a parte, desde a portada do templo até às pinturas das telas e dos códices, ou até os bestiães e lavores das taças e agomias de prata.

Se, porém, os disparates de invenção e as incorrecções de desenho dos historiadores arrases arrancariam hoje apenas um sorriso de lástima insultuosa ao artista mais humilde, a palheta moderna teria talvez de envergonhar-se das suas mais vivas cores, comparadas às desses quadros imensos, que se dilatavam por todas as paredes e que harmonizavam com as abóbadas artoas, cobertas de ouro nos pendurões e bocetes sobre o chão pálido ou escuro do mármore ou do lenho, e com as laçarias das almofadas, epopeias de escultura escritas a cinzel e a buril nas lájeas e nos madeiros rendilhados dos tectos esguios. De lá, os grifos, os dragões, as alimárias com face humana, os répteis mais extravagantes, os rostos mais doidos, transfigurados e impossí-

veis, pareciam mirar o que se passava cá em baixo. Era um mundo estranho, misterioso, brilhante, que se pendurava para enxergar o homem, para se rir dele, para o apupar, para lhe fazer visagens e negaças, como essas figuras gravadas nas impostas do portal da Sé de Lisboa que tem podido escapar ao dente voraz dos séculos, ao boião canonical e aos acantos, repolhos e caramujos da arte greco-pateta.

E debaixo destes tectos, e no meio destes panos, por entre as catadupas de luz directa e reflexa, que em ondas se entornava de centenares de tochas e lampadários ou se refrangia nas vividas colgaduras e nos relevos dourados, passavam bandos de cavaleiros, acotovelavam-se os momos, ruíam as danças mouriscas e judaicas, e as coreias de ninfas, porque até a existência das ninfas chegava à erudição vulgar desses tempos. Aqui, dois gordos anões d'el-rei, trajando roupas fantásticas, rolavam-se por entre as pernas de um cavaleiro velho, que parara em passagem estreita para explicar a alguns escudeiros menos letrados um D. Absalão, pendurado de árvore ramosa pelos cabelos e traspassado por três ascumas despedidas pelo marechal do santo rei David, D. Joab, cavaleiro de bom corpo, que na tela escriturística representava ter duas alturas da árvore fatal. Acolá, vários pajens travessos riam às gargalhadas, impedindo o passo a três fadas que forcejavam por entrar no principal aposento, onde tinham de representar um papel importante nos momos que iam começar. No meio do tumulto, ouvia-se o tinir argentino dos cascavéis de três ou quatro maninelos, que rompiam apressados por entre a turba e que eram um reforço procurado, com permissão d'el-rei, por Ale, cuja voz em falsete restrugia lá dentro por cima dos sons dos instrumentos que buscavam afinar-se, As vezes a voz do truão sumia-se no estrondo das risadas.

A sala principal, ou da Corte, era um vasto paralelogramo, que duas séries de pilares polistilos dividiam em três naves. Sobre os listetos das cornijas dos pedestais, amplamente ressaltados, ou, antes, dos estilóbatas comuns dos colonelos enfeixados que constituíam os pilares pousavam armaduras completas, que simulavam dezenas de homens de armas observando o tropel ondeante que lhes remoinhava em volta. Nos topos das colunas e das mísulas que nas paredes laterais lhes correspondiam, colocadas em cima dos ábacos e presas aos saiméis das voltas pontiagudas, viam-se, nuns, cabeças mirradas de cervos com galhos desconformes ou trombas de javalis, cujos colmilhos polidos e alvejando faziam singular efeito, noutros, múmias de gerifaltes e de nebris, com as pernas metidas nos piozes e tão naturais que pareciam vivos, bem como figuras de galgos e lebréus no acto de remeter. Em baixo, as imagens da guerra e em cima as da caça simbolizavam a bem dizer a existência inteira de um príncipe, barão ou rico-homem daquele e dos antecedentes séculos, sobretudo a do Mestre de Avis, de cuja índole militar e de cuja paixão pela montaria e altanaria nos restam não equívocos documentos, Os lampadários e tochas, ainda mais profusamente espalhados pela imensa quadra do que pelos aposentos contíguos e pelas escadas e galerias que para ali conduziam, tornavam perfeitamente distintas as belas linhas perpendiculares dos feixes de colonelos, as estrias dos ribetes, as subtis laçarias e bestiães do tecto de castanho almofadado, as tintas mais vivas aqui, se era possível, e os desenhos mais correctos das tapeçarias, que, descendo dentre as mísulas, forravam as quatro faces daquela magnífica sala.

Mas o que, mais que tudo, deslumbraria olhos só afeitos à monótona e mesquinha singeleza dos trajos modernos seriam as roupas variegadas dos cavaleiros que nessa noite circulavam pelos Paços de apar S. Martinho, Era mais que todos os matizes do prado na Primavera; era um íris imenso, retalhado em pequenos fragmentos que remoinhassem sobre chão de estrelas. As capas de desvairadas cores, orladas de lhama de ouro ou de prata; as jórneas decotadas, deixando entrever as golas e peitilhos bordados dos gibanetes, divididas em duas cores, que o rigor da moda exigia

contrastassem as das capas; as calças ou meias justas, que, repetindo as cores da jórnea, mas trocadas, desenhavam, como estas, que se apertavam com cintos de ouropel ou de argempel, as formas atléticas e elegantes dos moços escudeiros e cavaleiros, formavam um todo cambiante e fantástico, de que dificulosamente alcançam dar uma semelhança incompleta e pálida as faculdades inventivas, às vezes bem pouco históricas, dos adereçadores do teatro ou as máscaras mais delicadas do Carnaval, única espécie não absolutamente sensaborona e triste das nossas festas actuais.

O sarau antigo reunia em si essas duas formas de espectáculo. Então, o segundo era mais variado e grandioso, posto que o primeiro fosse desengenhoso e bárbaro. Os momos, todavia, continham o embrião do moderno drama: eram quase o carro de Téspis. De ordinário, consistiam em alegorias, que, próxima ou remotamente, se ligavam com sucessos recentes e notáveis. As visualidades constituíam a parte essencial dessas cenas informes, onde apenas algum monólogo extemporâneo se misturava com os trejeitos e visagens de uma pantomima extravagante e exagerada, a qual fizera atribuir aos actores de semelhantes representações o epíteto de *trejeitadores*. As bufonarias dos chocarreiros que aí figuravam eram as delicias dos príncipes e senhores, e os clitérios e alusões, muitas vezes grosseiros, ofensivos e indecentes, parece que não se estranhavam, nem sequer na presença das damas, e corriam como boa moeda. Assim, o truão, bobo ou bufão era uma casta de animal indispensável nos alcáceres régios e senhoriais; um contraveneno do tédio, pronto sempre para encher o vácuo das horas de enfadamento; e é por isso que nos documentos, nas leis e nas crónicas dos diversos reinos das Espanhas se encontram não raras memórias desses domésticos representantes dos *momos*, *arremedilhos* e *escárnios*.

Acima do bobo ou maninelo, mas confundido às vezes com ele, estava o jogral. O jogral era conjuntamente instrumentista, bailarino, cantor e, até, improvisador. Em velhos manuscritos de trovas e cantigas, muitas das quais eram composições de ilustres cavaleiros, de ricos-homens e, até, de monarcas, encontram-se ainda sinais que indicavam o tonilho que devia acompanhar os ritmos dos trovadores repetidos pelo jogral. Dos instrumentos de que usavam esses cantores professos, ora sérios ora jocosos, restam-nos ainda desenhadas as formas, mais ou menos confusamente, nas iluminuras contemporâneas. Ali se vêem os adufes, pouco diferentes dos modernos, e as castanhetas, cuja forma de pequenos paralelogramos as distingue das hoje usadas. O som destes instrumentos semibárbaros, segundo o que se pode coligir daquelas iluminuras, marcava o compasso às danças dos jograis e das pélas ou jogralezas, de que também há memória. Outros, como o laúde, a guitarra, a harpa, a aiabeba, a rebeca, o anafil, as charamelas, o órgão, compunham as orquestras, aproximando-se, mais ou menos, no feitio aos que ainda subsistem e contribuindo com as suas vozes melódicas e estrugidoras para os desenfadados e folgares dos festins e saraus.

Com estes elementos, a imaginação do leitor reduzirá facilmente a um quadro que não se afastará demasiado da verdade a agitação e o estrépito que iria nos Paços de S. Martinho depois de anoitecer. Havia, porém, uma circunstância que precedera isso tudo e que ele não pode adivinhar, porque nascera de certa usança hoje esquecida. O comerem em público os príncipes era uma espécie, ora de prólogo, ora de entremeio nas festas reais, e a D. João I ocorrera naturalmente a ideia de tomar na sala do sarau a leve colação chamada *merenda*, costumeira gastronómica essencialmente portuguesa e que remonta sem dúvida àquela época e com probabilidade às anteriores. Dois estrados, distintos pela diversa elevação, ocupavam um dos topos do espaçoso aposento. A mesa d'el-rei e de sua mulher estava no plano mais alto, e no inferior a dos officiais da Coroa, dos barões e alcaldes-mores que acidentalmente se achavam na Corte e que, colocados de um lado pela ordem das categorias, ficavam fronteiros às damas de D. Fílipa, as

quais na mesma ordem ocupavam o outro lado. A hora para começar a merenda pública, intróito ao sarau, fora designada para antes do sol-posto, e por isso D. João I partira tanto *ex abrupto* do gabinete particular.

Era noite fechada. A colação acabara justamente no instante em que o sino de completas principiava a despedir da torre da catedral as suas badaladas lentas e uniformes. A um sinal do mestre-sala, Luís Álvares Pais, que em pé atrás da cadeira d'el-rei recebia as ordens do monarca, os cavaleiros e damas ergueram-se. Alevantando-se após eles, D. João I deu a mão à rainha e dirigiu-se para uma tribuna rasa, donde melhor se podia gozar o espectáculo dos momos, para os quais fora reservada a nave central, onde os menestrelis, chameleiros e jograis instrumentistas preludiavam já com vários tonilhos e retornelos de guerra e de caça.

No topo fronteiro ao dos estrados era o ádito principal do aposento, que se abria de par em par. Em frente dilatava-se galeria magnífica, terminada numa espécie de pórtico ou átrio circular, donde partiam vários corredores que ligavam os diversos lanços do palácio. Alguns cavaleiros que ainda conversavam em grupos nesta galeria e neste pórtico, logo que el-rei se ergueu e se fez sinal de que os momos iam começar, entraram precipitadamente na sala.

Mas D. João I parara de súbito. Lançando por acaso os olhos para o átrio, vira atravessá-lo um vulto que, apesar da rapidez com que passara, ele crera reconhecer. Vendo-o imóvel e atento para aquele lado, todos os olhos para lá se volveram. Debalde. O vulto desaparecera como um relâmpago, e tanto a galeria como o pórtico estavam absolutamente desertos.

A única pessoa que parecera não reparar em nada fora D. João de Ornelas, o qual, como esmoler d'el-rei e alcaide-mor de Alcobaça, assistira à colação. Era que tinha descortinado o chanceler, que rompia por entre a turba, aproximando-se para aquele lado.

Como se houvera recebido uma punhada invisível na fronte, o abade indinou de golpe a cabeça para trás: como se recebesse outra na nuca, o doutor de Pisa inclinou-a para diante, ainda com maior rapidez. Eta uma pergunta feita, e uma resposta dada.

Com a mesma presteza, o chanceler fez um ângulo obtuso, mudando de direcção, e o prelado voltou-lhe as costas, metendo-se no grupo dos fidalgos que conversavam em voz submissa.

Entretanto as atenções tinham-se dirigido exclusivamente para a nave central, onde as folias, as danças de judeus e mouros, as ninfas, as pélas, os jograis, os menestrelis, os chocarreiros tomavam já os seus postos, à espera de que fosse mercê de sua real senhoria dar ordem ao mestre-sala para começarem os mui de folgar e mui espantáveis momos com que rompia o sarau.

A expectação e as esperanças comuns foram, porém, iludidas por estranho e inesperado successo.

XXVI

JUSTIÇA DE SUA SENHORIA

A mihor das vertudes porque o mundo se sostem, rege-se hy aquello por que cada buu á o seu, e porque a cada huu he aguardada sa onra, he mantehudo no seu estado, e esta vertude he a justiça.

LIV. DAS LEIS E POST., *Lei de D. Afonso IV.*

Os momos, dissemos, eram o embrião do drama; mas do drama de Ésquilo, do drama de Calderon e de Shakespeare; do drama imaginoso e livre, variado como a natureza e a sociedade seu tipo, vibrando as cordas de todas as paixões e affectos, sucessivamente lacrimoso e risonho, solene e ridículo, como as vicissitudes da vida: eram o embrião do drama inspirado e não do drama raquíptico, mutilado, convencional, medido pelas bitolas dos críticos mestres-de-obras, numerado, catalogado, fundido em gitos e moldes de barro com pretensões de bronze e desfeitos em pó ao sopro do primeiro *porquê?* Eles reuniam em si, como também advertimos, a mascarada carnavalesca e as pompas da cena, vindo assim a ser tanto mais variado quanto mais escasseava neles o que hoje constitui a essência do espectáculo teatral, o diálogo cénico.

Os inventores e delineadores dos momos e folias punham, por isso, toda a diligência em suprir com as mais estranhas visualidades, com as mímicas mais singulares ou desvairadas, a falta do drama falado. Quando se lê a descrição das festas que em ocasiões solenes se fizeram em Lisboa durante o reinado de Afonso V, vê-se que essas festas brilhantes tinham chegado a um grau de perfeição relativa difícil de ultrapassar e que nelas consistia principalmente a magnificência da Corte portuguesa, magnificência que assombrava os embaixadores do imperador de Alemanha, e que fazia com que o cavaleiro andante Jorge von Ehingen, depois de haver visitado as mais célebres capitais da Europa, viesse encontrar o ideal do esplendor e do luxo nos jogos guerreiros da Rua Nova e nos folgares e saraus dos paços dos nossos reis.

Entre as diversas figuras, trajadas mais ou menos fantástica e extravagantemente, que, durante o crepúsculo do dia 18 de Junho de 1389, vinham chegando aos Paços de S. Martinho, haviam notado os porteiros-menores um vulto embrulhado numa espécie de farricoco ou olandilha que de todo lhe ocupava o rosto. Era, provavelmente, um dos trejeitadores chamados para o espectáculo. Mas, não só a tristeza daquela vestidura, tão diversa dos trajos garridos dos outros jograis, gerara estranheza, como também o silêncio misterioso do recém-vindo despertara suspeitas. Tinham, por isso, os delegados ou ovençais do porteiro-mor mostrado repugnância em lhe facultarem a entrada. Ate, porém, aproximando-se imediatamente deles, lhes declarara ser aquele um personagem indispensável no mui gracioso arremedilho que ideara para mostrar a sua capacidade truanesca, arremedilho em que também tinham parte três maninelos que de perto seguiam o desconhecido. À vista das declarações do bufão régio, todas as dúvidas haviam desaparecido, e o *aforrado* entrara sem mais embaraço.

Daí a pouco, entre o bando dos jograis e trejeitadores, ou para melhor dizer, à frente deles, no fim da nave do meio e perto da teia que cingia o espaço reservado para el-rei, estava o truão e ao lado dele os três maninelos e o olandilha.

Antes disso, enquanto a colação durara, Ale nem um instante estivera tranquilo: entrara, saíra, voltara, fizera rir uns, irritara outros com ditos e alusões insolentes •e, em

suma, parecera mais que nunca azougado por aquela espécie de loucura convencional que era inerente ao ministério que exercia. Notaram alguns que o olandilha jamais se afastava dele e que, nos momentos em que o mouro se ausentava, também o incógnito desaparecia.

Enfim, ouviu-se a voz do mestre-sala, que bradava:

– Sus, menestréis, jograis, trejeitadores, bufões! Começai vossos momos, que assim o ordena sua alta e mui graciosa senhoria.

Todas as vistas se dirigiram para a nave do meio. O remoinhar dos diversos grupos cessou, e o burburinho que sussurrava pela ampla quadra, semelhante ao murmúrio das ondas quando escasseia o vento, começou a descair, até se transformar em profundo silêncio.

Tão profundo, que se ouvia o sino da Sé chamando os cónegos a completas.

Os olhos, porém, que se haviam pregado no grupo dos trejeitadores abriram-se desmesuradamente, os braços estenderam-se, os índices apontaram para a vanguarda daquele tropel festivo, como tocados de vara mágica.

Era que o incógnito, deixando cair a espécie de mortalha em que vinha envolto, subira ousadamente ao estrado contíguo. Com assombro, os espectadores divisaram nele o hábito de Cister e, ainda com mais espanto, que se dirigia para a teia que cercava o lugar reservado para el-rei e para D. Filipa.

Era um frade verdadeiro ou um farsista? Esta pergunta, que cada qual fazia a si mesmo, conservava os circunstantes em muda hesitação.

Desenganaram-se em breve, O frade caíra de joelhos diante d'el-rei, exclamando:

– Justiça!

O tom em que esta única palavra fora proferida afastava a menor sombra de dúvida. Esse tom não se fingia.

– É o frade sandeu! – murmuravam diversas vozes, saídas do grupo dos senhores e oficiais da Coroa. – É o vosso monge, D. João de Ornelas.

Diziam-no alguns dos que tinham estado na travagem de Lourenço Brás e que haviam reconhecido Fr. Vasco, o que, por certo, já aconteceu também ao leitor.

– Justiça, rei de Portugal!

Este clamor intenso e solene que o cisterciense tomara a soltar desfizera o encanto da obstupefacção, e um burburinho indistinto rumorejava de novo pelas naves do aposento.

– Que homem é este? Que pretende? Que significa isto? – gritou el-rei, pondo-se em pé.

Todos olharam para D. João de Ornelas. O frade era um membro da sua ordem. Só ele, podia, talvez, responder a essas perguntas.

De feito, o prelado, abrindo caminho por entre o grupo dos fidalgos, com gesto incendiado em cólera travou do braço de Fr. Vasco, e sacudindo-o violentamente bradou-lhe, ao passo que o obrigava a erguer-se:

– Insensato! Como ousaste desobedecer-me? Como saístes de S. Paulo? Como entraste aqui? Senhor–acrescentou, voltando-se para el-rei –, ordenai que dois ovençais, dois homens de armas, quem quer que seja, conduzam este mal-aventurado ao Colégio de S. Paulo, onde talvez a solidão e os jejuns num cárcere lhe ensinem a obediência. Veremos, rebelde – prosseguiu, dirigindo-se de novo ao frade com aspecto cada vez mais severo –, se tornas a achar ensejo para vir perturbar os passatempos de sua real senhoria...

– Não, não! – interrompeu el-rei, movido por generoso impulso. – Ao homem que pede justiça nunca, enquanto eu viver, se responderá constrangendo-o a amaldiçoar-me em silêncio. Quem é este monge? Devo, e hei-de ouvi-lo,

– É inútil, senhor – atalhou D. João de Ornelas, visivelmente perturbado. – Há largo tempo que enlouqueceu. Muitos destes cavaleiros o sabem...

– É verdade, é verdade! – murmuravam dentre o grupo dos cortesãos.

A voz, porém, de Fr. Vasco, firme e estridente, fez ressoar ainda outra vez pelas abóbadas do aposento:

– Justiça!

– Tende paciência, meu reverendo esmoler – continuou D. João I, a quem não escapara a perturbação do abade. – O vosso monge não parece resolvido a sair: nem eu o expulsarei. Se o seu espírito está ofuscado, vós talvez possais dizer-me o que ele pretende. Por certo, não é contra vós que ele invoca a minha justiça.

No gesto e nos modos do príncipe lia-se claramente que suspeitava o contrário.

Dir-se-ia, com efeito, que o prelado receava as revelações do seu monge. Volvera olhos suplicantes para um personagem que pouco e pouco se acercara.

Era o chanceler.

– Se vossa mercê mo consente – disse o doutor de Pisa, com uma reverência capaz de disputar primazias às de D. Julião – atrever-me-ei a observar que não é neste aposento e a tais desoras que loucos ou sisudos devem demandar justiça, mas sim perante os juizes de vossa Corte e em vosso desembargo.

Enquanto o doutor *Johannes a Regulis* fazia estas observações num tom que contrastava com a humildade do seu porte, no próximo grupo dos fidalgos dois cavaleiros conversavam um com outro à puridade. Eram João Rodrigues de Sá e o velho prior do Hospital.

– Não querem que el-rei o atenda – dizia o prior. – Anda aqui velhacada...

– Pois erram o tiro – replicou o das Galés. Irritam-no e não fazem nada.

De feito, D. João I, carregando as sobranceiras, interrompera o privado:

– E se o meu sábio chanceler mo consente, eu, rei de Portugal, atrever-me-ei a perguntar de novo a este frade louco ou sisudo «que pretendes?...» Por S. Jorge! Para que sou eu rei senão para acudir sem tardança aos meus súbditos quando bradam por mim?

Abrindo então a teia com violência, chegou-se a Fr. Vasco e bateu-lhe brandamente no ombro:

– Vamos, monge de Alcobaça! Fala sem receio. Se com razão pedes justiça, sabe que a obterás.

– Sabia-o, senhor rei – replicou Fr. Vasco, tornando a ajoelhar aos pés do monarca e pegando-lhe na mão para a beijar. – Se perdi o siso, como pretendem, não perdi a memória de que sempre fostes justo e generoso, justo e generoso até no furor das batalhas, onde vos vi pelejar e vencer, punir e recompensar...

– Quê?! – atalhou el-rei. – Foste, acaso, homem de armas?

– Fui um dos cavaleiros da ala de Mem Rodrigues.

– Cavaleiro da Ala dos Namorados?... Conheci-os todos. Não havia um que não fosse valente lança!... O teu nome? o teu nome?.. Não és tu?...

– Vasco da Silva: hoje o irmão Fr. Vasco – respondeu o monge, curvando a cabeça e cruzando as mãos sobre o escapulário.

– Ah! Recordo-me agora... E isso!... Contaram-me que te meteras frade... Abandonaste a glória; desprezastes as recompensas para te enterraes num claustro. Foi mais uma façanha, meu cavaleiro, em que ninguém te imitou... Mas que é isto, Vasco da Silva?! Tu de joelhos? Dois soldados de Aljubarrota não devem conversar assim. Dize-me outra cousa: enganam-se os que afirmam que estás sem teu siso. Não é verdade? Fala, pois, tu. Que pretendes de mim?

E alevantando-o pelo braço, contemplava-o com a afectuosa complacência de

amigo ao encontrar o amigo que volta depois de separação dilatada.

– Como te havia eu de reconhecer, Vasco da Silva? Estás velho! Essa estamemha, já vejo que devora mais do que o sol dos combates. – E virando-se para D. João de Ornelas, acrescentou com certo tremor de voz que nele era de mau agouro: – Deus nos livre de que a justiça implorada por este humilde frade seja contra o seu mui venerável prelado!

– Não temais por mim, senhor! – respondeu com altivez o abade. – Se tenho por muito tempo obstado a que Fr. Vasco viesse afligir-vos com os seus queixumes, e é tudo o que pode contra mim dizer, era que sabia quanto estes deviam ferir antigas e radicadas afeições de vossa real senhoria...

– Quando se trata do ofício de rei – atalhou

D. João I, em cujo rosto transluzia mal refreada cólera – não tenho afeições... E a vós, dom abade, quem vos deu direito para impedir que um antigo cavaleiro de Aljubarrota viesse falar comigo?

– Nunca para isso empreguei senão a persuasão. Nunca invoquei senão o jus que me dá uma instituição de Cister, o preceito da plena obediência. E para que o fiz eu? Para coibir a paixão insensata e anticristã da vingança. Padecer e calar é o que nos manda o Evangelho e a Santa Regra. Esse cavaleiro que dizeis é hoje sacerdote e monge; é uma das ovelhas confiadas à minha vigilância. Espero que não queirais atentar contra as liberdades eclesiásticas...

– Mas posso defender um antigo companheiro de perigos e glória. Creio que devo livrar de ocultas tiranias aqueles que me ajudaram a salvar das garras de Castela esta nobre terra de Portugal. O Santo Padre de Roma, cuja causa defendo contra os cismáticos, tem chaves que abrem clausuras...

– Não é isso; não é isso, meu rei! – acudiu Fr. Vasco agitado. – A estamemha monástica não a despirei mais, nem na vida, nem na morte. Na Terra não há uma única flor de esperança que estas mãos possam colher. Que iria, pois, aí buscar? Perdi tudo; e é contra quem mo roubou que venho demandar justiça... Senhor, senhor! – prosseguiu o monge com exaltação dolorosa. – Tinha pai, amava-o muito e mataram-mo; tinha irmã, era um anjo de candura, e desonraram-na. Sabeis quando me fizeram isto? Quando na hoste do Condestável pelejava em defesa da vossa coroa, do vosso reino, do lar doméstico, da vida de meu pai, do pudor de minha irmã. A meu pai não o tornei a ver. Minto! Vi-lhe o cadáver. Minha irmã, essa sim. Encontrei-a. Como? Prostituída, abandonada, miserável. Ao menos ela morreu-me nos braços!... Também, que importava? – acrescentou com rir medonho, que terminou num grito terrível. – Era um gracejo feito por nobre escudeiro, por um dos vossos acostados, a um frade bernardo. Realmente era uma bagatela... Ah!... Senhor rei, senhor rei! Se não podeis restituir-me a última bênção de meu pai e a honra de minha irmã, podeis ao menos vingar-me! Vingai-me!

– Hei-de vingar-te!... – bradou o príncipe, com olhos cintilantes. – Coberto de opróbrio por um dos meus acostados um dos cavaleiros de Mem Rodrigues?!... Fez uma pausa e, olhando em roda, prosseguiu: – Gil Eanes, corregedor de minha Corte! Gil Eanes, vinde cá!... A face do rei de Portugal recebeu uma bofetada...

E buscava descobrir o corregedor, que não viera ao sarau. Enquanto dois ou três pajens saíam a procurar o doutor Gil Eanes, apenas se ouvia pelo espaçoso aposento o respirar oprimido dos circunstantes, esperando assombrados o desfecho daquele estranho drama, que, em vez do arremedilho de Ale, servia de intróito aos momos e folgares.

Quando se desenganou de que o corregedor não estava ali, el-rei voltou-se para o frade:

– Mas o nome?! O nome dele?!

– Foi o vosso camareiro predilecto: foi Fernando Afonso – respondeu Fr. Vasco. Prendia-se-lhe a voz na garganta ao proferir este nome abominável.

Mudando de cor, D. João I deu alguns passos para trás, como se aos pés se lhe abrisse uma voragem, e exclamou:

– Fernando?!

Não pôde dizer mais nada. Lia-se-lhe no gesto o efeito que haviam produzido aquelas palavras.

– Eis aí, senhor – disse o abade esmoler-mor, encaminhando-se para o monarca –, porque obstei tanto tempo a que Fr. Vasco viesse fazer-vos esta revelação odiosa. É o que não teria acontecido, se eu tivesse podido adivinhar que ele acharia ensejo e meios para chegar aqui...

– Monge – interrompeu el-rei, dirigindo-se ao moço cisterciense com aspecto sombrio, e sem fazer caso das palavras do abade –, fosse irmão, fosse filho meu, que tão cruelmente te houvesse ofendido, obterias pleno desagravo. Mas – acrescentou, abraçando-se com a única esperança que lhe restava de salvar Fernando Afonso – é necessário que proves teu dito. As leis de meus avós são neste caso assaz severas para eu não proceder de leve em aplicá-las.

– Caiam sobre mim as penas que as leis lhe impõem – respondeu com firmeza Fr. Vasco –, se *ele* ousar desmentir a acusação que lhe faço.

– Camareiro-mor – bradou el-rei, dirigindo-se a João Rodrigues de Sá –, Fernando que venha aqui imediatamente. Quero falar-lhe.

– Eu próprio irei procurá-lo – respondeu o das Galés, encaminhando-se para uma portinha lateral. O seu intuito era avisar o mancebo para que evitasse, fugindo, a indignação d'el-rei. Depois se excogitariam os meios de espalhar a tempestade.

D. João de Ornelas, que lançara de relance os olhos para o camareiro-mor, adivinhou-lhe o pensamento. Deu-lhe vontade de rir.

Apenas o das Galés saiu, el-rei pôs-se a passear agitado.

«Enganaram-me os olhos, por certo!», pensava ele. «Não podia ser Fernando o que há pouco vi atravessar o átrio... Não são horas de partir... Depois da meia-noite, disse-lhe eu... Estava ainda tão trémulo e pálido!... Se Vasco da Silva fosse de feito louco! Pode ser verdade... A acusação é tremenda... Triste mister de rei! Mas posso eu recusar a justiça?»

Todos tinham os olhos fitos no príncipe, que, neste inaudível solilóquio, media o estrado a passos largos.

Enquanto João Rodrigues de Sá não volta, e el-rei guarda carrancudo silêncio, aproveitemos o tempo que voa em informar o leitor de factos que lhe explicarão as misteriosas cogitações do monarca.

Afeito aos hábitos de soldado, D. João I naquele dia, como sempre, tinha-se erguido com o Sol. Depois de trabalhar algum tempo no seu livro sobre a caça de altanaria, livro em que satisfazia a sua vaidade de autor, como João das Regras o seu orgulho de letrado na *trasladação* e comentários do código romano, o rei de Portugal, inquieto pelo estado em que vira na véspera o seu camareiro valido, saíra do célebre gabinete particular e, atravessando vários corredores, ainda quase desertos, entrara inopinadamente na câmara de Fernando Afonso.

Agitado por deliciosas imagens, o mancebo mal cerrara os olhos durante a noite. Havia-lhe parecido eterna. Apenas amanhecera, tinha-se erguido e, abrindo uma janela, aí se encostara a contemplar o Tejo. Nunca respirara em tão fragrante atmosfera; nunca vira alvorada tão linda. Carregada e feia que estivesse, achar-lhe-ia a mesma formosura. A sua imaginação revestia de ridente aspecto quanto se lhe antolhava.

Fora à mesma hora que Fr. Vasco se assentara no poial de pedra da sua cela. Esse

via por bem diverso prisma!

Ao voltar-se e ao dar com os olhos em el-rei, Fernando empalideceu e balbuciou algumas palavras. O seu plano, estribado na suposta enfermidade, considerou-o como perdido.

Enganava-se. A palidez de que o susto lhe tingira as faces e o trémulo da voz dariam plausibilidade à continuação da farsa que representara na véspera.

Más tinha bastante dissimulação para recobrar prontamente a presença de espírito. Ocorrera-lhe de súbito um expediente sagaz para sair daquela situação difícil. Essa ideia, numa época profundamente crédula, produzira viva impressão no ânimo do monarca.

Havia alguns anos, asseverava o mancebo, que, oprimido de perigosa doença, fizera voto de ir em romagem ao célebre templo da Virgem de Guadalupe. Gera, porém, nessa noite ver em sonhos a Mãe de Deus, que asperamente o repreendia por não aproveitar o ensejo das tréguas com Castela para cumprir o seu voto. O que lhe sucedera em Valverde e o subsequente sonho eram, quanto a ele, avisos do Céu irritado. Sentia-se, talvez por novo milagre, restituído ao antigo vigor, e portanto estava resolvido a desempenhar o piedoso dever que contraíra, se para isso obtivesse de sua mercê a permissão que instantemente pedia.

Religioso por educação e por índole, D. João I não ousaria opor-se a um acto de devoção, ordenado com tão evidentes sinais do Céu. Limitou-se a recomendar ao moço valido, ainda demudado no gesto, que só caminhasse de noite e com jornadas curtas, não começando a viagem antes da meia-noite seguinte.

«Passarei alguns dias oculto nos aposentos de Leonor», pensava o camareiro-menor; e ria interiormente do alvitre com que tão facilmente obtivera iludir o seu benfeitor, o seu rei, o seu amigo.

Brincava com o leão. Era um jogo terrível, Fazia mal em não reflectir nisso.

À noite, quando os cavaleiros se precipitavam para a sala, e os momos iam começar, D. João I crera divisar Fernando Afonso no vulto que se esquivava através do átrio, centro comum dos corredores e galerias que conduziam aos diversos lanços do edifício.

Podia ter-se enganado: era até o mais provável; mas aquela suspeita ficou-lhe involuntariamente no espírito, até que a cena inesperada que viera interromper o sarau o distraiu de cogitar nessa visão duvidosa. Depois, todavia, da extraordinária acusação do frade, ela lhe voltava naturalmente à memória, associada com a lembrança do que passara com o mancebo nesse mesmo dia.

Eis os factos que tornarão compreensível para o leitor o solilóquio do Mestre de Avis.

Enfim o camareiro-mor voltou. Todas as diligências feitas para encontrar o moço Fernando tinham sido inúteis. Nem sequer se achara o seu pajem. Ninguém sabia dizer quando, de que modo ou para onde tinham um e outro partido.

– Marechal – disse el-rei ao prior Álvaro Gonçalves quando recebeu tal nova –, enviai ordem à alcáçova para que as roldas do muro e os vigias das torres sobre as portas conduzam aqui seja quem for que queira sair da cidade esta noite, ainda com permissão minha. – E dirigindo-se a Fr. Vasco: – Monge! Palavra de rei não torna atrás. Se foste agravado, hoje mesmo obterás justiça.

Falou então em voz baixa com o das Galés. Enquanto este desaparecia novamente pela portinha lateral, el-rei tornava a assentar-se, depois de haver dito o que quer que fosse ao mestre-sala, o qual, chegando-se à borda do estrado, repetiu:

– Sus, menestréis, jograis, trejeitadores, bufões! Começai vossos momos, que assim o ordena sua alteza e mui graciosa senhoria.

Fr. Vasco descera entretanto lentamente para uma das naves e fora colocar-se no meio da turba.

XXVII

A PROFECIA DE MESTRE GUEDELHA

As costulações do ceo se mudam mui toste segundo o corimento do ceo das pranetas, e as boas ventuiras e as maas destas costulações nacam pelo poderio que lhis deus ordenhou.

ANTIGO NOBILIÁRIO.

Soberania de poderoso monarca, soberania de altivo oligarca, soberania de povo que sabe ler são três grandes soberanias, posto que sejam três cousas muito pequeninas diante da onnipotência de Deus.

Ora o monarca, o oligarca e o povo que sabe ler (e muito melhor o que não sabe) podem fazer chorar quem está alegre; mas todas as soberanias do mundo seriam impotentes para fazer rir quem está triste.

É que o choro pertence a este mundo e ao Inferno, e verdadeiramente só ao Céu a alegria.

A procela impensada que viera estourar na grande sala dos Paços de S. Martinho, ao principiarem os regozijos do sarau, trouxe uma situação que demonstra *a posteriori* o substancial e sólido destas nossas filosofias.

Dir-se-ia que uma espécie de modorra invadira geralmente os ânimos ou que os músculos de todas as faces estavam atrofiados, tal era a fria imobilidade que substituíra o vivo ardor com que tudo até ali se agitara. A repetição da ordem d'el-rei para começarem os momos produzira efeito mui diverso daquele que tinha produzido da primeira vez. Na verdade, os espectadores fizeram silêncio; mas era um silêncio triste e preocupado.

Bem pouca vontade de rir tinha o próprio D. João I.

Junto ao pilar a que se encostara, com os braços cruzados debaixo do escapulário e a cabeça pendida sobre o peito, o monge de Cister nenhuma atenção parecia dar ao que se passava em volta dele e só esperar a justiça que lhe fora assegurada por sua real senhoria.

E sua real senhoria estava pensativo. João Rodrigues de Sã por duas vezes saíra depois de falar com el-rei; também por duas vezes o prior-marechal recebera aviso de que às portas da cidade não tinha aparecido alma viva.

Os escárnios dos truães, os momos dos jograis haviam passado sem desenrugarem os semblantes. As risadas que escapavam com largos intervalos a alguns cavaleiros e escudeiros, ou mais folgazões ou menos prudentes, tinham ficado sem eco e esmorecido e gelado naquele ambiente em que parecia revoar o demónio da turbação e da melancolia.

Como os arremedilhos e farsas, as danças judaicas e mouriscas, os cantos das jogralezas, as coreias das ninfas agitaram-se, remoinharam e passaram também no meio de gestos carregados e constrangidos. Depois, na nave central, gradualmente abandonada pelos trejeitadores ao passo que concluíam seus trejeitos e folias, ouvia-se apenas a música dos menestrais lânguida e esmorecida.

Durante mais de uma hora em que tantas visualidades haviam sucedido umas às outras, os olhos dos espectadores não tinham cessado de volver-se de instante a instante, ora para o rosto sombrio de D. João I, ora para o vulto do, frade, que naquela postura era

como o foco donde tristeza invencível repercutia no semblante do rei e deste se irradiava para os de todos os circunstantes.

A monotonia desta cena foi, contudo, interrompida por um facto ainda mais extraordinário que o do olandilha.

Quando acabaram os momos e antes de romperem as danças, Ale desaparecera. No momento, porém, em que da nave central quase deserta, e dentre o grupo dos menestréis apenas as violas e os saltérios murmuravam ténues e frouxas melodias, ouviu-se da banda do átrio e depois ao longo da galeria, o tinir dos guizos ou cascavéis que adornavam a palheta do bufão, o ceptro da voluntária loucura. O vulto de Ale, com as suas roupas variegadas e adornos farfalheiros, assomou então no limiar da porta. Contra o seu costume, o maninelo atravessou cabisbaixo a sala e, subindo ao estrado, dirigiu-se para el-rei, a quem principiou a falar com grande intimativa, posto que em tom submisso. O Mestre de Avis parecia distraído a princípio; mas, pouco a pouco, a atenção, logo a curiosidade, depois o interesse, o espanto, a agitação pintaram-se-lhe sucessivamente no gesto. Por fim, ergueu-se exclamando:

– Estás doido! Isso é impossível!...

– A doidice é o meu ofício, compadre João! – respondeu o chocarreiro, alevantando também a voz. – Mas tu – acrescentou rindo – a quem digo «vem e vê» e que gritas que é impossível, levás-me agora a palma. És digno de que te ceda o ceptro. Faço-te meu bufão.

E ajoelhando, estendia para ele a palheta, como resignando-lhe nas mãos o símbolo da loucura.

– Senhores meus – prosseguiu el-rei, voltando-se para os cortesãos, sem fazer caso da truanice demasiado insolente do bobo, o meu chocarreiro denuncia-me que um desconhecido acaba de introduzir-se no lanço destes paços onde residem as damas de minha mulher e que ele, seguindo-o cautelosamente, o viu sumir-se numa porta que se abriu. É o aviso de um louco, e o sucesso extraordinário e incrível. Não seria, contudo, o primeiro que esta noite ocorresse... Examinaremos a verdade. Segui-me.

Posto que afectasse extrema placidez, a sua inquietação era visível. A causa dela não saberia plenamente explicá-la; mas sentia-a. Disse o que quer que foi a D. Filipa, que também se erguera e que tornou imediatamente a assentar-se. Depois, desceu para a nave do meio e saiu.

Um sussurro confuso ondeara pela sala. Os pajens tinham lançado mão de algumas tochas. Precedido por eles e acompanhado dos principais fidalgos, o monarca atravessou a galeria. Ouvia-se o burburinho dos cavaleiros que se precipitavam após ele. Os sons dos instrumentos haviam cessado.

Apenas D. João I proferira as primeira palavras, débil ai de terror sussurrara detrás das rejas de uma tribuna de adufas que dava sobre a grande sala e donde, sem serem vistas, as sergentes e cuvilheiras presenciavam o espectáculo. Saíra dos lábios de Briolanja, que durante os momos se não afastara do lado de D. Cipriana e que, ao ouvir o singular diálogo do rei e do chocarreiro, partira como corça ferida, enquanto a rodeira lhe bradava debalde:

– Espera, estavamada; espera! Dá-me cá a mão para me erguer. Jesus, santo nome de Jesus! É certamente a alma penada!

Mas a sergente não podia ouvi-la. Talvez neste momento galgava já, arrebatada pelo terror, a escada do dormitório vedado.

Entretanto el-rei, transposta a galeria, parara no átrio que servia como de aorta às complicadas artérias dos Paços de S. Martinho, e aí mandara postar em todas as avenidas homens de armas e besteiros, a que recomendara a maior vigilância para que ninguém pudesse evadir-se. Então, atravessando vários aposentos, brevemente se achou

no corredor que conduzia ao célebre gabinete particular. Dali, pela escada espiral, subiu ao tranquilo dormitório onde já uma vez o leitor assistiu connosco a misteriosa cena. Ao vivo clarão das tochas, que substituirá a luz frouxa e voluptuosa de duas lâmpadas pendentes do tecto, alvejaram de súbito as renques de reposteiros brancos, onde sobre as armas de Portugal campeava o dragão verde. El-rei parou, olhando sucessivamente para um e para outro lado. Guardava silêncio, e entre o tropel que o seguia ouvia-se apenas o som monótono das passadas.

Ale, que marchava adiante, também parara. Parecia mirar o que quer que era na extremidade menos iluminada do dormitório. Depois, voltando a cabeça para D. João I, estendeu o braço e apontou para uma das portas, onde o reposteiro corrido de pouco ainda se meneava.

– Ali? – perguntou el-rei em meia voz.

Não teve tempo de ouvir a resposta do bufão. A tela agitou-se violentamente, e detrás dela surdiu um homem, que se precipitava em fuga desesperada. Era tarde! Rei, cortesãos, pajens, homens de armas atulhavam a passagem, e ainda o séquito se estendia como extensa cauda pela escada espiral.

O vulto tentou retroceder. Um daqueles gritos que o Mestre de Avis arrancava no revolver das batalhas, restrugindo pelo dormitório como rugido de leão, fez recuar todos, ao mesmo tempo que, por assim nos exprimirmos, chumbava no pavimento os pés do fugitivo. Fazia horror ver este. Com os vestidos em desalinho, os cabelos hirtos, as faces lívidas, o olhar errante, os braços curvos e erguidos até a altura da fronte quase enterrada entre os ombros, arfava-lhe violentamente o peito, ao passo que a voz lhe expirara nos lábios.

A um tempo, el-rei, os cavaleiros, os pajens reconheceram-no.

D. João I empalideceu como ele. Num momento percebera tudo. O vulto que vira escoar-se através do átrio veio-lhe à memória como sinistro clarão. Uma das damas da rainha faltara ao sarau, e a sua câmara era aquela donde esse homem saíra!...

– Oh, sois vós, dom camareiro! – disse o truão num tom singular, em que a ironia se misturava com o azedume. – O reposte de sua mercê é lá em baixo. Ide; mas passai com tento... *Vede não me atropeleis!*

E cosia-se com uma das paredes, arremedando a postura de Fernando Afonso.

O que havia de ódio nesta burla atroz só plenamente o compreendia um indivíduo dos que ali estavam. Era o abade de Alcobça, o qual, colocado atrás do grupo dos cortesãos, depois de dizer o que quer que foi ao ouvido do chanceler, punha os olhos no tecto, erguia as mãos, persignava-se, deixava pender resignadamente a cabeça e suspirava possuído de entranhável mágoa, murmurando:

– Desgraçado mancebo!

A el-rei sentiam-se-lhe ranger os dentes convulsamente, nos cantos da boca alvejava-lhe a espuma, e nos olhos pequenos e vivos lampejavam-lhe aquelas chispas brilhantes, que, a dizer a verdade inteira, faziam estremecer o próprio João das Regras.

Pôde, enfim, falar. O metal da voz era ainda mais temeroso nele que o transfigurado do gesto.

– Gil Eanes!

O corregedor da Corte aproximou-se. Chegara ao paço no momento em que o séquito atravessava o átrio. Tinha-se dirigido ao chanceler para saber o que el-rei queria. O doutor *Johannes a Regulis* encolheu os ombros, pôs o dedo na boca e fez-lhe sinal para que o seguisse.

– Mandai levar este homem aos sótãos da alcáçova. Depois, um poste sobre uma pilha de lenha no rossiô de Valverde pronto ao romper de alva. Perecerá pelo fogo o servo infame que afrontou seu senhor...

Ao soarem estas horríveis palavras, um gemido de indizível agonia rompeu da câmara donde Fernando saíra. Depois, sentiu-se como um corpo que batia no pavimento.

O moço escudeiro nem pestanejava. Era um cadáver hirto.

– Senhor, vede o que ides fazer! – gritou o chanceler, rompendo por entre os cortesãos.

– Ser uma vez rei em punir, como o tenho sido mil em recompensar. As leis de meus avós são escritas com sangue, as dos imperadores com fogo. Prefiro estas. Os Paços de S. Martinho creio que não foram feitos para servir de bairro de mancebia.

– O vosso feito, rei de Portugal, será um daqueles a que os Gregos em sua fala chamaram *tyrannis*. Fernando é de sangue de cavaleiros, e na vossa Corte há juízes.

– Calai-vos, chanceler; que o primeiro deles está aqui! *É lei a vontade do príncipe.*

Se não fosse a necessidade de levar ao fim o seu papel, o doutor de Pisa, num acesso de ternura, teria caído aos pés do monarca. Havia mais de uma vez desesperado da educação política do Mestre de Avis. Era injustiça.

Uma voz grossa soou então do outro lado:

– Em nome da religião de Jesu-Cristo, que nos ensina o esquecimento e o perdão das injúrias; em virtude do meu ministério sagrado, protesto, senhor, contra um acto inaudito...

Era o venerável chefe dos monges brancos, que também atirava o seu facho ao incêndio.

– Caluda, frade! – rugiu e-rei, cuja cólera tocava as raias da demência. Depois, apontando para Fernando Afonso:

– Tiraí-mo de diante! Arrastaí-o daqui! – prosseguiu, batendo o pé como insensato.

A um aceno de Gil Eanes, dois homens de armas ladearam o camareiro-menor, que não resistia e nem sequer suplicava.

O espanto acabrunhara todos os espíritos. Era preciso que fosse bem robusto o ânimo desses dois homens, que, em tal conjuntura, não tinham hesitado em combater a violenta resolução do seu príncipe, em nome da equidade um, em nome da mansidão evangélica o outro.

O que é certo é que o mundo, mais tarde ou mais cedo, faz à virtude a devida justiça.

Ao menos, assim se diz.

Seguido da sua aterrada comitiva, e-rei desceu ao átrio, donde despediu os besteiros e homens de armas que aí colocara e, encaminhando-se ao longo da galeria, parou no limiar da porta da grande sala gótica, exclamando:

– Vasco da Silva!... Cavaleiro, da Ala dos Namorados! Palavra de rei não torna atrás. Seja qual for a extensão do teu agravo, amanhã confessarás que ainda alcança mais longe a minha justiça!

Junto, porém, da coluna a que Vasco se encostara não estava ninguém. O monge desaparecera. D. João de Ornelas olhou ao redor de si e viu que o chocarreiro também se havia sumido. Então disse lá consigo:

«Bom.»

Crer-se-ia que o olhar de D. João I, semelhante ao da serpente, tinha fascinado o moço escudeiro. Apenas o príncipe voltara costas, Fernando, como desperto de aflitivo pesadelo, dera um grito e quisera arrojarse após ele. Os homens de armas tolheram-lhe, porém, os passos. O furor da desesperação e as súplicas e promessas foram igualmente inúteis. A última divindade que abandona o homem, a esperança, lhe aconselhou,

finalmente, a resignação. Dizia-lhe a consciência que o seu proceder traiçoeiro e ingrato era infame, imensa e justa a cólera do monarca. Mas também era impossível que tão longa e indulgente amizade houvesse num momento expirado. E por outra parte, abandoná-lo-ia seu irmão? Abandoná-lo-iam os cavaleiros de Portugal? Estas cogitações, posto que vagas, tumultuosas, indistintas, restituíram-lhe, senão a paz interior, ao menos bastante energia para reassumir tranquilidade aparente, seguindo em silêncio e sem renovar vãs tentativas os dois homens de armas que o conduziam.

Esquecera-se de uma cousa: de que semeara ódios na Terra e de que o fruto ainda não o havia colhido.

O camareiro-menor e os seus guardadores tinham descido ao portal do paço. Estava tudo atulhado. Com admirável rapidez se espalhara a notícia do que se passava. Movidos de bárbara curiosidade, cavaleiros, escudeiros, pajens, ovençais, sergentes haviam-se apinhado nas escadarias, no pórtico e até na rua. Lamentavam-no uns; condenavam-no outros. Falavam, disputavam, remoinhavam; ninguém se entendia naquele imenso sussurro. Com dificuldade os dois homens de armas abriam caminho por meio da turba.

Ao transpor o portal, onde o apertão era maior, por entre as trevas que pousavam na estreita Rua de S. Martinho, Fernando Afonso viu reluzir as bestas e as capelinas de um troço de besteiros e ouviu o anadel que pedia deixassem passar o preso. Ao mesmo tempo sentiu atrás de si uma voz apenas perceptível, que lhe murmurava aos ouvidos:

– Lembrai-vos da profecia de mestre Guedelha!... A porta da Igreja de S. Paulo está aberta... A igreja é inviolável asilo.

Dando um estremeção, voltou involuntariamente a cabeça. Os dois homens de armas, que por entre o burburinho tinham imaginado ouvir algumas palavras indistintas proferidas demasiado perto, voltaram-se também. À escassa luz que dos lampadários das escadas se estirava até o portal, o escudeiro ainda creu divisar uma espécie de farricoco forcejando por sumir-se no meio da turba. Os homens de armas, esses nada descobriram.

Ao recordarem-lhe a profecia de mestre Guedelha, Fernando viu passar diante dos olhos uma fita de lume, os joelhos curvaram-se-lhe, batendo um contra o outro: da frente rompia-lhe em bagas o suor frio.

Uma hora depois, a vasta mole dos Paços de S. Martinho poderia comparar-se a um cenotáfio. Apenas a débil claridade de alguma lâmpada que esquecera acesa transudava pelos vidros corados do gabinete particular de sua real senhoria.

XXVIII

À BORDA DO SEPULCRO

Tal está morta a pálida donzela.

CAMÕES, *Lusíadas*.

Enquanto os extraordinários sucessos referidos no capítulo antecedente ocorriam nos Paços de S. Martinho, na Igreja de S. Paulo e S. Elói, dependência do colégio fundado pelo bispo Jardo, representava-se uma cena das mais triviais no mundo e, todavia, das mais tristes. No cruzeiro do acanhado templo via-se um caixão descoberto ou esquife, assentado sobre alcatifa negra, em cujas orlas seis tocheiros, três de cada lado, sustentavam outros tantos brandões acesos. Dentro do esquife jazia um vulto de mulher vestida de roupas brancas e com as mãos unidas sobre o peito em acto de orar. Descansava-lhe a cabeça sobre uma almofada tão alva como as roupas, e uma grinalda de rosas murchas cingia-lhe os cabelos, que depois vinham como dourada moldura, acompanhando o rosto e o colo, esparzir-se-lhe sobre os ombros e sobre o seio. A sua palidez, e os olhos, que tinha cerrados, mal serviriam para indicar se naquele semblante pousava o sono da vida ou o da morte. O lugar, a hora e os objectos e personagens circunstantes diziam, porém, que era o último.

O cadáver de Beatriz ia descer à terra, terra que nunca humedeceria uma lágrima. As que Fr. Vasco lhe prometera, havia-as a desesperação para sempre estancado.

Duas fileiras de monges bernardos ladeavam o féretro, salmeando as preces e os cânticos consagrados aos mortos. Para o fundo da igreja estava levantado um alçapão, deixando ver os primeiros degraus de uma escada de pedra. Esta escada ia dar ao carneiro ou cripta de S. Paulo. Revestido de estola e pluvial pretos, Fr. Amaro, o enfermeiro-mor da estudaria, colocado aos pés da tumba, com o rosto virado para ela e as costas para o altar, parecia inquieto, fazendo sinais interrogativos a Fr. Julião, que, postado à cabeceira, servia de cruciferário. Fr. Julião também não estava tranquilo. Ora deitava de relance os olhos para a porta exterior apenas cerrada, ora para a da sacristia, enquanto o cantor-mor, Fr. Soeiro, entoava e os coros garganteavam detidamente as antífonas e salmos próprios daquela solenidade, acerca da qual o reitor, para satisfazer ao imperativo petitório de D. João de Ornelas, recomendara com grandes encarecimentos a Fr. Abril se não faltasse ao mínimo item do ritual cisterciense.

Mas havia outra recomendação directa do abade que era a que amofinava Fr. Amaro e fazia torcer os olhos ao reverendo porteiro, ora para o portal, ora para a sacristia. O cadáver não devia ser conduzido à sepultura antes de Fr. Vasco descer à igreja. Desde esse momento, seguir-se-ia em tudo o que ele ordenasse. Tais eram, pelo menos, os desejos de sua reverendíssima.

O aflito monge, porém, apenas acabara o refeitório, fora dispensado pelo reitor das ultteriores obrigações monásticas daquele dia e, tendo-se recolhido à sua cela, ninguém mais o vira. Na verdade, o leigo que substituíra Fr. Julião (atarefado nessa tarde com as exéquias de Beatriz) no mister de porteiro e que, assentado num banco da portaria, cabeceava padre-nossos, crera enxergar um vulto que passava por ele e que pelo traje informe se lhe figurou uma espécie de farricoco ou de beguino. A última pessoa de quem o sonolento leigo se poderia nessa conjuntura lembrar era o moço cisterciense. E todavia nós, que assistimos às diversas cenas representadas pouco depois

nos Paços de S. Martinho, sabemos perfeitamente o que havemos de pensar acerca do suposto olandilha ou beguino.

O que não tinha dúvida era que o ofício celebrado na Igreja de S. Paulo se aproximava do seu termo e que o moço frade não aparecia.

Daqui se originara a inquietação de suas reverências. Fr. Amaro perguntava a si mesmo como sairia da dificuldade; como poderia chegar a tempo à segunda mesa do refeitório, donde a imagem da ceia vinha fazer-lhe negaças como saudade longínqua.

Das vagas e tristes cogitações em que se abismara o tirou, porém, o vozeirão retumbante de Fr. Soeiro, entoando a antífona:

– *Ego sum resurrectio et vita.*

Neste momento as portas da igreja meio cerradas abriram-se de golpe, e um homem, em cujo semblante se pintava profundo terror, entrou precipitadamente. Fr. Soeiro parou, e, no meio do silêncio que se fez, ouviu-se ainda um ruído indistinto de vozes e o tinir de ferros que se cruzavam. Após o que primeiro entrara e que se dirigira ao altar-mor, viram-se aparecer um anadel e alguns besteiros da guarda real.

Tudo isto fora obra de um instante. Ao mesmo tempo da porta da sacristia saía um monge com passos serenos e solenes. Fr. Soeiro, Fr. Amaro, frades do coro, Fr. Julião, todos, enfim, reconheceram imediatamente Fr. Vasco.

Com a mesma serenidade aparente, com o mesmo porte solene, o cisterciense encaminhou-se para o corpo da igreja e, dirigindo-se aos besteiros, apontou-lhes para o portal:

– Retirai-vos – bradou com firmeza. – Este lugar é santo; este lugar é um asilo. Asilo para os vivos; repouso e paz para os mortos!

O tom em que estas palavras foram ditas, o espectáculo da pompa fúnebre, aquela hora nocturna, em que o templo se havia revestido de todos os seus mistérios e terrores, o carneiro aberto como as fauces de um abismo, e, sobretudo, a doutrina geralmente recebida de que ainda o maior criminoso era inviolável se podia acolher-se à imunidade dos altares, fizeram recuar o anadel e os seus sequazes. Murmurando, como o rafeiro constrangido a largar a presa, os rudes besteiros titubearam, deram volta e saíram. O cruzar de vozes e o tinir dos ferros já a este tempo haviam acabado.

No adro, porém, e livre do religioso temor com que a santidade do lugar, os modos imperiosos do monge e a vista de um cadáver o haviam subjugado, o anadel começou a protestar, entressachando as suas manifestações oficiais com um chuveiro de pragas e ameaças, que debalde tentariam fazer evadir o preso; que ao romper da manhã el-rei seria informado do procedimento atentatório que se acabava de ter para com um anadel de sua real senhoria no desempenho das suas funções e que, finalmente, os aforrados que assim de improviso haviam posto mãos violentas em homens da guarda real teriam de arrepender-se da sua insolência. De feito, logo que exalou toda a bília em inúteis imprecações, que de novo repercutiam dentro da igreja, ouviram-se-lhe as ordens que dava, a uns para se conservarem naquele posto com as garruchas metidas nas bestas, prontos a disparar contra quem quer que tentasse dali sair, a outros para se dividirem em roldas e vigiarem o edifício, de modo que ninguém pudesse escapar. Depois, sentiram-se tinir algumas bestas assentando nas lájeas do adro, ouviram-se passos lentos que se iam alongando para um e para outro lado e, pouco a pouco, tudo re. caiu no silêncio e na imobilidade.

Se este livro fosse uma dessas invenções destinadas unicamente para abreviar o mais cruel martírio do ocioso, a maldição da sua existência, pediria a arte que deixássemos o leitor parafusar à solta acerca do passageiro arruído que se travara no adro. Não o consente, porém, a ordem da narrativa que nos serve de texto. O autor da encarquilhada e venerável crónica monástica ou ignorava ou desprezava as destrezas

que dão vida e relevo às vãs ficções de noveleiros e que a verdade, por si mesma bela, rejeita com abominação. Contou as cousas como elas foram, diretamente, singelamente, sem refulgos, sem armadilhas. Seguindo-o passo a passo, a nossa narrativa é como a dele inartificial e simples.

Escusado seria dizer o nome do preso que os besteiros reais conduziam. O leitor já o adivinhou. Apenas Fernando fora entregue aos guardas que deviam aferrolhá-lo nos sótãos da alcáçova, D. João de Ornelas pôs-se a observar os diversos grupos que no átrio falavam sobre os extraordinários acontecimentos daquela noite. Depois de escutar, mirar e remirar por uma e outra parte, chegou-se a um desses grupos, introduzindo-se na conversação. Era o de alguns mancebos que sabia serem consócios e afeiçoados do camareiro-menor. Começou por lisonjeá-los. Quanto a ele, os sentimentos de mágoa e despeito que não curavam de encobrir eram indício de ânimos generosos e leais à amizade. Achava, como eles, absurdo o rigor d'el-rei, rigor que seria uma nódoa no seu glorioso nome e que ele, como bom vassalo, não cessaria de deplorar. O ilustre prelado estava, porém, profundamente convencido de que, se o nobre escudeiro, com quem, apesar de antigos desgostos, vivamente simpatizava, pudesse escapar aos seus guardadores e acolher-se a qualquer templo (sobre cujas imunidades fez, neste ponto do discurso, uma larga dissertação canónica), daria tempo a seu irmão, pessoa que singularmente reverenciava, ao chanceler, e a ele próprio, indigno ministro do Deus das Misericórdias, para amansarem a sanha do monarca, salvando o pobre moço de uma pena atroz, desproporcionada ao delito e imposta no primeiro ímpeto de cólera irreflexiva. Sentia, finalmente, não ter podido preveni-lo de que a porta da Igreja de S. Paulo e Santo Elói, por junto da qual tinha de ser levado no seu trânsito para a alcáçova, estava casualmente aberta, e de que, ao perpassar, lhe seria talvez possível fugir e acolher-se a sagrado. «Dêem-me dois dias; dois dias só», concluía o venerável chefe dos monges brancos, bailando-lhe as lágrimas nos olhos, «e dar-vo-lo-ei salvo... Não há uma desgraça como esta... não há!...»

Depois, apenas viu principiar a romper a ideia do atentado que indirectamente aconselhava, foi-se retraindo pouco a pouco e desapareceu. A magnanimidade daquela nobre alma tinha enchido de assombro os que não ignoravam os motivos de ódio que havia entre ele e esse homem cujo destino lhe arrancava mal reprimido pranto.

Alguns minutos depois, dez ou doze empuçados salteavam a escolta dos besteiros no momento em que transpunham o adro da estudaria. No meio da revolta e tumulto de tão repentino ataque, Fernando, para quem a recordação misteriosa da profecia de mestre Guedelha fora um tremendo darão, se precipitara na igreja, e os empuçados haviam desaparecido cada qual para seu lado.

O sobressalto produzira uma interrupção inevitável na solenidade fúnebre. O desacordo pintado no gesto e meneios do fugitivo, a soldadesca irritada que o seguia, a linguagem de Fr. Vasco explicavam até certo ponto o sucesso. Não faltavam exemplos de criminosos virem buscar o asilo eclesiástico. Era um caso desses. Mas porque chegara o cisterciense naquele momento, e porque tanto ardor em salvar o réu? Eis o que nem Fr. Amaro, nem Fr. Soeiro, nem o meditativo Fr. Julião compreendiam.

O refugiado passara como relâmpago pela tumba, em que parecera não reparar. O moço cisterciense, apenas vira sair os besteiros, tinha-se dirigido para esse vulto, que se abraçara com o altar.

Quando chegou ao pé dele, parou e pôs-se a contemplá-lo de braços cruzados, sorrindo de modo singular.

Esteve assim muito tempo. A um seu aceno os coros haviam renovado a fúnebre salmodia, e o cantochão de Fr. Soeiro corria à desfilada. O refeitório era a barreira do

estádio que o reverendo cantor-mor mentalmente enxergara no horizonte das antífonas, quíries, orações e salmos.

Os olhos do escudeiro, onde se reflectia todo o horror da sua situação, cravaram-se insensivelmente nos de Fr. Vasco. Reconhecera o frade idiota da tavolagem. Essa figura taciturna tinha o que quer que era ominoso para ele e gerava na sua alma aterrada uma duplicação de terror. Avivava-lhe, não sabia como, a lembrança da profecia de mestre Guedelha e os seus ímpios comentários.

E, apesar disso, não podia afastar os olhos do monge. Os raios visuais dos dois mancebos tinham-se fundido um no outro. Sobre o caos tremendo de sentimentos e ideias que se revolviam no coração do asilado pousava, como espectro de pesadelo, a imagem desse frade macilento, com o seu olhar fito, com o seu amargo sorriso, semelhante à hera verde-negra que se estira por cima do tronco derribado e carcomido, ou a crepe que no patíbulo se lança sobre os restos do justificado.

Seria porque a aversão possui talvez magnetismo oculto tão irresistível como o do amor? A alma de Fr. Vasco estreitava a de Fernando Afonso, que estonteada remoinhava num vórtice de susto e de aflicção; estreitava-a com a ferocidade da hiena, balouçando-se voluptuosamente nos seus trances de agonia, refrigerando-se na sua amargura; cingia-a, palpava-a, sentia-a torcer-se, latejar, enovelar-se. Dizia-o aquele riso que lhe banhava as faces.

Quando se fartou desse prazer inefável, chegou-se ao mancebo, lançou-lhe a mão ao braço, fê-lo descer do supedâneo, do altar e conduziu-o ao cruzeiro, onde se cantavam os últimos quíries.

Fernando, subjugado por aquela espécie de fascinação, seguia-o sem resistir. Também a oposição houvera sido inútil. A mão ardente do frade apertava-lhe o pulso como anel de ferro. A energia dos afectos que o senhoreavam dava-lhe forças sobre-humanas.

Fr. Vasco fez sinal aos monges para que se arredassem. Eram mui positivas as recomendações de D. João de Ornelas para não hesitarem em obedecer-lhe.

Então, chegando com o escudeiro ao pé da tumba, apontou-lhe para o cadáver. Um grito indizível de espanto e pavor partiu dos lábios de Fernando Afonso. Naquele rosto, retinto na palidez da morte, reconheceu Beatriz.

O mais eficaz, o mais eloquente missionário do arrependimento é o estado de cansaço moral, de desesperança, em que o espírito do perverso, ao bater para ele a hora da desdita, verga desfalecido sob o peso do passado. O remorso espreita esse instante para se embebedar no seio do mau, donde, nos dias de ventura, fora duramente repellido, e a dor que ele plantou na terra, inclinando-se-lhe sobre o coração, aí espargue as sementes da amargura, que, germinando rápidas, lho entumecem e dilaceram. A situação do camareiro-menor era justamente essa. A espécie de torpor em que a desordem dos afectos e ideias o havia lançado desaparecera à voz da consciência, que lhe punha diante uma acusação terrível.

– Morta! – murmurava ele, forcejando por soltar-se da mão do monge. – Oh Beatriz, Beatriz!

– Morta, sim – replicou o frade com acento soturno, mas tranquilo. – Era o que lhe restava depois de prostituída, depois de abandonada, depois de largos dias de solidão, face a face com o espectro da própria infâmia, depois de expiar na Terra o erro de uma alma cândida dilacerada nas garras do demónio da devassidão...

Proferindo estas palavras, o monge, que ia atrás dos seus tetricos pensamentos, afrouxara a contracção tenaz com que retinha o braço do escudeiro. Por súbito e último esforço, este pôde desembaraçar-se. Caiu então de joelhos encostado ao esquife e exclamou, erguendo as mãos:

– Perdão! Perdão, Beatriz!

– Perdão?! – acudiu o monge, que tornara a cruzar os braços, como a princípio. – Foi mais generosa! Exigiu de mim o juramento de também te perdoar... E eu dei-o; eu insensato!...

– Mas quem sois vós? – bradou Fernando Afonso, pondo-se em pé e recuando ao ouvir a estranha linguagem do frade idiota da tavolagem, que assim falava de siso. – Quem sois vós, para haverdes de perdoar-me...?

– Meu pai chamava-se Vasqueanes: minha irmã chamava-se Beatriz.

Cobrindo o rosto com as mãos trémulas, o camareiro-menor encostou-se a uma coluna da nave e, com voz afogada, murmurou:

– Seu irmão! seu irmão!... Oh, que, se o sois, estou perdido!

– Perdido?! – redarguiu o frade, sem alterar a voz, ao passo que de novo se lhe espraíava no gesto fugitivo sorriso. – Não é este lugar um asilo inviolável? Não dei eu um juramento? Não viste, até, como comecei a cumpri-lo? Onde estão os guardas que te perseguiram?

– Oh, bem sei, Vasco! Tendes razão de verter sobre esta cabeça criminosa e condenada o fel da ironia! Tendes razão de me odiar mortalmente. Ela podia perdoar-me; porém vós?... É impossível!...

– E todavia, por mais monstruoso que isso pareça, fi-lo. Com a mão sobre a cruz de Cristo, junto do leito de Beatriz expirante, protestei solenemente esquecer a lenta agonia de um velho, a sedução de uma inocente, a ruína e a desonra da minha família. Tomo o Céu por testemunha de que falo verdade! Foi um sacrifício imenso... Não creias, porém, que fosse gratuito. Ressalvei uma dura condição. Se queres que lance um véu sobre o passado, é necessário que te submetas a ela.

Exprimindo-se assim, Fr. Vasco assumira um ar de severa singeleza que imprimia na sua linguagem o carácter da veracidade e da candura. Um raio de esperança cintilou na alma do moço escudeiro. O frade leu-lho no semblante e prosseguiu:

– O lugar onde estamos é inviolável: repito-o. Aquém daquele portal não passa a justiça dos homens, porque esta é a morada do Deus das Misericórdias. As grandes cóleras dos príncipes expiram também ali, porque debaixo destas abóbadas reina a paz do Senhor. Que podes, pois, temer de mim ou de outrem? Se quisesse hoje vingá-lo, a minha voz não teria feito recuar os que te guardavam ou este braço, que te arrastou até aqui, ter-te-ia arrojado, como os publicanos do Evangelho, do recinto do templo. Não! À sombra do santuário podes contrastar a tempestade que ameaçou submergir-te. Alguns dias que passem, e o furor d'el-rei cederá às súplicas dos teus poderosos protectores e às recordações de uma afeição antiga. Teu irmão e o primaz das Espanhas não te deixarão perecer de morte afrontosa e cruel. Depois, a minha voz não surgirá do silêncio do claustro para te acusar, se a condição que te imponho for aceita e cumprida...

– A mais áspera que imaginásseis – interrompeu vivamente Fernando, cujo coração começava a dilatar-se reanimado pelo hálito da esperança. – Tudo, tudo, homem generoso, que me obrigas a crer, enfim, na virtude humana; que me fazes experimentar quanto o remorso tem de pungente e acerbo, mas também quanto o arrependimento tem de consolações; que rasgas o véu medonho do meu futuro e me ensinas a descobrir em nebuloso horizonte a luz da salvação. Que devo eu fazer para te contentar, para remir o meu crime...?

– Confessá-lo: confessar as negras insídias com que precipitaste aquele anjo que ali dorme o longo sono da morte no teu charco de luxúria; a ingratidão covarde com que pagaste a hospitalidade de um ancião venerando e o puro amor de uma virgem; a vilania com que enodoaste o nome de um soldado como tu, de um soldado de D. João I, de um soldado desta terra, que a ambos nos vira nascer e que, hoje ou amanhã, num ou noutro

recontro, podia unir-nos indissolúvelmente na mesma vala, sob a mesma cruz dos mortos; de um soldado que a vergonha e a desesperação sepultou na clausura! A desonra não pertence àquele cadáver, nem ao túmulo de meu pai, nem a esta estamena! Pertence-te a ti... Aí a tens: aceita-a; e que esses monges, que esperam o momento em que eu lhes diga «escondei este cadáver na terra», possam testificar que não abençoaram os restos de vil prostituta e que o hábito de S. Bernardo, lançado sobre estes ombros, serviu para velar aos olhos do mundo, não um ferrete de infâmia, mas somente honesto rubor.

– Monges de Cister! – bradou o escudeiro, com uma espécie de exaltação produzida pelas palavras de Fr. Vasco. – Ignoro o destino que Deus e os homens me reservam; mas seja qual for, cumpre que, perante vós, faça uma grande reparação. Devo-a a esse cadáver que ides sepultar e a este vosso irmão. Escutai-me e tremei! Vede em mim um monstro de perversidade.

Os frades, que, havendo-se arredado bastante, apenas tinham percebido algumas frases soltas do vivo diálogo que passava entre os dois, aproximaram-se do féretro, não ao chamamento de Fernando, mas a um novo aceno de Fr. Vasco.

Cercado de todas aquelas graves figuras monásticas, o camareiro-menor referiu a história dos seus amores com Beatriz, o rapto e abandono da desgraçada. Inspirava-o o ardor febril que nele excitara a fascinação diabólica do frade. Foi verdadeiro e, por isso, pinturesco e terrível. Pelas faces abeatadas e estúpidas da fradaria mais de uma lágrima deslizou não sentida. Apenas concluiu, o escudeiro arrojou-se aos pés de Fr. Vasco imóvel, impassível, silencioso, abraçando-o pelos joelhos e murmurando:

– Perdão, perdão!

O monge, forcejando por erguê-lo, lançou-lhe um olhar oblíquo, ao passo que pelo rosto lhe serpeava ainda outra vez indefinido sorriso. Depois, perguntou-lhe com brandura:

– Acabaste?

Era um pergunta bem simples, e todavia fez estremecer aquele a quem se dirigia.

Referindo de que modo havia abandonado Beatriz, Fernando não tivera ânimo para confessar que a paixão por Leonor acabara o que a saciedade tinha começado. Sobre esta, sobre a própria índole lançara todo o odioso do seu proceder. Esse amor fatal que o perdera estava no auge do ardor, e Fernando tremia de se ver constrangido a misturá-lo com as negruras de uma história infame. E contudo, no terrível sucesso que o conduzira àquela singular situação, o escândalo fora público. Mais evidente que a de Beatriz, a fraqueza de Leonor não podia ser já um segredo confiado ao silêncio da sepultura. El-rei talvez se apiedasse dele: seu irmão, seus amigos, o próprio arcebispo D. Lourenço, logo que soubessem da sorte que o ameaçava, buscariam mitigar a furiosa indignação do monarca, enquanto ele se conservasse asilado à sombra protectora do altar. Fr. Vasco tinha razão. Mas apagar a ignominia da frente de Leonor era o que se tornara impossível.

E apesar disso, se a sua salvação dependesse de fazer soar o nome da viúva de Lopo Mendes perante aquela turba que ouvira a vergonhosa narrativa da sedução de Beatriz, ele teria preferido o caminhar para o cadafalso a essa espécie de profanação do amor.

É assim feito o coração humano. Nós é que nem sempre sabemos explicá-lo.

Vendo que não respondia, o cisterciense perguntou outra vez:

– Acabaste?

Havia na sua voz um tremor quase imperceptível. Que pretendia ouvir ainda? Acaso os seus pensamentos sinistros precisavam de alimentar-se de mais fel?

O escudeiro abaixou os olhos e fez um leve movimento afirmativo.

Os circunstantes contemplavam comovidos aquela cena. O próprio Fr. Soeiro, tinha esquecido as santas reminiscências do refeitório.

O monge, cobrindo a fronte com uma das mãos, chegou-se ao féretro e disse para o cadáver, como se este pudesse ouvi-lo:

– Não viveste assaz para te ser restituída a honra. Depois de morta, eu só te podia reivindicar a inocência... Anjo que alimentavas o meu último affecto, adeus!... É um adeus bem longo... longo como a Eternidade; porque entre o Céu e o Inferno está a imensidade... e tu subiste ao Céu...

Estas palavras, lentas e submissas, ainda se perceberam. Depois, ouviram-se-lhe uns sons guturais: de. pois, viu-se-lhe apenas o remexer dos beiços. Os dedos encurvavam-se-lhe à raiz do cabelo, como se fizesse violento esforço para esconder a testa. Dir-se-ia reecer que os restos inanimados de sua irmã pudessem ver alguma cousa que aí estava ou gravada ou escrita.

Era que desde o momento em que arrojara de si com mão sacrílega o crucifixo de Fr. Lourenço e despedaçara, impiamente desesperado, a estátua da Virgem, Vasco tivera mais de um acesso de delírio, durante o qual lhe parecia sentir mão invisível escrevendo-lhe na fronte, com letras de fogo, a palavra PRECITO.

Curvado naquela Getsémani de agonia, o frade conservou-se assim alguns instantes, instantes para os outros, anos para ele.

O novo Saul saiu, enfim, do seu paroxismo. A energia de vontade robusta não lhe bastara para subjugar o ímpeto da dor naquele trance da última despedida.

Lançando ainda uma vez longo e tristíssimo olhar para a tumba e fazendo um sinal imperioso ao escudeiro para que saísse dali, murmurou ao passar por entre Fr. Amaro e o cantor-mor:

– Que a paz de Deus desça sobre o cadáver de minha irmã! Levai-o à eterna jazida...

Depois foi encostar-se a uma coluna cobrindo a cabeça com o escapulário. Parado ao pé dele, Fernando olhava como absorto para esse vulto que parecia representar ali a imagem da amargura.

O officio fora interrompido no momento em que ia a findar. Em virtude dos preceitos de D. João de Ornelas, Fr. Amaro, apenas ouviu as derradeiras palavras do cisterciense, tomou o hissopo das mãos do acólito, rodeou o féretro, aspergiu-o, pegou depois no turbulo, incensou o cadáver e disse:

– *Et ne nos inducas in tentationem.*

Sobrelevando ao acompanhamento do coro, o vozeirão de Fr. Soeiro redarguiu apressado e retumbante:

– *Sed libera nos a malo.*

Cruzaram-se mais algumas frases bíblicas, e Fr. Amaro, alevantou o último *oremus*. Concluído este, o cruciferário Fr. Julião alçou a cruz e os ceroferários os cereais. Quatro sergentes haviam pegado no esquife, e a comunidade encaminhou-se em duas alas para os degraus do carneiro, fechando o préstito Fr. Amaro. Cantavam, em coros alternos, a antífona:

– *In paradisum deducant te angeli.*

O monge soluçava. Os seis brandões do cruzeiro reflectiam a sua luz sanguínea nas lájeas do pavimento, listrado pelas sombras que os pilares das naves estiravam por cima dele. O cantar do coro ia-se alongando e sussurrava na cripta, como os sons sentidos de harpa eólia, ou antes, como o carpir de gnomos aferrolhados debaixo da terra.

Dentro de poucos minutos, a comunidade surgiu do carneiro e atravessou a igreja, salmeando até desaparecer na sacristia. A grande pedra que fechava o ádito do

subterrâneo caiu no seu leito, os tocheiros apagaram-se e os sergentes desapareceram após o sacristão-mor Fr. Abril. A área do templo ficou apenas alumada pelas lâmpadas que ardiam ante os altares e submergida na solidão. Dir-se-ia que essas paredes e abóbadas, por onde pareciam mover-se de vez em quando figuras fantásticas, suavavam terror por todos os poros.

Quando o ruído indistinto das passadas que se alongavam pelo claustro cessou, Fr. Vasco pareceu sair daquele torpor em que ficara embrenhado. Deixando descair o escapulário, pôs-se à escuta, como receoso de que algum murmúrio exterior interrompesse a quietação do recinto do templo. O silêncio, porém, era absoluto, mortal. Então, deu dois passos e, do mesmo modo que fizera junto do altar, cruzou os braços e ficou erecto e imóvel contemplando o escudeiro. À claridade duvidosa da igreja, os olhos fulgiam-lhe debaixo das cavas sobranceiras com estranho brilho. Nas faces macilentas, que a frouxa luz das lâmpadas ainda lhe tornava mais pálidas, esparzia-se-lhe de novo triste sorrir. Era, porém, o mais singular que, naquele ambiente húmido e frio, lhe rebentavam da fronte de quando em quando grossas bagas de suor. Levando rapidamente à testa a mão ardente, enxugava-as com ela e voltava logo à anterior postura contemplativa e extática.

A concepção humana recuaria aterrada, se pudesse observar nesse momento a alma tenebrosa do monge, revendo-se com acre e frenético deleite nas sensações de um ódio encanecido, enfim satisfeito, satisfeito além de tudo o que esperava. As imagens de seu velho pai chamando por ele como louco; de sua irmã envilecida, erradia sob as asas de tempestade nocturna, envolta em farrapos sobre a enxerga do truão e debatendo-se nas vascas da morte; de Leonor, enleada nos braços desse homem, pagando com ardor os seus beijos voluptuosos; tudo isso, confundido inextricavelmente, caos horrendo de angústia que nenhuma língua poderia exprimir, era um chão negro, semelhante à profundidade insondável de céu estrelado, onde a vingança se lhe desenhava mais radiosa, mais bela, mais arrobada de infernal prazer. Por isso, nas faces, no sorrir, no olhar, nos meneios de Fr. Vasco havia o que quer que fosse incompreensível, sobre-humano; alguma cousa que faria lembrar um desses arcanjos malditos, expulsos do Céu quando ainda não existiam nem o espaço nem o tempo.

Fernando não o adivinhava. O curso das ideias do mancebo tinha-se dirigido por bem diverso rumo. Vivamente comovido pelos sucessos dos Paços de S. Martinho e, talvez, ainda mais pela recordação inesperada da profecia do astrólogo judeu, que tão bem quadrava à sua situação, vacilara por mais de uma hora, como alheio a si mesmo, entre os terrores da morte e os instintos da salvação. No meio de um grande perigo, à vista do cadáver da sua vítima, diante de uma dor tão profunda e legítima qual a do monge, Fernando esquecera a altiveza e o esforço brutal de que mais de uma vez dera não equívocas provas. Semelhante ao lobo colhido no fojo, que parece despojado da ferocidade nativa, havia tremido, havia-se humilhado. Animando-o com esperanças lisonjeiras, para depois lhe tornar mais amargo o desengano, o cisterciense contribuirá, todavia, para lhe asserenar até certo ponto o espírito. Sem se iludir sobre o risco da sua situação; sem poder subjugar de todo o pavor supersticioso que lhe infundia o lugar onde se asilara, Fernando entrara em si, e a própria confissão feita junto ao cadáver de Beatriz a que o terrível frade o constrangera lhe adoçara o fel do remorso. Mais tranquilo, avaliava melhor a possibilidade de evitar a sorte que o ameaçava e gradualmente ia recobrando a habitual audácia, que só naquela tremenda noite não fora igual ao perigo.

Tal era a situação íntima de cada um dos dois mancebos, que, sozinhos e calados, olhavam um para o outro.

O monge foi o primeiro que quebrou o silêncio. Com serenidade, com o singular sorriso que se lhe espalhara no gesto, estranho contraste do brilho que despediam as suas cavas pupilas, disse:

– Fernando Afonso, ouve-me! Esqueceste uma circunstancia importante nessa narrativa que fizeste. Não foi só a tua índole mudável e a corrupção da tua alma que te levaram a uma grande infâmia. Houve também outra causa; causa mais poderosa que todas e que está revelada neste papel escrito por ti.

E, tirando do seio a derradeira carta do mancebo para Beatriz, estendeu-a aberta para ele e prosseguiu:

– É o teu último adeus à mulher que tanto te amara, e sobre cujo cadáver pousou há pouco a pedra da sepultura. Como se chama essoutra a quem sacrificaste minha irmã?

– Monge, monge! – exclamou, ao reconhecer a carta, o escudeiro balbuciante. – Que importa...?

– Importa que também eu tenho revelações que te fazer, e o nome dessa mulher, suspeito que não é inteiramente alheio aos sucessos que vais ouvir. Como se chama ela?

Fernando pôs os olhos no chão e ficou silencioso.

– Não te lembra!? – continuou em tom pausado o cisterciense, cada vez mais risonho. – Não admira. Passam por nós momentos de idiotismo em que a nossa alma parece dormir. Há pouco mais de um mês que eu padecia disso. Via como se não visse: ouvia como se não ouvisse... Absolutamente idiota! Era então o companheiro do abade de Alcobaça, que gostava do frade desmemoriado e néscio. Não achas que era uma predilecção esquisita?!

E desatou a rir.

O moço escudeiro recuou. Fr. Vasco prosseguiu:

– Fui néscio; fui idiota... já o não sou. Agora lembra-me tudo... tudo... o passado, como se fosse presente!... Lembra-me, até, esse nome que tu numa hora esqueceste... o nome daquela cujo amor acaba de te despenhar do valimento de um rei na beira do patíbulo...

Ao rir descomposto sucedera no aspecto do monge sombria gravidade. Como tentando embargar-lhe o discurso, o escudeiro estendia para ele as mãos exclamando:

– Calai-vos! Calai-vos!

– Vê se podes impor silêncio aos que foram testemunhas da injúria que fizeste ao teu rei e da desonra dessa mulher; não a mim, que preciso, que hei-de repetir-te o seu nome, para entenderes a história com que devo entreter-te estas lentas horas da noite...

– Oh, não profaneis a desventura! Que mal vos fez ela?...

– Ela, quem? – redarguiu o fero cisterciense, encandeando-se-lhe cada vez mais os olhos. – A bela filha de Mem Viegas? A bela viúva de Lopo Mendes? A bela dama de D. Filipa? A tua Leonor?! Nenhum! Oh, nenhum!...

A voz do frade tremia, mas era sonora como o zoar do sino, depois de cada badalada, em dobrar por morto.

Depois tornou ao seu rir de insensato.

– Monge – replicou o mancebo, a quem o despeito começava a agitar o ânimo –, devia-vos uma reparação. De-fa, completa, sem reserva, sem hipocrisia. Humilhei-me ante vós: curvei-me arrependido aos pés de um cadáver. Deus sabe se fui sincero. Não posso fazer mais: veda-o a sepultura. A morte de Beatriz libertou-me de uma dívida que eu pagaria sem hesitar, se ela existisse. Agora não vos pertence penetrar no íntimo dos meus afectos.

Ao ouvir estas palavras, Fr. Vasco dir-se-ia que tentava reter o coração, apertando ansiosamente o peito com uma das mãos, enquanto estendia a outra para o ádito do carneiro sem proferir palavra.

– Bem sei; bem sei que esse coração verte sangue! – prosseguiu o camareiro, como respondendo à muda linguagem daquele gesto. – Mas se entre o criminoso e o crime se interpôs o perdão, porque ser implacável contra *ela*, que ignorava o meu erro; contra *ela* inocente?

– Perdão! ? Inocência?! – rugiu o cisterciense, dando enfim largas ao turbilhão de ódio fundo que por tanto tempo de si próprio tirara forças para se reprimir. – Quem ousa falar aqui de inocência? Quem ousa falar de perdão? Perdoar-te eu, malvado! ? Porquê? Porque dei um juramento? Que importa isso? Quantos tens tu dado e traído? Foste uma vez enganado, embaaiador professo! Quis que a ti próprio te condenasses diante de testemunhas irrecusáveis. Imolei a besta-fera à sombra ensanguentada da sua vítima: nada mais... Ah, não sabias que eu, maldito de Deus, que eu, condenado, vivia só para te desonrar, para te perder, para na tua última agonia me interpor entre ti e a contrição e para te enviar ao Inferno como precursor do frade desesperado e sacrílego?! Não sabias, não... Ah, ah!... É que apesar da minha memória tenaz tinha-me esquecido dizer-to! És ridículo, muito ridículo! Nessa alma calejada, nessa consciência, dormente como charco de águas corruptas, há ainda uma cousa pura: é a credulidade infantil. Oh, deixa-me faltar de rir!

E ria, ria, convulsamente. Essa hilaridade diabólica cessou, porém, de repente. O cisterciense correu a mão pela testa, como afastando os cabelos, e prosseguiu:

– Olha bem para mim; para esta frente! Não vês nada nela? O dedo do Senhor escreveu aqui uma palavra fatal... Sinto-a queimar-me. É de fogo; deve brilhar. Soletta-a, e diz-me depois se o *precito* pode ter comiseração de quem o despenhou no abismo? Foste o meu destino mau; foste maldição perpétua enredada na teia da minha vida. Preciso de te derribar, de esmagar-te, para ao menos ter uma hora de paz antes de topar com o sepulcro... E pensavas que eu pretendia salvar-te?! Oh, como és insensato!

– Se quereis que vos entenda – interrompeu Fernando Afonso, vacilante entre o horror e a cólera –, deixai esses mistérios; essas ameaças... Em que mais vos fiz eu mal, ou que tem com isso uma desgraçada mulher?

– É o que eu te ia explicar – redarguiu Fr. Vasco.

A mulher que tu amas, amei-a eu primeiro; amei-a como perdido. Traiu-me por cobiça; traiu-me por vaidade. Vinguei-me: oh, vinguei-me bem! Mas a sua imagem estava demasiado funda nesta alma: não podia apagar-se tão facilmente. Pedi a Deus que ma desvanecesse dela; macerei o corpo, embrutei o espírito: tudo debalde. Continuei a amá-la amaldiçoando-a, amaldiçoando a própria fraqueza. Tenho ainda ciúme, ciúme de ti, destruidor da minha ventura doméstica, eu, um frade! É, monstruoso; é absurdo. Não é assim? Podia encobrir-to. Sobejava-me, sem isso, com que justificar o meu ódio. Não quero; não vale a pena de ser, como tu, hipócrita. Detesto-te pelas tuas infâmias: parece-me que ainda mais pelo teu amor. Não o sei ao certo... Mas deixa-me continuar a divertir-te com a minha história... Vendida a Lopo Mendes ao menos era uma união, embora sacrílega, contraída perante o altar. Acaso por tal motivo, ainda depois se me afigurava pura, inocente, santa, como quando de sob as pálpebras virginais deixava cair sobre mim olhar inenarrável; como quando, vendo-a passar ao pôr do Sol na orla da devesa que rodeava os Paços de Mem Viegas ou, à noite, encostada no balcão a contemplar a Lua reflectida no lago, me vinham à mente suspeitas de que ela fosse um anjo transviado do Céu, e, ajoelhando sem ser visto atrás da balça fechada ou da árvore corpulenta, a adorava de longe em delicioso êxtase. Lopo Mendes era um demónio que poluía o meu anjo: devia expulsá-lo da Terra. Expulsei-o...

Foste seu amigo, e ainda hoje ignoravas, como todos, o mistério que encobria a última página da sua vida. Agora não te parece claro?

Fez uma breve pausa. O escudeiro, atônito e horrorizado, nem pestanejava. Fr. Vasco prosseguiu com feroz ironia:

– Dizem que aos que vão morrer ilumina de súbito compreensão sobre-humana... Se assim é, hás-de compreender o que te digo!... Depois curti remorsos. Mas, ao menos, sabia que o viúvo leito de Leonor, como o do anjo de outrora, era solitário. Consolava-me com esse engano... Sim, engano; porque era ilusão e mentira!... Virgem, havia quebrado sua fé, mercadejando com a formosura: dona, prostituía-se a ti, a outros, eu sei lá a quantos?!... Prostituíam-se como as concubinas de Babilónia ao primeiro que passava...

Aqui, um grito que partira dos lábios de Fernando o interrompeu. A injúria pungente vibrada contra Leonor varrera num momento da memória do mancebo todas as dificuldades da sua situação. Aquele ciúme odioso, encanecido nas trevas, que se lhe punha diante, nu, irónico, inexorável, acendia nele outro não menos impetuoso. Ferida num sentimento vivo e profundo, o amor, a sua alma erguia-se irritada pelos impulsos da indignação e aceitava o combate.

– Mentos, frade! – bradou o escudeiro. E balbuciava, como buscando afronta mais brutal com que trocasse golpe por golpe. – Mentos!... Alguém se entregou sem pejo ao que passava; mas não foi Leonor!... Uma concubina tive eu já; mas era de raça tão vil que os lupanares exigiram de mim a herança que lhes pertencia. Larguei-lha. Que te parece? Fiz mal?

Era ímpio este coar do insulto através do sudário que envolvia um cadáver. Os dentes de Fr. Vasco bateram uns nos outros, como se frio intenso o houvesse trespassado. Por outra parte, quem naquele momento observasse Fernando Afonso distinguiria facilmente, apesar da frouxa luz que mal alumia a igreja, o tremor que lhe agitava os membros e a extrema palidez que lhe tingia o gesto transtornado. Imóveis, mediram-se com a vista por largo espaço. Seria impossível dizer quanto rancor havia, nesse olhar. Depois, inflexíveis como duas estátuas arrastadas sobre os seus pedestais, aproximaram-se, levando maquinalmente a mão à cinta. Estavam desarmados. Ao som de rugido uníssono, que repercutiu pelas naves, atiraram-se aos braços um do outro. Por alguns minutos, não se ouviu mais nada senão o seu respirar afadigado e, de quando em quando, um pé que escorregava nas lájeas do pavimento. Naquele lugar, àquela hora, sobre as cinzas tranquilas dos mortos, era repugnante e sacrílega essa luta de selvagens. Um baque soturno soou finalmente. Fernando caíra. Oprimia-lhe o peito um joelho do monge, cujas mãos encurvadas e hirtas lhe cingiam a garganta como aro de ferro. Os olhos do vencido, saindo-lhe das órbitas, injectavam-se de sangue, e o sangue começava também a tingir os frocos de escuma que lhe bofavam nos cantos da boca semiaberta. Dir-se-ia o tigre estendido sob as garras do leão após combate desesperado.

Como a lava golfando da cratera fervente, frases abruptas a vertiginosas romperam então do seio de Fr. Vasco. Parecia ter esquecido de repente o desgraçado objecto do seu ódio quase infinito e dirigir-se a alguém que ele só via. Era uma larva, filha da sua imaginação enferma? Era realidade? Fosse o que fosse, o cisterciense murmurava:

– A que vens aqui?... Os remorsos? E que importam os remorsos?... Matei-te: é verdade! Matei-te como um cão, sem sacramentos, sem um instante para implorares a misericórdia de Deus... E que tem isso?... Porque a devoravas com beijos? Porque a apertavas entre os braços?... Vai-te! Vai-te! Se essa foi a tua sorte, qual será a dele quando eu puder vingar-me?

– A mesma, assassino!... A mesma, infame frade!...

Estas vozes roucas, proferidas a custo por Fernando Afonso, despertaram o monge daquela espécie de pesadelo. Com a volubilidade de ideias de um louco, replicou, afrouxando gradualmente as mãos em volta do pescoço do escudeiro:

– A mesma?!... Que sabor tinha isso? Matar-te? Afogar-te, assim singelamente? Não!... Hei-de lançar-te deste asilo, como uma cousa torpe e imunda. Hei-de entregar-te aos que te espreitam, semelhantes aos monteiros que aguardam o javali na clareira das brenhas. Hei-de acompanhar-te ao cadafalso, oferecendo-te em voz alta as consolações da religião e insultando-te em voz baixa. Com a mordaza na boca, amarrado ao poste, quando o fogo se te enredar nas roupas, quando as carnes se te despegarem dos ossos, e os ossos te estalarem como um toro incendiado, ouvir-me-ás amaldiçoar-te... Moribundo, desesperado, ao estorceres-te na derradeira agonia, soltando a suprema blasfémia, ajudar-te-ei com as minhas a dar a alma aos demónios. Não te parece isto mais grandioso do que o assassinio de Lopo Mendes? Não sou mais liberal contigo?

Queria rir ainda uma vez, e apenas soltou um gemido semelhante a pio melancólico de noitibó. Fernando queria também, porventura, vibrar-lhe alguma injúria nova; mas só pôde arrancar do peito sons inarticulados. A igreja dançava-lhe em roda, como estonteada: o silêncio zumbia-lhe nos ouvidos, como enxame que volteia inquieto ao redor do cortiço. Por fim perdeu os sentidos.

O frade largou-o então, ergueu-se e pôs-lhe o pé sobre a fronte. Depois, recuou um pouco e cuspiu-lhe nas faces.

O miserável escudeiro não dava tino de nada.

Fr. Vasco pôs-se a passear. Parava de quando em quando, ora a escutar os passos lentos da sentinela que guardava a porta da igreja, ora a mirar o céu pelos esguios frestões, através dos quais apenas coava indeciso o raio ténue de alguma estrela, perdido na escuridão do espaço.

Que esperava o cisterciense? Esperava pelo dia, pelo Sol, gloriosa imagem de Deus que nos ensinou o perdão, para arrastar o asilado até o pórtico do templo e entregá-lo aos besteiros da guarda.

Como o chanceler, a quem pertencia ordenar tudo o que tocava ao triste espectáculo dos suplícios, tinha ajustado D. João de Ornelas fazerem com que um monge de S. Paulo acompanhasse Fernando Afonso a Valverde, no caso de sua senhoria não revogar a sentença que fulminara. Por mil razões teológicas, o bom do abade lhe demonstrara que não haveria quebra do *sigillum confessionis*, se por tal meio se pudessem obter do criminoso alguns esclarecimentos, úteis à paz e sossego da república, sobre as maquinações políticas dos fidalgos.

Era uma consideração a que não havia resistir. Nas revelações do condenado podia aparecer alguma circunstância que, até, compromettesse Nun'Álvares. O ministro de D. João I folgava todas as vezes que, sem quebra da sua melindrosa consciência, se lhe oferecia ensejo de concordar com um íntimo amigo, servindo ao mesmo tempo a pátria.

O digno prelado também expusera ao doutor de Pisa a sua ideia de proporcionar ao escudeiro os meios de fuga, para assim acirrar a sanha real, e a todas as objecções de João das Regras respondera com uma única frase. Comprometia-se a fazer, sem bulha, sem escândalo, que a imunidade da Igreja de nada aproveitasse ao asilado.

Contava com o cisterciense. Por isso este esperava o dia com feroz tranquilidade.

Quando o escudeiro, exausto da luta, recobrou os sentidos, a energia moral que o amor e o ciúme lhe emprestaram tinha-se desvanecido. Fora a derradeira mordedura do réptil que se esmaga. Dominavam-no de novo o terror e a angústia. Instintivamente, porque a faculdade de reflectir estava nele paralisada, foi-se arredando pouco e pouco,

até que se assentou desfalecido no supedâneo do altar-mor. Como se não o visse nem sentisse, o monge continuava a passear.

XXIX

CONCLUSÃO

E levaromno até o rocio, hu estava hum esteyo posto, e muita lenha pera o queimar... e deromlhe o fogo: e assi morreo.

FERNÃO LOPES, *Cr. de D. João I.*

O chanceler de Portugal e o abade de Alcobaça eram, cada qual por seu feitio, dois homens de Estado, dois homens admiráveis.

Na série dos complicados sucessos que deram assunto à presente narrativa, no meio de tantas paixões más agitadas, de tanto minar subterrâneo, o chefe dos monges brancos mostrara não somente mais energia e actividade, mas também mais invenção e agudeza. Todavia, bem como de dois lenhadores igualmente robustos e destros, muitas vezes o golpe vibrado pelo mais remisso é o que faz tombar a árvore já vacilante, do mesmo modo ao bonacheirão do doutor de Pisa foi que coube a honra de fazer escorregar o comum inimigo da aresta do abismo onde se balouçava.

Sem ser arrastado por um rancor tão profundo como o do venerável prelado, o discípulo de Bártolo não podia relevar a Fernando Afonso o haver-se lançado como tropeço nos seus caminhos, ligando-se tão estreitamente com a parcialidade da fidalguia, alcateia de brutos ignorantes (*quasi asini illiterati* era a expressão do erudito ministro quando aludia aos seus adversários), só comparável a furacão que de contínuo açoutasse a árvore mimosa do absolutismo, educada por ele com paternal carinho. Depois, parecia-lhe cousa intolerável que uma criança, um nónada político, tivesse a petulância infantil de quinhoar a privança do príncipe, privança de que Nun'Álvares lhe usurpava já tão avultada parcela. Entendia que todo e qualquer ascendente no espírito de D. João I que não fosse subordinado ao seu era cousa absurda e, além de absurda, altamente danosa ao bem comum, único alvo das fadigas e cuidados do velho ministro; porque, bem como todos os ministros velhos e novos (sabemo-lo por experiência quotidiana), o doutor João das Regras ardia em santo amor da pátria.

À vista de tão maciços fundamentos, ainda a mais cândida alma poderá ajuizar quão boa vontade o austero jurisconsulto teria ao camareiro-menor. Fernando estava, porém, ligado por laços de sangue com um homem resolutivo fautor do mesmo *schema* social que ele se propusera, e cujas opiniões eram profundamente acatadas no conclave dos barbas grisalhas. Escudava-o, além disso, a benevolência do primeiro prelado de Portugal, o arcebispo D. Lourenço, cujo báculo mais de uma vez se transformara em hastea de lança, e o pluvial em couraça; personagem querido igualmente do rei e do povo, e com quem seria imprudente combater face a face. Como anteriormente vimos, essas considerações tinham-no feito aceder aos desígnios de D. João de Ornelas com mais circunspecção do que o digno prelado desejara. Quando, porém, este, seguro de que não vibraria em vão o golpe, lhe revelou por quão escorregadia ladeira o próprio Fernando Afonso se precipitara, João das Regras associou-se à execução dos planos do monge com toda a lealdade que a índole lhe consentia, predispondo, todavia, as cousas de modo que nem João Afonso nem o arcebispo viessem nunca a suspeitar que ele e o ilustre chefe dos monges brancos tinham estado agachados no fundo do precipício e colocado aí a pedra em que o mancebo devia esmagar a frente quando se despenhasse.

Assim, de comum acordo se ordenara entre os dois o drama que viera enxerir-se no sarau dos Paços de S. Martinho, e cujo último acto tinha de representar-se nas tábuas do cadafalso. O leitor assistiu à maior parte das cenas da terrível farsa. Das restantes apenas pudemos dar-lhe a rápida e, talvez, incompleta descrição que nos ministra o nosso manuscrito, resumido mais do justo nesta parte. Convenientemente vestidas, as fugitivas memórias do antigo cronista encheriam muitas páginas; mas, demasiado meticulosos e proluxos em não perder a reputação de veracidade, seria para nós impossível o não conservar puro e intacto o venerável monumento de melhores eras. Por isso, abstendo-nos de invenções embusteyras, limitamo-nos a trasladar na depravada linguagem de hoje o texto imaculadamente garrafal e classicamente ininteligível do velho códice monástico.

Eis os factos:

A luz que nos paços silenciosos de S. Martinho fulgia única, depois dos acontecimentos aí ocorridos, e que suspeitávamos procedesse de lâmpada esquecida por sonolento moço de reposte, continuou a ver-se até alta noite. Vinha de vários brandões que aí se haviam colocado; porque, depois da prisão do jovem valido, e-l-rei, em vez de se recolher à sua câmara, tinha ido encerrar-se no gabinete particular, onde os pajens da tocha, que esperavam no corredor contíguo, o sentiam passear agitado.

Entretanto o chanceler, que lhe observava os passos, havendo falado poucas palavras com o abade, que imediatamente voltara à estudaria, abalara para a pousada de João Afonso de Santarém. Descrevendo ao atónito magistrado a arriscada situação em que por criminosa imprudência o camareiro-menor acabava de colocar-se, o velho ministro mostrava-se vivamente irritado do modo como as suas solicitações e conselhos haviam sido repelidos. Entendia que ao seu honrado amigo não era lícito demorar-se um instante em empregar todo o peso que davam às suas súplicas a ciência, a virtude e os largos serviços para salvar um irmão, cujo proceder para com aquele que tanto devera amar e respeitar não tinha, na verdade, sido jamais ajustado pelas regras da honestidade. Na sua humilde opinião, não era este o momento de tais cousas se recordarem. Não lhe faltavam a ele próprio razões de queixa contra Fernando – o seu digno colega não o ignorava – e todavia fora o primeiro em esquecer-las, quando se tratava de uma questão de vida ou de morte. Entendia, em suma, que devia acompanhá-lo a S. Martinho, onde ambos juntos mitigariam o ânimo d'e-l-rei até o ponto de obter, senão o pleno perdão do culpado, ao menos o minorar-lhe uma pena cruel e desproporcionada ao delicto.

O chanceler falava com tal veemência; pareciam vir tanto da alma aquelas palavras, que João Afonso, concordando em segui-lo, acreditou inteiramente na sua sinceridade. Também era isso o que ele queria.

Foi, porém, na presença d'e-l-rei que o talento dramático do grande ministro se revelou em toda a sua sublimidade. Na aparência, apenas se diria um eco das súplicas do aflito jurisconsulto. Só quem alcançasse penetrar no abismo daquela alma tenebrosa compreenderia até onde pode chegar a dissimulação humana. Por entre as expressões mais humildes e conciliadoras escapava-lhe ora uma palavra, ora um gesto, ora uma frase, a qual, no momento em que o monarca vacilava entre a severidade e a misericórdia, ia vibrar-lhe uma corda áspera; ia pungi-lo num sentimento que, durante cinco anos, as doutrinas dos seus letrados, e em especial as do chanceler, lhe haviam encasado profundamente no espírito. Este sentimento era o do seu poder ilimitado. Embora afectasse não esquecer jamais que a eleição popular o elevara ao trono, a ideia, demasiado romana, que concebera da omnipotência real tornava-lhe o coração, naturalmente humano e generoso, duro e até cruel quando alguém ousava opor à sua autoridade suprema os foros, direitos, ou liberdades nacionais. Habilmente aproveitada, esta contradição entre os instintos de consciência do rei popular e as tradições do

despotismo imperial fora um meio poderoso que o chanceler achara para o converter, em conjunturas tais como esta, num instrumento dos seus desígnios, ao passo que cria obedecer aos impulsos da própria vontade.

Assim, quando parecia sustentar as súplicas do seu colega com um zelo que só pecava por excessivo, João das Regras dava tempo a que se verificasse um lance que devia pôr cimo e remate ao plano que ele ajudara a aperfeiçoar, mas que nascera na mente do ilustre prelado de Alcobaça – do seu melhor amigo.

Furioso pela violência com que se facilitara a fuga do camareiro-menor, o anadel dos besteiros, depois de distribuir a sua gente de modo que a ninguém fosse possível evadir-se, dirigira-se pressuroso aos Paços de S. Martinho. Era o seu intuito esperar o dia e, logo que pudesse falar a el-rei, dar-lhe conta do extraordinário sucesso que ocorrera. Não tardou, porém, a saber que D. João I estava no gabinete particular. Alguém afirmava, até, que, passando pelo corredor contíguo, aí vira os pajens da tocha e ouvira lá dentro a voz chirriante do chanceler, a d'el-rei e a de uma terceira pessoa, que pareciam vivamente disputar.

Então o irritado anadel positivamente declarou que era impossível deixar de nessa mesma noite falar a sua senhoria. Não houve, portanto, remédio senão ir interromper os mistérios do santuário, porque, como sabemos, o célebre gabinete de S. Martinho era um santuário de difícil acesso para o vulgo profano. O coração do chanceler dilatou-se. Era por este incidente que esperava.

Apenas, de feito, el-rei soubera o que o capitão dos seus reais besteiros pretendia, ordenara que imediatamente entrasse.

O leitor, que, por certo, não esqueceu qual fosse o carácter do bastardo de Pedro I, carácter herdado deste príncipe impetuoso, conceberá facilmente o efeito da narrativa do anadel no seu espírito, onde com arte diabólica o privado não deixara esmorecer o sentimento da indignação. O olhar que fitou nos dois *sabedores* equivalia a um preceito de absoluto silêncio. Ele também o guardava, terrível como a calma que pressagia o estourar da procela. Pegando arrebatadamente na chave da comunicação exterior, que o chanceler deixara em cima da grande mesa, sobre a qual ainda se viam os dois fólhos comprados a misser Allighieri, D. João I abriu com violência a porta, fez sinal ao anadel para que o seguisse e sumiu-se no escuro patamar que dava para a Rua de S. Martinho.

Que ia fazer assim a desoras o rei de Portugal?

Cego de furor, dirigia-se à Igreja de S. Paulo. Fora um impulso irresistível de cólera a que cedera. Galgava a passos largos a íngreme calçada que, passando pelo adro da estudaria, terminava à porta da Alfofa, aberta na cerca romana ou visigótica da primitiva Lisboa. Tão embrenhado, ia nos seus negros pensamentos que não deu tino de um vulto, o qual passou por ele correndo na mesma direcção. O anadel tinha-o visto, mas deixou-o correr, porque o reconhecera logo. Era uma pessoa indiferente; era Ale, o maninelo de sua real senhoria.

Como os besteiros haviam recebido ordem para impedir, não a entrada, mas a saída do colégio, o mouro penetrou aí sem obstáculo, do mesmo modo que, obra de duas horas antes penetrara D. João de Ornelas, isto é, pela portaria, debaixo de cuja alpendrada, roncando e assobiando, esperava ainda, por ordem do abade, o barbato que naquele dia substituirá Fr. Julião.

Posto que com bem poucas esperanças de mitigar a ira de el-rei, o grave conselheiro da Coroa, tão ingenuamente mistificado pelo seu digno colega, quisera partir após o monarca. Dissuadiu-o, porém, dessa ideia o chanceler, ponderando-lhe quanto os primeiros ímpetos de el-rei eram arrebatados, e que por isso qualquer tentativa para o abrandar seria por então inútil; que o mais prudente era mandar sem detença um mensageiro a Nun'Álvares e outro ao arcebispo D. Lourenço, e fazer com

que toda a fidalguia que se achava na Corte viesse pela manhã ao paço implorar a misericórdia do príncipe ofendido; que, ainda quando este ousasse quebrar o asilo eclesiástico – do que duvidava –, nem por isso deixaria de haver tempo de se tentarem todos os meios de impedir o caso lastimoso que se temia, com mais probabilidade de bom resultado.

Apenas João Afonso, a quem não passava pelo espírito a menor dúvida acerca da sinceridade do valido, saiu para pôr por obra aqueles arbítrios, o chanceler deixou-se cair na grande poltrona e desandou uma das suas chirriantes gargalhadas. Depois de ter dado largas à hilaridade que o acometera e que terminou por um daqueles frouxos de tosse a que se habituara, para fazer acreditar aos seus émulos que poucos anos – talvez apenas meses – lhe restavam de vida, João das Regras ergueu-se, abriu a porta interior do aposento, disse o que quer que foi aos pajens da tocha, tornou a fechar-se por dentro, refastelou-se na poltrona e de novo desatou a rir e a tossir caqueticamente. O bom do velho era de si folgazão.

Em menos de um credo, por todo o paço constava que sua real senhoria se abalara para as bandas da alcáçova, a pé, e sem que os pajens da tocha pudessem seguí-lo. Não acabavam naquela noite os casos extraordinários, e este não era um dos menos singulares. Cingindo apenas as espadas, ou inteiramente desarmados, os cavaleiros e escudeiros de serviço topavam uns nos outros, correndo confusamente para o átrio, por onde já alguns monteiros com suas ascumas, os pajens com tochas e os sergentes com fogaréus e fachos se precipitavam para a rua. Adiante, porém, de todos, o maninelo tinha transposto o portal e corra a tomar a dianteira d'el-rei, em virtude de certas recomendações do abade.

As ocorrências que temos referido coincidiam com as cenas da Igreja de S. Paulo, que no antecedente capítulo tentámos descrever. A ordem da narrativa da nossa crónica obriga-nos agora a pedir ao cortês leitor que de novo nos acompanhe ao colégio do bispo Jardo.

Passara algum tempo desde que o aterrado escudeiro fora cair exausto junto do altar-mor, quando a porta da sacristia se abriu de súbito, e o vulto de corpulento frade apareceu no limiar. No seu ir e vir de insensato, ou antes de tigre enjaulado, Fr. Vasco foi topar com esse vulto que se dirigia para ele. Era o abade, que parecia inquieto. Pararam ao mesmo tempo. Em tom submisso, unidas quase as frentes, os dois monges falaram alguns instantes. No gesto de Fr. Vasco pintava-se a hesitação; no do abade a impaciência. «Não te escapará, não!...», dizia este alteando a voz. «Teu até o cadafalso!... Prometi: hei-de cumprir. Mas agora importa que saías daqui... Ei-lo que vem, el-rei! Seguem-no... Ouves?» Calou-se e escutou. De feito, um sussurro confuso, que ao longe quebrava o silêncio da noite, e alguns vagos clarões, que de vez em quando vinham repintar desbotadas as cores das vidraças pelos fustes dos pilares e pelos lanços das paredes, pareciam mover-se, vacilar, crescer do lado de S. Martinho. Depois de breve intervalo, ao brado de um dos besteiros respondeu a voz do seu chefe, e logo após ela os dois frades perceberam distintamente a d'el-rei. Sentiu-se então o estrupido das sentinelas, que corriam em tropel para o átrio da igreja, e os contos das bestas bateram a um tempo nas lájeas do adro. Entretanto o clarão trémulo dos fachos reverberava cada vez mais forte através dos frestões ogivais, e pelas abóbadas do templo reboava, já bem distinto, o fragor do tumulto que se acercava do lado de S. Martinho. Lançando a mão ao braço de Fr. Vasco, ainda indeciso em abandonar a sua presa, D. João de Ornelas arrastou-o após si e desapareceu com ele na passagem escura da sacristia.

Ainda os passos dos dois monges soavam nas trevas, quando as portas da igreja gemeram oscilando. Os ombros dos mais alentados besteiros se haviam encostado a

elas, como outros tantos vaivéns. Baldados os primeiros esforços, três vezes se repetiram. Enfim, os anéis do ferrolho, que Fr. Abril correria ao retirar-se, estalaram, e el-rei, seguido da sua guarda peã, precipitou-se para o cruzeiro. Quase ao mesmo tempo, a turbamulta de cavaleiros e escudeiros, de pajens e sergentes, vinda do lado de S. Martinho, invadia o pórtico. O fulgor vermelho das tochas e fogaréus, o tinir dos ferros, o ruído dos pés e o agitar de tantos vultos enchiam de movimento e de vida o melancólico recinto, onde havia um instante reinava quietação sepulcral.

Abismado num pélago de terrores e incertezas, de desesperação e de raiva impotente, o desgraçado escudeiro, para cuja ruína tudo parecia conspirar, não dera tino nem da vinda de D. João de Ornelas, nem da partida dos dois frades. O estourar, porém, das portas, o estrondo dos passos, a luz viva que tudo iluminara de súbito, o cintilar de muitas espadas que se haviam desembainhado, o murmúrio dos que seguiam o rei, sem saberem ao certo que tenções eram as suas, despertaram no mancebo, com a ideia vaga de iminente perigo, os instintos da salvação. Trepando maquinalmente ao altar, foi abraçar-se a uma imagem da Virgem aí colocada. Com um acento de indizível agonia, bradava: «Asilo! asilo!» Debalde. A figura d'el-rei, daquele que tanto o amara, pálido, transfigurado, com as roupas em desalinho, via-a ante si, em pé sobre o supedâneo, e fitando nele esse olhar irresistível que esmagava a audácia dos mais esforçados. Era uma visão diabólica de pesadelo? Era realidade? Fechou os olhos: mas apenas os cerrara, sentiu mãos que lhe apertavam o pulso como aro de ferro; sentiu o hálito ardente do rei, que lhe batia nas faces banhadas em suor frio. Precipitado por cima do altar, veio bater de bruços na borda do supedâneo, e a imagem da Mãe de Deus baqueou de envolta com ele. A um sinal de D. João I, os besteiros conduziram ou antes arrastaram para fora da igreja o ma-aventurado, que, reduzido a uma espécie de paralisia moral, perdera, até, a consciência do seu tremendo destino.

As ameaças de Fr. Vasco realizavam-se em grande parte mais cedo do que ele dissera, e Fernando era arrastado ao suplício por braço mais robusto que o seu.

No restante, porém, só o monge as podia cumprir, e havia um homem que lhe prometera esse prazer infernal.

A atenção d'el-rei foi neste momento distraída por estranho espectáculo. Ao lado do reitor e à frente da comunidade rojando as amplas cogulas cistercienses, D. João de Ornelas saía da sacristia revestido com as insígnias abaciais. Vinha protestar solenemente contra a quebra das imunidades da Igreja, contra a profanação do santuário e, ainda mais uma vez, contra a execução da cruel sentença que condenava um infeliz ao último suplício, sem as consolações da religião, sem estar preparado para aparecer ante o Supremo juiz.

D. João I escutou silencioso a longa arenga do venerável prelado. Quando este acabou, respondeu-lhe secamente que, pela quebra das imunidades da Igreja, daria conta de si ao Santo Padre, e pelo rigor da sua justiça a Deus; que não era a sua intenção impedir o arrependimento do criminoso, punindo além da morte; que, finalmente, ao digno e religioso prelado deixava liberdade inteira de tornar menos amargas as derradeiras horas desse desventurado com os consolos da fé.

Enquanto o abade falara, o monarca tivera tempo de reflexionar que era, enfim, tempo de reprimir o ímpeto da paixão e de retomar o porte e a dignidade de rei. O tremor da sua voz e o seu olhar irritado revelavam, porém, quão pouco o espírito estava acorde com aquela linguagem plácida e moderada. Tendo assim repellido a ousadia do seu esmoler-mor, o príncipe virou-lhe as costas, atravessou pela nave central abaixo e, seguido dos seus cavaleiros e escudeiros e precedido dos pajens da tocha, desapareceu no átrio.

O abade acompanhou-o com a vista até o portal. Depois ergueu os olhos ao céu, cruzou as mãos sobre o peito, curvou a cabeça e murmurou:

– *Fiat voluntas tua, domine!*

As lágrimas escorregavam-lhe pelas faces a quatro e quatro. Era uma cousa em que levava as lampas ao seu melhor amigo, o doutor de Pisa. Sabia chorar.

Feita aquela pia visagem, voltou-se para a comunidade, mirando as duas alas da fradaria, e chamou:

– Irmão Fr. Vasco!

O monge aproximou-se.

– Este homem que vai morrer ofendeu-vos outrora profundamente, meu irmão. Por meio dele vos visitou o Senhor com todo o fel de amargura que o coração humano pode sofrer sem estalar. A história de vossa irmã deixou de ser um mistério para esta santa comunidade. Pois bem. Dai-lhe um grande exemplo. Sede vós quem abra os tesouros da misericórdia divina ao que vos fez desgraçado, desgraçado digo, por me servir da vã linguagem do mundo. Sede vós quem lhe aponte a estrada que conduz ao Céu. «Quem me quiser seguir abnegue de si e tome a sua cruz», disse Cristo; e também «amai os inimigos e bem-fazei aos que vos odiaram». Filho de S. Bernardo, ânimo! Tomai vossa cruz e, cumprindo o preceito divino, ganhais uma alma para Deus.

Fr. Vasco abaixou resignadamente a cabeça. Obedecia sem murmurar.

Os circunstantes estavam comovidos e edificadas.

Dentro de meia hora ninguém diria que na Igreja de S. Paulo e no seu adro se haviam passado pouco antes as cenas de terror, de ódio, de violência e de hipocrisia descritas nas precedentes páginas. A aurora que vinha rompendo encontrava aí tudo calado e deserto. Apenas a bafagem da madrugada, engolfando-se nas sineiras da torre, sussurrava um hino de paz.

*

Quando pela manhã os ricos-homens de Portugal, os oficiais da Coroa e os mais ilustres prelados que se achavam na Corte, entre os quais avultava moral e materialmente o abade de Alcobaça, vieram lançar-se aos pés de sua real mercê a implorar o perdão de Fernando Afonso, sua real mercê dormia profundamente. Debalde o aflito João Afonso de Santarém rogou, ponderou, ameaçou para que o acordassem. As ordens em contrário eram explícitas e positivas. Depois de voltar de S. Paulo, D. João I ainda fora muito tempo retido pelo chanceler, que não abandonara o seu posto no gabinete particular. O doutor de Pisa tinha-lhe provado com um chuva de textos e de argumentos que a fatal sentença não podia ser executada. O monarca ouviu-o com a mesma constringida placidez com que ouvira o sermão do abade. No fim refutou-o com três palavras:

– *Era sua vontade.*

Só, portanto, restava – para o camareiro o morrer, e para sua senhoria o ir deitar-se.

Foi o que sucedeu.

Havendo esperado boa parte do dia, os prelados e cavaleiros foram saindo do paço tristonhos e cabisbaixos. De boca em boca passara uma terrível nova: «Tudo estava consumado!»

*

Na taberna israelítica da Rua de Gileanes, abancados em frente de um pichel, conversavam ao anoitecer o armeiro João Pires e o almuinheiro Rui Casco. O objecto da conversação era o mesmo que a essa hora dava assunto em toda a cidade a mil ponderações, disputas, averiguações e comentários.

João Pires tinha assistido ao suplício de sedutor de Beatriz. Na alma rude do armeiro o atroz espectáculo deixara a impressão indelével de horror, posto que nem ele nem ninguém, de entre as turbas de povo que uma curiosidade brutal atraía a Valverde, suspeitasse quais agonias a vingança enfeixara em volta da agonia da morte; que tratos invisíveis, inapreciáveis, quase infinitos, o ódio encanecido dos dois cistercienses tinha ajuntado à punição mais cruel das épocas de barbaridade.

A predição de mestre Guedelha, ou mais exactamente a de mestre Zacuto, havia-se cumprido à risca. A opa de rei, a garnacha de doutor e o hábito de frade estavam no horizonte do cadafalso; lá estava também três vezes escrito o nome de João. Mas a profecia dos astrólogos fora, apesar disso, incompleta. Havia mais uma estamenha de monge, que, semelhante à camisa de Nesso, se acingira à vítima do fatal horóscopo – e era justamente essa a que não tinham descortinado no céu.

O espectáculo dado em Valverde pelo Mestre de Avis aos seus bons burgueses enchera Lisboa de assombro, tanto pelo imprevisto, como pelas circunstâncias que o acompanhavam. Aproximando-o dos açoites no catalão revolucionário, era como o inverso do moderno espectáculo teatral. A farsa precedera a tragédia. Os boatos que corriam acerca dos motivos de tão extraordinário sucesso eram desvairados e contraditórios. O mais exacto que o armeiro tinha podido apurar, aquilo em que todas as pessoas sisudas acreditavam, desprezando fábulas e encarecimentos, era que o escudeiro, havendo brutalmente violado três filhas de um cavaleiro pousado d'el-rei D. Fernando, coroara a sua obra infame assassinando o pobre velho. Lançado no caminho da perdição, por artes de certa bruxa chamada Domingas, celebrara um pacto com o Diabo, e por conselho e favor do espírito das trevas entrara muitas noites através das paredes (outros diziam pelas fechaduras; a opinião pública discordava neste ponto, e ambas as versões eram igualmente plausíveis) nos aposentos das damas do paço, abusando da inocência de várias donzelas por meio de feitiços. Avisado de todas estas gentilezas, na véspera à noite, por um franciscano chamado Fr. Isidoro, a quem a bruxa arrependida as tinha manifestado à hora da morte, el-rei ordenara que o criminoso escudeiro fosse conduzido ao rossio de Valverde e aí sem detença queimado.

Rui Casco teve tentações de lhe dizer que a opinião pública mentia desaforadamente pelo que tocava à bruxa Domingas; mas conteve-se, porque podia tratar-se de outra Domingas. Depois o almuinheiro era assaz prudente para não ir de encontro à tradição e crença comuns, que, como todos sabem, são as mais seguras fiadoras da verdade e as mais sólidas bases da história. Além disso, que necessidade havia de mexericar o desastre que presenciara à Porta do Ferro? Pela língua morre o peixe, e ele não tinha vocação para mártir. Contentou-se, portanto, com mostrar certa incredulidade acerca do pacto celebrado entre o escudeiro e o Diabo.

– És um parvo, homem! – redarguiu estimulado o armeiro. Não falarias assim, se visses o que eu vi em Valverde. Um frade bernardo acompanhava o padecente – frade de lei me pareceu – fazendo prantos e pregação em voz alta, e arrazoando com ele em voz baixa. Devoto e santo devia ser o seu razoar; porque o demónio que entrara no corpo do miserável, assanhava-se com ouvi-lo, e o escudeiro que ia... como iria ele?... tornava a si de seu desmaio e escumava e praguejava e doestava o pobre padre, segundo se rugia entre o povo. O que eu sei é que vi cá de longe porem-lhe os meirinhos e algozes mordança, para que o diabo não pudesse arrevesar mais sandices. Os uivos que depois dava ouviam-se em toda a praça. Fazia arrepiar! E o frade, sempre animoso,

teimava em querer reduzi-lo. Subiu com ele ao cadafalso, viu-o amarrar ao poste, e quando a fumarada negra já rompia por entre as tábuas do estrado, foi preciso tirá-lo à força de ao pé do padecente. E no fim? No fim de contas não fez nada: que o escudeiro, voltando a cara ao crucifixo, morreu impenitente e derramado. Quando o monge chegou a descer, já o povo clamava, voz em grita, «deixe-o, padre, deixe-o!» Dize agora que não andava aí o Diabo. Nada, não!... Jesus, santo nome de Jesus! Parece-me que ainda o tenho diante dos olhos. Nunca eu fora ver tal!

João Pires persignou-se devotamente. Rui Casco não tinha que responder. A conclusão do armeiro era rigorosa, e as premissas dela factos indubitáveis, presenciados por centenaes de pessoas. Quando as cousas chegam a tal evidência é fácil atinar com a verdade.

– Rua! – gritou mossém Natanael apenas João Pires acabou de benzer-se. – Não ouvem o sino de colhença? Rua! que o almotacé traz-me de olho, e a multa é sofrivelmente pesada.

Se era medo do almotacé, se era zanga por ver o armeiro fazer o sinal-da-cruz é o que não parece tão fácil de demonstrar como a possessão diabólica de Fernando Afonso e a caridade do monge que o acompanhara ao patíbulo.

Os dois saíram resmungando, e o judeu fechou a porta. Fazia escuro. João Pires tomou para a Rua de D. Mafalda, onde morava mestre Alberto, e o almuinheiro desceu para os Açougues Velhos e seguiu pelos cobertos da Rua Nova para a banda da Porta da Oura, caminho de Restelo.

XXX

ADENDA

Numa folha deixada em branco no fim do códice pergamináceo que nos conservou esta história havia vários parágrafos de letra mais moderna, contendo notícias de alguns dos personagens que figuravam nos acontecimentos até aqui relatados, personagens cujo ulterior destino o cronista antigo deixara de *pôr em escritura*. A letra parecia dos últimos anos do século XVI, quando os adeptos da escola de Brito e Lousada tomavam por seu desaforo o povoar de patranhas as solidões do passado. O moderno dos caracteres e a época embusteira em que essas adições haviam sido acrescentadas tornavam assaz duvidosa a sua autenticidade. Entre o desejo de alimentar a curiosidade do leitor e o receio de faltar à exacção histórica, hesitávamos perplexos, como o asno de Buridan entre as duas taleigas de cevada. Enfim, resolvemo-nos a publicar em substância o conteúdo dos suspeitos parágrafos, com o protesto de que não respondemos pela sua veracidade.

Eis, em suma, o que neles encontrámos:

No dia imediato ao do suplicio do escudeiro, el-rei mandou chamar ao paço o antigo cavaleiro da Ala dos Namorados. Desejava saber se estava satisfeito com a sua real justiça.

Mas o antigo cavaleiro não apareceu. Fr. Julião não o vira entrar essa noite. O reitor ignorava o seu paradoro: ignorava-o o próprio D. João de Ornelas. Fizeram-se mil diligências. Foi tudo perdido trabalho.

Tinha-se acaso suicidado? O abade, que, melhor que ninguém, sabia qual era o abismo de desesperação cavado naquela alma, desconfiava disso. Convinha-lhe, todavia, calar-se.

A sorte de Fr. Vasco tornou-se, portanto, um mistério que ninguém podia descortinar.

Leonor, logo que soube ter-se cumprido a horrível sentença, que ela própria ouvira proferir contra o seu amante, mandou perguntar a el-rei se devia também dispor-se para morrer. O monarca respondeu que não; que dela, tão ilustre por sangue e estado, era vingança sobeja o haver sido barregã de um obscuro escudeiro, Expulsa do paço, a formosa viúva retirou-se para Castela, levando escrito na fronte um nome envilecido e desonrado.

O reitor da estudaria adormeceu na paz eterna do túmulo com uma indigestão de toucinho-do-céu, mimo de certa beguina sua confessada. A devota matrona era um ente fatal para a ordem de nosso padre S. Bernardo. Poucos meses depois, Fr. Julião, tendo estado, numa tarde de ventaneira, a bisbilhotar na portaria com a serva de Deus, encatarrou-se. E catarreira foi ela, que, apesar de todos os esforços da medicina, o reverendo leigo teve de ir fazer companhia ao reitor no carneiro de S. Paulo. Os apontamentos que temos ante nós ocultaram, como a nuvem oculta o astro esplendente, o nome do físico que o curou; lacuna deplorável na história da medicina portuguesa.

A ordem das jerarquias pedia que falássemos primeiro do ilustre chefe dos monges brancos. Antes, porém, tarde que nunca. Sua reverendíssima, que imediatamente partira para Alcobaça, viveu muitos anos de perfeita saúde, comendo muito e bem, governando os seus frades, desbaratando as rendas da ordem e oprimindo os povos dos coutos. De vez em quando, punha a mão numa intriga política, mas simplesmente por diversão – como *diletante*. Morreu descansado na sua cama, de uma apoplexia, a mais pacífica morte deste mundo – documento tremendo da profunda

filosofia com que foi engenhada uma incontestável máxima de certos moralistas, máxima que, transformando o Inferno num caldeirão inútil, nos ensina que o próprio crime acarreta na Terra a punição do criminoso.

Por isso é para nós artigo de fé a certeza e a sublimidade da filosofia.

E o doutor *Johannes a Regulis*? O doutor *Johannes a Regulis*, apesar da sua tosse caquética, viveu ainda, como o abade, por bastantes anos, modesta e resignadamente abraçado com a cruz do supremo poder, deixando por seu monumento assentados até a flor da terra os alicerces do absolutismo, edifício majestoso a que, um século depois, D. João II punha os telhados. Os destinos fizeram uma das suas, metendo brutalmente cem anos de distância entre essas duas almas cândidas, que tinham nascido para se compreenderem e amarem.

Agora, da seguinte narrativa o leitor pio e discreto deduzirá as conjecturas que mais plausíveis lhe parecerem acerca da sorte ulterior de Fr. Vasco.

Era pelo fim da tarde de um dos primeiros dias de julho de 1389. Os derradeiros raios do Sol, resvalando por cima dos tectos colmados da aldeia de... iam dourar as paredes musgosas e já bastante arruinadas de uns paços antigos, que assoberbavam a povoação numa encosta para o nascente. Havia mais de meia hora que, à porta da igreja do rústico presbitério, o *mozinho* ou sacristão da aldeia olhava atento para aquelas quase ruínas, evidentemente desabitadas. Observava uma espécie de romeiro, que, depois de haver rodeado algumas vezes o edifício, parando de espaço a espaço a contemplá-lo, viera assentar-se em um poial junto ao pórtico, e depois de se conservar ali alguns minutos com os cotovelos fincados sobre os joelhos e a cabeça entre os punhos, se erguera como sobressaltado e, descendo a encosta, se dirigia para o presbitério com passos vagarosos e incertos, como de homem embriagado. Ao aproximar-se, porém, do sacristão, este pôde conhecer facilmente que não era a embriaguez quem lhe tornava tardo e vacilante o andar. O romeiro não parecia excessivamente idoso; contudo, havia nele mais de um indício de decrepidez. Trémulo, curvado sobre o bordão nodoso, parecia arrastar a custo os membros, excessivamente magros. Nas suas faces cavadas duas nódoas de vivo carmim sobressaíam em chão de palidez mortal. Apenas o fogo da vida se lhe revelava no brilho febril dos olhos orlados de olheiras lívidas. Quando chegou ao adro, volveu a cabeça para os paços solitários: depois tornou a voltá-la, e cravou a vista no presbitério sem proferir palavra.

O *mozinho* não tinha o mesmo génio taciturno. Saudando-o, perguntou-lhe se buscava alguém naqueles Paços ou na aldeia, porque ele poderia ministrar-lhe as informações de que necessitasse.

A resposta a esta pergunta foi outra pergunta, que o sacristão entendeu com dificuldade, tão débil e cansada era a voz do romeiro. Desejava saber se ainda vivia uma velha cuvilheira chamada Brites, a quem aqueles paços haviam sido legados pelo último representante da antiga linhagem que outrora os habitara.

O *mozinho* disse-lhe então que, depois de ter vívido algum tempo num estado de alienação mental, inquieta e loquaz, a boa da velha caíra por fim em estúpido idiotismo, ao que apenas sobrevivera poucos meses. Havia três a quatro semanas que falecera numa albergaria próxima, onde o abade da paróquia, curador da pobre sandia, a recolhera para ser cuidadosamente tratada. Lisonjeado pela religiosa atenção que lhe dera o peregrino, o falador *mozinho* ia continuar, referindo-lhe como Brites herdara aqueles paços e as terras deles dependentes, cujas rendas agora desfrutava a albergaria que lhe servira de último asilo. O romeiro, porém, interrompeu-o. Essa história não lhe era absolutamente estranha. Depois encostou a fronte sobre as mãos cruzadas no topo do bordão em que se firmava e murmurou duas vezes:

– Ninguém!... Ninguém!

Fazia dó. O sacristão sentiu apertarem-se-lhe as entranhas ao ouvir aquele desconsolado murmúrio. Era claro que o peregrino não contava com encontrar assim erma a velha mansão da encosta e que nela esperava obter gasalhado. Com expressões afectuosas, ofereceu-lhe então o seu modesto alvergue para passar a noite, e ainda por mais tempo, se não pudesse no dia seguinte prosseguir a sua jornada. Assegurava-lhe também que o caridoso pároco lhe proporcionaria os demais socorros a que não chegava a sua pouquidade. O pastor daquela aldeia era um santo homem: não havia como ele quatro.

Sem aceitar nem recusar positivamente, o peregrino agradeceu a oferta. Entretanto, pediu que o deixasse orar na igreja. No repouso da oração daria por um pouco tréguas aos membros fatigados.

De boamente o sacristão acedeu à devota rogativa. Abriu a porta do templozinho rural e indicando ao romeiro a própria morada, quase contígua, advertiu-lhe que em querendo sair o chamasse.

Pouco tardou a noite a subir do oriente, forrando com o seu manto crivado de estrelas a abóbada celeste. O romeiro continuava a orar.

Depois de prover na ceia frugal, o mozinho encostou-se a uma das ombreiras do seu casebre. Parecia-lhe já que o peregrino rezava de mais.

Tinha razão. Passou uma hora; passaram duas, e ele começava a impacientar-se. Resolveu-se, enfim, a chamá-lo. Foi-se aproximando passo a passo. Ao transpor o portal, imediatamente percebeu a causa da estranha demora. Recuou assustado. Tinha ante si um lúgubre espectáculo.

O desconhecido estava deitado de bruços no pavimento, junto de uma campa. O bordão tinha-lhe caído para um lado, e para o outro a escarcela aberta, que parecia haver desatado da cinta. A lâmpada do sacramento, cuja luz batia de chapa sobre a lãjea branca e puída da sepultura, aclarava dois objectos poucos volumosos depostos ou caídos sobre a lousa, um à cabeceira, outro aos pés dela. Tomando ânimo, o sacristão acercou-se do romeiro, que arquejava fadigosamente, e tentou erguê-lo. Debalde. Não dava acordo de si. Abaixou-se então para ver que objectos eram aqueles colocados sobre a campa. O que estava à cabeceira parecia um ramo de rosas mirradas; o dos pés era um crânio humano, cujas bordas negras dir-se-ia haverem sido queimadas.

Dividia-os uma inscrição esculpida na pedra, cujos caracteres, profundamente impressos, o perpassar dos fiéis ainda não tinha obliterado.

Era uma inscrição simples e modesta. Continha apenas as seguintes palavras:

Aqui jaz Vasqueanes, cavaleiro. Padre-Nosso, Ave-Maria.

Horrorizado, o agreste ostiário saiu correndo para a residência do abade, a quem referiu a estranha aventura. O velho sacerdote dirigiu-se à igreja apressadamente. À sua chegada, já o romeiro buscava erguer-se, firmando-se nos joelhos e numa das mãos e tacteando com a outra o pavimento. O abade correu a ele exclamando:

– Que é isto, meu filho? Que é isto?

O desconhecido levantou a cabeça, forcejou por fitar no sacerdote a vista incerta, e com esforço violento proferiu algumas frases entrecortadas pelas garras sufocadoras da morte.

– Que este homem se vá daqui... Tenho que dizer-vos... Depressa: oh, depressa! Sinto-a... Não tarda!

O pároco fez sinal ao sacristão para que saísse.

Teria passado uma hora quando tornou a chamá-lo. O peregrino cessara de existir. Os objectos depostos sobre a lousa já aí se não viam, e a escarcela fora de novo metida

na corda de esparto que cingia o romeiro. O sacerdote ordenou então ao mozinho que o ajudasse a transferir para fora do templo aquele cadáver. Feito isto, voltou para dentro, abriu o sacrário, e com uma hóstia nas mãos exigiu do atónito testemunha o juramento de jamais revelar o que vira e o que ainda ia presenciar. Proferida por ele a solene promessa que o abade exigia, este lhe declarou que os restos do peregrino não podiam repousar em terra sagrada, e que era forçoso irem eles próprios sepultá-lo escusamente num sítio solitário. O pátio interior dos paços arruinados, cujas chaves se guardavam no presbitério, era um lugar vedado aos olhos dos habitantes da aldeia, e ele resolvera conduzir para lá o corpo do defunto romeiro.

E de feito, ajudando-se mutuamente, porque, posto que idosos, eram ambos robustos, colocaram o cadáver num esquife e transpuseram, não sem fadiga, a curta distância da povoação às ruínas. Chegados ao cimo da encosta, a porta exterior rodou nos seus gonzos ferrugentos, e a tumba entrou. Era uma cena melancólica esta posse eterna tomada por um morto da habitação quase desmornada de uma família extinta; mas ainda era mais triste a ausência de todos os ritos da Igreja neste acto solene. O sacerdote ajudou a abrir a cova, a descer o corpo e a recalcar-lhe a terra, sem que jamais lhe surgisse dos lábios uma oração, uma palavra sequer.

Os dois voltaram em silêncio ao presbitério. Ao abade pendia-lhe a cabeça sobre o peito, e o seu companheiro parecia uma cousa estonteada. Ao despedi-lo, o sacerdote disse-lhe que apenas rompesse a manhã lhe procurasse um *mandadeiro*, o qual, por seu salário, devia levar a Lisboa uma carta que nessa mesma noite ficaria escrita e selada. Quando na antemanhã o mozinho saiu para ir ao campanário tocar as ave-marias, ainda a luz do candeio nocturno se irradiava pelas figas da janela do pároco.

E o caminheiro partiu, de feito, nesse dia. Os ociosos da aldeia perguntavam ao sacristão que casta de carta era aquela que o abade escrevera para a Corte. Encolhendo os ombros, ele respondia que apenas vira o sobrescrito, o qual rezava de um certo mestre de Teologia chamado Fr. Lourenço Bacharel. Na sua opinião – acrescentava o mozinho – aquilo não passava de consulta sobre caso de consciência intrincado que o reverendo abade não sabia desatar.

Uma voz que pouco depois começou a correr pela aldeia chamou a atenção para outro objecto. Dizia-se que em dois sábados consecutivos, por volta da meia-noite, se tinham visto desfechar do céu em cima dos paços solitários da encosta duas estrelas cadentes, após o que dois gritos fugitivos, mas terrivelmente agudos, soavam da banda do pátio, e sentia-se em seguida o tropear de passos frequentes, como em dança doudejante ou em luta desesperada. Suspeitava-se que era a alma da velha Brites que andava por ali penada.

Porventura não era mais do que uma invenção do pároco ou do mozinho para arredar dos camponeses as tentações de entrarem, pelo portão quase podre e meio arrombado, naqueles pardieiros, que ocultavam o mistério da morte do peregrino.

Dois meses depois, Fr. Lourenço voltara da sua correição nos mosteiros cistercienses do Norte, onde pusera cobro em mais de uma tropelia fradesca. Deram-lhe então uma carta vinda da aldeia de... havia algum tempo. A letra do sobrescrito era desconhecida.

Foi à noite depois de ceia que o monge recebeu a carta. Quando se retirou para a sua cela, abriu-a e leu-a. O que continha nunca ele o disse a ninguém. Sentiram-no acordado toda a noite, e quando pela manhã apareceu à comunidade estava excessivamente pálido. As suas pálpebras vermelhas e entumecidas indicavam que por aí passara a lava ardente das lágrimas.

Uma cousa notável foi que Fr. Lourenço não tornou a rir em dias de sua vida. Quando, ao chegar à estudaria, tinha recebido a notícia do singular desaparecimento de

Fr. Vasco, o mestre de Teologia protestara que ele saberia descobrir se o moço frade era morto ou onde parava. Vãos protestos! Nunca mais em tal falou; nunca mais, até, proferiu o nome do pobre monge; e se aludiam a ele, mudava de conversação, ou retirava-se. Fosse efeito da idade, fosse por estar gasto de longos trabalhos mentais, o espírito do Bacharel decaiu rapidamente. Consumia horas e dias a passear sozinho na crasta, e a sua mania era repetir muitas vezes a sentença do Evangelho:

Se não perdoardes, também Deus vos não perdoará.

FIM DO TOMO II

NOTA

A bagatela literária que hoje ² oferecemos ao público, escrita há oito ou nove anos, tinha ficado incompleta e esquecida quando, em 1840, circunstâncias que não importa narrar aqui baldearam o autor no charco da vida pública.

A Providência, que provavelmente não o achou assaz corrompido para fazer dele um homem de Estado, deu-lhe uma hora de contrição, em que pudesse desempear-se, escorrer o lodo dos vestidos, lavar o rosto e voltar ao grémio do mundo moral.

Entre parêntese: o autor dispensa os jesuítas e os seus contrários de disputarem, a este propósito, se o deveu à graça eficaz ou ao livre arbítrio. Não se incomodem por amor dele, que tem tanta lástima e quase nojo dos netos de Loyola, enfezada prole de raça gigante, como horror a esse liberalismo absurdo e covarde que os persegue e martiriza; liberalismo que crê em tudo menos nos foros da consciência, na magna carta do pensamento; em tudo, menos na liberdade da inteligência humana.

Apesar de não ter sido culpa da vontade, mas do entendimento, o extravio político do autor deste livro, a divina justiça condenou-o a remir o bestial pecado que cometera, pondo-lhe às costas uma cruz e mandando-o caminhar por agro e escabroso sarçal. A cruz que o Senhor lhe impôs foi a monomania de escrever a história desta terra com lealdade e consciência. Para isso, entendeu ele que era necessário estudar e meditar muito, e durante mais de três anos, entregue à realização desse pensamento, guardou um silêncio literário raras vezes interrompido. Quando supôs que era tempo de provocar o julgamento dos esforços que fizera, disse ao seu país: «Eis aqui um modesto espécime do método que eu creio dever seguir-se ao escrever a tua história.»

Foi porém, então que os seus ombros tiveram de vergar sob o peso da cruz que tomara. Voz em grito, a ciência infusa começou a bradar – escândalo! blasfémia! atentado! Chiava, grasnava, piava, vociferava. O pobre cruciferário parou, e pôs-se a escutar aquela matizada e revolta. Acusavam-no, caluniavam-no santamente, chamavam-lhe maniqueu, iconoclasta, luterano; proclamavam-no traidor à pátria. Os mais zelosos (e, cumpre confessá-lo, os mais corteses e honestos) pegaram na pena e provaram-lhe até a evidência que a arte histórica não consistia no que ele pensava; consistia em cerzir algumas lendas de velhas com as narrativas sensaboronas de meia dúzia de in-fólios, rabiscados por quatro frades milagreiros, tolos ou velhacos. Fizeram-lhe ver, claro como a luz do meio-dia, que o primeiro mister do verdadeiro historiador português era demonstrar por um sem-número de cruas batalhas (as quais, na hipótese de não passarem de brigas de saloios, se podiam magnificar, melhor que nunca, depois da bela invenção dos telescópios de Herschell) que a expressão do valor nacional se resumia com admirável exacção na seguinte fórmula de patriotismo:

Português 1 igual a galegos 4
 Dito..... 1 = castelhanos 3
 Dito..... 1 = franceses ou ingleses 2
 Dito..... 1 = flamengos 2,91
 Dito..... 1 = alemães e mais cainçalha do Norte 2 1/2
 Dito..... 1 = mouro 527
 Dito..... 1 = turcos, abexins, pársios e rumes 73
 Dito..... 1 = chins e liliputianos 1293
 Dito..... 1 = patagões 13/4

² 1848.

que isto é que era dizer a verdade, ter amor de pátria e escrever história; e que o mais era história.

Arrasaram-no, aniquilaram-no.

O diabo, que impava vendo o autor das precedentes páginas safar-se-lhe da redada política, imaginou aproveitar este ensejo para o arpoar de outro modo. No meio, pois, daquela algazarra assoprava-lhe ao ouvido que desse um jeito aos ombros e deixasse tombar o pesado madeiro da cruz sobre as protuberâncias calosas dos reverendos eruditos, que piamente açulavam contra ele as paixões da ignorância e do fanatismo. Dizia-lhe, rindo, que veria o que era saltar, e bufar, e caretear. O espírito maligno dourava, além disso, a tentação com o exemplo de Cristo expulsando os publicanos do templo de Jerusalém.

Mas o autor de *O Monge de Cister* não era tão hóspede na erudição dos seus reverendos arrasadores que ignorasse as devotas tretas do pai da mentira para ferir a descuido, quando não pode acometer de frente; não ignorava quantas vezes o bulrão infernal tem sido pilhado com as unhas encolhidinhas dentro de manga de burel, e a escamosa cauda oculta sob a estamemha catada à correia do cilício. Ocorreu-lhe logo um facto bem sabido (certo e provado como a assembleia de Almacave ou a divina aparição de Ourique), e que vinha a pelo para fazer ao diabo um dos mais comprovativos e agudos argumentos, o argumento *ad odium*, contra a aplicação sacrílega que dera ao exemplo de Cristo.

O facto era o seguinte:

Observando o anjo das trevas, num dos seus passeios terráqueos, que em certa paróquia rural ninguém perdia missa depois que se quebrara o sino, porque, na incerteza da hora, todos se antecipavam, o velhaquete pôs-se a andar, mirando por todas as lojas de fundidores, até que descobriu um sino muito novo, muito amarelinho.

Tinha ficado com olhos longos nos de mais de vinte campanários por onde passara. Mas eram sinos bentos, e, se quisesse furtá-los, queimar-lhe-iam. as unhas e não faria nada. Lembrava-se ainda de um logro análogo que lhe pregara o mavioso Domingos de Gusmão.

O diabo era um diabo honrado. Comprou o sino, carregou com ele e foi oferecê-lo por esmola ao cura da aldeia, órfã de badaladas e repiques e dobres.

Não punha senão uma condição. Todos os domingos se havia de tocar três vezes à missa.

O cura era um desses homens tementes a Deus capazes de farejarem Satanás a vinte léguas. Deitou-lhe de socapa o rabo do olho e logo lhe enxergou a pata caprina.

«Bonito!», disse o cura lá consigo.

E num relance atirou-lhe a estola ao pescoço, como o gaúcho dos Pampas atira o laço certo ao pescoço do touro bravo.

Satanás agachou-se e ficou a tremer. O cura era bonacheirão e não queria fazer-lhe mal. Só exigiu dele que dissesse donde lhe viera aquela estrambótica ideia do sino.

O espírito imundo estava-lhe debaixo do ano do nascimento, e o cura podia assentar-lhe a mão e a boa vontade. O diabo ainda tentou fazer de beato; mas, por fim, teve de descobrir o jogo. Tinha a certeza de que, em restituindo ao campanário a sua voz de bronze para chamar os fiéis à missa, metade dos habitantes da aldeia haviam de chegar tarde e ficar sem ela. Coberto com o manto da religião, o anjo das trevas queria empalmar aos fregueses do padre-cura o seu inicial *intróibo*.

Iluminado por estes e outros memoráveis exemplos, o autor do presente livro cerrou as orelhas às sugestões diabólicas estribadas nas reminiscências bíblicas, ajoelhou com a sua cruz e exclamou: *confiteor!*

Depois ergueu-se e prosseguiu avante resignado. Todavia, ao longo da agra senda que conduz ao seu calvário (porque o calvário já era há dezoito séculos a recompensa dos que falam verdade), ia ruminando como remiria o escândalo que dera ao próximo. Tanto ruminou, que lhe veio uma ideia bendita.

«*O Monge*», cismava ele, «está ali, àquele canto, coberto de poeira, mal acepillado e incompleto; verdadeiro frade sapudo, crasso, informe, sem desbaste, sem elegância; mas, no fim de contas, nesse rude esboço de uma obra literária há o substrato, de história guapa; de história tirada de um manuscrito que só eu vi, o que lhe dá certo perfume de santo mistério; de história de casos singulares e de maravilhosos incidentes. E demais, o protagonista é um frade de fígados, um português da gema. Da massa do Monge de Cister é que se fazem histórias como suas reverências dizem que devem ser. Upa! vamos! que eu posso com algum tempo de pachorrenento trabalho acomodar esta gritaria, e até – quem sabe? – não só chegar a obter de suas reverências o *absolvote*, mas também a igualar em legítima glória o, padre-mestre Fr. Bernarde, de Brito».

Falou; e as estas ponderações, que lhe arrancavam das entranhas o arrependimento e uma ambiciosa piedade, acrescia outra de diversa ordem, que as roborava. *O Monge* fora sacrificado ao que o pobre homem imaginava ser um grave e severo estudo, um serviço à terra natal, daqueles que se não pagam com títulos e condecorações, preço abjecto de infâmias e da corrupção política. No prólogo do *Eurico* – do deletério e anti-social *Eurico* – *ele* contraíra com o seu público – um público pervertido, sem temor de Deus, sem portuguesismo, sem nada a obrigação de *poer em lettera de ffôrma O Monge de Cister*. E todavia, *O Monge* fora deixado de parte e esquecido, como traste velho e inútil. Reflectia, portanto, que tirando aqui, pondo acolá, aplainando-o, lixando-o e imprimindo-o, desempenharia a palavra que dera aos seus leitores, oferecendo-lhes modestamente uma novela, onde, na falta de outro mérito de que a reconhece falha, se achasse, ao menos, o quadro da luta social que caracteriza a época de D. João I, e dos costumes e crenças dessa época, ao passo que aproveitaria este ensejo para provar a suas reverências que, se os inescrutáveis decretos de cima o arrastam pelo caminho do Gólgota, e o constangem a não desamparar a obra fatal que encetou, tem docilidade bastante para aceitar e seguir nos seus actos espontâneos, nas composições onde pode usar do livre alvedrio, as sãs doutrinas, e para confessar ingenuamente que as tradições do vulgo, as pias fraudes, as ilusões da superstição, os preconceitos nacionais e os contos de velhas são as fontes legítimas e os fundamentos inabaláveis da História.

E O Monge foi concluído, desbastado e lixado. Os contornos ficaram incorrectos por partes; por outras frouxos os músculos; confusos alguns lineamentos; rugosa a espaços a epiderme. O autor reconhece-o. No meio, porém, de estudos tediosos e positivos, é impossível que o imaginar não descobre, que o estilo não ganhe asperezas. O seu implacável destino chama-o de contínuo para as frases bárbaras dos pergaminhos amarelados e mofentos, e manda-o, novo Ashavero, caminhar, caminhar sempre! Ah, que se acaso suas reverências suspeitassem, ao menos, que bichos roedores da existência são um volume de inquirições, um foral, uns costumes, uma postura, uma pancarta, uma bula, um cartulário, haviam de ter dó da lazeira física e espiritual a que tem chegado o autor.

*Nil idcirco habeo, praeter super ossa pelhancras
Nec jam sum plusquam parva migalha mei.*

Perder a paciência e a vista sobre os gastos e difíceis caracteres dos documentos; devorar páginas insulsas, e não raro inúteis, de bacamartões pesados; aforoar crónicas;

ter de apurar muitas vezes de centenares de sucessos contraditórios, e na aparência indiferentes, os sucessos capitais da história (da história ímpia, luterana, antipatriótica) e a índole da sociedade nascente; envelhecer antes de tempo pela contenção do espírito em comparar, conjecturar, deduzir; e tudo isto para ser uma espécie de Anticristo; para enxergar com terror no horizonte da vida e forrando-lhe o guarda-vento da eternidade as gravuras a prego do *Desengano de Pecadores*, dessa epopeia de infernais tormentos – é uma situação de tal modo abominável, tão sem nome, que antes devera excitar a piedade do que a indignação de suas reverências.

*Non poterat mundo unquam maior praga venire:
Nec dare peiorem in sestrum, asneiram-ve cahire
Maiorem quit homo.....*

A pró, contudo, do criminoso e reincidente autor do *Monasticon* ficará no mundo quem erga um brado perante o tribunal da posteridade. Falarão por ele as páginas de *O Monge de Cister*, que, se merecer a aprovação dos reverendos censores, se imprimirá em folha para ser encadernado com a crónica bernarda do padre-mestre Brito.

O autor havia coligido um avultado número de notas, destinadas a mostrar os fundamentos em que se estribara para atribuir tais ou tais crenças e usanças à época em que colocou a sua narrativa. Nelas se deduziam e ilustravam também os caracteres históricos trazidos à cena, e se verificava a exacção das descrições topográficas da antiga Lisboa. Estas notas foram suprimidas por duas razões, uma composta, outra simples; uma pia, outra económica; uma acorde com os axiomas da crítica reverenda, outra revolucionária e materialista; uma oferecida aos santos cogumelos da tradição e das lendas, outra aos profanos compradores deste livro.

Primo: uma das regras capitais da verdadeira arte histórica é que as testemunhas irrecusáveis de qualquer sucesso vem a ser aquelas que vivem três ou quatro séculos *post factum*. Ora o autor dista da época de D. João I quatrocentos anos bem medidos. Logo, na hipótese de *O Monge*, é de *per si* autoridade sufficientíssima. *Secundo*: a precedente narração foi tirada, a bem dizer textualmente, de um manuscrito que estava no mosteiro de... da comarca de... da província de... e que só o autor teve a fortuna de ver. Para que serviriam, pois, citações, notas, emburilhadas? A cousa é de uma autenticidade irrepreensível.

Vamos agora à razão revolucionária e materialista.

As condenadas notas fundiam quase um volume. Se fossem impressas, o leitor, pensando que comprava uma novela em três tomos para espairecer alguns momentos de ócio, no meio dos trabalhos da vida, achar-se-ia defraudado em 33 1/3 por cento e em risco de apanhar uma camada de erudição, moléstia incurável e atrocíssima.

Antes umas terças, de que Deus Nosso Senhor por sua infinita misericórdia o livre.

Foi acabada esta glossa e declaração
quase-proeminal no reguengo de Al-
gês e cimalthas do Monsanto numa
quarta-feira XVII dias andados
de Maio da era de César
de MDCCCLXXXVI, dia
de S. Pascoal Bailão,
a hora de sexta, es-
tando o céu cris.

A Deus graças.

Qui scripsit scribat; semper cum Domino vivat.

Obra digitalizada e revista por Deolinda Rodrigues Cabrera. Actualizou-se a grafia.

© Projecto Vercial, 2000

<http://www.ipn.pt/literatura>
